

JAN 17 1932









THEOPHILO BRAGA

---

CANCIONEIRO  
POPULAR  
PORTUGUEZ

**Cancioneiro de Amor: Cantigas de viola e terreiro**  
**Despiques de Conversados — Colloquios**  
**A B C de Amor — Retratos**  
**Canções — Orações parodiadas — Fados**

---

*SEGUNDA EDIÇÃO AMPLIADA*



LISBOA  
**J. A. RODRIGUES & C.<sup>ª</sup> — EDITORES**  
186 — Rua Aurea — 188  
1911



✓  
THEOPHILO BRAGA

*ff*  
*1923*  
**CANCIONEIRO**  
POPULAR  
PORTUGUEZ

**Cancioneiro de Amor : Cantigas de Viola e terreiro  
Despiques de Conversados — Colloquios  
A B C de Amor — Retratos  
Canções — Orações parodiadas — Fados**

*SEGUNDA EDIÇÃO AMPLIADA*



LISBOA  
**J. A. RODRIGUES & C.ª — EDITORES**  
186 — Rua Aurea — 188  
1911

# ORIENTAL

## LIBRARY

UNIVERSITY OF WISCONSIN  
MADISON, WISCONSIN  
1912

UNIVERSITY OF WISCONSIN



UNIVERSITY OF WISCONSIN  
MADISON, WISCONSIN  
1912

CANCIONEIRO POPULAR PORTUGUEZ

---

I

CANCIONEIRO DE AMOR

---

A) *Cantigas de Viola e Terreiro*

---

1. **Silva de Cantigas soltas (Beira)**

Quem canta seu mal espanta,  
 Quem chora seu mal aumenta;  
 Eu canto para espalhar  
 Uma dôr que me atormenta.

Eu hei de morrer cantando,  
 Já que chorando nasci;  
 Já que os gostos d'esta vida  
 Se acabaram para mim.

Quem me ouvir a mim cantar  
 Cuidará e tem rasão,  
 Cuidará que estou alegre,  
 Sabe Deus meu coração.

Quem a mim ouvir cantar  
 Cuidará que estou alegre;  
 Tenho o coração mais negro  
 Que a tinta com que se escreve.

Não canto por bem cantar,  
Nem por ter fallas de amante;  
Eu canto para dar gosto  
A quem me pede que cante.

Sabes cantar e não cantas,  
Deos te queira castigar;  
Sabes cantigas tão lindas,  
Não m'as queres ensinar.

Não canto por bem cantar,  
Nem por bem cantar o digo;  
Canto para aliviar  
Penas que trago commigo.

Não canto por bem cantar,  
Nem por boas fallas ter;  
Canto para cegar olhos  
A quem me não pode vêr.

Foi minha vida cantar,  
As cantigas esqueci;  
Cantigas de amor não digo,  
Meu amor, tudo perdi.

A cantar ganhei dinheiro,  
A cantar se me acabou;  
O dinheiro mal ganhado  
Agua o deu, agua o levou.

Diabos levem os ratos,  
Tambem levem as formigas,  
Que me roeram os livros  
Onde estudava as cantigas.

Quem me ouvir a mim cantar,  
Quem souber as minhas penas,  
Dirá: — Oh triste coitado,  
Que ainda o cantar te alembra!



Coração, coraçãozinho,  
Como vives magoado ;  
Vaes para cantar e choras,  
Lembra-te o tempo passado.

Quero cantar e não posso,  
Falta-me a respiração :  
Falta-me a luz dos teus olhos,  
Amor do meu coração.

Sempre estás a dar. a dar  
Pancadinhas na viola ;  
Sempre me estás a lembrar  
O meu amor toda a hora.

Você diz que não conhece  
Uma viola afinada ;  
Faço-me desentendida,  
A mim não me escapa nada.

Oh castello não te rendas,  
Deita bandeira se queres ;  
No combate de amores  
Quem vence são as mulheres.

Tanto limão, tanta lima,  
Tanta silva, tanta amora ;  
Tanta cachópa bonita,  
Meu pae sem ter uma nóra !

Tenho uma maçã doirada  
Ao canto do meu bahu,  
Para dar ao meu amor,  
Queira Deus que sejas tu.

Dá-me de pèra parda,  
Da maçã um bocadinho ;  
D'esses braços um abraço,  
D'essa bocca um beijinho.

Trago dentro do meu peito  
Cidra, laranja, limão ;  
Para trazer toda a fructa  
Falta-me o teu coração.

Nem toda a arvore dá fructo,  
Nem toda a erva dá flor ;  
Nem toda a mulher bonita  
Pode dar constante amor.

O limão tira o fastio.  
A laranja o bem querer ;  
Tira de mim o sentido  
Se me queres ver morrer.

Oh figueira dá-me um figo,  
Oh figo dá-me um abraço ;  
Oh menina, dê-me um beijo,  
Que eu lhe darei um abraço.

Silva verde não me prendas,  
Olha que não me seguras ;  
Olha que tenho quebrado  
Outras algêmas mais duras.

Uma silva me prendeu,  
Uma silva pequenina ;  
Não ha cousa que mais prenda  
Que os olhos de uma menina.

A silva que me prendeu  
Arrebentou no vallado ;  
Nunca a silva me prendeu  
Com tão forte cadeado.

Ha silvas que dão amoras,  
Ha outras que não as dão ;  
Ha amores que são firmes  
Ha outros que o não são.

Silva verde picósinha,  
Ao acipreste se enleia ;  
Meu amor se me prenderes  
Deixa-me larga a cadeia.

Cheguei á borda do rio  
Silva verde é meu encosto ;  
Que importa que o mundo falle  
Se o amor é do meu gosto.

Salsa verde combatida  
Ao pé do mangericão ;  
Bem podemos ser amantes.  
Mas sempre dizer que não.

A salsa do meu quintal  
Arrebenta pelo pé ;  
Assim arrebente a bocca  
A quem diz o que não é.

Entre pedras e pedrinhas  
Nascem raminhos de salsa ;  
Pega-te á feia que é firme,  
Deixa a bonita que é falsa,

A salsa que está no rio  
De verde se está revendo ;  
Eu como firme te adoro,  
Tu, falsa, me estás vendendo.

A salsa subiu ao muro,  
A ortelã foi descendo ;  
Se pensas que por ti morró,  
Eu de ti nada pertendo.

Debaixo da oliveira,  
Menina, é que é o amar ;  
T m a folha miudinha,  
Não entra lá o luar.

Se a oliveira fallasse  
Ella diria o que viu ;  
Debaixo da sua sombra,  
Dois amantes encobriu.

D'aquella janella alta  
Me atiraram um limão ;  
A casca deu-me no peito.  
O sumo no coração.

Deitei um limão correndo,  
À tua porta parou :  
Quando um limão tem amores.  
Que fará quem o deitou ?

Alecrim á borda de agua  
De longe faz apparencia ;  
Muitos amores se perdem  
Pela pouca diligencia.

Toda a menina bonita  
Não devia de nascer ;  
É como a pèra madura,  
Todos a querem comer.

Oh meu mangericão verde,  
Já meu peito foi teu vaso ;  
Já la tens outros amores.  
Já de mim não fazes caso.

Flores do campo são ais,  
Quantos dou por ti, meu bem ;  
Penso que o vento te leva,  
Não me falles a ninguem.

Quem ama duas a par  
Deve ter grande talento,  
Para poder arranjar  
Tanta mentira a um tempo.

D'aqui d'onde estou bem vejo  
Duas meninas eguaes,  
Se quizer dizer, bem posso  
De qual d'ellas gosto mais.

Oh Anna, tres vezes Anna  
Oh Anna, feita de cera ;  
Quem fôra brasa de lume,  
Anna, que te derreteria.

Therezinha cacho de uvas,  
Oh quem te depinicára ;  
De baguinho em baguinho,  
Nenhum bago te deixara.

Andas a baixo e acima,  
Feito namora paredes,  
Não me guardas lealdade  
Senão em quanto me vêdes.

Venho aqui de tantas legoas,  
Por estradas tão medonhas,  
Sempre sonhando contigo,  
Só tu commigo não sonhas.

Anoiteceu-me na serra,  
Das estrellas fiz abrigo ;  
Abracei-me a uma penha,  
Pensando que era contigo.

Lá vem o meu amorsinho,  
Que eu pelo andar o conheço ;  
Traz o chapéu á marota,  
O capote do avêssô.

Não me atires com pedrinhas,  
Que podes quebrar a loiça ;  
Atira-me ao coração  
De vagar, que ninguem ouça.

O sol posto quer encosto,  
Eu morro por me encostar;  
Tu morres só por me vêr,  
Eu morro por te fallar.

Aqui estou á tua porta  
Como um feixinho de lenha,  
Á espera da resposta.  
Que das tuas mãos me venha.

Á entrada d'esta rua,  
Está aqui mesmo á entrada,  
Uma pereirinha nova  
Que ainda não foi abandonada.

Á entrada d'esta rua  
Dei um ai que nunca dera;  
Recolheram-se as estrellas,  
Sahiu o sol á janella.

Quem vae pela tua rua  
É te não vê, meu amor,  
É como quem vae ao céo  
E não vê nosso Senhor.

Suspirando, dando ais,  
Passa o amor pela rua;  
Suspira quanto quizeres  
Que eu sou d'outro, não sou tua.

Á tua porta, menina,  
Está um degráo de veludo,  
Onde eu choro toda a noite  
Lagrimas de sangue puro.

Passei pela tua porta,  
Toquei-te na fechadura:  
Pedi-te agua, não m'a déste,  
Coração de pedra dura.

Quem quer bem, dorme na rua;  
A porta do seu amor;  
Faz das pedras cabeceira,  
Das estrellas cobertor.

Quem tem amores não dorme,  
Nem de noite nem de dia;  
Dá tantas voltas na cama,  
Como o peixe na agua fria.

Quem tem amores não dorme,  
Quem os tem não adormece;  
Quem os tem ao longe chora,  
Quem os tem ao pé padece.

Fui-me deitar a dormir  
A som da agua que corre;  
A agua me foi dizendo:  
Quem tem amores não dorme.

Lindos olhos de matar,  
Sobrancelhas de sorrir;  
Tendes a côr demudada,  
Isso è do não dormir.

Se passares pela rua  
Escarra e cospe no chão,  
Que estou cozendo á candeia,  
Não sei se passas ou não.

Alegria não a tenho,  
Tristeza commigo móra;  
Em chegando á tua rua  
Logo a tristeza vae fóra.

Esta rua é muito escura,  
Não vejo nada por ella;  
Bem puderas, meu amor,  
Pòr candeas á janella.

Nem a candeia dá luz,  
Nem para mim amanhece;  
Nem a agua mata a sêde,  
Nem o teu amor me esquece.

Não sei que rua é a tua,  
Que nem um retiro tem;  
Quero fallar-te e não posso,  
Por causa de tua mãe.

Oh luar da meia noite,  
Tu és o meu inimigo;  
Estou á porta de quem amo,  
E não posso entrar contigo.

Oh que janella tão alta,  
Mais alto vae meu intento;  
Quem me dera pôr os olhos  
Onde tenho o pensamento.

Não me *atrevo*, disse o *trevo*,  
A nascer por entre o trigo;  
Eu sem ser *trevo* me *atrevo*  
A trazer amores contigo.

Eu heide amar, heide amar,  
Heide amar bem sei a quem;  
Eu heide amar ao meu gosto,  
Nemja ao gosto de ninguem.

Eu gósto de vêr dansar,  
Fazendo sapateado;  
Eu gósto de conversar  
Com quem é do meu agrado.

Viva quem anda no baile,  
Mais quem de fóra está vendo;  
Vivam tambem meus amores,  
Que d'elles não me arrependo.



Cantigas são estudadas.  
Cantigas leva-as o vento ;  
Muito enganado anda  
Quem commigo passa o tempo.

Atirei ao verde verde,  
Atirei ao verde mar,  
Atirei com meus sentidos  
Onde pudera chegar.

Atirei e não matei,  
Oh mal empregado tiro !  
Oh mal empregado tempo  
Que andei d'amores contigo.

D'aqui d'onde estou bem vejo  
Duas meninas ao sol ;  
Namorei-me da mais môça  
Com licença da maior.

Amar e escolher amantes  
Ensinou-me quem podia :  
A amar foi a natureza,  
A escolher a sympathia.

Oh minha bella menina,  
Quanto tenho te darei !  
Dar-te-hei a vista dos olhos,  
Cego por ti andarei.

Oh minha bella menina,  
Hoje sim, amanhã não ;  
Hoje me tiram a vida,  
Amanhã o coração.

Oh tocador da viola,  
Repenica-me esses dedos ;  
Se te faltarem as cordas  
Aqui tens os meus cabellos.

O tocador da viola  
Ha mister de um encosto ;  
Um travesseiro de linho,  
Uma menina a seu gosto.

Inda agora aqui cheguei,  
Mais cedo não pude vir ;  
Ainda cheguei a tempo  
Das tuas fallas ouvir.

Juro que ainda não tive  
Um amor firme a ninguem ;  
Para ti logo se abriram  
As portas do querer bem.

Tendes coração de assucar,  
Que na agua se derrete ;  
Dae-me uma gotinha d'elle  
Para que o meu se não seque.

Oh coração de tres azas,  
Dá-me uma, quero voar ;  
Eu quero subir ao céo,  
Em vindo tórno-t'a a dar.

Quem me dera vêr meu bem  
Trinta dias cada mez,  
Sete dias na semana,  
A cada instante uma vez.

Muito brilha o branco branco,  
Ao pé do branco lavado ;  
Muito brilha uma menina  
Ao pé do seu namorado.

Quando eu era pequenina  
E minha mãe me embalava,  
Já uma voz me dizia,  
Que eu para ti me criava.

A laranja quando nasce  
Nasce logo redondinha ;  
Tambem tu quando nasceste,  
Logo foi para ser minha.

Oh menina, diga, diga,  
Por sua bocca confesse,  
Se já teve em sua vida  
Amor que mais lhe quizesse.

Se fôres domingo á missa  
Põe-te em parte que eu te veja ;  
Não faças andar meus olhos  
Em leilão pela egreja.

Coitado de quem é tolo.  
Que lhe falta o entender ;  
Cuida do riso da bocca,  
Crê que tudo é bem querer.

Dá-me a tua mão esquerda,  
Que t'a quero apertar ;  
Não te peço a direita  
Que já tens a quem a dar.

Muito custa uma ausencia  
A quem a sabe sentir ;  
Mais custa uma presença  
De vêr e não possuir.

Menina, se quer saber  
Como agora se namora,  
Meta o lencinho no bolso  
Com a pontinha de fóra.

Nem tanto estar á janella,  
Nem tanto olhar para o chão ;  
Nem tanto tirar o lenço  
Da algibeira para a mão.

Se te quizera dar penas,  
Penas te podia dar;  
Ia-te vêr ao ribeiro  
Onde te vás a lavar.

Fui á fonte a beber agua  
Debaixo da flor da murta;  
Fui só por vêr os teus olhos,  
Que a sêde não era muita.

Andais abaixo e acima,  
Nem ataes, nem desataes;  
Quem caçára a pombinha  
No laço que vós lhe armaes.

Andas baixo e acima,  
Como o ouro na balança;  
Em quanto não fôres minha  
Meu coração não descança.

Debaixo da malva roxa  
Tenho um amor encoberto;  
Que importa que o mundo falle,  
Mas não o sabem ao certo.

Adeus, alto lirio rôxo,  
Cobre-me com tua sombra;  
Que furtei uma menina,  
Não tenho aonde a esconda.

Estou rouca, estou rouquinha,  
Não é catarro, nem tosse;  
É o ladrão do amor,  
Que de mim quer tomar posse.

A oliveira pequena  
Tambem dá pequena sombra;  
Ainda que eu seja pequena,  
Vocè commigo não zomba.

Eu subi ao limoeiro  
Para apanhar dois limões ;  
É tempo de se juntarem  
Nossos ternos corações.

Maria, minha Maria,  
Grandes penas te heide dar ;  
Nem heide casar contigo,  
Nem te heide deixar casar.

Maria, minha Maria,  
Meu pucarinho de tenda ;  
Pois se alguém te procurar  
Diz'-lhe que estás de encommenda.

A rosa para ser rosa  
Deve ser de Alexandria,  
A dama para ser dama  
Deve chamar-se Maria.

É dos nomes que mais gósto  
É do nome de Maria ;  
Quem te pôz tão lindo nome  
O meu segredo sabia.

Maria tem pé de neve,  
Pé de neve tem Maria ;  
Quando o pé era de neve,  
O corpo de que seria ?

Esta noite á meia noite,  
Á meia noite seria,  
Ouvi cantarem os anjos  
No coração de Maria.

Por teu respeito, Maria,  
Perdi toda a liberdade ;  
Acho-me prezo em teus braços  
Por minha livre vontade.

Oh amor. namora a graça,  
Não namores formosura,  
Que a formosura sem graça  
É viver em noite escura.

Dá-me um beijo, dou-te dois,  
A minha paga é dobrada;  
Porque é brio dos amores  
Pagar e não devar nada.

D'aqui d'onde estou bem vejo  
Acenos de amor fazer;  
Eu sim quero, mas não posso  
Meus olhos p'ra lá erguer.

Eu adoro a Dens no céu,  
Os santos em seu altar,  
E o meu amor na terra,  
Não tenbo mais que adorar.

Quero ter-te sobre o peito  
Onde bate o coração;  
Mas não digas a ninguém  
Os suspiros por que são.

Eu heide amar o meu bem,  
Diga o mundo o que quizer;  
Quem ama não quer conselho,  
Quer só tudo o que amor quer.

Quem me dera ser retrós,  
Ou linha de toda a côr,  
Para andar junto a teu peito,  
Servindo de atacador.

Quem se embarca, quem se embarca,  
Quem vem commigo, quem vem?  
Quem se embarca nos meus olhos,  
Que linda maré não tem!

Coitadinho de quem tem  
Seu amor além do rio,  
Quer-lhe fallar e não pode,  
Do coração faz navio.

Se o bem querer se pagasse,  
Muito me estavas devendo,  
Nem com quanto tens me pagas  
O bem que te estou querendo.

Anda cá, pérola fina,  
Que o meu peito desejava ;  
No ventre de tua mãe  
Já meu coração te amava.

Perguntae ao sol se viu,  
A lua se conheceu,  
Às estrellas se encontraram  
Amor mais firme que o meu.

Menina, se quer ser minha  
Ponha o pé na segurança ;  
Pois hade andar tão direita  
Como o ouro na balança.

Amar por vicio é delirio,  
Por interesse é vileza ;  
Por correspondencia é dívida,  
Por affecto é fineza.

Os peixes viver não podem  
Separados da agua fria ;  
Eu tambem viver não posso  
Sem a tua companhia.

O mar pediu a Deus peixes,  
Os peixes a Deus altura,  
Os homens a liberdade,  
As mulheres a formosura.

O mar pediu a Deus peixes  
Para dar aos pescadores ;  
E eu peço a Deus saude  
Para lograr meus amores.

Não sei que sinto no peito,  
Não sei se é magua, se é dor ;  
A não ser o que é presumo,  
Não sei o que seja amor.

Esta noite sonhei eu,  
A outra sonhando tinha ;  
Sonhei me tinhas amor,  
Acordei, vi-me sosinha.

Quando passares por mim  
Botae os olhos no chão ;  
Bem podemos querer bem,  
O mundo dizer que não.

Encostei-me ao pecegueiro  
Todo me enchi de flores ;  
Menina tão pequenina,  
Tão perseguida de amores.

Oh rosa, já hoje em dia  
Quem mais faz menos merece ;  
A terra é que nos cria,  
Deus do céu que nos conhece.

Eu heide-te amar, oh rosa,  
Que és tão mal agradecida ;  
Por bem fazer mal haver,  
São as pagas d'esta vida

Nem a rosa na roseira,  
Nem outra qualquer flor,  
Nem a primavera inteira  
Vale mais que o meu amor.



Quando digo que te adoro.  
Dizes, rosa, que te minto ;  
As maguas que por ti soffro  
Deus as sabe e eu as sinto

Rosa, que estás na roseira,  
Deixa-te estar fechadinha ;  
Que eu vou para muito longe,  
Quando voltar serás minha.

D'aqui para a minha terra  
E' tudo caminho chão ;  
Tudo são cravos e rosas  
Postas pela minha mão.

Chamaste me trigueirinha,  
Isto é do pó da eira ;  
Tu me verás ao domingo  
Como a rosa na roseira

Chamaste-me trigueirinha,  
Eu não me escandalisei ;  
Trigueirinha é a pimenta  
E vac á meza do rei.

Tu me chamas pèra parda,  
Pèra parda quero ser ;  
Lá virá o mez de agosto  
Em que me queiras comer.

Rosa branca, toma côr,  
Não sejas tão desmaiada ;  
Que dizem as outras rosas,  
Rosa branca não val'nada.

O meu amor me disse hontem,  
Que eu andava córadinha ;  
Os anjos do céu me levem,  
Se esta côr não era a minha.

Nas veias o sangue frio,  
No peito uma ardente chamma,  
A côr do rosto perdida,  
E' doença de quem ama.

Rosa que estás na roseira,  
Deixa-te estar, que estás bem,  
Assim frêscas e regaladas  
À sombra da tua mãe.

O meu amor é um cravo,  
Só eu o soube colher;  
Para o craveiro dar outro,  
Hade tornar a nascer.

Dize, que mal te fiz eu,  
Oh meu cravo de mil folhas?  
Sempre p'ra ti tenho olhado,  
Só tu para mim não olhas.

O cravo tem vinte folhas,  
A rosa tem vinte e uma;  
Anda o cravo em demanda  
Por a rosa ter mais uma.

Eu fui ao jardim das flores,  
Apanhei quantas eu quiz;  
Encontrei os meus amores,  
Oh que momento feliz!

Fui ao jardim das flores,  
Apanhei de umas e de outras,  
Encontrei o meu amor.  
D'estas venturas ha poucas.

Fui ao jardim das flores,  
Apanhei quantas havia;  
Só me faltou um suspiro  
Que por ti dei algum dia.

Fui ao jardim passear,  
Não achei o meu amor;  
Achei o retrato d'elle  
Na mais delicada flor.

Fui ao jardim das flores,  
Achei o jardim fechado;  
Até as flores se fecham  
Ao mesquinho desgraçado,

Nada tenho que te dar  
No jardim d'este meu peito;  
Só uma flor bem bonita  
Que se chama — amor perfeito.

Já não tenho coração,  
Que m'o tiraram do peito;  
No logar onde elle estava  
Nasceu um amor perfeito.

Meu coração abre e fecha  
Sem ser arca nem bahu;  
Está fechado para todos,  
Aberto só para um.

Cravos da minha janella  
Não dou a rapaz nenhum;  
Fallinhas dou-as a poucos  
Liberdade só a um,

De uma rosa até duas  
Até tres te posso dar:  
Um ramilhete, isso não.  
Que faz falta no rosal.

As flores do meu jardim  
De encarnadas aborrecem;  
Não se dão a quem as pede,  
Só sim a quem as merece,

Toma lá este raminho  
Que no mato apanhei;  
Vem ainda orvalhado  
Das lagrimas que eu chorei.

Toma lá este raminho  
Com quatro castas de flores;  
Todas quatro significam  
Parte dos nossos amores.

Toma lá este raminho  
Com ponta de silva dentro;  
Tambem leva lirio rôxo,  
Significa apartamento.

O branco que elle levava  
Significa virgindade;  
Quando me fallam no ramo  
Meu coração se me abre.

O azul que elle levava  
Significa os ciumes;  
Se tu de mim queixas levas,  
Eu de ti levo queixumes.

O rôxo que elle levava  
Significa sentimento;  
Eu já trago no meu peito  
Teu amor ha muito tempo.

Não cuidei que o lirio rôxo  
À beira d'agua secasse;  
Não cuidei que o meu amor  
Tão depressa me deixasse.

O verde, que elle levava  
Quer dizer firme esperança;  
Já tenho ouvido affirmar:  
Quem espera sempre alcança.

Toma lá este raminho,  
Leva amóras, que é luto;  
Quem tem um amor ao longe  
Por certo que soffre muito.

O cravo depois de sècco  
Significa amor perdido;  
Antes que queira não posso  
Tirar de ti o sentido.

De encarnado veste a rosa,  
De verde o mangericão,  
De branco veste a açucena,  
De luto o meu coração.

Entre as mãos frias de neve  
Um raminho me puzeste;  
Levaste as rosas e os cravos,  
Deixaste a murta e o cypreste.

Adeus, oh flor da açucena,  
Adeus tambem flor da murta;  
Quem me dera agora estar  
Nos braços de quem me escuta.

Dá-me uma pinguinha de agua,  
Quero molhar a garganta;  
Que eu sou como o rouxinol,  
Quando bebe logo canta.

Rouxinol da penna verde,  
Não vindes ao meu jardim;  
Todas as *penas* se acabam,  
Só as minhas não tem fim.

O rouxinol de loureiro  
Faz o ninho aonde quer;  
É como o rapaz solteiro  
Emquanto não tem mulher.

O rouxinol do loureiro  
Tem o cantar solitario;  
Como pode ser sisudo  
Quem toda a vida foi vario?

Inda que o loureiro cresça,  
Ao céo não hade chegar;  
Duzentos amores que tenha,  
A ti não heide deixar.

O rouxinol quando canta  
Bate o pé no alecrim;  
Os olhos á mangerona,  
Dá combate ao jardim.

O rouxinol quando canta  
Tambem dá seu assobio;  
As môças quando namoram,  
Não podem fallar com brio.

A oliveira é a paz  
Que se dá aos bem-casados;  
A palma aos sacerdotes,  
Alecrim aos namorados.

A folha da oliveira  
Deitada no lume estala;  
Assim é meu coração  
Quando comtigo não falla.

Ha um anno que te amo,  
Ha dois, que te quero bem;  
Ha tres te trago no peito  
Sem o dizer a ninguem.

Á uma hora nasci  
Ás duas fui baptizado:  
Ás trez andava de amores,  
Ás quatro estava casado.

Se eu entrara no teu peito  
Sabia ao teu interior;  
Mas eu como lá não entro  
Não sei se me tens amor.

Se eu quizera bem pudera  
Amar-te e querer-te bem;  
Mas eu bem quero e não posso,  
Não sou de enganar ninguém.

Eu não quero, eu não quero,  
Eu não quero, tenho dito,  
Eu não quero o teu amor,  
Tenho outro mais bonito.

Oh Antonio, oh Antoninho,  
Retroz verde de coser:  
Nascemos um para o outro,  
Que lhe havemos de fazer.

Subi ao teu pensamento,  
Nunca tão alto me vi,  
Descahi da tua graça.  
Outro subiu, eu descí.

Oh cidra, consid'ra, oh cidra,  
Oh cidra, consid'ra bem;  
Depois da cidra partida,  
Cidra que remedio tem?

Ter amor é muito bom,  
Quando ha correspondencia;  
Mas amar sem ser amado,  
Faz perder a paciencia.

Eu heide deixar de amar-te  
Como a agua deixa a fonte;  
Heide-te deixar andar  
Ao desamparo no monte.

O meu amor não é este,  
O meu amor traz divisa;  
Traz collete de setim,  
Botão de ouro na camisa.

O amor quando se encontra  
Causando susto dá gosto;  
Sobresalta o coração,  
Faz subir a côr ao rosto.

Eu defronte e vós á vista,  
Eu fallo, vós não fallaes;  
Dáe-me um acêno com os olhos,  
Já que não póde ser mais.

Se tivesse que dar dava,  
Tivesse que dar daria;  
Dava-te o meu coração,  
Contigo nada perdia.

O sol prometeu á lua  
Uma fita de mil côres;  
Quando o sol promete á lua,  
Que fará quem tem amores?

Tudo no mundo varia.  
Nada ha que se não mude;  
Só não varia a amisade  
Que se funda na virtude.

Eu heide morrer donzella,  
Segundo a minha tenção;  
Espero levar palmito  
Para debaixo do chão.

Eu amante e tu amante,  
Qual de nós será mais firme?  
Eu como o sol a buscar-te,  
Tu como a sombra a fugir-me.



Eu a amar-te e a querer-te,  
Tu a fugires de mim;  
E é certo que mais te quero,  
Do que tu me queres a mim.

Janella de pão de pinho  
Com pregadura amarella;  
Quem te tirara. menina,  
D'esse traje de donzella.

Toma lá colchete de ouro,  
Aperta, teu colletinho;  
Coração que é de nós ambos  
Deve andar conchegadinho.

Toma lá colchete de coiro,  
Aperta o teu coração;  
O teu corpo delicado  
Inda me hade vir á mão.

Tu dizes, que não, que não,  
Inda hasde vir a querer;  
Tanto dá a agua na pedra,  
Que a faz amolleczer.

Onze horas, meio dia,  
Quem não come desfalece,  
Assim é meu coração,  
Quando te não vê, padece.

Tudo o que é verde se sécca  
Na maior zina de verão;  
Tudo que sécca renova,  
Só a mocidade não.

Vivo triste e pensativo,  
Não tem fim a minha dor,  
Mas quem me manda chorar  
Por quem me não tem amor?

No sêcco, mirrado tronco  
Escrevi o nome teu ;  
Escrevi, mas não perdi,  
Que o tronco reverdeceu.

Fui lastimar minha sorte  
Em cima de dois penedos ;  
Um se levantou e disse :  
Não descubras teus segredos.

Não córtes o cacho verde  
Da videira cerceal ;  
Não contes os teus amores  
A quem te não fôr leal.

Ninguém descubra o seu peito  
Por maior que seja a dor ,  
Quem o seu peito descobre  
É de si mesmo traidor.

Ninguém descubra o seu peito  
A nenhuma amiga sua ;  
Quem o seu amor descobre  
Seu segredo põe na rua.

Oh meu amor, não descubras  
Tuas penas a ninguém ;  
Se o dizes a uma amiga,  
Essa amiga outra tem

Ninguém descubra seu peito  
Com tenção de alliviar ;  
Ha corações tão ingratos  
Que ouvem para contar.

Oh meu amor, não estranhes  
De eu para ti não olhar ;  
Isto são disfarces meus  
Para o mundo não fallar.

A cabra vae pelo monte,  
Cuida que ninguem a vê;  
Assim são os namorados,  
Não digo isto por você...

Que te importa a ti que eu siga  
Uma paixão que me arrasta?  
Se eu a sigo é o meu gosto,  
Para mim é quanto basta.

Toda a vida fui doidinha  
Por ter amor na cidade;  
Agora já o lá tenho,  
Já Deus me fez a vontade.

Oh menina, tenha assento  
Como as areias do mar;  
Que estes rapazes de agora  
De nada se vão gabar.

Oh meu amor de algum dia,  
Queres-me tu ainda bem?  
—Essa pergunta está boa;  
Isso duvida-o alguém?...

Aqui n'este canto, canto,  
Aqui n'este recantinho,  
Aqui bate a pomba as azas,  
Aqui faz a pomba o ninho.

Tenho dentro do meu peito,  
Bem chegado ao coração,  
Duas letrinhas que dizem:  
Morrer, sim; deixar-te, não.

Tenho dentro do meu peito  
O que não quero dizer,  
Um boccadinho de amor  
Que me faz endoudecer.

Assim como n'este lenço  
Os fios unidos estão,  
Assim minha alma estivesse  
Unida ao teu coração.

O meu amor quer que eu tenha  
Juizo e capacidade:  
Tenha elle, que é mais velho,  
Que eu sou de menor idade.

Andas morto por saber  
Onde tenho a minha cama;  
Tenho-a á borda do rio,  
A sombra da espadana.

Não me falles á esquina,  
Que eu não sou mulher do mundo;  
Vem-me fallar ao postigo,  
Bem sabes aonde durmo.

Meu coração é relógio,  
Minha alma ouve as badaladas;  
O dia em que te não vejo  
Trago as horas contadas.

Oh relógio de Val-verde,  
Peço-te, por caridade,  
Que dès o meio dia cedo,  
A meia noite mais tarde.

Menina, que está á janella,  
Com seu relógio á cinta,  
Diga quantas horas são,  
Falle verdade, não minta.

O rosto ás vezes descóra,  
A flor se murcha ao tufão;  
Cáe a folha, foge a aurora,  
Só não muda o coração.

Anda cá meu preto, preto,  
Meu queimadinho do sol ;  
Quanto mais preto mais firme,  
Quanto mais firme melhor.

Fallei-te de amor, sorriste,  
Mal te podeste contèr ;  
Mais tarde que então amavas,  
Fiz-te chorar sem querer,

Dá-me uma pinguinha de agua  
Lá da fonte do outeiro,  
E que me não saiba ao lodo,  
Nem á raiz do pinheiro

A cantar e bailar  
Ganhei uma saia nova :  
Tambem lhe ganhei a fita  
Para lhe deitar em roda.

Não quero saia de chita,  
Que me hão de chamar senhora,  
Quero saia de estamêna,  
Que é o traje de lavradora.

Oh, moleira, oh moleirinha,  
A tua pedra anda em vão ;  
Anda d'ahi, oh moleirinha,  
Vamos-lhe chegar o grão.

Oh rapazes e cachópas,  
Vêde que por onde andaes ;  
Que lãhonra é como o vidro,  
Se qa ra não pega mais.

Quem diz que o amor custa,  
É' certo que nunca amou ;  
Eu amei e fui amada,  
Nunca o amor me custou.

Que passarinho é aquelle  
Que no ár faz ameaços?  
Com o biquinho pede beijos,  
Co'as azitas pede abraços

Que passarinho é aquelle  
Que está na flor do marmello?  
Com a bocca pede beijos,  
Com as azas — quero, quero.

Que passarinho é aquelle  
Que além deu um assobio?  
É' o filho do senhor padre  
Que chamou ao pae seu tio,

Oh meu amor, quem me dera,  
Quem me dera sempre dar-te  
Beijinhos até morrer,  
Abraços até matar-te.

Toda a vida fui pastor,  
Toda a vida guardei gado;  
Tenho uma chaga no peito  
De me encostar ao cajado.

Os meus cordeiros no monte  
Não comem, ficam pasmados;  
São brutos, tambem lamentam  
Os meus dias desgraçados.

Se eu quizera ter amores  
Teria mais que umm oio;  
Mas eu quero ter só um,  
Que esse é trigo sem joio,

Quem nos vir sempre juntinhos  
Nossa sorte hade invejar;  
Ou inveje ou não inveje  
Eu sem ti não posso estar.

Minha mãe, logo á noite :  
— Maria, vae-te deitar ! —  
Ella pensa que eu durmo,  
E eu estou a namorar.

As estrellas do céu correm  
Todas n'uma carreirinha ;  
Assim os amores correm  
Da tua mão para a minha.

Não sei que mal fiz ao sol,  
Que não dá na minha rua ;  
Heide vestir-me de preto,  
Que de branco veste a lua.

Ando por aqui de noite,  
As folhinhas me põem medo ;  
Bem puderas tu, menina,  
Tirar-me d'este degrêdo.

Oh minha estrella do norte,  
Agulha de marear,  
Vê lá por onde me guias  
Quando te quero fallar.

Oh estrellinha da guia,  
Vós guiaes meu coração,  
Retirae-me, retirae-me  
Da cegueira da paixão.

Já no céu não ha estrellas,  
Se não uma ao pé da lua ;  
Tenho corrido e não acho  
Cara mais linda que a tua.

Puz-me a contar as estrellas,  
Só a do norte deixei ;  
Por ser a mais pequenina,  
Eu contigo a comparei.

As estrellas pequeninas  
Fazem o céo bem composto ;  
Assim são os signaes pretos,  
Menina, n'esse teu rosto.

Pequenina e bem feita,  
Assim se quer a mulher ;  
Delgadinha da cintura,  
Que caiba por um anel.

Quando eu te vi logo disse:  
— Lindos olhos para amar !  
Linda bocca para os beijos,  
Se a menina os quizer dar.

Quando eu vou para a missa.  
No adro faço parada ;  
Vêjo tanta cara linda,  
Só o meu amor me agrada.

Quando os meus olhos te viram,  
Meu coração te adorou ;  
Na cadeia de teus braços  
Minha alma preza ficou.

Quem pintou o Amor cégo  
Não no soube bem pintar ;  
O amor nasce da vista,  
Quem não vê não sabe amar.

Não se cansa a Natureza  
Em crear cousas em vão ;  
Se não é para te amar,  
De que serve o coração ?

Coração mais infeliz  
Do que o meu não pode haver ;  
Tem a dita de te amar  
Para agora padecer.



Volve a mim teus olhos lindos,  
Que olhar só não é defeito ;  
D'este modo vae nascendo  
Terno amor dentro no peito.

Entreí no templo do Amor  
Para dar um juramento ;  
Apenas vi o teu rosto  
Não jurei, mudei de intento.

Tenho feito juramento  
De não tornar mais a amar ;  
Teus olhos logo fizeram  
Meu juramento quebrar.

Jurei não amar e amo,  
Confesso minha fraqueza ;  
Esta culpa não é minha,  
E' crime da natureza.

O teu peito é um altar  
Com velas e castiças,  
Os santos que lhe eu adoro  
São teus olhos, nada mais.

Dois olhos que tens no rosto  
Parecem-me dois ladrões ;  
Elles postos n'uma estrada  
Podem roubar corações.

Os meus olhos são dois pretos  
Que me chegaram de fóra ;  
De lá me vieram livres,  
Cativei-os eu agora.

Costumei tanto os meus olhos  
A namorarem os teus,  
Que de tanto confundil-os  
Não sei já quaes são os meus.

Os teus olhos negros, negros  
São gentios da Guiné ;  
Da Guiné por serem pretos,  
Gentios por não terem fé.

Olhos pretos vão á fonte,  
Não sei que lá vão buscar ;  
Não sei se vão buscar agua,  
Se penas para me dar.

Os olhos do meu amor,  
São pretos, não tem maldade ;  
Heide mandar fazer d'elles  
Um painel da Piedade.

Os olhos do meu amor  
São confeitos, não se vendem :  
São balas com que me atiras,  
Cadeias com que me prendem.

Eu não sei que sympathia  
Meus olhos contigo têm ;  
Quando estou ao pé de ti  
Não me lembro de ninguém.

Olhos pretos são bonitos,  
Gosto d'elles... mas, porém,  
Tenho medo dos amores,  
São crueis, não pagam bem.

Olhos pertos são falsarios,  
Os azues são lisongeiros ;  
Antes quero olhos castanhos.  
São os leaes, verdadeiros.

Heide deitar os meus olhos  
A'quelle pôço sem fundo ;  
Olhos que não têm ventura  
De que me servem no mundo ?

Domingos e dias santos  
Aqui offendo ao meu Deus;  
Vo: á missa e não a ouço,  
Tudo pelos olhos teus.

Quem diz ser de gala o preto  
Entende pouco de côres;  
Eu amei dois olhos negros,  
Ambos me foram traidores.

Eu não sei a côr que tinham  
Os lindos olhos que eu vi;  
O que sei é que eram negros,  
E que por elles morri.

Esses teus olhos, menina,  
São dois vasos de alegria;  
Amal-os inda não pude  
Deixal os inda não queria.

Menina do lenço preto,  
Os olhos da mesma côr,  
Diga a seu pae que a case,  
Que eu serei o seu amor.

Os olhos pretos são falsos,  
Os castanhos matadores,  
Os azues da côr do céu  
E' que são os meus amores.

Oh olhos azues tão claros,  
Cercados de bem quer.  
Eu em ti fitei os meus,  
Melhor me fôra morrer.

Os olhos azues são lindos,  
São custosos de encontrar,  
Quem tiver olhos azues  
Bem os pode arrecadar.

Por um teu mais terno olhar  
Dera da vida a metade  
N'um sorriso dava a vida,  
Por um beijo a eternidade.

Se os teus olhos são brilhantes  
Que prendem meu coração,  
Se os teus braços são cadeias,  
Amor, me entrego á prizão.

Os olhos requerem olhos,  
Os corações corações,  
Tambem as tuas palavras  
Requerem boas rasões.

Defronte de mim estão olhos  
Que as luzes me estão tirando ;  
Lá darão contas a Deus  
Das penas que me estão dando.

O coração e os olhos  
São dois amantes leaes,  
Quando o coração tem penas  
Logo os olhos dão sinaes.

Os meus olhos de chorar  
Fizeram cova no chão,  
Cousa que os teus não fizeram,  
Não fizeram, nem farão.

Os meus olhos de chorar  
Fizeram covas no rosto ;  
Todos dizem que te deixe,  
Não quero, não é meu gosto.

Os meus olhos de chorar  
Já nenhuma graça têm ;  
Já os tenho reprehendido,  
Que não chorem por ninguem.

O coração pede, pede  
Terra para um pomar,  
Que meus olhos já se obrigam  
A dar agua p'ra o regar.

Os meus olhos são dois peixes,  
Navegam n'uma alagôa ;  
Choram lagrimas de sangue  
Por uma certa pessôa.

Chorae, olhos! chorae olhos,  
Que o chorar não é desprezo ;  
A Virgem tambem chorava  
Quando viu seu filho prezo.

Anda cá, se queres agua.  
Que os meus olhos t'a darão ;  
Ella é pouca, mas é clara,  
Nascida do coração.

Oh amor! cabellos louros,  
Com penteado tão certo ;  
Sobrancêlhas de ouro fino,  
Olhinhos por quem me perco.

Sobrancêlhas como as vossas  
E' impossivel havel-as ;  
São laços de fita preta  
Com que se prendem estrellas.

Os vossos beijos, menina,  
Ambos elles têm virtude ;  
Em beijando a um doente  
Logo lhe dão a saude.

Teus cabellos me prenderam,  
Os teus olhos me mataram ;  
Teus lindos pés me fugiram  
Quando morto me deixaram.

Lindos cabellos que tendes,  
Que vos dão pela cintura,  
De noite servem de cama,  
De dia de formosura.

Vosso cabelo atado  
Dá mais de trinta novellos;  
Os teus olhos ramalhudos  
Quem os hade amar sem zellos?

Cabellino entrançado  
Pelas costas ao comprido,  
N'esse nó que vós lhe dáes  
Trazes o amor escondido

Tendes o cabelo loiro  
Pelas costas, ao comprido;  
Parecem meadas de ouro  
A martello rebatido.

Menina até o cabelo,  
Que elle atado está-lhe bem;  
Se não tem fita para elle,  
O salguciro vèrga tem.

Já passei o mar a nado  
Nas ondas do teu cabelo...  
Agora posso dizer  
Que passei o mar sem medo.

Essa tua mão de neve  
Quando na minha pegou,  
Devéras tinha feitiços,  
Que logo me enfeitiçou.

Tuas mãos são branca neve,  
Teus dedos são lindas flores,  
Teus braços cadeias de ouro,  
Laços de prender amores.

Oh meu amor, se tu fôres  
Ao tribunal das formosas,  
Escolhe-me as trigueirinhas,  
Que as brancas são enganosas.

Tendes o pé pequenino,  
Do tamanho de um vintem ;  
Podia calçar de prata  
Quem tão pequeno pé tem.

Tendes cara de papel,  
Nariz de penna aparada.  
Olhos de letra miuda,  
Bocca de carta fechada.

Meu amor, quem cala vence,  
Mais vence quem não diz nada ;  
Em certas occasiões  
Mais vale a bocca calada.

O sangue das tuas veias  
Gira no meu coração ;  
Os teus braços são cadeias,  
Amor, me entrego á prizão.

Tive hontem de noite um sonho,  
Que sonho tão divertido !  
Sonhei que tinha na cama  
A fôrma do teu vestido.

Eu nasci entre as estrellas,  
Ao pé do céu fui creado  
Perdi-me na noite escura,  
Em teus braços fui achado.

Esta noite sonhei eu  
Comtigo, minha belleza ;  
Acordei, achei-me só,  
Em sonhos não ha firmeza.

Dormindo estava sonhando  
Que te estava a dar abraços ;  
Acordei, achei-me só,  
Mal hajam os sonhos falsos.

Esta noite estive, estive  
À conversa com o amor,  
Com a minha bocca na tua  
Como o orvalho na flor.

Menina, deste-me a morte,  
Dae-me agora a sepultura  
Mais acima dos joelhos,  
Mais abaixo da cintura.

Lembranças do tempo alegre  
Me fazem entristecer ;  
Quem ama não considera  
O que pode acontecer.

Ninguem se fie nos homens,  
Nem no seu doce fallar ;  
Têm as palavrinhas doces,  
Coração de resalgar.

Namorei-me. namorei-me,  
Não me soube namorar,  
Namorei-me de um vadio  
Que não me sabe estimar.

Se eu soubera quem tu eras,  
Ou te amaria ou não ;  
Agora, que já o sei,  
Padeça meu coração.

Fui encontrar a desgraça  
Onde os mais acham prazer ;  
Amor, que dá vida a tantos.  
Só a mim me faz morrer.



Eu fui a mais desgraçada  
Das filhas de minha mãe ;  
Todas têm a quem se cheguem, -  
Só eu não tenho ninguem.

Não sei que quer a desgraça  
Que atraz de mim corre tanto ?  
Heide parar e mostrar-lhe  
Que de vê-la não me espanto,

Eu quero bem á desgraça  
Que sempre me acompanhou :  
Tenho odio á ventura  
Que bem cedo me deixou.

Alma, vida e coração,  
Tudo, tudo já te dei ;  
Se tendes tudo que anima,  
Como sem ti viverei ?

Quem tira da prata a liga  
Fica a prata desligada ;  
Quem por ti arrisca a vida  
Não pode arriscar mais nada.

Não tenho mais que te dar,  
Nem tu mais que me pedir ;  
Dar-te-hei meu coração  
E a chave para o abrir.

Já lá vae, já se acabou  
A nossa felicidade ;  
Só me resta d'esta vida  
Uma terna saudade.

Não me importa que eu não logre  
Tua mão mimosa e bella ;  
Apesar do meu tormento  
Gósto de penar por ella.

Eu morro por ti ; se morro !  
Tu me deves animar ;  
Anima-me, que eu prometto  
Viver só para te amar.

Um impossivel me mata,  
Por um impossivel choro ;  
É impossivel que vença  
Um impossivel que adoro.

Oh amor, que te fiz eu  
Para por ti ser deixado ?  
Se o bem querer é um crime,  
Só n'isso serei culpado.

Justos céos, por que me destes,  
Uma alma capaz de amar ?  
Se alma sem amor não pode  
Livramento respirar.

Não julgues um só instante  
Que te possa ser ingrata ;  
Bem sabes que por ti sinto  
Uma paixão que me mata.

Quem pudera acreditar  
Se o teu sentido assim é ;  
Mas eu sempre atraído  
Eu nada posso ter fé.

Tenho feito juramento  
Não amar quem me amofina ;  
Mas não posso, que é mais forte  
A paixão que me domina.

Faz não ver a falsidade  
A paixão com que te adoro ;  
Quando me lembro deixar-te,  
Da mesma lembrança choro.

Tenho o meu peito ralado  
A' força de padecer ;  
Esta pena é um segredo  
Que ninguém hade saber.

Tenho dentro do meu peito  
Duas pennas a bulir ;  
Uma diz, que quer amores,  
Outra d'elles quer fugir.

Façâmos, meu bem, as pazes  
Como foi da outra vez ;  
Quem quer bem sempre perdôa,  
Uma... duas até tres.

Não quero fazer as pazes  
Como fiz da outra vez ;  
Quem quer bem nunca offende  
Nem uma, quanto mais tres ?

Se eu tivera não pedira  
Cousa nenhuma a ninguém ;  
Eu por não ter é que peço  
Lealdade a quem a tem.

Não me pésa de te amar,  
Pois não gosto d'esta vida ;  
Só me pesa ser leal  
E tão mal correspondida.

Se me não sabes amar,  
Vem cá, que eu te ensinarei ;  
O meu mestre foi Cupido,  
Vê lá se não saberei.

O meu amor, de ciumes,  
Não quer que falle a ninguém ;  
Fallo para que me fallem,  
Não sou de enganar a alguém.

O vir á fonte de noite  
Nunca fez mal a ninguem ;  
Isto de quem tem má lingua  
Tira a honra a quem a tem.

Oh falsa, mil vezes falsa,  
Oh falsa, que me vendeste!  
Quanto te deram por mim ?  
Que dinheiro recebeste ?

Salta-me o sangue das veias,  
Oh, que sem causa me féres !  
Se alguma cousa precisas,  
Dize, amor, isso que queres.

Choro lagrimas de sangue  
Para teu divertimento ;  
Quero que vivas alegre  
A custa do meu tormento,

Oh falso, permita o céo.  
Já que me pagas tão mal,  
Que o primeiro amor que tenhas  
Que te não seja leal.

Oh quantas vezes oh quantas,  
Falso, por mim chorarás ;  
Quando remedio não tenhas,  
Então te arrependerás.

Triste sou, triste me vejo  
Sem a tua a companhia ;  
Triste sou, que não me lembra  
Se alegre fui algum dia.

Tenho um amor, tenho dois,  
Tenho tres, não quero mais ;  
P'ra que heide querer amores,  
Se elles não me são leaes ?

O amor que eu em ti puz  
Antes o puzera na agua ;  
A agua vae e não volta,  
Não deixa pena nem magoa.

Amor, não venhas irado,  
Suspende a tua vingança ;  
Bem me basta o meu martyrio  
De te amar sem esperança.

Antoninha, cara linda,  
Rosto cheio de sinaes ;  
Palavras que dás a outro  
São facadas que me dás.

O sol para todos nasce,  
Só para mim escurece ;  
Desgraçada creatura,  
Que até o sol me aborrece !

Meu amor, eu sou sincera,  
Não pretendo engnar-te ;  
Mil vezes protesto e juro :  
Antes morrer, que deixar-te.

Se os campos todos fallassem,  
Que diriam os rochedos !  
Então se descobririam  
Nossos primeiros segredos.

Quem de mim te poz tão longe  
Não teve boa eleição ;  
Quanto mais longe da vista  
Mais perto do coração

Pelo cantar da sereia  
Se perdem os navegantes,  
Perdem-se as mães pelos filhos,  
As damas pelos amantes.

Quem me dera já lograr`  
D'esses teus olhos as luzes;  
Mais de quatro ficariam  
Na bocca fazendo cruces.

Mal de amores não tem cura,  
Mal de amores cura tem;  
Ajuntem-se dois amores,  
Mal de amores cura-se bem.

O sol é caixa de ouro,  
A lua é fechadura;  
As estrellas são as chaves  
Que fecham minha ventura.

Acredita que eu já tenho  
A minha tenção formada;  
Tanto bem que me quizeste  
Nunca me serviu de nada.

Os meus primeiros amores  
Mandei-os ao rosmaninho  
Estes, que eu agora tenho  
Vão pelo mesmo caminho.

Impossivel, sem ser Deus.  
Haver quem de ti me aparte;  
Se houver quem se opponha a isso,  
Haja logo quem me mate.

Amar, morrer. padecer,  
Não pode ser tudo junto;  
Quem morreu acaba a vida,  
Quem ama padece muito.

És espelho onde me vejo,  
Cada vez que te visito;  
És igual ao meu desejo,  
Não ha nada mais bonito.

Triste quem de amores morre,  
Mais triste quem de amor vive;  
Que eu morro pelos que tenho  
E pelos amores que tive.

Quando te não conhecia  
Nada de ti se me dava;  
Sem pensamento dormia,  
Sem cuidados acordava.

Mil cadeias são teus braços,  
Mil grilhões os teus carinhos,  
Que prenderam meus afagos  
Nos mais agudos espinhos.

As saudades te persigam,  
Que te não possas valer;  
Para que saibas ingrata,  
Quanto custa o bem querer.

Meu amor, se te arrependes  
De algum bem que me fizeste,  
Dá-me os beijos que te dei  
Pelos que tu já me deste.

De que me servem sem ti  
Os bens que a fortuna dá?  
Sem os bens também eu passo,  
Mas sem ti quem viverá?

Quando eu nasci chorava,  
Chorava de ter nascido;  
Parecia adivinhar  
Que estava o mundo perdido.

Já o mar anda de luto,  
Navios e embarcações;  
Já se não pagam finezas  
Se não com ingratidões.

Eu amei a uma ingrata  
Que me arrastou pelo chão ;  
Mesmo assim eu gosto d'ella,  
Vejam a minha paixão !

A paixão domina a gente,  
Eu d'ella estou dominada ;  
D'aqui para a sepultura  
É pouco, não custa nada.

Quem quizer ser bém querida  
Não se mostre apaixonada ;  
Uma paixão conhecida  
Então é que é desgraçada.

Além váe a presumida,  
Rua cheia de ninguem ;  
Ella cuida que é bonita,  
Nada d'isso ella tem.

Menina, não seja vária,  
Reprehenda o pensamento ;  
Olhe que o amor dos homens  
Dura muito pouco tempo.

Ingrata desconhecida,  
Que te custava dizer :  
Amor, busca a tua vida,  
Que eu tua não quero ser ?

Oh estrellinha do norte,  
Vae andando que eu já vou ;  
Deitando as claras luzes,  
Já que o amor me deixou.

Trocastes a mim por outra,  
Trocastes amor, trocaste ;  
Tu me dirás a seu tempo  
Quanto na troca ganhaste.



D'aqui d'onde estou bem vejo  
Estarem-me offendendo;  
Porém faço que não ouço,  
É mundo! vamos vivendo.

Das ingratas que ha no mundo  
Tu és a de maior fama;  
Que tratas com tyrannia  
A quem devéras te ama,

Quem quer vêr um infeliz  
Que no mundo já nasceu?  
Para penar está vivo,  
Para gloria já morreu.

Quem quer vêr um infeliz  
Que nasceu ao pé da faia?  
Não ha desgraca nenhuma  
Que n'este infeliz não caia.

Eu heide amar uma pedra,  
Deixar o teu coração;  
Uma pedra não se muda,  
Tu mudaste sem rasão.

Se os meus olhos te offendem  
Eu mesmo tiral-os-hei;  
Não quero ter no meu rosto  
Cousa que offenda ninguem.

Tudo que é triste no mundo  
Tomara que fosse meu,  
Para vêr se tudo junto  
Era mais triste do que eu.

Já lá vae, já se acabou  
O tempo que eu te amava;  
Tinha olhos e não via  
A cegueira em que andava.

Já o sol, minha menina,  
Não nasce aonde nascia;  
Já não morre por amores  
Quem por amores morria.

A menina chora, chora,  
Chora, por que eu a enganei;  
Chora, mas é n'este mundo,  
Que no outro penarei.

Alevanta esses olhos  
Debaixo d'essas pestanas;  
Que eu quero conhecer  
As luzes com que me enganas.

Tenho mandado fazer,  
Que não posso fazer tudo,  
Um cofre de paciencia  
Para viver n'este mundo.

Oh coração retrahido,  
Oh cara cheia de enganos,  
Que é da paga que me deste  
De te eu amar tantos annos?

Coração, meu coração,  
Com uma faca te heide abrir,  
Que te deixaste prender  
De quem podias fugir.

Coração, não andes triste,  
Anda alegre, se puderes;  
Algum dia será teu  
O que tu agora queres.

O meu coração é teu,  
Bem o podes entender;  
Antes que a morte me leve,  
Nos teus braços me heide vêr.

Os corações não se vendem,  
São cousas de alto valor;  
Não se vendem por dinheiro,  
Rendem-se á força de amor.

Não ha dôr que tanto custe  
Como a dôr do coração;  
Todos os males tem cura,  
Só este mal é que não.

Oh penas! não venhaes juntas,  
Que não quer meu coração;  
Vinde de duas a duas.  
Dae logar ás que cá estão.

Se mil corações tivesse  
Com elles eu te amaria;  
Mil vidas que Deus me desse  
Em ti as empregaria.

Não se me dá que outrem logre  
Amores que eu já logrei;  
Faço de conta que foi  
Vinha que já vindimei.

Qualquer pessôa que chegue  
A possuir-te ou gosar-te,  
Será mais feliz do que eu,  
Mas não mais capaz de amar-te.

Se pensas que por ti morro  
Ou por ti tenho paixão,  
Nunca fui apaixonado  
Da fructa que cáe ao chão.

Quando a silveira der baga,  
E o loureiro der cortiça,  
Então te amarei, meu bem,  
Se não me der a priguixa.

Meu amor em braços de outro  
Como estava divertido!  
Deixal-o ter essa gloria,  
Que a paixão fica commigo.

A' minha porta está lama,  
A' tua fica lameiro;  
Quando fallares das outras  
Olha para ti primeiro.

Passei pela tua porta  
Pela cantada do gallo;  
Ouvi-te dar um suspiro,  
Quantos terias já dado?

Se te enfastia eu querer-te,  
E' força por fim deixar-te;  
Ensina-me a aborrecer-te,  
Que eu não sei senão amar-te.

Ai Jesus! eu vivo triste,  
Que já não tenho amor;  
Eu sou como o acypreste  
Que de triste não dá flôr.

Oh acypreste dos valles,  
Retiro dos passarinhos,  
A quem destes os abraços  
Dá-lhe tambem os beijinhos.

Se o passarinho vendesse  
As pennas que Deus lhe deu,  
Tambem eu vendia as minhas,  
Ninguem as tem mais do que eu.

Passarinho que cantaes  
N'esse raminho de flores,  
Cantae vós, chorarei eu,  
Que assim faz quem tem amores.

Amor, impossivel vence,  
Amor, tudo facilita;  
Quem quer bem a nada attende,  
Quem ama a tudo se arrisca.

Vae depressa, oh criatura,  
Vae depressa, que eu não vou;  
Já me parece loucura  
Amar a quem me deixou.

Eu gosto de te encontrar,  
E tremo quando te vêjo;  
Que te não posso fallar  
A' medida do desejo.

Coração, por que palpitas  
De um modo tão apressado?  
Sentes-te de amor ferido,  
Que assim estás maltratado.

Vae-te embora, amor ingrato,  
Que eu não quero nada teu;  
Foste repartir com outro  
Um amor que era só meu.

Quem tiver dois corações  
Dê-me um, que bem o emprega;  
Que aquelle que eu tinha dei-o  
A quem agora m'ó nega.

Lindos olhos tem amor,  
Inda agora reparei,  
Se reparara mais cedo  
Não amara a que amei.

Se te adorei foi um sonho,  
Se te quiz foi falsidade;  
Foi emquanto não achei  
Amor á minha vontade.

Aquella menina cuida  
Que não ha outra no mundo;  
Não ha um pôço tão alto  
Que se lhe não chegue ao fundo.

Já te quiz, já te não quero,  
Já te amei, já te não amo;  
A minha pouca assistencia  
Dar-te-ha o desengano.

Já passei o mar a nado,  
A nado como uma enguia;  
Mais vale não ter amores  
Do que passar agua fria.

Algum dia, meu brinquinho,  
O meu regalo era vêr-te;  
Agora tanto me vale  
Ganhar-te como perder-te.

Menina, não traje branco,  
Que o branco logo se suja;  
Traga amarello côr de ouro,  
Que é o que agora se usa.

O amor em quanto novo  
Ama com todo o cuidado;  
Depois de venda na mão  
Mostra papel de enfadado.

Eu tenho quatro amores,  
Dois de manhã, dois de tarde;  
Com todos me rio e brinco,  
Só a um fallo verdade.

Se ouvires assobiar,  
Não digas que é caçador;  
Anda agora uma moda  
De assobiar ao amor.

Se você me não queria,  
Para que me acarinhou?  
Para agora me deixar  
No estado em que estou.

Oh José. pinheiro alto,  
Sombrinha de todo o verão;  
Todo o amor se me rende,  
Só o teu, oh José, não.

Quando comecei a amar-te  
Deitei sortes á ventura;  
Quando me quiz retirar,  
Já meu mal não tinha cura.

Quando eu te queria bem,  
Mandava parar o vento:  
Agora que te não quero,  
Nem me vens ao pensamento.

O melro canta na faia.  
Escutae o que elle diz :  
Quem fez o mal que o pague,  
Menos eu, que o não fiz.

Ai, quem me dera ter mãe,  
Inda que fosse uma silva,  
Inda que ella me arranhasse,  
Sempre eu era sua filha.

Dizes que eu não tenho mãe,  
Tenho uma como o sol;  
Quando fôres á egreja,  
Olha para o altar mór.

O tempo que eu já te amei  
Melhor estivesse doente;  
Tempo tão mal empregado,  
Dado de tão bôa mente.

Eu amei a uma ingrata  
Que tão mal, pago me deu;  
Ninguem me falle mais n'ella,  
Que ella para mim morreu.

Coração que a dois adora,  
Que firmeza pode ter?  
Só se fôr coração de homem,  
De mulher não pode ser.

Oh alta serra de neve  
D'onde o penedo cahiu;  
Ninguem diga o que não sabe,  
Nem affirme o que não viu.

Oh meu amor, não embarques,  
Olha o mar, que não tem fundo;  
Olha, o mar é como os homens,  
Que enganam a todo o mundo.

Já não quero mais amar,  
Que eu de amar tenho medo;  
Não me quero arriscar  
A pagar o que não devo.

Assentado n'uma pedra,  
Ouvi dar a meia noite;  
Coitado de quem espera  
O que hade vir da mão d'outrem.

Amar e saber amar,  
Qualquer amante faz isso;  
Mas amar com lealdade  
Só eu nasci para isso.

Eu heide amar uma rocha  
E não te heide amar a ti;  
Que uma rocha é sempre firme,  
E tu és falsa para mim.



Quando eu quiz tu não quizeste,  
Tivestes opinião;  
Agora queres. não quero,  
Tenho minha pretensão.

Heide ir para aquella serra  
Com meus ais quebrar penedos,  
Para fazer uma torre  
Onde fechar meus segredos.

Se te não amo faleço,  
Se te amo ha quem me mate;  
Eu de toda a sorte morro,  
Quero morrer a adorar-te.

Heide-te amar a meu gosto  
Corra o perigo que correr;  
Uma vida só que tenho  
Quero por ti padecer.

Corri todo o mar á roda  
C' uma vela branca accessa:  
Em todo o mar achei fundo,  
Só em tí pouca firmeza.

Se eu soubesse que voando  
Alcançava o que desejo,  
Depressa formava azas,  
Que as penas são de sobejo.

Por te amar perdi a Deus,  
Por teu amor me perdi;  
Agora vejo-me só  
Sem Deus, sem amor, sem ti.

Tenho um vestido de penas  
A fazer n'um alfaiate;  
Eu as fiz, eu as causei,  
E bem que as penas me matem.

Quebrem-me estas cadeias,  
Tirem-me d'esta prizão;  
Que eu não vivo muito tempo  
Na tua separação.

Meu amor por algum tempo  
Me hade vir a despresar;  
Antes que tal chegue a vêr,  
Oh morte, vem-me buscar.

Ferros de el-rei são prizões,  
Mas o amor é mais forte;  
Para os ferros inda ha lima,  
Para o amor nem a morte.

Quem hade passar os dias  
Sem gosar tua amisade?  
A vida já não desejo,  
A morte é felicidade.

Uma só palavra tua  
Decide da minha sorte;  
Dar-me o sim é dar-me a vida,  
Dar-me o não é dar-me a morte.

Das lagrimas faço contas  
Com que rezo ás escuras;  
Oh morte, que tanto tardas!  
O vida, que tanto duras!

Ámanhã por estas horas  
Onde estará o meu corpo?  
Estará n'esses teus braços,  
Ou na sepultura morto.

Eu heide morrer, morrer,  
Não sei a hora, nem quando;  
Terra que me hasde cobrir  
Podes-te ir aparelhando.

Abre-te, oh penha constante,  
Serás minha sepultura;  
Se te não abres, oh penha,  
Digo-te, penha, que és dura.

Anda, oh morte, vem aqui  
Que te quero perguntar,  
Quem morre de mal de amores  
Se vae para bom logar?

Oh morte, para que levas  
Desejosos de viver?  
Oh morte, leva-me a mim,  
Que bem desejo morrer.

Se ouvires dizer que eu morro,  
Não tenhas pena, meu bem;  
Que a morte de um desgraçado  
Não causa pena a ninguém.

Quando vou por meu caminho  
A chamar pela ventura,  
Não acho melhor descanso  
Do que a paz da sepultura.

Apesar da triste morte,  
Eu sempre te heide adorar;  
Custe o sangue ou custe a vida,  
Custe, amor, o que custar.

Oh rosa, quando morreres,  
Quem te hade dar a mortalha?  
Co'as folhas da mesma rosa  
Vae a rosa amortalhada

Põe na minha sepultura  
Aonde enterrado fôr,  
A cada canto uma letra:  
A — M — O — R, amor.

Heide mandar escrever  
 Sobre a minha sepultura :  
 --Aqui jaz quem sempre teve  
 Muito amor, pouca ventura.

Sobre a minha sepultura  
 Um epitaphio heide pôr :  
 --Aqui jaz quem viveu sempre  
 Em desgosto, pranto e dor.

Ainda depois de enterrado  
 Debaixo do frio chão,  
 Hasde o teu nome encontrar  
 Dentro do meu coração.

Quem me levar para a cova  
 Deixe-me á porta da egreja,  
 Não ha mulher venturosa  
 Nem homem que leal seja.

Se passares pelo adro  
 No dia do meu enterro,  
 Dize á terra que não coma  
 As tranças do meu cabelo.

Se passares pelo adro.  
 Tira o chapéo, reza á cruz;  
 Que o meu amor é mordômo  
 Da capella de Jesus.

Heide deixar que me enterrem  
 Onde tu fôres á missa :  
 Que inda depois de enterrado  
 Quero estar á tua vista.

Pelo amor de Deus te peço.  
 Move de vagar teus passos ;  
 Debaixo d'esses teus pés  
 Anda meu corpo em pedaços

Meus males, minhas desditas  
Remedio não podem ter ;  
Só deixarei de ser triste  
Quando acabar de viver.

Noite escura, noite escura,  
Cobre-me com o fato teu ;  
Vim achar tudo de luto,  
O meu amor já morreu

Puz o pé na sepultura,  
Umá voz me respondeu :  
—Tira o pé, que estás pisando  
Um amor que já foi teu.

Puz um pé na sepultura  
Onde estava corpo humano ;  
Ouvi uma voz dizer-me :  
Não me pizes, oh tyranno.

Anda cá, meu amor morto,  
Dize lá quem te matou ;  
Se te matou minha ausencia,  
Ressuscita, aqui estou.

Quem disser que a vida acaba,  
Digo-lhe eu que nunca amou :  
Quem deixou ficar saudades  
Nunca a vida abandonou.

Ai, quem me dera morrer,  
Depois de morto ter vida,  
Para vêr quem te lograva,  
Prenda tão d'alma querida.

Tu chamas-me tua vida,  
Mas tua alma quero ser ;  
Que a vida morre com o corpo  
E a alma eterna hade ser.

Se amor dura alem da morte,  
Constante sempre heide ser ;  
Se amor dura só na vida,  
Heide amar-te até morrer.

De cada vez que te véjo  
Devo-me ir confessar,  
Eu não pecco em te vér,  
Pecco em te desejar.

Aqui tens meu coração,  
Vinga n'elle meus delitos ;  
Crava-lhe um punhal agudo,  
Não te dôas de seus gritos.

Aqui tens meu coração,  
Retalha-o como um marmello,  
Que dentro d'elle hasde achar  
O bem e o mal que te quero.

Aqui tens meu coração,  
Se o queres matar bem podes ;  
Olha que estás dentro d'elle,  
E se o matas tambem morres.

Não te inclines a meu peito,  
Olha que te ha de ferir ;  
Que as setas em mim são tantas  
Que passam de mais de mil.

Se as saudades matassem,  
Muita gente morreria ;  
Mas as saudades não matam  
Se não no primeiro dia.

Puz-me a chorar saudade  
Ao pé do verde jasmim ;  
Uma flor me respondeu :  
Cala-te, tudo tem fim.

Toda a vez que me eu alembro  
Que de ti me heide apartar,  
Enchem se-me os olhos de agua  
Com vontade de chorar.

Eu heide ir áquelle mar,  
Se me elle quizer ouvir,  
Que abrande as suas ondas,  
Quer o meu amor partir.

Quero dar as despedidas,  
Quero dal-as e não posso ;  
Tenho o meu coração prezo  
Por um fio de ouro ao vosso.

Oh amor, hoje é o dia  
Que se apartam corações ;  
Não se hãode apartar os nossos,  
Que estão presos por grillhões.

Oh triste segunda-feira  
Da semana que hade vir,  
Quaes serão os tristes olhos  
Que te hão de vèr partir.

Meu amor na despedida  
Nem um só ai pôde dar ;  
Poz a mão sobre meu peito,  
Não fez mais que suspirar.

Meu amor na despedida  
Nem uma só falla deu ;  
Quiz fallar, não pôde afflicto,  
Quiz fallar e emudeceu.

Meu amor na despedida  
Nem uma falla me deu ;  
Poz os seus olhos no chão,  
Ficou a chorar mais eu.

Quizera não conhecer-te,  
Quizera não adorar-te.  
Para não morrer de pena  
No momento de deixar-te.

Quem vive ausente não pode  
Dizer que logra ventura ;  
Por que uma saudade é morte,  
Uma ausencia sepultura.

Amores ao pé da porta  
E' que eu gostava de ter ;  
Inda que eu lhe não fallasse,  
Os olhos gostam de vêr.

Anda cá, se queres vêr  
Uma cruel despedida ;  
Dois amantes que se apartam,  
Um sem alma, outro sem vida.

Se algum dia aqui voltares  
Fallar-te de mim quem hade?  
Se em nenhures me encontrares  
Busca por mim na saudade.

Dizem que o chorar consola,  
Eu chorar não chorarei ;  
Que assim perdia a saudade  
A que já me acostumei.

O meu amor foi-se embora  
Sem se despedir de mim ;  
O mar se faça em rosas,  
O navio n'um jasmim ;

O mastro n'uma açucena  
Para se lembrar de mim.  
Todas as penas acabam,  
Só as minhas não têm fim.



Se fôres ao mar lá fóra,  
Não me leves no cuidado;  
Senta-te á sombra da vela,  
Dorme o somno descansado.

Andaes vestido de azul,  
O azul é que eu venero;  
O azul é navegante,  
Eu tambem navegar quero.

Dizei-me quanto é que custa  
O azul com que brilhaes,  
Que me quero vestir d'elle  
Antes que encareça mais.

Muito padece quem ama,  
Mais padece quem adora;  
Mais padece quem não vê  
O seu amor toda a hora

Ausente de um bem que adoro,  
Meu amor não faz mudança;  
Quanto mais ausente vivo,  
Mais o trago na lembrança.

Ausente do meu amor,  
Nada me pode agradar;  
Eu não vivo para o mundo,  
Vivo só para o amar.

Toda a vez que tu me alembras  
Vou á janella e digo:  
Onde estarás tu agora,  
Desvelo do meu sentido?

Porque o mar é triste e alegre,  
Faz o passado lembrar!  
Faz lembrar tempos felizes,  
Faz tristezas despertar.

Lgrimas me põem á meza,  
Suspiros são meu comer;  
Saudades são meu sustento  
Até te tornar a vèr.

Suspiros me dão combate,  
Por não estar á tua vista;  
Deus me chegue ainda a tempo  
Que de continuo te assista.

Suspiros me dão combates,  
Commigo batallhadores;  
Desgraçado é quem toma  
Por pouco tempo amores.

Suspiro que nasce d'alma,  
Que á flor dos labios morreu,  
Coração que o não entende  
Não o quero para meu.

Dei um ai, e não ouviste,  
Suspirei, não deste fé;  
O meu coração é teu,  
O teu não sei de quem é.

Suspiro por ti, meu bem,  
Mas que vale suspirar?  
Quanto mais por ti suspiro,  
Menos te posso lograr.

Do céo cahiu um suspiro  
Que no ár se desfolhou;  
Quem n'este mundo não ama  
No outro não se salvou.

Suspiros, ais e tormentos,  
Imaginações, cuidados,  
São o manjar dos amores  
Quando vivem separados.

Suspirar continuado  
Tambem serve de alimento;  
Ai, quantos ha que suspiram  
A má hora e a máo tempo!

Suspirava para te vêr,  
Já matei esta saudade ;  
Muito custa uma ausencia  
A quem amá na verdade.

Suspirar é meu destino  
Quando de ti ando ausente ;  
Nada me serve de alivio,  
Só contigo estou contente.

Oh meu amor, quem te disse  
Que eu dormindo suspirava ?  
Quem te disse não mentiu,  
Que eu alguns suspiros dava.

Foram tantos meus suspiros  
Ao vêr que me ias deixar,  
Que as mesmas aguas do rio  
Inda vão a suspirar.

Não ha flôr como o suspiro  
Na minha opinião ;  
Todas as flôres se vendem,  
Só os suspiros se dão.

Uma saudade me mata,  
Um suspiro me detem ,  
Uma esperança me anima  
De tornar a vêr meu beni.

A saudade é uma fiôr,  
E dispõe-se em qualquer vaso ;  
Mas uma saudade firme  
Só se encontra por acaso.

A saudade é um mal  
Que nem respirar permite ;  
E' uma ancia, é um tormento  
E' uma dor sem limite.

A ausencia tem uma filha  
Que se chama saudade ;  
Eu sustento mãe e filha  
Bem contra minha vontade.

Se por minha desventura  
Longe de ti vou viver,  
Não esperes me vêr mais,  
Que eu de certo vou morrer.

E' tão triste o meu viver,  
Que até de mim tenho dó,  
Ausentou-se o meu amor,  
Paciencia ! vivo só.

Eu dei um ai sobre os montes,  
Accudiram-me as montanhas ;  
Ai de mim, que já não posso  
Soffrer ausencias tamanhas !

Dasgraça minha foi vêr-te,  
A primeira vez fallar-te :  
Ventura foi conhecer-te,  
Mas que destino... deixar-te !

Nem o tempo nem a morte,  
Nem a desgraça tambem,  
Fará que de ti me esqueça,  
Lindo amor, querido bem.

Não ha cousa que mais cheire  
Do que a lorangeira em flôr ;  
Não ha cousa que mais custe  
Do que a ausencia do amor.

Oh terra dos meus amores,  
As costas te vou virando;  
Minha bocca vae-se rindo,  
Os meus olhos vão chorando.

Junto a ti sinto ternura,  
Ausente de ti saudade;  
Não sei em qual d'estes lances  
Tenho menos liberdade.

Não te posso acompanhar.  
Seguir-te não posso, não;  
Lá irão, onde tu fôres,  
Os ais do meu coração.

Eu ausente do meu bem,  
Meu bem ausente de mim.  
Diga-me, quem sabe amar,  
Se eu posso viver assim?

Lá no céo está uma estrella  
Que se parece contigo;  
Nos dias que te não vejo  
A estrella é o meu allivio.

Sempre estás: Adeus, adeus!  
Com esse adeus me mataes;  
Queira Deus não digas tu  
Adeus para nunca mais.

Mal haja quem inventou?  
No mar andarem navios,  
Que esse foi o causador  
De meus olhos serem rios.

Quanto se sente na morte,  
Quanto na ausencia se sente!  
A morte é ausencia eterna,  
A ausencia morte aparente.

Oh meu amor, se tu fôres  
Leva-me em tua alminha ;  
Eu sou como a borboleta,  
Onde quer vae mettidinha.

Vae quasi a fazer um anno  
Que por estas margens ando,  
Solitario n'estes bosques  
Minhas lagrimas chorando.

Fecharam-me a minha terra  
Com montanhas ao redór ;  
Ai de mim, ficou lá dentro  
Fechadinho o meu amor.

Se os meus tristes ais voassem,  
Daria mil cada hora ;  
Iriam bater no peito  
De quem me lembrou agora.

Debaixo da fria campa,  
Os ossos mirrados 'stão :  
Elles mesmos 'stão sentindo  
A nossa separaçãc.

Debaixo do frio chão  
Onde o sol não tem entrada,  
Abre-se uma sepultura,  
Mette-se uma desgraçada.

Meu amor, que estás tão longe,  
Ausenta-te e vein-me vèr ;  
Olha que as vidas são curtas,  
Pode algum de nós morrer.

Olhos que andaes ausentes,  
Que na villa não entraes,  
Tirae carta de seguro.  
Emquanto vos não livraes.

Da minha janella vêjo  
A Senhora das Areias,  
Que me guarda o meu amor,  
Que anda por terras alheias.

Quem me dera agora vêr  
Quem me agora aqui lembrou ;  
O meu amor, que é tão lindo,  
Que tão longe de ti estou.

Rio que vaes para baixo,  
Passas por um bem que adoro,  
Se te faltarem as aguas  
Leva as lagrimas que choro.

Tenho de ti muita pena,  
Pena de te vêr penar ;  
Pena de te vêr ausente,  
De te não poder lograr.

Vêjo mar e vejo terra,  
Vêjo espadas a luzir ;  
Tenho o meu amor na guerra,  
Não lhe posso accudir

Oh sete-estrello, que andaes  
De noite n'essas alturas,  
Dae-me novas do meu bem,  
Que eu d'elle não sei nenhuma.

Quem me dera saber lèr.  
Prenda que tanto gostava,  
Para saber lèr as novas  
Que o meu amor me mandava.

Desgraçado foi o pae  
Que deu a uma filha o lèr ;  
Porque namora por carta  
Sem a mãesinha saber.

Quem perdeu o que eu achei  
A' porta de uma donzella ?  
Foi uma carta de amor,  
Alguem chorará por ella,

Tenho no meu coração  
Letras que se podem lèr,  
Que dizem bem claramente  
Heide amar-te até morrer.

Se eu tivera papel de ouro,  
Comprava penna de prata,  
Apurara os meus sentidos,  
Escrevia-te uma carta.

O papel em que te escrevo  
Tiro-o da palma da mão,  
A tinta sáe-me dos olhos,  
A *penna* do coração.

Com a penna escrevo *penas*,  
Com pena soletro dôres ;  
Com que pennas não escrevo  
Uma carta aos meus amores!

Esta carta vae sem porte  
Remettida a quem quer bem ;  
Tem crime de mão cortada  
Se n'ella bulir alguem.

Vae-te. carta, onde te mando,  
A's mãos do meu bem parar ;  
Pede-lhe que com piedade  
De mim se queira lembrar.

Vae-te, carta, aonde te mando,  
Que uns lindos olhos vaes vêr ;  
Carta, põe-te de joelhos  
Quando te quizerem lèr.



Carta, se te perguntarem  
Quem foi o teu escrivão,  
Dize. que foi uma *pena*  
Nascida do coração.

Manda-me de lá dizer  
O preço que o rôxo tem.  
Que me quero vestir d'elle  
Por ausencia do meu bem.

O rôxo é sentimento,  
Eu sou a que estou sentida;  
Sinto mais a tua ausencia  
Do que a minha propria vida.

O rôxo é sentimento.  
Trago-o na minha almofada;  
Com o sentido no amor  
Não côso nem faço nada.

Com pena pego na penna,  
Com pena quero escrever,  
Caiu-me a penna no chão  
Com pena de te não vêr,

Atirei a penna ao ár,  
Caiu no chão fez um S:  
Ande lá por onde andar,  
Nunca o meu amor me esqueçe.

Fugiu-me a minha pombinha,  
Já não tenho portador;  
Já não tenho quem me leve  
Uma carta ao meu amor.

Procurei a um letrado,  
Qual era pena mais viva,  
Se uma ausencia dilatada,  
Se uma cruel despedida.

Oh rola, que vaes rolando,  
A fugir do gavião,  
Ella vae na veia d'agua,  
Barqueiro, tende-lhe a mão.

Lá vem o barco á vela,  
Lá vem a sardinha bôa,  
Lá vem o meu amorsinho  
Assentadinho á prôa.

Se estas arvores fallassem,  
Qualquer d'ellas te diria,  
Que a cantar por ti chamava,  
Que a chorar por ti vivia.

Fui vêr-te. estavas doente,  
Encostei-me no teu leito;  
Levanta-te e vem commigo,  
Roubador d'este meu peito.

Oh minha bella menina,  
Oh bella, se ella quizer,  
Heide ir pedil-a a seu pae  
Para ser minha mulher.

Menina lá da janella,  
Dê-me a mão, quero subir,  
Que eu sou muito vergonhoso,  
Pela porta não sei ir.

Heide-te amar, amar,  
Heide-te querer, querer,  
Heide-te tirar de casa  
Sem a tua mãe saber.

Cravo rôxo á janella  
E' signal de casamento;  
Menina, recolha o cravo,  
Que o casar tem muito tempo.

O anel que tu me deste  
N'aquella danza da aldeia,  
Era o élo que faltava  
P'ra cerrar nossa cadeia.

O anel que tu me deste  
Trago-o no dedo mendinho ;  
Cada vez que tu me lembrás,  
No anel dou um beijinho.

O anel que tu me deste  
Era de vidro e quebrou ;  
O amor que tu me tinhas  
Era pouco e acabou.

Adeus, casa de meus paes,  
Adeus, minha alta janella,  
Adeus, fatia de brôa  
Que se via o sol por ella.

Eu casei-me e cativei-me,  
Inda não me arrependi,  
Quanto mais vivo contigo  
Menos posso estar sem ti.

Eu casei-me hontem á noite,  
Nem por isso estou contente ;  
O rapaz por si é bom,  
Mas não tem que dar ao dente.

Minha mãe, casae-me cedo,  
Em quanto sou rapariga ;  
Que o milho sachado tarde  
Não dá palha nem espiga.

Minhe mãe, para casar,  
Prometteu-me quanto tinha ;  
E depois de estar casada :  
Filha, que já não és minha.

Eu cuidava que o casar  
Era só o dar a mão ;  
Sustentar mulher e filhos  
E' uma grande pensão.

Se a liberdade dos prezos  
Estivesse em minha mão,  
Já te agora tinha solto,  
Amor do meu coração.

Se o casar fôra tão doce  
No fim como é no comêço,  
Eu pedira a minha mãe  
Que me casasse do berço.

Solteirinha, não te cases,  
Logra-te da boa vida,  
Que eu bem sei de uma casada  
Que chora de arrependida.

Casadinha de ha tres dias,  
Que fazes ao teu marido ?  
Elle vae a minha casa,  
Chora que neim um perdido.

Casadinha de ha tres dias,  
Eil-a lá vae a chorar  
Pela vida de solteira,  
Que não a torna lograr.

Solteirinha côr de cravo,  
Tira-te ao pé da casada ;  
Casadinha de ha tres dias,  
Já tem a côr demudada.

Dei um nó que nunca dera  
Dado pela mão do cura ;  
E' nó que se não desata  
Se não para a sepultura.

Eu casei-me e cativei-me,  
Troquei a prata por cobre:  
Troquei minha liberdade  
Por dinheiro que não corre.

Maria, já te casaste,  
Já o laço te enganou;  
Queira Deus que sempre digas  
Se bem estava, melhor estou.

Quem é pobre, sempre é pobre,  
Quem é pobre nada tem ;  
Quem é rico sempre é nobre,  
E ás vezes não é ninguém.

Na torre do meu sentido  
Tenho um leito de ouro armado,  
Para descansar meu bem  
Quando vem afadigado.

Quem tiver filhos pequenos  
Por força lhe hade cantar ;  
Quantas vezes as mães cantam  
Com vontade de chorar !

Uma mãe que um filho embala  
Todo o seu fim é chorar,  
Só por não saber a sórte  
Que Deus tem para lhe dar.

Quem tiver filhas no mundo  
Não falle das malfadadas ;  
Por que as filhas da desgraça  
Tambem nasceram honradas,

Das filhas da desventura  
Devemos ter compaixão ;  
São mulheres como as mais,  
Filhas de Eva e Adão.

Debaixo do verde cedro  
Agua clara vi correr ;  
N'este mundo tudo esqueçe,  
Só de ti não pode ser.

O sete-estrello cahiu  
N'uma folha de giesta ;  
Cada vez te quero mais...  
Olha que cegueira esta !

O meu coração por arte  
Entrou no teu pensamento ;  
E' como o crime de faca,  
Que nunca tem livramento.

Algum dia em te vendo  
Morria por te fallar ;  
Agora nem posso vêr-te,  
Nem ouvir-te conversar.

A alegria dos meus olhos,  
Oh meu Deus, quem m'a levou?  
D'antes era tão alegre,  
Agora tão triste sou!

De que servem as esquinas  
Inclinadas ao luar,  
Se ellas não hão de encobrir  
Dois amantes a fallar?

Por mais que o loureiro cresça  
Ao céu não ha de chegar ;  
Por mais amores que eu tenha  
A ti não heide deixar.

O meu coração voando  
Dentro do teu foi cahir ;  
No meio partiu as azas,  
De lá não pode sahir.

O alecrim de Castella  
Tem a folha recortada;  
Quem souber dos meus amores,  
Cale-se, não diga nada;

Tira-te d'essa janella,  
Minha folhinha de alface;  
Já d'aqui me estás par'cendo  
Raio do sol quando nasce.

O meu amor deu-me penas,  
Agora posso voar;  
Quando mais pena me der,  
Mais eu gosto de amar.

Denegrída violeta,  
Quem me dera a tua còr,  
Para com ella poder  
Escrever ao meu amor.

Raparigas, cantae todas,  
Que inda aqui não ha tristeza;  
Inda aqui não ha quem tenha  
Sua liberdade preza,

Oh adro, quem te minara  
Lá por debaixo do chão;  
Oh amor, quem te lograra  
Sem haver murmuração.

Semei, não apanhei  
Herva cidreira na areia,  
Quem semeia não apanha,  
Que fará quem não semeia?

Eu perdi o meu lençinho  
No terreiro a dançar;  
Minha mãe não me dá outro,  
Em cabelo heide andar.

Quando te encontro na rua,  
Baixo os olhos n'um momento ;  
Ólho p'ra terra que pizas  
E com isso me contento.

Se me encontrares cadáver  
A' porta de uma ermida,  
Nem sequer co' pé me toques,  
Que posso voltar á vida.

José me ensinou a amar,  
Que eu nada disso sabia ;  
Para agora me deixar  
Como a noite deixa o dia.

A folhinha do salgueiro  
De amarello encarnou ;  
Estavas p'ra mim tão firme,  
Oh amor, quem te virou ?

Heide comprar um véo preto  
Para cobrir o meu rosto,  
Para que nenhum vadio  
Nos meus olhos faça gosto.

Chamas-te-me — amor perfeito,  
Cousa que a terra não cria ;  
Amor perfeito é Deus,  
Filho da Virgem Maria.

Já lá vae Abril e Maio,  
Já lá vão esses dois mezes ;  
Já lá vae a liberdade  
Com que te fallava ás vezes.

Heide cantar e dançar  
Emquanto solteira fôr,  
Que as falladeiras da rua  
Não têm nada que me pôr.



Eu heide amar o valverde  
Em quanto tiver verdura ;  
Heide amar a quem quizer,  
Inda não fiz escriptura.

O beijo que tu me deste  
Sem a tua mãe saber,  
Toma-o lá, já não o quero,  
Que já lh'o foram dizer.

Eu heide amar o luar,  
Deixar o escuro traidor;  
Heide amar a quem quizer,  
Não te devo nada, amor.

Eu heide-me ir assentar  
No cerco que leva a lua,  
Para vêr o meu amor  
As voltas que dá na rua.

O jasmim tem quatro folhas,  
Pelo meio tem enleios ;  
E' pensão de quem namora  
Dar á noite seus passeios.

Oh quem me dera saber  
O preço que o roxo tem,  
Para me vestir assim,  
Com sentimento de alguém.

Oh amor, vae e vem logo.  
Volta depois por aqui ;  
Que eu abaixarei meus olhos,  
Jurarei que te não vi.

Tendes coração de assucar,  
N'agua fria se derrete ;  
Dae-me uma pedrinha d'elle  
Para que o meu se não seque.

Esta rua tem pedrinhas,  
Esta rua pedras tem ;  
Das pedras não quero nada,  
Da rua quero alguém.

Toda a vida desejei  
O meu amor Manuel ;  
Agora tenho-o na mão,  
Caiu-me a sôpa no mel.

Oh áres da minha terra,  
Vinde por aqui, levae-me ;  
Que os áres da terra alheia  
Não fazem senão matar-me.

E não posso n'este mundo  
Levar tal á paciencia ;  
O que é meu logral-o outra...  
E' caso de consciencia.

Altos silencios da noite  
Minhas vozes vão rompendo ;  
Já que de dia não posso  
Fallar a quem eu pertendo.

Tu és cravo, eu sou rosa,  
Qual de nós se estima mais?  
Eu cravo, pelas esquinas,  
Tu, rosa, pelos quintaes.

Se eu te vira bem casada,  
Esse gosto era o meu ;  
Vêjo-te mal empregada,  
Choro o meu mal, sinto o teu.

As longas noites de inverno  
De enfadonhas são mortaes ;  
Passal-as, meu bem, contigo  
Ai Jesus ! quem dera mais.

O rouxinol, quando canta,  
Demove a penna no bico;  
Como não heide eu chorar  
Se tu te vaes e eu fico!

Minha terra, minha terra,  
Manda-me de lá dizer,  
Se o lindo amor que eu tinha  
Inda o tornarei a vêr.

Meu amor, pega na penna,  
Escreve, que eu vou ditando;  
Escreve, que hasde ser meu,  
Não sei o dia nem quando.

Tenho dois cravos a abrir  
Dentro de uma garrafinha,  
Para levar de presente  
A quem diz que hade ser minha.

Annel de ouro não é prenda,  
Nem tambem annel de prata,  
Annel de contas miudas  
E' prenda de amor que mata.

Vae-te embora, meu amor,  
Longe de mim vae morrer,  
Cá-me deixas nos meus olhos  
Duas fontes a correr.

Amor vário, amor louco,  
Amor das hervas do campo,  
Já me estava admirando  
Do teu amor durar tanto.

Tecedeira engraçada  
Tem o tear e não tece;  
Ou ella anda de amores  
Ou o tear lhe aborrece.

A rosa fechada cheira,  
Mais o cravo meio aberto ;  
Menina, se hade ser minha  
Eu quero sabel-o ao certo.

Todos os males se curam  
Com remedios de botica ;  
Só as tristes saudades  
Quem as tem com ellas fica.

Oh que noite tão escura,  
Oh que céu tão estrellado !  
Oh quem não tivesse amores,  
Que dormia descansado !

Quem me dera agora vêr  
Quem ha muito eu não vi ;  
Eu lhe dera o meu recado,  
Não o mandava por ti.

Não ha cousa n'este mundo  
Como viver ao desdem ;  
Fazer agrados a todos,  
Não querer bem a ninguem.

Vae-te embora, vae-te embora.  
Já tu te tiveras ido ;  
Se te fôras ha um anno,  
Já me tinhas esquecido.

Viola, minha viola,  
Tu comes commigo á meza ;  
Tu e'-la minha alegria,  
Quando eu sinto tristeza.

A folha da oliveira  
Quando chega ao lume estala ;  
Assim é o meu coração  
Quando contigo não falla.

Desgraçada foi a hora  
Que te fui fallar ao muro  
Palavrinhas em segredo,  
Logo foste contar tudo.

O meu amor é um cravo,  
Só eu o soube escolher ;  
Para o craveiro dar outro  
Hade tornar a nascer.

Eu já fui o teu amor,  
Agora já o não sou ;  
Se ainda para ti olho  
Foi geito que me ficou.

Inda sou quem era d'antes,  
Inda sigo os mesmos passos ;  
Quando vou á tua rua  
As pedras p'ra mim são laços.

Escrevo-te uma carta  
Co'sangue das minhas vêas ;  
Mas depois arrependi-me ;  
Meu sangue por mãos alheias !

Não choro por me deixares,  
Que o jardim mais flores tem ;  
Choro por não encontrares  
Quem te queira tanto bem.

Está o sol prezo á lua,  
A campainha ao sino ;  
O teu coração ao meu  
Com cadeias de ouro fino.

Altas torres tem teu peito,  
Eu entrar quero lá dentro,  
Que eu sou rendeiro do amor,  
Quero fazer pagamento.

A pedra que está no rio  
De leve não tem assento;  
Menina que falla a todos  
Tambem perde casamento.

Assentada á janella  
Está o amor a scismar;  
Não scismes, amor. não scismes,  
Que eu outra não heide amar.

Amorsinho, falla baixo  
Que as paredes tem ouvidos;  
Os amores mais encobertos;  
Sempre são os mais sabidos.

Passarinho passa o rio,  
Passa o rio e não bebe;  
Tambem eu passava a noite  
Comtigo, cara de neve.

Oh que pinheiro tão alto,  
Oh que pinhas tão còradas!  
Assim são as raparigas  
Emquanto não são casadas.

Minha rosa encarnada,  
Disposta ao pé do tanque;  
Passa-lhe agua pelo meio,  
Cada vez 'stá mais galante.

Tendes ouro no pescôço,  
Prata fina na garganta;  
Queres que te falle, menina,  
A's horas que o gallo canta?

A viola quer que eu morra,  
As cordas que eu endoideça;  
Tambem aquella menina  
Quer que eu por ella padeça.

Atrevida borboleta  
Assobiu á luz tyranna,  
De repente cabiu morta...  
Assim succede a quem ama.

Janellas sobre janellas,  
Postigos rentes ao chão,  
Carinhos quantos quizeres,  
Mas casar contigo não.

Oh meu manjeriçào verde,  
Aonde lograste o cheiro?  
—Na cama do meu amor,  
Debaixo do travesseiro.

A candêa por estar baixa  
Não deixa de alumiar;  
O amor por estar longe  
Não deixa de alembrear.

Dei um ai, tremeu a terra,  
Caín a flôr ao sargaço;  
Não faças caso de mim,  
Que eu de ti caso não faço.

Eu heide um dia apanhar-te  
N'uma quêlha apertadinha,  
Depois então perguntar-te  
Por que rasão não és minha.

Quem quizer ouvir cantar  
Vá ás grades da cadêa,  
Ouvirá cantar os prêzos  
Ás escuras sem candeia,

Trigueirinha, engraçada,  
Sou filha de um lavrador,  
Vou ao matto, vou á lenha,  
Assim me quer meu amor.

Das flôres que ha no campo  
O junquillo é o rei;  
Puzeste-te mal commigo,  
Choraste, que eu bem o sei.

Tive um amor, tive dois,  
Não quero ter nenhum mais;  
O meu coração está farto  
De dar suspiros e ais.

Verde é a malva cheirosa,  
Amargosa na raiz;  
Não te gabes que me deixas.  
Que fui eu que não te quiz.

Quem me dera a liberdade  
Que a réstea do luar tem;  
Entrava pela janella,  
Ia fallar ao meu bem,

Menina, se sabe lèr,  
Leia no meu coração,  
Que dentro d'elle achará  
Se lhe quero bem ou não.

Aquelle primeiro amor  
Que no mundo tem a gente,  
Não sei que doçura tem,  
Que lembra constantemente.

Chamaste-me trigueirinha,  
Isso é de andar ao sol.  
Toda a fructa que é zombria  
Essa não é da melhor.

Quatro cousas quer o amo  
Do creado que o serve:  
Deitar tarde e erguer cêdo,  
Comer pouco, andar alegre.



Menina, que anda a dançar  
Com a saia arregaçada,  
Sempre quero que me diga  
Se ella é sua ou emprestada?

Raparigas, cantae todas,  
Vamos todas ao terreiro;  
Vamos pequenas e grandes,  
Toda a palha faz palheiro.

Eu heide amar ás avéssas,  
Para ninguem o saber;  
Passa por mim, fecha os olhos,  
Faze-te cega sem o ser.

Tudo no mundo acaba,  
Degenera e faz mudança,  
Só para mim não acaba  
A tua cara lembrança.

Oh, olhos da minha cara,  
Não olheis para ninguem,  
Já que perdestes a graça,  
Perdei a vista tambem.

Sentei-me á beira do rio  
Para as águas vêr correr;  
Vi correr a dos meus olhos,  
Para mais penas eu ter.

Ceguei mesmo agora á rua,  
Já sei o que vae por ella;  
Furtaram ao meu amor  
Um craveiro da janella,

Eu tenho raiva ao norte  
Que me desfolha o meu cravo;  
Tenho raiva a mim mesma,  
Por não ser do teu agrado.

Eu gosto de vêr dançar  
Quem tem a saia rasteira,  
Põe o pé firme no chão,  
Não alevanta poeira.

Erva cidreira do monte  
E' regalo dos pastores,  
Deitam o gado a ella,  
E vão vêr os seus amores.

Eu amara-te. menina,  
Se não fôra um senão,  
Seres pia de agoa benta  
Onde todos põem a mão.

Estrellas do céu, cahí,  
Vinde fazer juramento,  
Vinde dizer se me vistes  
Com alguém perder o tempo.

Oh meu amor, meu amor,  
Minha primeira afeição,  
Has de ser o oratorio  
Aonde eu faço oração.

Tendes parreirinha á porta,  
Tendes sombra ragalada;  
Tendes fama de bonita,  
Deveis ser bem procurada...

Tendes a videira á porta,  
Mas não a sabeis podar;  
Tendes o amor defronte,  
Não o sabeis namorar.

Não ha sol como o de maio,  
Luar como o de janeiro,  
Nem cravo como o regado,  
Nem amor como o primeiro.

Quatro cousas são precisas  
Para saber namorar:  
Olho fino, pé ligeiro,  
Responder, saber fallar.

Dizem, que matam amores,  
Ai. quem me dera morrer;  
Vale mais morrer de amores,  
Do que sem elles viver.

Olha para mim e ri-te,  
Tira-te d'essa tristeza ;  
Olha que nunca hasde achar  
Coração de mais firmeza.

Adeus campos, adeus valles,  
Adeus amor que eu amei;  
Ainda agora adoro o sitio  
Onde contigo fallei.

De noite tudo são sombras,  
N'ellas te heide procurar;  
Já que de dia não posso  
Tuas fallas alcançar.

Oh luar da meia noite,  
Guarda-te lá p'ra o verão;  
Quem anda cego de amores  
Quer escuro, luar não.

Abre-me a porta, que eu morro.  
Não abras, que eu já morri;  
Não me faças perder a alma,  
Que o corpo já eu perdi.

De uma falla que te dei  
Logo te foste gabar;  
Pela bocca morre o peixe.  
Bem te puderas calar.

Inda que eu viva mais annos  
Do que folhas tem o vime.  
Não me hasde achar mudado,  
Se não cada vez mais firme.

Amores ao pé da porta,  
Oh quem os pudera ter:  
Antes que a hocca não falle  
Os olhos gostam de vêr.

O amar não é um crime,  
Nem o confessor o quita;  
Quem morre n'esses teus braços  
Não morre, mas resucita,

Toda a mulher que se casa  
Grande castigo merece,  
Deixa seu pae, sua mãe,  
Vae amar quem não conhece.

O sol quando nasce, inclina;  
O sol quando inclina queima;  
Heide amar quem eu quizer  
Só por causa de uma teima,

Quem falla de mim, quem falla,  
Quem falla de mim, quem é?  
Quem não é capaz de ser  
Sapato para o meu pé.

Se tu me quizeras bem  
Como as palavras que dizes,  
O meu coração ao teu  
Tinha deitado raizes.

Eu tenho ouvido dizer:  
Palavras leva-as o vento;  
As minhas para contigo  
Tragoas eu no pensamento.

Apaga-me essa candêa,  
Que está o azeite caro;  
Defronte de mim estão olhos  
Que alumiam mais claro.

Coitadinho de quem nasce  
No mundo sem ter ventura!  
E' como o prato que quebra,  
Que atiram com elle á rua.

Se eu morrer em meu juizo,  
No meu sentido perfeito,  
Heide pedir que me enterrem  
No jardim d'esse teu peito.

Adeus, caminho da fonte,  
Pedra fina de alto preço;  
Outro virá que te logre,  
Já que eu te não mereço,

Oh minha pombinha branca,  
Quando é que hade ser a hora,  
Que tu has de dar um salto  
D'esse pombal para fóra?

Oh lindo calix da flor,  
Onde a abelha tem sustento;  
Nos olhos do meu amor  
E' que eu emprego o meu tempo,

Oh que linda troca de olhos,  
Que fizeram dois amantes  
Trocaram dois olhos pretos  
Por dois azues bem galantes.

Dá-me um ár da tua graça,  
Oh meu junquillo amarello;  
Ninguem pode avaliar  
O grande bem que te quero.

Vestem-se os áres de luto,  
As estrellas põem véo,  
Ando mal co' meu amor,  
E' bem que o saiba o céo.

Esta noite foi meu gosto,  
Outra noite foi regalo;  
Heide-me ir a divertir  
Até ao cantar do galo.

Adeus, caminho da fonte,  
Já de mim não és seguido,  
Já não encontro por lá  
Quem eu trago no sentido.

O sete-estrello vae alto,  
Já está para amanhecer;  
Vou-me embora, meu amor,  
Que me podem conhecer.

Aqui tens a minha mão  
Unida palma com palma;  
Aqui tens meu coração  
Para unir á tua alma.

O meu amor hont' á noite  
Pela porta me passou;  
Por causa da vizinhança  
Nem o chapéo me tirou.

Mandei-te um ramo de rosas,  
Atado com uma fita;  
E dentro o meu coração  
P'ra fazer-te uma visita.

Não ha flôr como o suspiro  
Nem cheiro mais excellente;  
Não ha pena que mais mate  
Ter amor e estar ausente.

O meu nome é só — amar-te,  
Meu sobrenome — querer-te;  
Meu appellido — adorar-te  
Minha alcunha — merecer-te.

A'manhã, se Deus quizer,  
Domingo, se não chover,  
Heide ir vêr o meu amor,  
Se a ribeira não encher.

O cedro vae para o ár,  
Mangerona no pé fica;  
Não sei que amor é o teu,  
Que tanto me mortifica.

Quando passares por mim  
Baixa os olhos p'ra me vêr;  
Pedemos andar de amores,  
Sem ninguém o perceber.

Deita-me de lá os olhos  
Debaixo d'essa latada;  
Inda que meu pae não queira,  
Minha palavra esta dada.

Foste dizer mal de mim  
Ao rapaz que me namora;  
Se d'antes me queria bem,  
Muito mais me quer agora.

Não me ponha a mão na cinta,  
Diga de longe o que quer;  
Não perde você, que é homem,  
Perco eu, que sou mulher.

Vae-te embora, meu bemsinho,  
Que minha mãe não está cá;  
Se ella vier, que nos ouça,  
O que dirá! que dirá!

O que dirá? que dirá?  
 Mas que hade ella dizer?  
 —Isto são rapazes novos,  
 Anda-lhe o sangue a ferver.

Se eu domingo fôr a missa,  
 Não venhas commigo, não;  
 Nem eu rezo, nem tu rezas...  
 Não posso dar-te attenção.

Minha mãe chamou-me Rosa,  
 Tinha de ser desgraçada;  
 Pois não ha nenhuma rosa  
 Que não seja desfolhada.

Tenho pena de quem pena,  
 Pena de quem pena tem;  
 Tenho pena de mim mesmo,  
 De mim não a tem ninguem.

Oh oliveira do adro,  
 Não faças sembra á egreja,  
 Que no tempo em que estamos  
 Ninguem logra o que deseja.

Da terra sáe a videira,  
 Sáem da videira as uvas;  
 As solteiras são casadas,  
 E as casadas são viuvas.

Menina, dizer finezas  
 Só o proprio pretendente;  
 Porque o amor não se finge  
 Só o pinta quem o sente.

Semei, não recolhi,  
 Bem pudera recolher;  
 Semei os teus agrados,  
 Não me quizeram nascer !



Dizes que tenho amores,  
Santissimo Sacramento!  
Nem os tenho, nem os quero  
Nem me vem ao pensamento.

Os olhos do meu amor  
São delicados em tudo;  
Pretos como uma amora,  
Macios como velludo.

Menina, por ser bonita,  
Não cuide que mais merece;  
Quanto mais linda é a rosa,  
Mais depressa desvanece.

Já cortei o meu cabello,  
Já la váe a minha gala;  
A culpa tive-a eu . . .  
Deixasse fallar quem falla

Deste-me alecrim por prenda,  
Por ter a folha miuda;  
Quizeste-me experimentar . . .  
Meu coração não se muda.

Junqueiro perto do mato  
E' signal de fonte haver;  
De todas já me esqueci,  
Só de ti não pode ser.

Não canto por bem cantar,  
Nem meu cantar bem parece;  
Canto para alliviar  
Meu coração que padece.

Não canto por bem cantar,  
Nem por boas fallas ter;  
Canto por dar que fallar  
A quem não tem que dizer.

Aqui venho cantar penas,  
Não é por mim que as já tenho,  
E' p'ra servir um amigo  
Que me pediu por empenho.

Não sei se cante se chore  
Para allivio de uma pena;  
Se canto nada me esquece,  
Se choro tudo me lembra.

Se eu fôra rico e feliz,  
Eu fidalgo e tu ninguém,  
Nada d'isso me importava,  
Bondava eu querer-te bem.

Não sou pedra valadía  
Nem paréde mal assente;  
Onde puzer os meus olhos  
Heide pôl-os para sempre.

Quem me dera ser tão fino  
Como o linho que fiaes,  
Que vos dera tantos beijos  
Como vós no linho daes.

Eu para ti sempre a olhar,  
E tu sem nunca me vêres!  
Olha, amor, a differença  
Que ha entre os nossos quereress.

Amor com amor se paga,  
Nunca vi cousa mais justa,  
Paga-me contigo mesmo,  
Meu amor, pouco te custa,

Passarinho, se tu podes  
Com penas andar cantando,  
Pois eu cá não sou assim,  
Com penas ando chorando.

Tenho um vestido de penas,  
Não m'ó fez o alfayate,  
Eu o talhei ao meu corpo,  
Eu o levei ao remate.

O meu coração é terra,  
Heide mandal-o cavar,  
E semear-lhe desejos  
Que tenho de te fallar.

Semei cravos na areia,  
Diz, amor, se nascerão?  
Dize-me se estão seguros  
Segredos na tua mão.

Se o céo fosse papel  
E fosse tinteiro o mar,  
Ainda assim não diria  
Quanto eu te posso amar.

Coitadinho de quem tem  
Seus amores em segredo ;  
Passa por elles na rua,  
Não lhes falla, que tem medo.

Esta fonte linda é,  
E de umas aguas bem puras ;  
Ai, assim fossem as lagrimas  
Do amor que tu me juras.

Eu nasci sem coração,  
Sendo com elle gerado ;  
Antes de eu vir ao mundo  
Já tu m'ó tinhas roubado.

Nunca pensei que chegasse  
A ser como o passarinho,  
Todo coberto de penas,  
Miseravel, coitadinho.

Já fui ás minas do ouro,  
Dos cristaes e diamantes,  
Tenho visto muita estrella,  
Teus olhos são mais brilhantes.

Eu amei, fui desgraçado,  
Jurei nunca mais amar;  
Os teus olhos me fizeram  
O juramento quebrar.

No principio do meu mundo  
Fui lavrador muitos annos;  
Semei muitos carinhos,  
Apanhei só desenganos.

Eu vendo o meu coração  
Bem barato, na verdade;  
E não ha quem lance n'elle  
Um real de lealdade.

As ondas do mar são verdes,  
Na terra tudo é verdura;  
Todos logram seus amores,  
Só eu não tenho ventura.

A silva que me prendeu  
Mora n'aquelle vallado;  
Nunca porta me fechou  
Com tão forte cadeado.

A silva tem mil piquinhos,  
Mil agarros com que prende,  
Não diga que sabe pouco  
Quem do amor se defende.

Silva verde, não me prendas,  
Que eu não tenho quem me solte;  
Não queiras ser. silva verde,  
A causa da minha morte.

Semearam os teus olhos  
No interior do meu peito,  
Suspiros, que produziram  
Saudade e amor perfeito.

Atirei a penna ao ár,  
Cahiu no chão, fez um I;  
Ande lá por onde andar,  
Nunca me esqueço de ti.

Oh meu amor, ama, ama,  
Mete raiva a que a tem;  
Quanto mais o mundo falla,  
Inda mais te quero bem.

O crávo por sympathia  
A' linda rosa se uniu;  
Foram laços tão perfeitos  
Que amor perfeito saiu.

Aqui te venho cantar  
A' tua porta da sala;  
Se estás a dormir acorda,  
Se estás acordada falla.

O amor que passa de anno  
Deixal-o não é rasão;  
Ha tempo de ter creado  
Raizes no coração.

O cantarinho quebrou-se  
À porta dos namorados;  
Puz-me a apanhar os caquinhos  
Como quem apanha cravos.

Janella de páo de pinho,  
Por minha causa te abriste;  
Torna a fechar-te, janella,  
Faze, amor, que me não viste.

Fui ao jardim passear,  
Achei a porta fechada,  
Encontrei o meu amor,  
Que era a flor que eu buscava.

Candeia de quatro luzes.  
Que alumia aos quatro cantos ;  
Mal empregada menina  
Ser namorada de tantos !

Olhos pretos bonitinhos,  
Ai, mal haja quem vos ama ;  
Com outros passaes o tempo,  
Commigo tendes a fama.

Cada vez que vou á missa,  
Ao tomar a agua benta,  
Logo ólho, e se te vêjo  
Algum peccado me tenta.

Esta rua não tem nome,  
Quero-lh'o agora pôr ;  
Ella é a rua das flôres  
Onde mora o meu amor.

José quero, José amo,  
José trago no sentido,  
Por amor de ti, José,  
O somno trago perdido.

Oh menina da janella,  
Deite a cabeça p'ra rua ;  
Servirá de estrella d'alva  
Depois de acabar a lua.

Tu és a sombra eu sou sol,  
Qual de nós será mais querido ?  
Sombra de verão é regalo,  
Sol de inverno appetecido.

O cantar é dos anjos,  
O bailar dos namorados.  
A alegria dos solteiros,  
A tristeza dos casados.

Tu, amor, sempre a cantar,  
Com cantigas se namora;  
Oh minha mãe, venha ouvir  
O cantar da sua nóra.

Se eu cantar também soubera  
Como sei fazer cantigas,  
Fazia chorar as pedras,  
Quanto mais as raparigas.

Inda eu agora reparo  
Em quem anda no terreiro;  
Anda o cravo mais a rosa,  
Anda o ramilhete inteiro.

Menina, não faça caso  
Da cantiga ser errada;  
Tambem um bom caçador  
Atira, não mata nada.

O meu coração é vidro,  
E' vidro na tua mão;  
Se tu queres, vinga-te n'elle,  
Deixa-o cahir no chão...

Cuidavas que eu não sabia  
O que tu de mim tens dito?  
Dize lá o que quizeres,  
O que eu era sempre fico.

Fui á fonte dos amores,  
Passei pela dos cuidados;  
Enchi o pote de rosas,  
Fiz a rodilha de cravos.

Minha mãe está-me a chamar.  
—Minha mãe, eu vou, eu vou!  
Muito me custa a apartar  
Do amor com quem estou.

Quando eu era pequenino,  
E minha mãe me embalava,  
Para me calar dizia,  
Que eu para ti me creava.

Oh que lindos olhos tendes,  
Dae-os ao sol para raios;  
Se vol-os alguém pedir,  
Dizei que são meus, guardae-os.

Cravos brancos na janella,  
Menina, não os tenhaes,  
Dá-lhes o vento elles bolem,  
Cuidam que vós me acenaes.

O amor de uma viuva  
E' como o comer sem sal,  
E' como a fructa sombria  
Que não sabe bem nem mal.

Eu heide dar a meus olhos  
Um rigoroso castigo,  
Já que elles por bem não querem  
Tirar de ti o sentido.

Se eu soubera lèr no céo  
Como sei escrever na areia,  
Não me havia de escapar  
Moça bonita nem feia

Foste pedir-me a meu pae  
Sem saberes o querer meu;  
Em tudo meu pae governa,  
Mas ahi governo eu.



Oh, prima, chama-me primo,  
Oh primo, não te sou nada;  
D'onde nos viria agora  
Esta nossa parentada?

Tive um amor, tive dois,  
Não quero ter nenhum mais;  
O meu coração está farto  
De dar suspiros e ais.

Noite escura, noite escura  
E' para mim um regalo;  
Ai, quanta pena me deste,  
Noite de luar claro.

Tendes olhos de matar,  
A bocca compadecida;  
Por que mataes com os olhos,  
Se com a bocca daes vida?

Mandas-te-me colher rosas,  
A picar os meus dedinhos;  
Dae-me agora os alfinetes  
Para tirar os espinhos.

Fiz a cama na amoreira  
Sem cobertor nem lençol;  
A cama sem rapariga  
E' como o dia sem sol.

Canta o gallo, que é de noite  
Relógio dos namorados;  
Vamo-nos d'aqui embora,  
Não nos achem descuidados.

Bem parece o carro novo  
A' porta de um lavrador;  
Bem parece uma menina  
Nos braços do seu amor.

O meu amor engeitou-me,  
Eu dou-me por engeitada,  
Faço de conta que sou  
Viuva sem ser casada.

Eu subi ao altar-mór,  
Accendi velas ao throno ;  
Ai de mim, que estou amando  
Carinhos que já têm dono.

O amor procura agrado.  
Não procura formosura ;  
Formosura sem agrado  
E' viver em noite escura.

Tenho dentro do meu peito  
Duas escadas de flores,  
Por uma descem suspiros  
Por outra sobem amores.

Não ha sabbado sem sol,  
Nem rosmaninho sem flor ;  
Nem casada sem ciume,  
Nem solteira sem amor.

Esse cabello na testa  
Mette-te infinita graça,  
Parece meadas de ouro  
Aonde o sol se embaraça.

As quatro esquinas da praça  
Já não se chamam esquinas ;  
Chamam-se confissionarios  
De confessar as meninas.

Nas ondas de teu cabello  
Me heide lançar a nadar ;  
Quero que saibas, menina,  
Que ha ondas sem ser no mar.

Tendes o rosto vermelho,  
Roubastes a côr ao cravo,  
A branquidão á açucena,  
Trazeis o jardim roubado.

Os meus olhos, coitadinhos,  
Namoraram-se dos teus;  
Se namorar é um crime,  
Criminosos são os meus.

Chamaste-me trigueirinha,  
Eu sou da côr da cereja;  
Quem por minha porta passa,  
A minha côr me deseja.

Ceguei á borda do rio,  
Aos olhos dei liberdade;  
Bem tolinha estava eu  
Quando te fiz a vontade.

Nem a rir nem a brincar,  
Não me ponha a mão na cinta;  
Tem crime de mão cortada  
Quem com o amor d'outrem brinca.

Trago-te na mão pintado,  
No coração escrevido,  
Na memoria retratado,  
No centro d'alma mettido.

A cantiga que cantares  
Não a cantes duas vezes;  
A semana tem seis dias,  
O anno tem doze mezes.

O cabelo entrançado.  
Serve de toda a maneira,  
De dia serve de gala,  
A' noite de cabeceira.

Jurei pelo junco verde.  
Que é a jura dos pastores,  
Que não ha fonte sem limo,  
Nem donzella sem amores.

Oh mar largo. oh mar largo,  
Oh mar largo, sem ter fundo;  
Mais vale andar no mar largo,  
Que andar nas boccas do mundo.

As ondas do mar lá fóra,  
São pretas e amarellas,  
Coitadinho de quem nasce,  
Para andar ao cimo d'ellas.

Oh minha pombinha branca,  
Empresta-me o teu vestido;  
Se o teu vestido são penas,  
Eu penas trago commigo.

Menina da saia azul,  
Com relolio á cintura,  
Fuja da sombra dos homens,  
Que é sombra de má ventura.

A agua do rio vae turva,  
A da fonte lameirenta,  
O amor que não é firme,  
Em bem pouco se experimenta.

Eu sou soldadinho novo,  
Que ha pouco assentei praça,  
Faço quartel no teu peito,  
Assisto na tua graça.

Debaixo da oliveira  
Não chove nem cáe orvalho;  
Menina, que hade ser minha  
Não me dê tanto trabalho.

Cantigas são pataratas,  
Cantigas leva-as o vento;  
Quem se fia em cantigas  
Tem fraco entendimento.

Vá andando, vá andando,  
E não olhe para traz;  
Que lhe importa a rapariga  
Se ella namora o rapaz.

Ao passar da ribeirinha,  
Josésinho, dá cá a mão;  
Eu prometti de ser tua,  
Mas por ora ainda não.

O meu amor me disse hoje  
Que domingo fallaremos;  
A semana tem seis dias,  
Mas eu inda quero menos.

Minha maçan córadinha,  
Córadinha na maceira,  
Córadinha de casada,  
Que faria de solteira!

O sol posto quer encosto,  
Eu morro por me encostar;  
Você morre por me vêr,  
Eu morro por lhe fallar.

Eu fui-me chorar á serra,  
Suspirar a uma montanha;  
Chora, chora, desgraçado,  
Não ha mal que te não venha.

Namorei uma casada,  
Mas logo pensei assim;  
Quem é falsa ao seu marido,  
Não me é leal a mim.

Rouxinol de penna verde,  
Não vás cantar ao loureiro,  
Que acordarás a menina  
Que está no somno primeiro.

Cantae, meninas, cantae,  
Alegrae o rouxinol,  
Alegrae quem tem amores,  
Que eu já estou fóra do rol.

Não ha pão como o alvo,  
Nem carne como o carneiro,  
Nem peixe como a pescada,  
Nem amor como o primeiro.

Menina. se sabe lèr,  
Leia-me no coração,  
Que dentro d'elle ha de achar  
Se lhe eu quero bem ou não.

Ai Jesus, que me piquei,  
N'esta rua não ha tojos;  
Picou-me aquella menina  
Da janella com seus olhos.

Mangericão orvalhado  
Não o leveis á cidade,  
Tem um cheiro tão activo  
Que logo colhe amisade.

Esta rua é bem comprida,  
No meio tem quatro cantos,  
Mal empregada menina  
Ser namorada de tantos.

Fui ao mar buscar conchinchas,  
Na descende da maré,  
Ai Jesus, como são doces  
As tuas fallas, José!

Fui chorar á beira d'agua  
Lgrimas de sentimento;  
As aguas me responderam:  
Nada cura como o tempo.

Assentada á beira-mar,  
Chorando por ti, amor,  
As ondas me responderam:  
Que esperas tu de um traidor?

Na conversa mais sincera  
Me prendeu tua amisade,  
Agora vêjo-me preza,  
Já não tenho liberdade.

Altas serras, baixas penhas,  
Oliveira com suas ramas,  
Não dês ouvidos a queixas,  
Não deixes de amar quem amas.

Juro pelo junco verde,  
Pela palha da linhaça,  
Que hei de andar á tua vista  
Até te cair em graça.

A amora nasce da silva,  
A silva nasce do chão,  
A vista nasce dos olhos,  
O amor do coração.

Fui-me confessar e disse  
Que te estava namorando;  
Por penitencia me deram,  
Que fosse continuando.

D'aqui d'onde estou bem vêjo  
Olhos que me estão matando;  
Matae-me de vagarinho,  
Que eu quero morrer gosando.

As têlhas do teu telhado,  
Com as pedras do teu muro,  
E' que podem declarar  
As vezes que eu te procuro.

Não me passeies á porta  
Nem de noite nem de dia.  
Que eu não sou santo nem santa  
A quem façam romaria.

A salsa vende-se aos môlhos,  
O alecrim ás mãos cheias;  
Tanto custaram a Deus  
As bonitas como as feias.

Anjos do céu te respondam,  
Que eu não te sei responder,  
Quem vê uns olhos bonitos  
Por força se ha de perder.

Lgrimas duas a duas,  
Suspiros aos seis e aos cinco,  
Penas que por ti padeço  
Deus as sabe e eu as sinto.

Eu hei de dar-te um raminho  
Feito de cravos e goivos;  
Quer tu queiras quer não queiras,  
Nós havemos de ser noivos.

Quando o alecrim diz amores,  
Que dirão os namorados?  
Já não ha palmeira benta  
Que possa unir mal-casados.

Quem se viu como eu me vi!...  
E se vê como eu me vêjo!...  
Não se lembra mais do mundo,  
Só da morte tem desejo.



Oh alto freixo musgoso,  
Criado na terra forte,  
O dia que te não vêjo  
Ando nas ancias da morte.

O meu sapato me aperta,  
A meia me faz calor,  
O coração me arrebenta  
Se te não fallo, amor.

Oh Anninha, minha Anninha,  
Oh Anninha da varanda,  
E's uma carta fechada  
Onde o meu segredo anda.

Salgueiro da borda d'agua,  
Deixa passar os peixinhos ;  
Quem namora ás escondidas  
Quer abraços e beijinhos.

Vivo triste, pensativo,  
Suspirando, dando ais,  
Desejando de saber  
Se por outra me deixaes.

Indo pela rua abaixo,  
Toda a gente me quer bem ;  
Só a mãe do meu amor  
Não sei que raiva me tem.

Inda agora aqui chegou  
O filho da minha mãe,  
Para fazer cortezia  
A quem lh'a fizer tambem.

Considera, oh meu amor,  
Como posso estar contente,  
Passar eu tantos trabalhos  
P'ra viver de ti ausente.

Raparigas, cantem todas,  
Oh rapaz, canta com ellas;  
O amor é d'ellas todas,  
O rapaz é de uma d'ellas.

Mangerona bate á porta,  
Çucena, vae vèr quem é;  
Oh rosa, vae acceitar  
Saudades do meu José.

O meu amor, coitadinho,  
De repente adoeceu,  
Faltaram-lhe os teus carinhos,  
Não pôde viverer. morreu.

Vem commigo oh lindo amor,  
Vem commigo passeiar,  
Apanhar a rosa branca  
Que se está a desfolhar.

Eu fui o que assentei praça  
No batalhão do amor;  
Jurei na real bandeira  
Em nunca ser desertor.

Ainda agora eu reparei  
Quem andava no terreiro;  
Anda o cravo com a rosa,  
Anda o ramilhete inteiro.

Oh amor, vae e vem logo,  
A' vinda, vem por aqui;  
Que eu abaixarei meus olhos,  
Jurarei que te não vi.

Oh alta serra da neve,  
D'onde a flor da murta assiste,  
Se eu não logro esses teus olhos  
Toda a vida andarei triste.

Passarinho, que cantaes  
Nas manhãsinhas serenas,  
A todos aliviaes,  
Só a mim dobraes as penas.

Oh oliveira do adro,  
Não faças sombra á egreja ;  
Que na éra em que estamos  
Ninguem logra o que deseja.

Eu heide ir ao céo em vida,  
Pedir ao Senhor por ti ;  
Por teu pae, por tua mãe  
Que te creou para mim.

Se eu tivera minha mãe,  
Como vós tendes a vossa,  
Eu atara o meu cabello  
Com uma fita côr de rosa.

Quando te eu ouço cantar,  
Meu coração se me alegra ;  
Pela falla te conheço  
Que tu és da minha terra.

Se te quizera dar penas,  
Dar ao mundo que fallar,  
Ia-te vêr ao ribeiro  
Onde estavas a lavar.

Oh vida da minha vida,  
Da minha vida não sei ;  
Sei o que tenho passado,  
Não sei o que passarei.

Oh alta serra de neve,  
Onde a agua sobe e desce ;  
Quem me dera ter amores  
Onde ninguem o soubesse.

Quero dar a despedida,  
Despedida rigorosa;  
Como se hade apartar.  
O cravo do pé da rosa?

Lureiro. verde loureiro,  
Quem te dispoz no caminho?  
Quantos passam e não passam  
Todos tiram seu raminho.

Loureiro, verde loureiro,  
Oh loureiro ramalhudo;  
Tornaes a culpa ao loureiro,  
O loureiro paga tudo.

Loureiro, verde loureiro,  
A baga é o teu fructo;  
Foste o meu primeiro amor,  
Deixar-te custa-me muito.

Quando eu disser que não,  
Repara no que eu te digo,  
Que este meu dizer que não  
E' o sim para contigo.

A primavera ausentou-se.  
Deixou as flores no campo;  
Tambem eu me ausentei  
De quem me queria tanto.

Assubi-me ao outeirinho  
Para vêr a minha terra;  
Os doentes sarariam  
Com o ár que vinha d'ella.

Ai de mim, aonde estou?  
Minha terra aonde fica?  
Remedios para os meus males  
Não os ha n'esta botica.

Considera, amor, que eu durmo  
N'uma cama de junquinhos,  
N'um lençol de saudades,  
N'um cobertor de suspiros.

Tudo o que é verde renasce'  
Lá na entrada do verão;  
Tudo torna a renascer,  
Só a mocidade não.

Lá acima. n'aquella serra,  
Ouvi dar ais, escutei;  
Era a minha mocidade  
Que eu em ti mal empreguei.

Pena triste, pena triste,  
Oh quem não hade chorar!  
Que se vê na terra alheia,  
Fora do seu natural.

Já não quero cantar mais  
Na tua terra, oh menina,  
Que me chegam saudades,  
Quero ir cantar á minha.

Oh viola! toca, toca,  
Oh cordas, dobrae, dobrae,  
Oh cordas, hoje havemos de ir  
Vêr a nora do meu pae.

Trazeis o cabello atado,  
Ouro de redol da trança,  
Quem do ouro faz rodilha,  
Do amor faz a mudança.

Oh minha bella menina,  
O sol vae alto, não queima;  
Eu heide amar os teus olhos,  
Só por amor de uma teima.

Alto pinheiro redondo,  
Com ramo de pinhas verdes ;  
Quem me dera agora vêr  
Quem me lembra tantas vezes !

Se fôres lavar ao rio,  
Lava na pedra do meio ;  
Se te atirarem com rosas,  
Apanha-as, mete as no seio.

As estrellas se admiram,  
E elle é para admirar,  
Aquellas idas de noite  
No que vieram a dar.

As estrellas se admiram  
D'este meu andar de noite ;  
As passadas serão minhas,  
O proveito será de outro.

Oh estrellinha da noite,  
Vinde ao meu juramento ;  
Vinde jurar a verdade,  
Que dil-o amor que eu mento.

Por o lenço te conheço,  
Pela larga cercadura ;  
E' tempo, amor, é tempo  
De dar os banhos ao cura.

Oh que ranchinho de môças  
Esta terra vae criando !  
Quem me fôra o dizimeiro,  
Que eu as fôra dizimando.

Você diz que me não quer,  
Olha a pena, olha, agora !  
Eu tenho na minha terra  
Quem de joelhos me adora

A rolinha vae rolando  
Por cima dos pinheiraes ;  
Leva-me uma carta, rola,  
Ao meu amor dos Fiaes.

Tendes dois olhos na cara  
Que parecem dois foguetes ;  
Tendes na bocca um cravo,  
Nas faces dois ramilhetes.

Deus me dera ser a fita  
Com que ataes o cotão,  
Que sentira quantos baques  
Dá o vosso coração.

Apagaste a candeia  
Que estava no velador ;  
Agora vae-te deitar  
Às escuras, meu amor.

Muito custa uma ausencia  
P'ra quem a sabe sentir ;  
Mais custa uma presença  
De vêr e não possuir.

Defronte da minha porta  
Mora uma chocalheira ;  
Leva novas, traz recados,  
Anda sempre na carreira.

O alecrim é encanto,  
Eu morri por te encontrar ;  
Se tu morres por me vêr,  
Eu morro por te fallar.

Adeus, oh estrada nova,  
Adeus, meninas da brita,  
Antes que m'eu vá embora,  
O meu amor cá me fica.

Dá-me um beijo, dou-te dois,  
Darei-te a paga dobrada ;  
E' estylo de quem ama  
Não ficar a dever nada.

Alerta, pombinha, álerda,  
Quem tem amores não dorme ;  
Quem tem telhados de vidro  
Jogar a pedra não pode.

Minha mãe me está chamando,  
Minha senhora! já vou ;  
Que não me posso apartar.  
Da conversa em que estou.

Quem não tem graça no mundo,  
Não se aqueixe com ninguem ;  
Vá seguindo sua sorte  
Conforme ventura tem.

Mandaste-me perguntar  
Se eu inda tinha maleitas ;  
Inda me dão mas termuras  
Ao pé das môças bem feitas.

O meu coração veste luto,  
A mais ninguem lhe morreu,  
Bem de luto deve andar  
Quem o seu amor perdeu.

O meu coração é sala  
D'onde passeia a açucena,  
Não ha gosto n'esta vida  
Que não acabe com pena.

Fui passear ao campo,  
Santo Antonio me chamou ;  
Quando o santo chama as môças,  
Que fará quem já peccou.



Os olhos azues são lindos,  
E cheios de ingratição ;  
E' por elles que padece  
O meu triste coração.

Assubi-me ao penedinho  
Para a agua vêr correr ;  
Não sei que amor é o teu,  
Que não me pode esquecer.

Meu colletinho de linho,  
Talhado na perfeição,  
Quem me dera a dona d'elle  
Têl-a segura na mão.

Adeus, oh sol de maic,  
Adeus, luar de janeiro,  
Adeus, oh minha menina,  
Que foi meu amor primeiro.

Anda d'ahi, vamos ambos  
Ao freixo tirar os ninhos,  
Que está o freixo quebrando  
Com o pezo dos passarinhos.

Nunca fui nem tenho sido  
Rapaz bem adinheirado,  
Tenho sido alguma cousa  
De amores afortunado.

Pela folha da videira  
Conheço a da latada,  
Faço-me desentendido,  
A mim não me escapa nada.

Vós dizeis que não ha rosas,  
Que as queimou a geada ;  
Por desgraça escapou uma,  
Na minha cama deitada.

Tenho ouvido dizer,  
E tenho ouvido contar,  
Quem muitas panellas prova  
N'alguma se hade escaldar.

Já que a occasião se offerece  
De cantar uma cantiga,  
Cantarei para desterrar  
A fortaleza inimiga.

Cantigas ao desafio  
Para mim são escusadas,  
As minhas vão de repente,  
E as tuas são estudadas.

Milho verde, milho verde,  
Milho verde, folha estreita,  
Á sombra do milho verde  
Namorei uma sujeita.

A oliveira pequenina  
Tambem tem pequeno sombra,  
E eu por ser pequenina  
Você commigo não zomba.

Chapéo alto redondinho  
Não é p'ra homem casado,  
E' para rapaz solteiro  
Que joga o sapateado.

Toma lá, que te dou eu,  
Não olhes o fraco dado,  
Isto foi uma lembrança  
Do nosso tempo passado.

Oh que pinheiro tão alto,  
Oh que pinhas tão cerradas!  
Assim são as raparigas  
Em quanto não são casadas.

Fui á figueira aos figos,  
Ataquei-me de laranjas;  
Veiu o dono das cerejeiras:  
—O rapaz, deixa as castanhas.

Já la vae o sol abaixo,  
Deixal-o ir, que eu não choro;  
Cá me fica d'esta banda  
O meu sol, que eu adoro.

Toda a vida descjei  
Mulher gorda. braços grossos;  
Aquellas que são magrinhas  
Tem a malicia nos ossos.

Não sei que cantiga cante  
Diante de tanta gente;  
Vêjo tanta bocca aberta,  
Tanto olho e tanto dente.

Da minhas janella á tua  
E' uma vara medida,  
Do meu coração ao teu  
E' uma estrada seguida.

D'aqui d'onde estou bem véjo  
Quem a minha saia córta;  
Tenha eu o corpo livre,  
Que da saia não me importa.

A casa da brincadeira  
E' um sobrado seguro,  
Por causa da brincadeira  
Sabe Deus o que eu aturo.

Anda tu cá para mim,  
Rapariga, não te anojes;  
Como te heide eu querer bem,  
Se eu vou para ti tu fojes?,

Namorei-me da bonita.  
Não me lembrou a fazenda,  
Agora quero comer  
Já a bonita não lembra.

A folha do castanheiro  
Tem biquinhos como a renda ;  
Se me derem á escolha,  
Bonita, antes que fazenda.

Oh mar largo, oh mar largo,  
Oh mar largo sem ter fundo,  
Mais vale andar no mar largo.  
Do que nas bocças do mundo.

Oh minha mãe dos trabalhos,  
Para quem trabalho eu?  
Trabalha muito o meu corpo,  
Não tenho nada de meu.

Está o céu enevoadado,  
Está para chover não chove,  
Eu bem sei quem está doente  
Para morrer e não morre.

Anda lá para diante  
E tira-te do caminho,  
Quem vae para amar a outra  
Não vae tão devagarinho.

Debaixo da oliveira  
Não chove nem faz orvalho ;  
Menina, se hade ser minha,  
Não me dê tanto trabalho.

A açucena com o pé n'agua  
Pode estar quarenta dias;  
Não logro estar sem te vêr,  
Sem te vêr nem um só dia.

Não te recordas, Maria,  
Da noite de Sam João?  
Tu vias no céu estrellas,  
Eu as areias no chão.

Dá-me uma pinguinha de agua,  
Não m'a dês pela panella;  
Dá-m'a pela tua bocca,  
Que eu bem sei beber por ella.

A minha mãe é ribeira,  
O meu pae é rio corrente,  
Sou filha das aguas claras,  
Não tenho nenhum parente.

Não chores, amor, não chores,  
Ainda aqui estou contigo;  
Chorarás quando me vires  
No mar largo sem abrigo.

Considerarei minha vida,  
Não achei se não tristeza;  
Em todo a mar achei fundo,  
Só em ti pouca firmeza.

Como eu te amei não sei,  
E nem t'o posso dizer;  
Foi um dormir acordado,  
Foi um sonhar a morrer.

Quero-te bem, já t'o disse,  
Não t'o vou a demonstrar;  
Que te não quero dar penas  
Nem ao que mundo fallar.

Cada vez que vou á missa,  
No adro faço reparo,  
Olho para toda a gente,  
Só tu és do meu agrado.

Oxalá nunca te vira  
Nem minhas fallas te dera,  
Que te trago enleiado  
Como o loureiro á hera.

Sedes alta como a canna,  
Delgada como uma linha,  
Tendes o andar da rôla,  
O menear da pombinha.

O meu amor diz que vinha,  
Diz que vinha e não veiu;  
Se me havia de faltar,  
Para que me prometeu?

Tanto chorei esta noite,  
Que enchi duas malgas verdes,  
Tudo por causa de amores,  
Quem poder livre-se d'elles.

Eu não sei que mal te fiz,  
Eu não sei que mal te faço;  
Que te tiras da janella  
Quando pela rua passo.

Algum dia por te vêr,  
Ia eu de noite á fonte;  
Agora até peço a Deus  
Que nem de dia te encontre.

Bem sei que foste dizer  
Mal de mim a quem me adora;  
Informou-se da verdade,  
Muito mais me quer agora.

Quem tem amores não dorme,  
Quem os não tem adormece;  
Eu nunca perdi o somno  
Por mais amores que tivesse.

Menina, se ouvir chover  
No seu telhado pinguinhas,  
Receba-as com piedade,  
isso são • lagrimas minhas.

Fui-me confessar e disse:  
Com o amor andei brincando ;  
Por penitencia me deram  
Que fosse continuando.

Cravo rôxo em teu peito,  
Que sepultura tão rica !  
Quem morre n'esses teus braços  
Não morre, que resuscita.

Olha para mim e ri-te,  
Tira-te d'essa tristeza ;  
Olha que nunca hasde achar  
Coração de mais firmeza.

O sol prometeu á lua,  
As estrellas ao luar,  
O meu coração ao teu,  
Para nunca se apartar.

Já por aqui não passeias,  
Já mudaste o caminho,  
Já lá tens cutros amores,  
Eu da minha parte estimo.

A desgraça quer-me bem,  
Entrou-me pela janella ;  
Quem nasce para a desgraça  
Pouco serve fugir d'ella.

São dez horas inda é cedo,  
Já tudo por aqui dorme,  
Só meu triste coração  
Quer descansar e não pode.

As grades do Limoeiro  
São vinte, que eu bem contei:  
Por causa de uma menina  
Cheguei aos ferros de el-rei.

Suspirando e dando ais,  
Levo uma vida penosa,  
Em consid'rar que deixei  
No jardim a melhor rosa.

Tenho pena de o ser,  
Pena de o não ter sido,  
Pena de não ser casada  
Pena de o não ser contigo.

Janella de ralos verdes  
Em meu respeito te abriste;  
Torna-te a fechar, janella,  
Jurando que me não viste.

Sois alegre e andaes triste  
Dizei-me qual a rasão?  
Se é por falta de amores  
Aqui tens meu coração.

Olhos que vão degradados  
Lá para fóra do reino,  
Vejo que vos não mereço,  
Ja convosco não ateimo.

Tu me acenaste do mar  
C'um lenço de meia vara,  
Eu acenei-te da terra  
C'os olhos da minha cara.

Atiraste-me a matar,  
Coração d'alma perdida!  
Agora pões-te a chorar,  
Pensas que me dás a vida!



Oh mulher, não dês ao homem  
O ramo da perfeição,  
Elles promettem egreja,  
Por fim nem capella dão.

Serafina. sois tão fina,  
Que, de fina, refinaes:  
Quizeras tu, Serafina,  
Dar allivio aos meus ais.

Quando olho para o mar  
A Deus peço paciencia,  
Que me dê agua nos olhos,  
Com que chore a vossa ausencia.

A sereia quando canta,  
Canta no meio do mar;  
Quantos navios se perdem  
Pela sereia cantar!

Abaixae-vos, serra alta,  
Deixae passar o meu gado,  
Deixae passar a menina,  
Que vae de cabello atado.

Oh meu amor, vae e vem,  
Não te delates na praça,  
Quem conversa com padeiras  
Molete cóme de graça.

Ondas do mar abrandae,  
Que eu quero ir ao porão,  
Quero vêr em que alturas  
Navega o meu coração.

Além do mar andam guerras,  
Eu bem ouço dar os tiros,  
Eu bem ouço combater,  
Os meus ais c'os teus suspiros.

Eu não sei que gato negro  
Se metteu entre nós ambos;  
Nós eramos tão amigos,  
Agora tão mal nos damos!

Tendes um cantar tão lindo,  
E um rir tão excellente!  
Tendes um jardim na bocca,  
E um cravo em cada dente.

Eu perdi o meu chapéo  
No terreiro a dançar,  
Se meu pae não me dá outro  
Em guedelha heide andar.

A cantiga que cantaste  
Eu n'ella não tomei tento,  
Fui acudir ao chapéo,  
Que me voava c'o vento.

Pediste-me a minha mão,  
Como quem pede canella;  
A minha mão não t'a dou.  
Quero trabalhar com ella.

Raparigas do meu tempo,  
Todas da minha idade,  
Fazei todas com'a mim,  
Lograe-vos da mocidade.

Oh môça, que vendeis rosas,  
Venha que eu tenho dinheiro,  
Escolha-me das fechadas,  
Que as abertas não tem cheiro.

Oh meu amor, a quem deste  
O meu annel de continhas?  
Com quem foste repartir  
Tanto amor que me tinhas?

Oh olhos da minha cara,  
Não olheis para ninguém,  
Já que perdestes a dita,  
Perdei o olhar também.

O meu amor diz que vira,  
Eu também queria vêr,  
Estrellas ao meio dia,  
Coisa que não pode ser.

Se eu não estivera arrumada,  
Ai, Jesus! que me perdia  
Com este homem. que é capaz  
De tentar Santa Maria.

Lebre, que vae pelo monte  
Corre que desaparece;  
Quem dá fallas a marotos,  
Grande castigo merece.

Os homens é fraco barro,  
Barro de pouca valia,  
Capazes de jurar falso  
Por um cópo de agua fria.

Oh luar, acompanhai-me  
Até ao rio Jordão;  
Do rio Jordão para lá  
Amores não faltarão.

Os homens tem trinta caras,  
Todas trinta lhe convem,  
Promettem egreja a todas,  
E não casam com ninguém.

Todo o homem que se casa  
Com mulher que outro deseja,  
Se lh'o chamar, não se agaste,  
Armador sem ser de egreja.

Trazeis collete de linho  
Todo feito á peralta,  
Quem me dera a fôrma d'elle,  
Pano de linho não falta.

Tenho dentro do meu peito  
Dois moinhos a moer.  
Um anda. outro desanda,  
Assim é o bem querer.

Adeus, meu amor, adeus,  
Até segunda ou terça,  
Co'as saudades que eu cá levo  
Queira Deus não endoudeça.

Os homens são como os lobos,  
Só lhes minga o ter rabo;  
Apparecem ás donzellas  
Em figura de diabo.

Lindo pé, linda pègáda,  
Lindo passear de brio,  
Linda trança de cabelo  
Tral-o amor a cotio.

No meio d'aquelle mar  
Está uma pombinha branca;  
Não é pomba, não é nada,  
E' o mar que se alevanta.

Tenho ouvido dizer:  
Palavras leva-as o vento;  
As minhas para contigo  
Trago-as no pensamento.

Amores, que são amores?  
Amores, que vem a ser?  
E' compral-os bem baratos,  
E tornal-os a vender.

O homem casado é burro,  
O homem solteiro é cão,  
O homem viuvo é porco  
Que anda a fossar pelo chão.

O meu amor, coitadinho,  
Chora de noite na cama,  
Chora que já foi amado,  
Agora ninguem o ama.

O lencinho que bordaste  
Com dois corações no meio,  
Olha, amor, se tu te lembras  
D'onde esse lencinho veio.

Quando passares por mim  
Dá-me um ai com que eu entenda,  
Bate c'os pés na calçada,  
Como quem parte uma amendoa.

Estas mocinhas de agora,  
São algumas, não são todas,  
Botam meias sobre meias,  
P'ra fazer-as pernas gordas.

Quem vae ao mar sempre pesca  
Os robalos e peixinhos,  
Quem namora sempre alcança  
Seus abraços e beijinhos.

Na cidade ha muito oiro,  
Que se vende em grandes mólhos,  
Mas não com tanta valia  
Como a luz d'esses teus olhos.

O meu amor está doente.  
N'um leito de oiro deitado,  
Nossa Senhora o visite,  
Que a mim não me está dado.

D'aqui aonde está meu bem  
Não chegam lá meus suspiros;  
E se acaso lá chegarem,  
Chegam mais mortos que vivos.

Para que quero eu cruzes,  
Se tenho o Calvario ao lado ;  
Que importa a ninguem que eu ame  
A quem é do meu agrado.

Eu heide mandar fazer,  
Ou elle já estará feito ;  
Um anel para teu dedo,  
Um botão para teu peito.

P'ra te amar deixei a Deus,  
E Deus me deixou a mim,  
Porém, tu, minha donzella,  
Não me desprezes assim.

Rapariga não te cases,  
Tu inda és muito criança ;  
Se algum rapaz te namora,  
Tu não lhe dês confiança,

### Remates

O remate da cantiga  
Foi á fonte logo vem ;  
A cantiga sem remate  
Graça nenhuma não tem :

Ai, lari, ló-lé,  
Como vae contente !  
Ponha a mão na trança,  
Não lhe caia o pente.

Olha, a minha vida!  
Olha, a solidão  
Em que estou metida.

Ai, lari, ló-ló,  
Vá de vagarinho,  
Que alevanta o pó.

Como vae bonita!  
Ponha a mão na trança,  
Não lhe caia a fita.

Se eu quizera amores  
Tinha mais de um cento,  
Raparigas novas,  
Cabêças de vento.

Amores, amores,  
Como eu tenho tido!  
Agora já não,  
Que me tem morrido.

Ai, que lindos olhos  
Tem a padeirinha!  
E, mal empregada  
Andar á farinha.

Ai, lari, ló, lé,  
Como vai airosa  
Com a mão na trança,  
Não lhe caia a rosa.

Se eu quizera amores  
Tinha mais de mil,  
Raparigas novas,  
Que vêm do Brasil.

Café, chocolate,  
Farinha de pão,  
Bolachinha doce,  
Tambem não é máo.

Ai, la-ri, lo-lé,  
Oh pimpão da rua,  
Entre cá p'ra dentro,  
Que esta casa é sua.

Ai, la-ri, lo-lé,  
Eu não sou pimpão,  
Sou um cordeirinho  
Criado á mão.

Ai, la-ri, lo-lé,  
Repete, repete;  
Se o amor se vae,  
Ficam mais de sete.

Repete outra vez,  
Se o amor se vae  
Ficam dois ou tres.

Ai, lari, lari, lo-lé,  
Lari, lo-lé quem deu?  
Deu uma pedra n'outra,  
Meu coração no teu.

Ai, lari, ló-lé,  
Salsa verde séca;  
A' luz dos teus olhos  
Quem é justo pecca.

Aqui mais abaixo.  
Aqui mais além,  
Fugiu-me o meu par,  
Vou vêr se elle vem.



Se queres que eu viva,  
Não digas isso ;  
Ora vivo triste  
Sem o meu derricho.

Se queres que eu viva;  
Não me digas nada ;  
Ora vivo triste  
Sem a minha amada.

Oh flor da murta,  
Raminho de freixo,  
Deixar de amar-te  
E' que eu te não deixo.

Oh flor da murta  
Do meu coração,  
Deixar de amar-te  
Ai não deixo, não.

Morrer, isso sim,  
Mas deixar-te, não;  
Oh flor da murta  
Do meu coração.

Laranja da China,  
O sabor que tem ;  
Gósto de dançar  
Com que me quer bem.

Ora vira ao norte,  
Ora vira ao sul ;  
Quando ao norte vira,  
Fica o céu azul.

Ora vira vira,  
Torna-te a virar ;  
Isso são beijinhos  
Que me estaes a dar.

Minha machadinha,  
Quem te offendeu.  
Sabendo que és minha?  
Que eu sou teu, sou teu?

Meu bemsinho,  
Eu vou-me embora ;  
Faze carinhos  
A quem te adora.

Meu bemsinho  
Eu já cá estou ;  
Faze carinhos  
A quem te amou.

Pombinha, olaré, pombinha,  
Pombinha, olaré, traz, traz ;  
Já te não querem as môças,  
Oh desgraçado rapaz.

Lari, liló, léla,  
Bem te vi andar  
Nas pedras do rio  
A ensaboar.

Lari, liló, léla,  
Oh amor, amor ;  
Das penas que eu tenho  
Tu és causador.

Adeus, que me vou.  
Para a minha terra,  
Que d'esta não sou.

Oh amor, amor,  
Tenho-te entendido ;  
Toda a tua vida  
Falso me tens sido.

Lari. liló lóla,  
Quem te disse a ti.  
Que havias de ter  
Máo pago de mim?

Anda cá, amor,  
Quem promete e falta  
E' enganador.

O que eu digo digo,  
Que Deus me não mate  
Sem viver contigo.

Indas que eu não possa,  
Eu heide ir, amor ;  
Só para te vêr,  
Minha linda flor.

Amor não escrevas  
Cartas em latim,  
Que eu não sei lêr,  
Dás cabo de mim.

O meu amor não era,  
Tem-se agora feito,  
Está um figurão  
Que mete respeito.

Deixa-te estar, rosa,  
Em botão, fechada ;  
Que hasde ser colhida  
Lá de madrugada.

A mim não me enganas,  
Não me enganas tu ;  
A panella ao lume  
E o arroz está crú.

Chora, chora, chora,  
Luizinha, agora ;  
Dá meia voltinha,  
Vamo-nos embora.

Vá, laranja ao ár,  
Fita ño chapéo ;  
Quando estou contigo  
Cuido estar no céo.

Oh meu mangerico,  
Se te vaes embora,  
Eu aqui não fico.

Eu e o meu amor  
Fizemos contracto,  
D'elle amar a vinte  
E eu a vinte e quatro.

Ora adeus, adeus,  
Adeus, regalar ;  
Tenho muita pena  
De aqui te deixar.

Meu, amor é rico,  
Eu é que sou pobre ;  
Co'a sua riqueza  
Talvez não me logre.

Amores bonitos,  
P'ra que os quero eu ?  
Já tive um lindo,  
Depressa morreu.

Toma lá pinhões  
Do meu pinheiral ;  
Come poucochinhos.  
Que te fazem mal.

O amor dos homens  
E' de pouca dura ;  
E' como a laranja  
Quando está madura.

Tua mãe, amor,  
Ninguem na entende ;  
Tão depressa quer,  
Como não pretende.

Eu já estou rouca,  
Não é catharreira,  
Foi de beber agua  
N'aquella ribeira.

O meu amor me disse  
E eu achei-lhe graça :  
Eu sou sapateiro,  
Não andes descalsa.

Saudades, saudades,  
Saudades tenho eu ;  
Quem não hade ter saudades  
De um amor que já foi seu ?

Ora, adeus, adeus,  
Adeus, que eu me vou ;  
Não chores, amor,  
Que eu ainda aqui estou.

Ora, vá de roda,  
Vá de vagarinho,  
Vá de braço dado  
Mais o seu bemsinho.

**Estudantina**

Coimbra, nobre cidade  
Onde se formam doutores;  
Aqui tambem se formaram  
Os meus primeiros amores.

Oh Coimbra. oh Coimbra,  
Que fazes aos estudantes?  
Vêm de casa uns santinhos,  
Vão de cá feitos tratantes.

O amor do estudante  
Não dura mais que uma hora;  
Toca o sino, vae p'r'á aula.  
Vêm as férias. vae-se embora.

A capa do estudante  
E' como um jardim de flores,  
Toda feita de remendos,  
Cada um de varias côres.

Oh minha mãe, não me mande  
A Coimbra vender pão,  
Que lá vem os estudantes:  
—Padeirinha da feição.

Adeus ponte de Coimbra,  
Aguas claras do Mondego;  
Diga-me, minha menina.  
Se quem ama tem socego?

Nunca eu fôra a Coimbra,  
Nem passara por Sansão,  
Nunca vira esses teus olhos  
Que tanta pena me dão.

Não me falles de Coimbra,  
Que são penas que me daes ;  
Tenho lá os meus amores,  
Não quero m'os lembres mais

Oh ribeira de Cozelhas,  
Quando eu te passeava,  
Tinha olhos e não via  
A cegueira em que andava

Egreja de Santa Cruz.  
Feita de pedra morena  
Dentro de ti ouvem missa  
Uns olhos que me dão pena.

Quem me dera agora estar  
Onde tenho o pensamento.  
D'esta terra para fóra,  
De Coimbra para dentro.

Coimbra, nobre cidade,  
Bem te podem chamar côrte,  
Que tens a Rainha Santa  
Da banda de além da ponte.

Estudantes de Coimbra  
Tem dois peccados mortaes,  
Não fazem caso dos livros,  
E gastam dinheiro aos paes.

Quem namora os estudantes  
Faz dois peccados mortaes,  
Tira-os dos seus estudos,  
Dão desgostos a seus paes.

Se houver de tomar amores  
Hade ser com um estudante ;  
Inda que não tem dinheiro,  
Tem o passear elegante.

Oh cidade de Coimbra,  
Pequenina e alegre;  
Quem n'ella tomar amores  
Hade saltar como lebre.

Rio, que vaes para baixo,  
Que não voltas para cima,  
Rio, leva-me uma carta  
Ao meu amor de Coimbra.

Adeus, ponte de Coimbra,  
Largas vistas do Mondego;  
Ausente dos meus amores  
Viverei com mais socego.

Oh cidade de Coimbra,  
Arrasada sejas tu,  
Com beijinhos e abraços;  
Não te quero mal nenhum.

Sansão é dos frades Cruzios,  
A Calçada dos amantes;  
A Praça das regateiras,  
A Ponte dos estudantes.

Lindos campos tem Coimbra  
Rodeados de linhaça;  
Tanto heide dar nos olhos  
Que te heide cahir em graça.

Sou 'studante de Coimbra,  
Ando a estudar medicina;  
Quizera tomar o pulso  
A'quella linda menina.

Em Coimbra tenho o corpo,  
Em Santa Clara os sentidos;  
No convento os meus amores  
Lá ficaram recolhidos.



O meu amor é estudante,  
Estudante de latim ;  
Se elle se chega a formar  
Ninguem tenha dó de mim.

Campos verdes de Coimbra  
Cheios de canaviaes,  
Quem se fia em estudantes  
O que recebe são ais.

Estudante, largue os livros,  
Volte-se cá para mim,  
Mais vale uma hora de gosto,  
Que dez annos de latim.

Eu fui a Coimbra ao estudo  
Aprender lições de amar ;  
Apenas vi os teus olhos,  
Nunca mais pude estudar.

Quando eu ia para a eschola  
Caiu-me o livro no Caes ;  
Apenas vi os teus olhos  
Já não pude estudar mais.

D'aqui a Coimbra é longe,  
Não chegam lá meus sentidos ;  
Mas se acaso lá chegarem,  
Chegam mais mortos que vivos,

O estudante quando chega  
A' porta de uma pousada,  
Logo faz esta pergunta ;  
Se é bonita a creada.

Estudantes de Coimbra  
Andam sempre sem dinheiro,  
Inda devem meias solas  
Ao vizinho sapateiro.

Já te não quero nem vêr  
Nem para ti mais olhar,  
'Stavas honte á Porta Férrea  
C'um 'studante a conversar.

A belleza do estudante  
E' tal que por ella morro ;  
Gôrro e capa, capa e livro,  
Livro e capa, capa e gôrro.

O seu todo é elegante,  
Sua voz muito engraçada ;  
Um joven de capa e gôrro  
Traz minha alma apaixonada.

O amor de um estudante  
Captivou meu coração ;  
Um jovem de capa e gôrro  
E' a minha perdição.

Adeus capas, adeus gôrros,  
Adeus livros, tudo emfim ;  
Adeus oh bella Coimbra,  
Saudades levo de ti.

Não me lembrava Coimbra,  
Nem que tal cidade havia ;  
Agora nunca me esquece  
Nem de noite nem de dia.

Das terras que tenho visto  
E' Coimbra a mais alegre ;  
Diga-me, oh minha menina,  
Porque rasão não me escreve ?

Atirei c'uma laranja  
De Santa Clára ao Caes ;  
Para vêr se me esquecias...  
Cada vêz me lembrás mais.

O melhor que tem Coimbra  
E' Sam Francisco da Ponte ;  
A melhor cousa que eu tenho  
E' o amor alli defronte.

Estudantes de Coimbra  
Moram por baixo da Ponte ;  
Por causa das raparigas  
Muito sapato se rompe.

Coimbra, nobre cidade,  
Onde se vae a perguntas ;  
E' de lá que heide trazer  
Sete raparigas juntas.

A cidade de Coimbra,  
Em Portugal não ha outra ,  
Passam os barcos por baixo  
De uma ponte para a outra.

Se Coimbra fosse minha,  
Como é dos estudantes,  
Mandava-a logo cercar  
De vasos de diamantes.

Os areas de Coimbra  
Semeados que darão ?  
Darão meninas bonitas  
Para a minha perdição.

Oh bairro de Santa Clara,  
Tu me lembras com saudade ;  
Foi aqui que eu passei  
Os dias da mocidade.

Fui á fonte do Cidral  
Enchi o meu cantarinho ;  
Minha sogra me ajudou  
E mais o meu amorsinho.

Adeus, oh rua Direita,  
Rua Direita, aos Loyos,  
Ao cimo d'aquella rua  
Namorei esses teus olhos.

Adeus; oh largo da Feira,  
Cercado de cravos brancos,  
Onde o meu amor passeia  
Domingos e dias santos.

Adeus, oh Quinta das Lagrimas,  
Adeus, alegre Mondego,  
Aonde meu coração,  
Ahi encontrou socego.

Adeus, oh Caes das Ameias,  
Com teu lindo arvoredos;  
De dia gosto de ti,  
De noite tenho-te medo.

Adeus, olivaeos do Pio,  
Cemiterio da ternura,  
Onde eu heide ir enterrar  
A minha pouca ventura.

## 2. Descantes e Desgarradas

### (Minho e Douro)

Quem me dera cá o verão,  
Tempo das encamisadas,  
Para dar ao meu amor  
Quatro castanhas assadas.

Quem me dera que viesse  
O tempo que hade vir  
O tempo das desfolhadas.  
Para eu me divertir.

Não me namoram coraes,  
Nem pendentos nas orelhas;  
Namoram-me os teus aceios,  
Doeirinha das ovelhas.

Cantadeira, canta alto,  
Que este povo quer ouvir;  
Se tu não podes do peito,  
Quem te mandou aqui vir?

Heide cantar, heide rir,  
Heide ser muito alegre,  
Heide mandar a tristeza  
P'r'o diabo que a leve.

Cantigas ao desafio  
Para mim são escusadas;  
As minhas são de repente,  
As vossas vão consid'radas.

Estou á sombra da ramada,  
Nem á chuva nem ao sol;  
Estou á beira do amor,  
Não ha regalo melhor.

Não se me dá de ter cruz  
Tendo o calvario ao pé;  
Não se me dá de penar  
Sabendo eu por quem é.

Dizes que me queres bem,  
Não entendo tal querer;  
O dizer: — Quero-te bem,  
Qualquer o pode dizer.

O limão talha o fastio,  
A laranja o bem querer;  
Tira de mim o sentido  
Se me queres vêr morrer.

Maria, minha Maria,  
Meu pucarinho de Aveiro,  
Andam todos á porfia  
Quem te logrará primeiro.

O amor enquanto novo  
Ama com todo o cuidado;  
Depois que vae para velho  
Mostra papel de enfadado.

Toda a mulher que se casa  
Deve ser bem carinhosa,  
A má vida tem-a certa,  
A bôa é duvidosa.

Candeia que não dá luz  
Não se espeta na parede:  
O amor que não é firme  
Não se faz cabedal d'elle.

Algum dia, n'esta rua  
Havia uma estalage,  
Onde pousavam meus olhos  
Quando iam em viage

Ainda agora chorava,  
Chorava por ter nascido;  
Agora, que já não choro  
Certo é que alegre vivo.

Façâmos, amor, façâmos  
Como fazem os pombinhos;  
Passarinhos innocentes  
Dão abraços e beijinhos.

Estas meninas de agora,  
São como a péra pigarça;  
Por dentro são combalidas,  
Por fóra cheias de graça.

Estes rapazes de agora,  
Estes que de agora são,  
Trazem cinco reis no bolso  
Com a sua presumpção.

Minhas idas, minhas vindas,  
Minhas idas ao serão,  
Foi o meu tempo perdido,  
Minhas passadas em vão.

Já não tenho coração,  
Já m'ó tiraram do peito;  
No lugar aonde elle estava  
Nasceu um amor perfeito.

Vou-me embora, vou-me embora,  
Segunda-feira que vem;  
Chora quem me não conhece,  
Que fará quem me quer bem?

Oh meu amor. anda e vem  
A' egreja dar a mão,  
Tapar as boccas do mundo,  
Consolar meu coração.

Minha mãe, accenda o lume,  
Ponha lenha, que eu atijo ;  
Emquanto ferve não ferve  
A panella do feitiço.

Deste-me um annel de vidro,  
Melhor m'ó deras de prata ;  
Pois se o vidro logo quebra,  
Logo se o amor aparta.

Tenho trez anneis no dedo,  
Um inteiro, dois quebrados ;  
Tambem tenho tres amores,  
Um firme e dois enganados,

Este mundo é uma vinha,  
Heide mandal-a cavar.  
Para semeiar désejos  
Para contigo fallar.

Fui-me deitar entre as nuvens,  
De uma estrella fiz encosto ;  
Abraçei-me a uma d'ellas,  
Cuidando que era o teu rosto.

Quem quizer comprar eu vendo  
Um ramo que estou guardando ;  
O estado de solteira  
Para mim está-se acabando.

Já cortei o meu cabello,  
Já lá vae a minha gala ;  
A culpa tive a eu,  
Dar ouvidos a quem falla.

Dizem que a morte é má.  
A morte que culpa tem ?  
A morte, sem Deus mandar.  
Não vem cá buscar ninguem.



O lenço pagar não pode  
Finezas de quem quer bem;  
Mas quem é reconhecido  
Dá esse mesmo que tem.

Tendes olhos de matar,  
Sobrancelhas de ferir;  
Tendes a còr demudada,  
Isso é de não dormir.

Que lindos olhos vós tendes,  
Dae-os ao sol para raios!  
E se alguém vol-os pedir,  
Dizei, que são meus; guardae-os.

Salsa, significa gosto.  
E eu gosto tenho em ti;  
Quando deixar de te amar  
Considera que morri.

Eras linda como o sol  
E branquinha como o leite;  
Quem te poz n'esses estados  
Agora que te aproveite.

Ando por aqui de noite  
Como o gavião perdido;  
Acordo e adormeço  
Contigo no meu sentido.

Quem quizer que a agua corra  
Dê-lhe um golpe na levada;  
Quem quizer um amor firme  
Cale-se, não diga nada.

Nas ondas do teu cabelo  
Vou-me botar a nadar;  
Se o teu cabelo é rio.  
P'ra que heide ir nadar ao mar?

Menina do amarello,  
Diga me quanto custou,  
Que me quero vestir d'elle,  
Que tanto me agradou.

A sereia anda no mar,  
Anda á roda, torce, torce;  
Ainda está por nascer  
Quem de mim tomará posse.

Andaes abaixo e acima,  
Nem ataes, nem desataes ;  
Outros cáçam os passarinhos  
Nos laços que vós armaes.

Alegria dos casados,  
São os tres dias primeiros ;  
Depois andam só chorando  
Pela vida de solteiros.

Quem me fôra como o sol  
E corresse como a lua,  
Não me havias escapar,  
Amor, em parte nenhuma.

Sette voltas deu o sol  
Pelo céu, e sem tu vires ;  
Quando vieres, eu vou-me  
Para depois te não rires.

O sol quando nasce é rei,  
Ao meio dia é morgado,  
De tarde está doente,  
A' noite é sepultado.

O sol é divina graça  
Que todo o mundo aqueça ;  
O amor não é tão firme  
Consoante se representa.

O sol anda e desanda  
Para tornar a nascer ;  
Eu nem ando nem desando,  
Estou firme no bem querer.

A lua vae amarella,  
Meu amor, vamol-a vèr :  
Não ha mal que chege á lua  
Nem ao nosso bem querer.

Sou picada das hexigas,  
Foi Deus servido eu tæl-as ;  
Não ha nada mais galante  
Que é o céo com suas estrellas,

No mar se formam as nuvens,  
Nos campos as novidades ;  
Nas conversas os affectos,  
Nos brincos as liberdades.

Se vires o mar vermelho,  
Não te assustes, que é sagrado ;  
Que são lagrimas de sangue  
Que por ti tenho chorado.

O mar pediu a Deus peixes  
Para andar acompanhado ;  
Quando o mar quer companhia,  
Que fará um desgraçado ?

Dizem que me queres bem,  
Inda o heide exp'rimentar ;  
Na noite de Sam João  
Junco verde heide cortar.

Oh que lindo luar faz  
Para colher a marcella !  
Vamol-a colher ambinhos,  
Faremos a cama n'ella.

Oh alecrim, rei das hervas,  
Oh ouro, rei dos metaes,  
Quem dá fallas a brejeiros  
O que recebe são ais.

Apanhei murta, que é dor,  
Da mangerona fiz mólhos;  
P'ra te vêr torço caminhos,  
Feiticeira dos meus olhos.

Grande arvore é o carvalhinho,  
Que deita a raiz para o monte;  
Quem me quizer vêr contente  
E' pôr-me o amor defronte.

Agora cantam os grillos,  
E' signal de tempo quente;  
Adeus, amor de algum dia,  
Já que não fostes p'ra sempre.

A perdiz anda no monte,  
Come da herva que quer;  
E' como o môço solteiro  
Em quanto não tem mulher.

Quem tem meninos pequenos  
Allivia a criação,  
De dia tem-nos nos braços,  
De noite no coração.

O anel das sete pedras  
Ninguem o tem senão'eu;  
Antes que meu pae me mate  
Heide amar a quem m'ô deus.

Não quero amor viuvo,  
Nem homem que viuvasse,  
Não quero tirar os pintos  
Que outra galliuha chocasse.

Agora é que vou entrar  
Na rua da formosura ;  
Aqui não ha que escolher,  
Cada qual pega na sua.

O meu amor é um anjo,  
Deu-m'o Deus, não o mereço ;  
Todas m'o querem comprar,  
Anjos do céo não tem preço.

Bem sei que sou atrevido,  
E de atrevido passei,  
Em deitar os meus sentidos  
Tão alto como deitei.

Assobi á amendoeira,  
Toda me enchi de flôres ;  
Ainda sou tão novinha,  
Já me pretendem d'amores.

Os teus olhos me prenderam  
Logo da primeira vista ;  
Quem tem olhinhos que prendem,  
De casa tem a justiça.

Minha mãe já me deu saias,  
Já me quer fazer mulher ;  
Agora, minha mãesinha,  
Case-me quando quizer.

A meu pae chamaste sôgro,  
A minha mana cunhada ;  
Olha bem o que disseste,  
Por mim fico apalavrada.

Alargae-vos. alargae-vos.  
Alargae-vos p'ra a parede ;  
Que o terreiro é muito largo  
P'ra dançar a Canna-verde.

O cantar é o querer bem  
E' da Escripura sagrada ;  
Quem ama a Deus conio deve  
Tem a salvação ganhada.

Não me bula na cintura,  
Diga de longe o que quer ;  
Não perde você que é honiem.  
Perco . eu que sou mulher.

Liberdade, liberdade,  
Quem a tem chama-lhe sua ;  
Eu não tenho liberdade  
De ir á porta da rua.

Tu tens os olhinhos pretos  
Como o retroz de cozer ;  
Nascemos um para o outro  
Que lhe havemos de fazer ?

Olhos que de ver se entendem,  
Devem de andar amestrados ;  
Deram tempo ao officio  
Por nascerem namrrados.

Eu fui o que disse ao sol  
Que não tornasse a nascer ;  
A' vista d'esses teus olhos  
Que vem o sol cá fazer ?

Oh meu amor da minha alma,  
Quanto tenho tudo é teu :  
Só a minha alma não,  
Que heide dal-a a quem m'a deu.

Deste-me alecrim por prenda  
Por ter a folha miuda ;  
Quizeste-me exprimentar . . .  
Amor firme não se muda.

Aperta-me a minha mão,  
Que é um signal encoberto;  
Antes que o mundo murmure,  
Ninguem o sabe ao certo.

Amor com amor se paga,  
Nunca vi cousa mais justa;  
Paga-me contigo mesma,  
Meu amor, pouco te custa.

Eu já morri uma vez,  
Achei o morrer tão doce;  
Inda tornava a morrer,  
Se por tua causa fosse.

Não morras, amor, não morras,  
Que quem morreu acabou;  
Eu tambem morri por ti,  
Olha da sorte que eu sou!

O cravo branco é firme,  
Até no cheirar é doce;  
Não ha amor como o primeiro  
Inda que elle vário fosse.

Eu queria-te fallar,  
Mas tenho guardas defronte,  
Que me trazem em vigilia  
Como o coelho no monte.

Fui á fonte p'ra te vêr,  
Ao rio por te fallar;  
Nem na fonte nem no rio  
Nunca te pude encontrar.

Oh meu amor, lá de longe,  
Perde um dia, vem-me vêr:  
*Quem não aparece esquece,*  
Tambem eu posso esquecer.

Ao tempo que te não vi,  
Já o caminho tem hervas;  
O bem que tu me querias  
Dize-me se inda o conservas.

Fui á fonte dos amores,  
Passei pela dos cuidados;  
Enchi o cantaro de rosas,  
Fiz a rodilha de cravos.

Se eu te não quero bem,  
Deus do céo me não escute;  
As estrellas me não vejam,  
A terra me não sepulte.

Trazeis collete vermelho,  
De ao redor do coração;  
Quando te vi o collete,  
Desejava ser cordão.

Vós, menina, sois a arvore  
Onde se encherta o amor;  
Quem vae tarde colhe a rama,  
Quem vae cedo colhe a flor.

Eu subi ao lin.oeiro,  
Colhi uma só vergasta;  
O amor que é entendido,  
Meia palavra lhe basta,

N'esta noite cahiu neve  
N'uma folhinha de couve;  
Oh quem me dera cahir  
Nos braços de quem me ouve.

Debaixo d'esta ramada  
Nem chove nem faz orvalho;  
Menina, se hade ser minha,  
Não me dê tanto trabalho.



Desgraçado é quem ama  
Sem primeiro ser amado;  
Fica com o tempo perdido,  
O coração magoado.

Eu culpada, tu culpado,  
Venham as culpas á meza,  
Eu culpada por ser firme,  
Tu pela pouca firmeza.

Os prezos contam as horas,  
Os desgraçados os annos;  
Como não contarei eu,  
Menina, os teus enganos.

Altas torres tem teu peito,  
Nas mais altas já me vi;  
Não se me dá que outrem suba  
Escadas que eu já descí.

Cuidavas, por me deixares,  
Que eu cortava o cabello;  
Cada vez mais penteada,  
Me heide vestir de vermelho.

Tenho chorado ao dia  
Lagrimas mais de noventa:  
Quem canta seu mal espanta,  
Quem chora seu mal augmenta.

Se ouvires tocar os sinos  
Não cuides que são trindades;  
Sou eu que me estou morrendo  
Pelas tuas saudades.

Lagrimas são meu almôço,  
Janto suspiros e dôres,  
A' tarde merendo ais,  
A' noite ausencia de amores.

Adeus, oh tempo passado,  
Já por cá não tornarás;  
Quem com lagrimas fizera  
Que elle tornasse atraz.

Vou-te dar a despedida,  
Minha laranja redonda;  
Que eu hoje não canto mais,  
Por agora — bonda, bonda.

Oh meu amor, se te fôres  
Dize-me a quem heide amar?  
A ninguem, meu amorsinho,  
Que eu, se fôr, heide tornar.

O talhe do teu vestido  
E' o que mais me namora,  
Que eu não lhe vêjo costuras  
Nem por dentro nem por fóra.

Quando nós formos casados,  
Que tivermos nossos filhos,  
Só então ajuntaremos  
Guardanapos e rodilhos.

Silva verde prende, prende,  
Ainda a secca prende mais;  
Quem dá confiança a homens  
Sempre fica dando ais.

E's homem, basta-te o nome,  
E's falso por natureza;  
E' uma regra geral:  
Em homens não ha firmeza.

O meu coração é sala  
Onde passeia a açucena;  
Amei-te com tanto gosto,  
Deixei-te com tanta pena!

Oh meu cravo encarnado,  
Pelo pé foste colhido;  
Eu havia de te amar,  
Mas não sei o teu sentido.

Este mundo é uma vinha  
Cada cêpa um christão;  
Vem a morte faz vendima,  
Sem conhecer geração,

Chamei-te minha metade,  
Foi loucura, eu delirei;  
Só metade? és toda minha,  
Que eu sem ti não viverei.

Não posso estar sem te vêr,  
Nem vêr-te que me não ria;  
Nem posso vêr cousa tua  
Que me não cause alegria.

Minha rosa encarnada,  
Todo o mundo te cubiça;  
Ao domingo na igreja  
Quem te vê não ouve a missa.

Uma rosa em botão  
E' custosa de alcançar;  
Se ella me vier á mão,  
Heide sabel-a estimar.

Oh rosa, tu não consintas  
Que o cravo te ponha a mão:  
Que uma rosa enxovalhada  
Já não tem acceitação.

A rosa fechada cheira.  
O cravo meio aberto;  
Todos dizem que eu te amo,  
Ninguem o sabe ao certo.

Não sei se cante se chore  
Para allivio de uma pena;  
Se canto, tudo me esquece,  
Se choro, tudo me lembra.

A pena com que te escrevo  
Não é de nenhum pavão;  
E' criada n'este meu peito,  
Nascida do coração.

Oh que bello milho, milho,  
Oh que bella millharada;  
Oh que bella vista de olhos  
Para quem vae de jornada.

Ao passar hoje no rio  
Vi nas aguas o teu rosto;  
Cuidei que ias na levada,  
Ai, coração, que desgosto!

Ao vêr o teu rosto alli,  
(O que são coisas do mundo,)  
Cuidei logo que uma estrella  
Tivesse cahido ao fundo.

Da janella de meu pae  
Vêjo a casa de meu sôgro;  
Vêjo o pae, não vejo a filha,  
E' pela filha que eu morro.

Já te dei meu coração,  
Cousa que dar não podia;  
Já te dei a melhor prenda  
Que em meu peito havia.

Chove agua meudinha,  
Não sei d'onde esta agua vem;  
Ella vem d'esses teus olhos,  
Ella não molba ninguem.

Menina, não se namore  
De quem já foi namorado;  
Antes que muito lhe queira,  
Sempre lhe lembra o passado.

A fita do teu cabelo  
Chega a nó, não chega a laço;  
Não faças conta commigo,  
Que eu contigo não a faço.

A guitarra que se toca  
E' de páo de pinho bravo;  
O tocador que a toca  
E' como a folha de um cravo.

Toca a rir, toca a folgar,  
Toca a regalar a vida;  
Mano, não vaes p'ra soldado,  
Que não chegas à medida.

Minha terra, minha terra,  
Minha terra, e eu aqui!  
Os anjos do céu me levem  
A' terra onde eu nasci.

O amor nasce dos olhos  
E mais da mão quando aperta,  
Fallinhas por entre dentes,  
Pisca o olho e *etcétra*.

Compraes olhos, vendeis olhos,  
Andaes na compradoria;  
Compra-me tambem os meus  
Para a vossa companhia,

Deste-me um ramo de arruda,  
Fazias de mim diabo;  
E o diabo eras tu,  
Pois trazias-me enganado.

Se eu fôra como o sol,  
Que entra pela trapeira,  
Iria te vêr á cama  
Com olhos de feiticeira.

Se eu fôra como o sol,  
Entrava-te pela janella,  
E fôra-te vêr á cama,  
Alegres dias te dera.

Se tu queres o que eu quero,  
Contracto nós temos feito ;  
Não venha cá pae e mãe  
Desfazer o que está feito.

Minha cara delicada,  
Meu pé de passo miudo ;  
Mal haja o pouco ter,  
Que é o que desmancha tudo.

Adeus, oh fonte da lage,  
Aguas correntes ao tanque ;  
Quem vem aqui por te vêr  
Já te tem amor bastante.

Já la vae o sol abaixo.  
Deixal-o ir, que eu não chóro.  
Que eu defronte de mim tenho  
Ótro sol a quem adoro.

A geada d'esta noite  
Queimou a folha ao cravo ;  
Quem me dera agora vêr  
Quem no meu coração trago.

Suspiraes, quando me vêdes,  
Suspiros de piedade ;  
Deus queira que elles não sejam  
Para minha falsidade.

Fui ao mar por vêr as ondas,  
Ao jardim por vêr as flores;  
Ao céo por vêr as estrellas,  
Aqui por vêr meus amores.

Quem tem roseiras tem rosas,  
Quem tem rosas tem botões;  
Que tem amores tem zelos,  
Quem tem zelos tem prizões.

Se tu queres vir commigo,  
Tambem te eu quero levar;  
Não quero que diga o mundo  
Que eu que te deixo ficar.

Se tu queres vir commigo,  
Se tu commigo vir queres,  
Não quero que diga o mundo,  
Oh ladrão, roubas mulheres.

O meu coração é teu,  
Quem o pode duvidar?  
Se eu nascí para ser tua,  
Que desculpa heide dar?

Acypreste não se rega,  
Que elle na verdura nasce;  
Amor firme não se ausenta,  
Por mais martyrios que passe.

Nome só o de Manuel,  
Mulher, só sendo Maria;  
Amor, só o amor de mãe,  
E a luz, só a luz do dia.

Sempre álerta, raparigas,  
Que o homem não soffre damno;  
Assim que sacode a capa,  
Cae o pó e fica o pano.

O amor e a laranja  
Assemelham-se infinito;  
Pois por mais doce que sejam  
Sempre têm um agrosito.

O desengano é leal,  
E o engano é um traidor;  
O primeiro é dor sem mal,  
O segundo é mal sem dor.

A maçan na macieira  
Não quer ser abocanhada;  
E' como a môça solteira  
Que espera de ser casada.

Oh minha mãe, minha mãe,  
Não se pode ser mulher;  
Se é bonita tem seu erro,  
Se é feia ninguem na quer.

O beijo que tu me deste  
Nunca me hade esquecer;  
Inda tenho a bocca doce,  
Inda me está a saber.

Oh enganadas do mundo,  
Agora por que esperaes?  
A lealdade nos homens  
E' cousa que não achaes.

Raparigas, cantae todas,  
Ajudae umas ás outras;  
P'ra se casarem as feias,  
Que as bonitas já são poucas.

Inda que meu pae não queira,  
Minha mãe diga que não,  
Havemos de ir á igreja  
Dar o nó que todas dão.



Voçê não é para mim,  
Voçê para mim não é;  
Bote o sapato á rua,  
Vista fôrma do seu pé.

Dei um nó, nunca eu o dera,  
Nunca eu o chegara a dar;  
Dei-o com a mão direita,  
Não o posso desatar.

Oh meu amor, quem me dera  
Uma faca de bom córte,  
Para dar uma facada  
N'esta minha triste sóрте.

Os olhos da moreninha  
Dos meus males dão seus áres;  
Grandes, como as minhas ancias,  
Negros, como os meus pesares.

Suspiros que de mim saiam,  
E outros que de ti virão,  
Se no caminho se encontram,  
Que cousas elles dirão?

Trez dias depois de morto,  
Perguntou-me o frio chão:  
Se eu já me tinha esquecido?  
Eu respondi-lhe, que não.

Teu amor é como touro,  
Assim que o chamam lá váe;  
E o meu é como a pedra,  
D'onde o puzeram não sáe.

No dia em que tu nasceste  
Todas as flores brotaram;  
E na pia do baptismo  
Os rouxinóes gorgearam.

Solteirinha, não te cases,  
Deita os olhos á casada;  
Inda não estás recebida  
Já tens a côr demudada.

Se te eu lograr e morrer,  
Da morte não se me dá;  
Se Deus me der esse gosto.  
Logre-te eu, e morra já.

Vós chamaes-me casadinha,  
Por eu dar a minha mão;  
Se a minha mão é casada,  
Eu por ora ainda não.

Aperta-me esse colete,  
Dá o nó n'esse cordão;  
Esse corpinho bem feito  
Inda me hade vir á mão.

Dança-me n'esse terreiro.  
Que tudo para vós é;  
Nasce o cravo nasce a rosa  
Onde vós pondel-o pé.

Homem casado és tolo,  
Para que tocas viola?  
As cordas custam dinheiro,  
E a ti ninguem te namora.

Sexta-feira, vae-te embora,  
Sabbado, vae-te chegando;  
Dominguinho, anda vindo,  
Que por ti estou suspirando.

A viola grita, grita,  
A viola que terá?  
A viola está dizendo:  
Vem cá, meu amor, vem cá.

Os casados vivem tristes,  
E os noivos na ternura;  
Os solteiros 'stão dizendo:  
Esta vida não se atura.

No meio d'aquelle mar  
Está um barco de cortiça;  
Se é casado, arréda, arréda,  
Se é solteiro, atíça, atíça.

De domingo a outro dias  
Vou botar os meus pregões:  
Acaba a minha alegria,  
Começam minhas paixões.

Esta noite, á meia noite.  
Ouvi cantar e chorei.  
Pela minha mocidade  
Que tão mocinha deixei.

Fechei a porta á desgraça,  
Entrou-me pela janella,  
Quem para a desgraça nasce  
Não pode fugir a ella.

Oh sol, para que te escondes  
Debaixo da verde rama?  
Para que negas teus raios  
A quem te deverás ama?

Oh enganadas do mundo,  
Oh meu adorado bem,  
Eu na fama já sou tua  
Lá por esse mundo além.

Oh minha pombinha branca.  
Empresta-me o teu vestido;  
O teu vestido é de pennas,  
Eu tambem de penas vivo.

O meu amor engeitou-mé,  
Agora sou engeitada;  
Tanto povo me dizia  
Que eu era mal empregada.

Que passarinho é aquelle  
Que passa o rio e não bebe?  
Oh quem me passara a noite  
Comtigo, cára de neve.

Serandeiro de gabão,  
Anda para o lume se queres;  
Que toda a vida foi uso  
Fallar homens com mulheres.

Tenho um ninho de andorinhas  
Na minha horta álem;  
Toda a vez que vou á horta,  
Vou vêr o que o ninho tem.

Esses vossos lindos feitos  
Ambos de dois são eguaes;  
Nem são altos nem são baixos,  
São como vós precisaes.

Oh desfortuna, deixae-me,  
Descançae sequer uma hora,  
Que me tens acompanhado  
Dès que nasci até agora.

Aqui me tendes, matae-me,  
Dae-me a morte, se a mereço;  
Já que não me alliviaes  
Das penas que eu padeço.

Raparinhas do meu tempo,  
Rapazes da minha idade,  
Casae-vos de vinte annos,  
Gosae-vos da mocidade.

A rôla lá váe rolando,  
Que lhe furtaram o ninho;  
Não o puzeras tu. rôla,  
Tanto ao pé do caminho.

Vós dizeis: Oh serra, oh serra,  
Na serra tambem ha pão;  
Na serra tambem se criam  
Môças da minha feição.

Vão as pombas pelo céu,  
E as canções pelo ár;  
Vae, na dança, junto ao meu  
O coração dôr meu par.

Eu heide-te amar aos dias,  
Para não ser ás semanas;  
Havemos de dormir ambos  
Para não ter duas camas.

Se estes meus olhos te agradam  
Vae-os a minha mãe pedir:  
Se ella te disser que nao.  
Eu contigo quero ir.

Sapato e meia branca  
Requer saia de veludo;  
Vê lá tu, oh meu amor,  
Se sustentas isso tudo.

Quem cantara como a rôla,  
Como a rôla ninguem canta:  
Dar um geitinho á falla,  
Derramal-a na garganta.

Namorei-me, foi meu gosto,  
Olhar. foi o meu regalo;  
Não quero ser como a rôla  
Que morreu ao desamparo.

Rapariga, não te cases,  
Olha o tempo como váe;  
Se tu hasde viver pobre,  
Vive em casa de teu pae.

Meu coração é gaveta,  
Fecha com dois cadeados,  
De uma banda fecha amores,  
Da outra penas e cuidados.

Oh meu amor, quem me dera  
Uma faca bem aguda,  
Para dar uma facada  
Na minha pouca ventura.

Estás meio avinagrado  
Com o sumo da uva preta;  
Esse teu pataco falso  
Não vae á minha gaveta,

O lindo cabelo louro  
Pelas costas entrançado,  
Parece meadas de ouro  
Com fios de prata atado.

O meu amor é ourives  
E o teu é mercador;  
O meu dá-me prendas de ouro,  
O teu roupinhas de côr.

Tendes fallas que dão vida,  
Dae-me uma. que estou á morte,  
Uma falla não é nada  
Para quem 'stá d'esta sorte.

Que pena tão rigorosa  
Que me deu o confessor,  
Trinta dias de cadeia  
Nos braços do meu amor.

Oh vida da minha vida,  
Vida solteira real;  
Quem me tira d'esta vida  
Faz um peccado mortal.

Aqui d'el-rei! quem acode  
A quem não sabe nadar,  
A's meninas dos meus olhos  
Que se afogam com chorar.

A alegria de te vêr  
Foi a causa de eu penar;  
Quanto melhor me não fôra  
Nunca para ti olhar!

Oh meu amor, se te fôres,  
Escreve-me do caminho;  
Se não houver portador,  
Nas azas de um passarinho.

Chamaste-me amor perfeito,  
Eu não sou tão delicada;  
Assim mesmo, bem pensando,  
Em ti sou mal empregada.

Eu heide ir á tua terra  
Ouvir a missa do dia,  
Que tanto me têm gabado  
A tua tafularia.

O cravo depois de sêco  
Bota-se por'hi além;  
A rosa depois de sêca  
Inda mais préstimo tem.

Tenho á vista quem amo,  
Defronte quem eu desejo;  
Graças a Deus para sempre,  
Nas glorias em que me vêjo.

Agora vou eu cantar,  
Quem me manda tem poder,  
Se lhe eu não obedeço,  
A quem heide obedecer?

Não me agrada o teu tèt,  
Nem o teu fallar ao grave;  
Cativaram os teus olhos,  
Que são da minha vontade.

O sol anda pelos altos,  
A lua pelas alturas;  
E o amar e querer bem  
Depende das creaturas.

Quem ama não tem vergonha,  
Anda feito um cachorrinho,  
Anda só tomando faro  
Onde está o seu bemsinho.

Sois branquinha como a neve,  
Vós tiraes a côr ao leite;  
Deixae-me na vossa cama  
Um logar onde me deite.

Dizei-me o que significa  
Herva molar no lameiro?  
Significa que hasde ser  
O meu amor verdadeiro.

O carvalho é dureza,  
Que elle bem dureza tem;  
Quem me não fôra tão dura  
Que te não quizera bem.

Saudades são securas,  
Ellas de mim reverdescem;  
Causal-as quem quer as causa  
Tristé dos que as padecem.



A fructa que cáe no chão  
Vae cahindo de madura ;  
Minha mãe não me creou  
Para tão fraca figura.

Mui pouco diz um suspiro,  
Dois suspiros dizem mais ;  
Mas dizer tudo, só pode  
O amor com meus ternos ais.

O pecegueiro é triste,  
E alegre quando dá flôr ;  
O tempo da primavera  
E' o tomar do amor.

As estrellas do céo correm  
De noite para o nascente ;  
Assim correm os meus olhos  
Para a tua porta sempre.

A' tua porta estou morto,  
Trata, amor, de me enterrar ;  
Na tua mão estava a vida  
Se m'a tu quizeras dar.

Não ha cousa que mais custe  
Do que amar uma mulher ;  
Está sempre de nariz torto,  
Ninguem sabe o que ella quer.

Lá cima, n'aquella serra,  
Correm dois coelhos bravos ;  
Já é tempo de se unirem  
Corações tão desejados.

Dei agora um suspiro,  
Que tanto me alliviou ;  
Quem me dera agora estar  
Onde o suspiro chegou.

Raparigas d'este povo,  
Todas, do logar, a eito,  
A todas vou obrigado,  
A nenhuma vou sujeito.

Não corteis a videirinha  
Que sobe pela janella;  
E' a escada do amor,  
Que sobe e desce por ella.

Oh meu amor, da minha alma,  
Dá cá a mão, sobe ao muro;  
Que meu pae não está em casa,  
Podes entrar ao seguro.

Oh meu amor pequenino,  
Põe-te da banda do sol;  
Eu n'este mundo não tenho  
Quem me pareça melhor.

A silva que me prendeu,  
Sahiu d'aquella janella;  
Todos passam, não se prendem,  
Só eu fiquei prezo n'ella.

Oh meu amor de tão longe,  
Chega-te cá p'r'a mais perto;  
Já me dóe o coração  
De te ver n'esse deserto.

Deixa-me que eu te agarre  
No meu pinheiral ás pinhas;  
Lá te heide perguntar  
Se ellas são tuas ou minhas.

Esta noite, á meia noite  
Ouvi tocar a rabeca;  
Cuidei que era o meu amor,  
Eu lhe tinha a porta aberta.

Liberdade já te dei,  
Confiança ainda não;  
Se t'a eu tivera dado  
Morria de uma paixão.

Liberdade, liberdade,  
Quem a tem chama-lhe sua ;  
Eu não tenho liberdade  
De sahir de noite á rua.

Rio que já foste rio,  
Agora és um regato ;  
Quem namora ás escondidas  
Sempre lhe o amor é grato.

Da banda de além do rio  
Dei um lenço a lavar :  
Se eu agora não namoro,  
Quando heide namorar?

Essa cinta, oh menina,  
E' um ponto delicado ;  
O que faz a formosura  
E' o andar apertado.

Moreninha foi á fonte,  
Tanto tarda. que não vem ;  
Ou quebrou a cantarinha  
Ou então ralhou a alguém.

Alem-Douro anda a guerra,  
Eu bem ouço dar os tiros,  
Eu bem ouço batalhar  
Os teus com os meus suspiros.

A perdiz anda no monte,  
O coelho no montado ;  
Só eu não sei o logar  
Onde está meu namorado.

Ah, ladrão, que me roubaste  
Flores ao meu jardim ;  
Foste, ladrão, descoberto,  
Não posso qu'rellar de ti.

Dizes que te vás embora,  
Flôr do manjeriçào ;  
Se te vaes é por que queres,  
Por minha vontade não.

Palpitando-me em segredo,  
O meu coração me diz :  
Que contigo tarde ou cedo  
Heide vir a ser feliz.

Queres tu e quero eu,  
Temos o contracto feito ;  
Não venhas com pae nem mãe  
Desmanchar o que é direito.

Tenho dentro do meu peito  
Laranja, verde limão ;  
Tenho o sim da tua bocca,  
Falta só a tua mão.

Esta terra não é minha,  
Mas se eu quizer será ;  
Se n'ella tomar amores  
Terra minha ficará.

Senhores, dae-me licença,  
Que eu quero dar um suspiro,  
Que eu quero alliviar  
Penas que trago commigo.

Eu já disse um dia ao sol,  
Que não tornasse a nascer ;  
A' vista d'esses teus olhos,  
Que vem elle cá fazer ?

A minha terra é Falpèrra,  
O meu officio é roubar ;  
Heide roubar os teus olhos  
Onde quer que os topar.

Um aceno e até dois  
Faço-te a tua vontade;  
Eu bem sei que tens defronte  
Quem te priva a liberdade.

Uma flor até duas  
Inda se pode colher ;  
Mas sendo ramo inteiro  
Deita o jardim a perder.

Heide-te amar ás avessas,  
Amor, assim m'o ensinas ;  
Eu como amante firme  
Sigo as tuas doutrinas.

Já no bosque canta a rôla,  
E no prado a cotovia ;  
Acorda, oh anjo querido,  
Acorda, que já é dia.

Quem me fôra passarinho,  
Voar á tua sacada,  
E cantar-te o meu amor  
Ao romper da madrugada.

Quem me dera ser o sol  
Formoso, da primavera ;  
Fôra ter á tu cama,  
E os bons dias te dera.

Ando por aqui de noite,  
As estrellinhas cantando ;  
Tu, que dormes descansada,  
Diz'-me com quem estás sonhando.

Ando por aqui de noite  
Suspirando e dando ais:  
Vós estaes na vossa cama,  
Se não dormis, descançaes.

Puz-me a brincar c'uma rosa,  
Piquei-me nos seus espinhos:  
E' bem feito! quem te manda  
A' rosa fazer carinhos?

Lindo anel de sete pedras,  
Torna á mão de quem te deu;  
Quem acceta prenda de outrem  
Não diga que é livre seu.

Quem me dera ser do vale  
O mais lindo amor perfeito;  
Talvez que tu me colheras  
Para adorno de teu peito.

Oh meu amor da minha alma,  
Como te heide chamar meu?  
Tu amas a quem tu queres,  
As penas sinto-as eu.

Eu fui ao jardim dos cravos.  
Mas não quiz cortar nenhum;  
Uma falla dá-se a todos,  
Liberdade só a um.

Agora não é costume  
Pedir a filha ao pae;  
Entro pela porta dentro:  
Meu sogro, ella cá vae.

Eu bem sei a quem tu amas,  
Tu a mim sempre m'ó negas;  
Se eu viver e tu viveres,  
Verêmos em quem te empregas.

Quem acceita prendas de homem  
Faz mal em as acceitar ;  
Quem as acceita está preza,  
Quem as dá quer-se pagar.

O anno tem doze mezes,  
Cada mez quatro semanas,  
Cada semana seis dias,  
Cada dia tu me enganas.

Hei de amar-te até á morte.  
Até depois de morrer ;  
Até debaixo da terra  
Eu te heide obedecer.

Tenho um lenço de queixumes,  
Meu amor, para te dar ;  
Os queixumes já são tantos,  
Nem tem pontas para atar.

Adeus, cereja bical,  
Picada do rouxinol ;  
Quem te picar que te coma,  
Que te tirou o melhor.

Se os meus olhos te agradam  
A meu pae os vae pedir ;  
Se elle te disser, que não,  
Comtigo heide eu fugir.

Corre um ventinho debaixo,  
Corre branda viração ;  
Deus te traga, meu amor,  
Junto do meu coração.

O amar e padecer  
Estão no mesmo logar ;  
Quem não quizer padecer  
Hade-se deixar de amar.

Oh tristeza, oh tristeza,  
Que mal te faria eu,  
Quando te assenhoreaste  
Do triste coração meu?

Algum dia cantei bem.  
Foi na minha mocidade;  
Agora quero, não posso,  
Tudo requer a idade.

Dá-me a tua mão esquerda,  
Que a quero apertar;  
Já te não peço a direita  
Porque tens a quem a dar.

Dizeis que o preto é feio,  
O preto é linda côr;  
O preto é com que eu escrevo  
Cartinhas ao meu amor.

Aos nossos dois corações,  
Ligados por sympathia,  
Só lhes falta a união;  
Quando será esse dia?

Eu belleza não a tenho,  
Eu riqueza não a herdei;  
Dize-me, amor da minha alma,  
De que sorte te agradei?

Linda cara, lindos olhos,  
Amor do meu coração,  
Nada tenho em meu peito  
Em que não tenhas quinhão.

Raparigas, cantae todas,  
Ajudae-me, sequer uma;  
Que o cantar e ser alegre  
Não é vergonha nenhuma.



Se tu és o meu amor,  
Não o digas a ninguém;  
Nega, amor, que eu também nego,  
Nega, que eu nego também.

Eu hei de ser como a rôla  
Quando perdeu o consorte;  
Não poisou em ramo verde,  
Não quer outro até á morte.

Para curar paixão d'alma,  
Chamar medico é loucura;  
Estas doenças são taes  
Que o que as causa é que as cura.

Heide-te amar se me amares,  
Querer-te, se me quizeres.  
Ser-te leal se me fôres,  
Fazer como tu fizeres.

Uma simples amizade,  
Muitas vezes, sem pensar,  
Faz nascer a sympathia  
Que em amor vem a acabar.

Justiça de Deus te cáia,  
Do céo te venha o castigo;  
Pois se tens novos amores,  
Para que fallas commigo?

O meu coração do teu  
E' mui ruim de apartar;  
E' como a alma do corpo  
Quando Deus a quer levar.

Quem me dera estar na fonte  
Quando o meu Deus pediu agua;  
Dava-lhe o meu coração,  
Juntamente a minha alma.

Nem no mundo ha dois mundos,  
Nem no céo ha dois Senhores ;  
Não sei como possa haver  
N'um coração dois amores.

Oh Senhor da Piedade,  
Apiedae-vos de mim,  
Que eu já dei a minha mão  
Para seculos sem fim.

Se eu não estivera arrumada,  
Ai, Jesus! que me perdia  
Com este homem, que é capaz  
De tentar Santa Maria.

Na noite de San João  
Andam as flôres á tuna ;  
Heide-me pôr á janella  
Só p'ra vér se caço uma.

Se tu me quizeras bem  
Não me fallaras assim ;  
Botando os olhos ao céo,  
Voltavas-te para mim.

Eu hei de subir ao céo,  
E de lá heide reclamar,  
Já que o meu bem me deixou  
Na maior força de amar.

Aqui d'el-rei, dos diabos,  
Hoje aqui se pinta a manta ;  
Uma perna cobre a outra  
Debaixo da roupa branca.

O diabo leve os homens,  
O primeiro seja o meu ;  
Homens que não ganham pão  
Para que os quero eu ?

Namorei-me, foi meu gesto,  
A pouco chegou meu brio,  
De dia morro de fome,  
De noite morro de frio.

Oh sol, que és rei dos astros,  
Que brilhaes no firmamento,  
Vinde jurar se me viste  
Com alguém perder o tempo.

Cantar depois do sol posto  
Diz que tem condemnação :  
Quero cantar, que é meu gosto,  
Quer me condemnem, quer não

Não te lembras, oh menina,  
D'aquella noite de v'rão,  
Tu a contar as estrellas,  
Eu as palhinhas do chão?

Já o céu não tem estrellas  
Se não tres ao pé da lua ;  
Antes que corra não acho  
Cara mais linda que a tua.

O sette-estrello vae alto,  
E' magano, sabe tudo,  
De que sorte se namora  
De noite pelo escuro.

Tenho raiva ao vento norte  
Que me leva a flor do cravo.  
Tenho raiva a mim mesmo  
Por não ser do teu agrado.

Tomei amores ao vento,  
Não sei se faria bém ;  
Que o vento é descomposto,  
Bota-me por 'hi além.

A rosa que é muito aberta  
Qualquer ventinho a desfolha,  
A môça muito garrida  
Qualquer rapaz a namora.

Adeus, que me vou embora,  
Adeus, que me leva o vento;  
Já não ha quem por mim chore  
N'este triste apartamento.

Dizei o que significa  
O nevoeiro na serra?  
— Significa lealdade,  
Ha bem pouca n'esta terra.

Deus te salve, rosa branca,  
Já que foste apparecida;  
Ha tanto tempo que andavas  
Entre as nuvens escondida.

Muito firme esteja o mar,  
Vem a onda tudo vence;  
Para que queres amar  
Amor que te não pertence?

Quando ólho para o mar,  
A Deus peço paciencia,  
Que me dê agua nos olhos  
Com que chore a vossa ausencia.

Se eu soubera lèr no mar  
Como sei 'screver na areia,  
Não me escapara de olho  
Môça bonita nem feia.

As ondas do mar são brancas,  
No meio são amarellas;  
Coitadinho de quem nasce  
Para ir morrer a ellas.

Se vires o mar vermelho.  
Não te assustes, que é sagrado ;  
São as lagrimas de sangue  
Que por ti tenho chorado.

Quem vae ao mar sempre pesca  
Os robalos e peixinhos ;  
Quem namora sempre alcança  
Seus abraços e beijinhos.

Oh terra, que tudo crias,  
Oh terra, que tudo comes,  
Oh terra, que hasde dar conta  
Das mulheres, mais dos homens.

Se me Deus agora leva  
Depois da palavra dada,  
A terra me não comia,  
Que o amor cá me deixava.

Se eu soubesse que morria,  
Mandava fazer a cova  
No adro d'esse teu peito,  
Por ser a terra mais nova.

E' mais facil abrandar  
O bronze duro com pranto,  
Do que o coração d'aquelle  
Por quem eu suspiro tanto.

Inda que meu pae me faça  
Como o ferreiro ao ferro,  
Não me pode retirar  
De fallar a quem eu quero.

As chaves d'este meu peito  
Quem as tem é o meu pae ;  
Quem está fóra não entra.,  
Quem está dentro não sae.

Não posso, amor, não posso,  
Não posso, antes que queira,  
Não posso tirar a rosa  
Sem eu bolir na roseira.

Salsa da beira do rio  
De mimosa cáe-lhe a folha;  
Tenho um amor bem bonito,  
Se não houver quem m'ó tolha.

A salsa verde é gostosa,  
Eu muito gosto de ti;  
Quando eu deixar de te amar,  
Dize, amor, que eu morri.

Loureirinho vicioso  
Deita as pontas onde quer;  
E' como o rapaz solteiro  
Enquanto não tem mulher,

Tu mandaste-me esperar  
Ao pé do pinheiro manso;  
Esperei-te, não vieste,  
Olha, amor, o teu descanso!

Cravo branco, ama, ama,  
Açucena, adora, adora;  
Foste o meu primeiro amor,  
Se tens pena, chora agora.

Rosa branca na silveira,  
Cravo rosado no monte;  
Quem quizer a rosa alegre  
Deite-lhe o cravo defronte.

Andas para me enganar,  
Tira de mim o sentido;  
Muito cão me tem ladrado,  
E poucos me têm mordido.

Os homens são como os lobos,  
O que lhes falta é o rabo;  
Em ganhando uma teima  
Hão-de-a levar ao cabo.

A môça para ser bôa  
Ninguém lhe hade pôr a mão;  
Hade ser como a toupeira  
Que anda por baixo do chão.

Os meus olhos são gabados  
Por fidalgos e doutores;  
Dou-os por bem empregados  
Nos meus primeiros amores.

Teus olhos são os meus olhos,  
Teus olhos minha doudice;  
Teus agrados me cativam,  
Quero-te bem, já t'o disse.

Já hoje vi meu amor  
Logo pela manhãzinha;  
Agora posso dizer:  
Feliz foi a sorte minha.

Tens os olhos mais escuros  
Do que a noite mais fechada;  
Apesar de tanto escuro,  
Sem elles não vêjo nada.

Anda cá, olhos azues,  
Carreira dos namorados;  
Ensina-me estes caminhos  
Que eu erre por meus peccados.

Sois alegre e andaes triste,  
Dizei-me porque rasão?  
Se é por falta de amores,  
Aqui tens meu coração.

O meu coração é teu,  
Já o deves entender;  
Se o queres amar, ama-o,  
Não o deixas padecer.

Lindo pé, linda pègada,  
Lindo passear de brio;  
Linda trança de cabelo  
Tra-o amor a cotio.

Abre meu peito esquerdo.  
Verás meu coração morto;  
Olha, as tuas saudades  
Em que estado o teu posto!

Oh que janella tão alta,  
Oh quem lá hade subir?  
Quem lá tem os seus amores  
Que hade fazer senão ir.

Esta noite sonhei eu  
Que te estava dando abraços;  
Acordei, achei-me só,  
Mal hajam os sonhos falsos.

Maria, minha Maria,  
Meu pucarinho de Aveiro.  
Todos andam á profia  
Quem te hade lograr primeiro.

Não me namoram teus tères,  
Nem teus tères me namoram;  
Namoram-me os teus agrados  
Para que os prantes cá fóra.

Não me namora o teu tér,  
Nem a tua formosura;  
Namoram-me esses agrados  
Com que te prantas na rua.



Oh que linda troca de olhos  
Fizeram os dois amantes;  
Trocaram os olhos pretos  
Por dois azues tão amantes.

Puz-me a brincar com a rosa,  
Piquei-me nos seus espinhos;  
E' bem feito! quem me manda  
A' rosa fazer carinhos.

Dizes que não tenho cama,  
Que durmo na terra fria;  
Tenho cama, tenho roupa,  
Só me falta a companhia.

O meu amor pequenino,  
Pequenino, resoluto,  
E' como o pão da padeira  
Que se come sem conducto.

Se eu morrer e tu morreres,  
Morremos ambos doisinhos;  
Muito hade ter que vêr  
N'uma cova dois anjinhos.

A bocca do meu amor  
E' uma rosa fechada;  
Heide abril-a com beijeinhos,  
Depois de aberta, cheiral-a.

Tanta volta dou na cama  
Como a linha no novello,  
E' como quem tem amores,  
Que tem dôres de cotovello.

Você diz que não ha rosas,  
Que as queimou a geada;  
Ainda eu hontem vi uma  
Na sua cama deitada.

Escolhe enquanto é tempo,  
Não te faças tão rogada ;  
A mulher depois dos trinta  
E' uma pèra pintada.

Menina, que está acenando  
Com lenço de meia vara,  
Tambem lhe heide acenar  
Com olhos da minha cara.

Entendo que tu me entendes,  
Entendo que tu me enganas ;  
Entendo que tu que tens  
Outro amor, a quem amas.

Oh olhos da minha cara,  
Não olheis para ninguem ;  
Já que perdestes a graça,  
Perdei o olhar tambem.

Dizem que o chorar que tira  
As penas do coração ;  
Eu chorei um anno todo,  
As penas ainda cá estão.

Meu coração, de te amar  
Já deita sangue pisado ;  
Mas eu é que tive a culpa  
De te amar demasiado.

Passas por mim, não me salvas.  
Nem o teu chapéo me tiras !  
E' certo que te disseram  
De mim algumas mentiras.

Vou-lhe dar a despedida,  
Como dá o Maio á flor ;  
Quem se despede cantando  
Não leva pena nem dor.

**Repiques**

- A cantiga que cantaste  
N'ella não tomei tento;  
Fui acudir ao chapéo  
Que me voava co' vento.
- «Se lhe não tomaste o tento,  
N'ella tomarás cuidado;  
Se te caiu o chapéo,  
O chão não estava furado.
- Oh cantadeira afamada,  
Tu cantas por ahí além;  
Tambem quero que me digas  
O côrvo que pennas tem?
- «As pennas que tem o côrvo,  
Eu las vou a explicar:  
Vinte e cinco na cabeça,  
E nas azas a dobrar.
- Quem tiver um chapéo velho,  
Pelas almas, que m'ó venda;  
O meu amor é ferreiro,  
Não tenho que pôr na tenda.
- «Não quero o amor ferreiro,  
Que é caro para lavar;  
Quero o amor marinheiro,  
Que vem lavado do mar.
- Descerás do céu á terra  
A servir de testemunha:  
Tu aqui hasde ser minha  
Da cabeça até ás unhas.

- «Da cabeça até ás unhas  
Eu tua nunca serei;  
Canta até arrebentares,  
Que eu nunca te amarei.
- Cantigas ao desafio  
Commigo ninguem as cante,  
Que eu tenho quem m'as ensine,  
O meu amor é 'studante.
- «Se o teu amor é 'studante,  
Elle lá vae para a tuna,  
Vae perder quanto ganhou  
Com uma môça de fortuna.
- Esta moda já é velha,  
Esta moda cá andou;  
Quem me dera agora vêr  
O rapaz que a cantou.
- «O rapaz que a cantou  
Já está debaixo da terra;  
Quem me dera agora vêr  
Quem tão meu amigo era.
- Nunca vi figueira branca  
Dar os figos na raiz;  
Nunca vi rapaz solteiro  
Ter assento no que diz.
- «Nunca vi figueira branca  
Dar os figos na egreja;  
Nunca vi mulher ingrata,  
Nem homem que leal seja.

**Remates**

Se é repique não repiques,  
Se é remate não entendo ;  
Se ven: p'ra cantar conmigo  
Eu nada de ti pretendo.

De cima do muro  
Se a apanha a azeitona ;  
Quando o homem chora  
Tem pouca vergonha.

Não posso, não quero  
Viver sem mulher ;  
Quem fôr de outro gosto  
Faça o que quizer.

Oh José, vae vêr  
Tua rapariga ;  
Que ella está doente,  
Vae-lhe dar a vida.

Vê, tu ; indo e vindo  
Fui-me namorando ;  
Principiei rindo  
E acabei chorando.

Oh pombinho branco,  
De bico de chumbo  
Leva-me esta carta  
Ao cabo do mundo.

### 3. Cantares e Trovas

#### (Tras-os-Montes)

O muito cantar enfada,  
O pouco parece bem;  
Val'mais o muito cantar  
Do que fallar de ninguem.

Se ouvires cantar um triste,  
Ouvi, não no reprehendaes;  
Quando um triste canta, canta,  
Então é que pena mais.

Heide morrer a cantar  
Para te não dar vingança;  
Sempre desejaste vêr  
O meu coração n'uma ancia.

A cantiga que eu cantar  
Não na canto duas vezes;  
Que a semana tem seis dias,  
E o anno doze mezes.

Oh que desgraça tamanha,  
Morréu o pombo á pomba;  
Mais desgraçado fui eu,  
Não tenho quem me responda.

Não sei se cante, se chore,  
Se qual melhor me será?  
Cantar, allivia penas,  
O chorar m'as dobrará.

Amores de homem casado  
Quem os tem é por que quer:  
Logo á primeira resposta:  
Vá para a sua mulher!

Se tu estivesse solteira  
Fazia-te os meus carinhos;  
Agora que estás casada,  
Vae embalar teus meninos.

Quando era môça solteira  
Usava fitas e laços;  
Agora que estou casada,  
Trago meus filhos nos braços.

Por esta rua vim vindo,  
Por aquella dando a volta,  
Em procura do amor,  
Que ainda lhe não sei a porta.

Percegueiro abanado  
Da mão e não pelo vento;  
Menina, que falla a todos  
Não pretende casamento.

Graças a Deus para sempre,  
Que já ouvi tua falla;  
Parece que vem do céu,  
E os anjos a acompanh-a.

Tudo é: Meu bem, meu bem,  
Por ser moda de cantar;  
Eu não tenho bem nenhum,  
Só se Deus m'ò quizer dar.

Eu cantar, cantava bem  
Lá na minha mocidade;  
Agora, quero e não posso,  
Tudo requer a idade.

Jura amor, juremos ambos,  
Façâmos jura bem feita,  
Jura, que me hasde dar  
Na igreja tua mão direita.

Quero cantar, que mandam,  
Não quero ser descortez;  
Quero fazer a vontade  
A quem me a mim nunca fez.

Quatro com cinco faz nove.  
Já se acabou a novena.  
Amei-te com muito gosto,  
Deixei-te com muito pena.

Eu se canto é com raiva  
Quem me ouve bem me entende;  
Deu-me Deus habilidade  
De comprar a quem me vende.

No mar se geram as ondas.  
Nos campos as novidades,  
Das conversas os amores,  
Dos brincos as liberdades.

Não se me dá de morrer,  
Se eu para morrer nasci;  
Só se me dá de passar  
Caminhos que eu nunca vi.

A manha do mentiroso  
Mente uma vez. mente sempre.  
Ainda que falle verdade.  
Sempre dizem: elle mente.

Eu se canto estou doida.  
Se não canto tenho brio;  
Não sei como heide viver  
N'este mundo tão vadio.

Não me falle de arremêços,  
Que eu não sou sua mulher;  
Eu ainda sou solteira,  
Serei sua se eu quizer.



Olha, amor, o que eu te digo,  
Repara e considera;  
Depois que o mal estiver feito  
Pouco vale o — Se eu soubera!

Já cortei o meu cabelo,  
Já la váe a minha gala;  
A culpa tive-a eu,  
Deixa lá fallar quem falla.

O senhor me enjeitou por pobre,  
Eis ao senhor por judeu;  
A differença que vae  
Do seu sangue para o meu!

A flôr da amendoeira  
E' a primeira do anno;  
Eu era muito novinha  
Fintei-me no teu engano.

Se eu tivesse que dar, dera,  
Não tenho que dar, acceito;  
Acceito penas e dôres  
Causadas por teu respeito.

Pecegueiro abanado,  
Aqui está quem te abanou;  
Se queres alguma cousa.  
Falla com quem me criou.

Quem quizer que a agua corra,  
Faça-lhe o rego direito;  
Quem quizer o amor firme  
Traga-o fechado no peito.

Cheguei á cruz de te amar.  
Calvario do meu martyrio;  
Se vês que te não mereço,  
Não *incres* meu sentido.

Dae-me o *sim* e dae-me o *não*,  
Com tudo me contentaes;  
Um *sim*, que não me quereis,  
Um *não*, que me não deixaes.

Oh penas não vinde juntas  
Que o não quer meu coração;  
Vinde mais compassadinhas,  
Dae logar ás que cá estão!

Oh amor, oh desamor,  
Que tão mal pago deixaes;  
Primeiro, tudo são gostos,  
Depois, suspiros e ais.

Cuidavas em me deixares,  
Que eu por ti deitava dó!  
Bem fraco é o navio  
Que tem uma barra só.

Tenho um amor, tenho dois,  
Tenho tres, não quero mais;  
Para que quero eu amores,  
Se elles me não são leaes?

Atrevido pensamento,  
Onde vaes, que vaes errado?  
Onde levas o sentido  
Está o logar occupado.

Oh meu amor, ama, ama  
A quem trazes no sentido:  
Não se te dê de ficares  
Em falta para commigo.

As lagrimas que eu choro,  
Lavam um cêsto de roupa;  
A maior pena que tenho,  
E' tu n'uma terra e eu n'outra.

Oh meu amor da minha alma,  
Da minha alma meu amor;  
Se eu te não tivesse amado  
Não tinha pena nem dôr.

O mundo falla de mim,  
E o mundo que tem commigo?  
Eu não sou mulher casada  
Que dê penas ao marido.

Chove, chove e o rio cresce,  
Elle vae de monte a monte;  
Menina, se quer passar,  
Dos meus braços faça ponte.

Já pedi a morte a Deus,  
Ell' disse que m'a não dava;  
Que pedisse a salvação,  
Que a morte certa me estava.

Oh morte, que andas p'lo mundo,  
Não sabes a minha porta;  
Levas os paes de familia.  
Deixas-me a mim, que sou orfa.

Já te fiz um bem na vida,  
Já te catei na cabeça;  
Agora deste-me o pago,  
E' bem que te o mereça.

Se o bemquerer se pagára,  
Quanto me devias tu?  
O bemquerer não se paga,  
Que não têm preço nenhû.

Quando te eu disser que não,  
Repara no que te digo;  
Este meu dizer que não  
E' um sim para contigo.

Esta noite heide ir ás uvas,  
Esta noite heide ir a ellas;  
Quem tiver filhas que as guarde,  
Que eu não me heide guardar d'ellas.

Quando eu nasci no mundo,  
Nasceram quatro n'um dia:  
Nasci eu e a desgraça,  
Tristeza e melancholia.

Oh vida de as tres vidas,  
Oh vida, eu serei tua,  
Solteirinha e casada,  
E, ainda depois viuva.

Muito bem parece o ouro  
No pescôço da donzella;  
Melhor parece a honra,  
Menina, faça por ella.

Dei um ai, dei um suspiro,  
Dei uma volta na cama;  
Para vêr se te encontrava,  
Meu amor, da outra banda.

Coração, não vivas triste,  
Vive alegre se puderes;  
Algum dia será teu  
O que tu agora queres.

Não me namora o teu têr,  
Nem o teu andar á moda:  
Namoram-me esses teus olhos  
Meios dentro meios fóra.

Meu amor, se tu te fôres,  
A' vinda vem por aqui,  
Que eu fecharei os olhos  
E juro que te não vi.

Quem diz que o cantar que tira  
As penas do coração;  
Tenho cantado bastante,  
E as penas não se me vão.

O somno e a preguiça  
Tem-me dado muita pèrda;  
O somno diz que me deite,  
E preguiça, que não me erga.

O amor e o dinheiro  
Não pode andar encoberto,  
O dinheiro é chocalheiro,  
E o amor é desinquietao.

Daixae-me ir, que eu tenho pressa,  
Levo agua, vou regar;  
A'manhã é dia santo,  
Tenho tempo de fallar.

Alegria e tristeza,  
Tudo por mim tem passado;  
Se eu muito me tenho rido.  
Muito mais tenho chorado.

Oh meu primo, oh meu primo,  
Oh meu primo, outra vez;  
Heide casar com meu primo,  
Roma para que se fez?

Não posso comer sem dar-te,  
Nem beber, sem dar a ti;  
Não posso fazer a cama  
Sem dizer: deita-te aqui.

Antes que eu de ti estou longe  
Com altas serras no meio,  
Firmeza e lealdade...  
Vive, amor, sem arreccio.

Alegria, se a tenho.  
Deus m'a deu por natureza ;  
Não é por me a mim faltar  
No meu coração tristeza.

Foi á fonte buscar agua.  
Bebi, tornei a beber ;  
Nem meu coração se enfada  
Nem meus olhos em te vêr.

Oh meu amor, algum dia  
Queres-te tu compadecer ?  
Queres-me pagar o tempo  
Que me tens feito perder.

Oh, que pinheiro tão alto,  
Com as pinhas tão córadas !  
E' como as môças novas,  
Em quanto não estão casadas.

Se eu quizera bem pudera,  
Se eu quizer bem poderei,  
Dar allivio aos teus males,  
Que eu fui a que t'os causei.

O meu amor me disse hontem,  
Que eu andava córadinha ;  
Meu amor, não desconfies,  
Que esta côr foi sempre a minha.

Se te vira bem casada,  
Este era o gosto meu ;  
Vêjo-te mal empregada,  
Choro o meu mal e o teu.

Oh meu amor, não me zeles,  
Olha que eu de zelos morro ;  
Um amor que se não zela  
Ou é falso ou é tolo.

Triste sorte foi eu vèr-te,  
Atrevimento fallar-te;  
Delicto era pretender-te,  
Pena de morte deixar-te.

Tu és a primeira pedra  
Do alicerce da parede;  
Quanto mais o mundo falla  
Muito eu gosto mais de vèr-te.

Desenrola o teu cabello,  
Não o tragas emalado;  
Desengana o teu amor,  
Não o tragas enganado.

Eu amei-te, bem o sabes,  
Tu bem sabes se te amei!  
D'esse amor por ti jurado,  
D'esse amor nem eu já sei.

Eu amar-te, foi um sonho,  
Foi uma variedade;  
Foi enquanto eu não achei  
Amores á minha vontade.

O rôxo é sentimento,  
Eu por sentido me dou;  
Não ha lei que tal obrigue  
De amar a quem me deixou.

Quando te vi, oh menina,  
Encostada ao mirante,  
Logo o meu coração disse:  
Tu, menina, tens amante.

Quem me dera dar um ai,  
E atraz de um ai um suspiro;  
Quem me dera agora vèr  
Quem eu tenho no sentido.

O meu coração é cofre,  
Está cheio de gavetinhas;  
E fecham-se com saudades,  
Abrem-se com palavrinhas.

Já não chóro por ti, rosa,  
Que o jardim mais rosas tem;  
Chóro, que não hasde achar  
Quem te queira tanto bem.

Meu coração veste luto,  
Mas não o sabe ninguém;  
Passo penas encobertas  
Causadas por ti, meu bem.

Suspira, meu bem, suspira,  
Suspira, não tenhas medo;  
Aqui está meu coração  
P'ra te tirar do degredo.

Oh meu amor, se tens penas,  
Dá-me d'ellas um quinhão;  
Não é bem que tu padeças  
Tanta pena, só eu não.

Seja dia, seja noite,  
Eu não durmo, nem socégo;  
Todo o tempo que me sobra  
Em amar eu o emprego.

Da palmeira nasce a palma,  
Da palma nasce o palmito;  
O amor que nasce de alma  
Nasce p'ra ser infinito.

Oh luar da meia noite,  
Não venhas cá ao serão;  
Isto de quem tem amores  
Quer escuro, luar não.



Anda cá, meu bem perdido,  
E que tão perdido andaes !  
Anda cá para os meus braços,  
Antes que te percas mais.

Que desgraça a da pombinha,  
Ter azas e não vôar !  
Maior desgraça é a minha,  
Ter amores, não lhe fallar.

Os olhos da minha cara  
Já os tenho reprehendido ;  
Onde não foram chamados  
Não sejam estremecidos.

Não sei que praga te rogue,  
Para me vingar de ti ;  
Permitta o céo que te eu logre,  
E tu me logres a mim.

Despediu-se o sol da aurora,  
A aurora ficou chorando ;  
Cala-te, aurora, não chores,  
Que eu te direi até quando.

Oh meu amor. não maltrates  
A quem tão leal te adora ;  
Quem tanto por ti suspira,  
Quem tanta lagrima chora.

O sol é que alegre o dia,  
Pela manhã em nascendo ;  
Meu coração anda triste  
E só se alegre em te vendo.

As palavras dos amantes  
São como as cerejas bellas ;  
Atraz de umas vêm outras,  
Não ha quem se aparte d'ellas.

Não ha rôxo como o lirio,  
 Nem cheiro mais singular,  
 Nem amor como o primeiro,  
 Sendo firme no amar.

Tenho na minha janella  
 Tulipas até ao chão ;  
 Vendo-te fallar com outra  
 São facadas que me dão.

A castanha no ouriço  
 Está com toda a gravidade ;  
 E' como a môça solteira  
 Na flôr da sua idade.

Caçador, que vaes á caça,  
 Muito bem armado vaes ;  
 Os olhos levas por armas,  
 E em vez de tiros dás ais.

Menina da saia azul,  
 Lencinho da mesma côr,  
 Diga a seu pae que a case,  
 Que eu serei o seu amor.

Os teus olhos, oh menina,  
 Quando se encontram com os meus,  
 Dizem cousas, dizem cousas,  
 Ai Jesus ! valha-me Deus.

Coração por coração,  
 Anda, não deixes o meu ;  
 Olha que o meu coração  
 Sempre foi leal ao teu.

Eu vi-te, gostei de ti  
 A ponto de endoidecer ;  
 Eu puz-te a amisade toda,  
 Meu amor, que heide fazer?

Esta rua tem pedrinhas,  
Esta rua pedras tem,  
Das pedras não quero nada,  
Da rua queria alguém...

Se te fôres, heide armar  
Laços á tua partida;  
Eu quero mais a teus olhos  
Do que á minha propria vida.

Estas meninas de agora,  
Estas que de agora são,  
Dão um geitinho aos olhos,  
Que regala o coração.

Amores novos, valei-me,  
Que os velhos já faleceram;  
Fôram rosas que voaram,  
Folhas de papel que arderam.

Atirei com a laranja  
Ao ár e caiu na areia,  
A' vista d'esses teus olhos  
Quem tem juizo vareia.

Vae-te, cruel, vae-te ingrato,  
Vae-te, amor de minha vida:  
Vae te gabar que me deixas  
No mar de penas metida.

Suspirando, dando ais  
Levo a minha triste vida,  
Dando ais de magoada  
Suspiros de arrependida.

Menina, que anda de luto,  
Diga-me quem lhe morreu?  
Se lhe morreu o seu pae,  
Pela filha morro eu.

Passarinhos, meus amigos,  
Eu tambem sou vosso irmão;  
Vós tendes penas nas azas,  
Eu tenho-as no coração.

Da minha janella á tua,  
Do meu coração ao teu,  
Vae um tiro de suspiros,  
Quem no atira sou eu.

Nunca os beijos que te dei  
Me venham ao pensamento;  
Correi, lagrimas, correi  
Para o mar do soffrimento.

Uma guitarra e um beijo  
Que bellas cousas que são!  
Se uma desperta o desejo,  
Outra falla ao coração.

Nas ondas dos teus cabellos  
Heide deitar-me a afogar,  
Para que o mundo saiba  
Que ha ondas sem ser no mar.

Se eu morrer com minha falla,  
Com meu juizo perfeito,  
Heide deixar que me enterrem  
No adro d'esse teu peito.

Olha para mim e ri-te,  
Tira-me d'esta tristeza;  
Olha que não hasde achar  
Coração de mais firmeza.

A sorte de um marinheiro,  
E' uma verdade pura,  
Anda sempre a trabalhar  
Em cima da sepultura.

Quem fôra como é a hera.  
Pela parêde assubira,  
Iria ter ao teu quarto,  
A' cama onde dormias.

A çucena com o pé n'agua  
Pode estar sessenta dias;  
Eu sem ti nem uma hora,  
Quanto mais de noite e dia.

Oh amor da minha alma,  
Olha a volta que vim dar;  
Arriscar a minha vida  
Para comtigo fallar.

Abre-me a porta, que eu morro,  
Fecha-m'a, que eu já morri;  
Não me faças perder a alma,  
O corpo já o perdi.

Meu amor todo se mata  
Para que eu lhe dê um beijo;  
Aqui tens o meu rosto,  
Cumpre agora o teu desejo.

Quem quizer a salsa verde  
Vá por ella ao ribeiro;  
Quem quizer o amor firme  
Durma com elle primeiro.

Tendes os olhos pretos  
Côr de azeitona madura;  
As fallinhas da tua bocca  
Me levam á sepultura.

Se vires a mulher perdida  
Não a trates com desdem;  
Que Deus tambem castiga,  
Não diz quando nem a quem.

Se tu suspiras, suspira  
Cá dentro o meu coração;  
Se tu choras, também choro,  
Vê lá se te amo ou não.

Tirem os olhos aos homens,  
Levem-os ao Padre Eterno,  
Que os olhos dos homens servem  
De lanternas no inferno.

Se eu soubera não te amava,  
Nem de ti faria gosto;  
Excusava agora de ter  
Duas fontes em meu rosto.

O amor que eu em ti puz  
Mais valera pol-o n'agua;  
A agua passa e molha,  
Não fica pena nem magoa.

Atirei, tu atiraste,  
Encontraram-se as pedrinhas;  
Quando as pedras se ajuntam,  
Que farão nossas fallinhas?

Valha-te Deus, tanto ir  
Aquella fonte beber;  
Se me virem continuar,  
O mundo o que hade dizer?

A noqueira é segredo,  
E o segredo está na noz;  
Vós chamastes-me doidinha,  
Eu endoideci por vós.

Não ha rôxo como o lirio,  
Nem verde como a ortiga;  
Gosto sempre de te vêr,  
Inda que nada te diga.

No céo 'stão dezoito estrellas  
Todas formadas em linha;  
Em todas ellas eu leio:  
Eu sou teu e tu és minha.

Em juro pelas estrellas  
Que brilham no céo azul,  
De te amar eteruamente,  
Inda que o não queiras tu.

Chovam aguas, cresçam rios,  
Dêem navios á costa;  
Não tomes amores com outro  
Até segunda resposta.

Oh fonte, que estás correndo,  
Não tardarás a seccar;  
Tambem meus olhos são fontes,  
Que não param de chorar.

As ondas do mar lá longe,  
De bravas são amarellas;  
Ai da mãe que tem um filho  
Para andar em cima d'ellas.

Tu dizes, eu acredito,  
Que a fôlha da malva é verde;  
Dividas que tu fizeres  
Eu pagal-as não as heide.

Oh meu amor, meu amor,  
Flor da malva regadia,  
Já não ha amores leaes  
Como havia n'algum dia.

Sois baixa, sois redondinha,  
Sois bem como a mangerona;  
Tendes olhos feiticeiros,  
Quem t'os roubara, ladrona.

Tenho dentro do meu peito  
Duas escadas de flôres,  
Por uma descem suspiros,  
Por outra sobem amores.

Puz a mão na parte esquerda,  
Não achei meu coração,  
Não me lembrei que o tinha  
De penhor na tua mão.

Estou defronte de quem amo,  
Quem eu vejo estou querendo;  
Quem me dera em meus braços  
Quem meus olhos estão vendo.

Longe de mim estão olhos,  
Olhos a quem eu venero,  
Olhos a quem eu quiz muito,  
Quiz muito e ainda quero.

Alfinetes são piquinhos,  
Fallas de amor são enganós;  
Deixaste-me a mim por outra,  
Longos dias tem cem annos.

Muito se engana quem cuida,  
Mais se engana quem cuidou;  
Quem cuidou de me enganar,  
Mais enganado ficou.

Adeus, montes, adeus, valles,  
Adeus, rios que eu passei:  
Ainda hoje adoro os sitios  
Onde contigo fallei.\*

Se os suspiros caminhassem,  
Dava duzentos n'uma hora,  
Que fossem ao coração  
De quem me lembrou agora.



**Remates**

Bota a rêde ao mar,  
Põe o pé na areia;  
Ao romper da aurora  
Canta a sercia.

Ingrata, fugiste,  
Deixaste-me só;  
Sósinho no mundo,  
Sem pena nem dó.

Ai de mim, de ti,  
Ai de nós ambos e dois!  
Ai de mim, primeiro,  
Ai de ti, depois.

Olha, não me sigas  
Que perdes o tempo;  
Se o torno a dizer  
Falta-te entendimento.

Já fui á fonte,  
Atravessei o rêgo;  
Já vi a cadeia  
Onde estarei prezo.

Chegou aqui  
Uma voz regalada;  
Isto veiu do céo,  
Não na terra criada.

Oh meu velho, velho,  
Eu bem t'o dizia:  
Rapariga nova  
Que te não servia.

Oh meu velho, velho,  
Oh meu velharrão,  
Tens as barbas ruças  
De andar ao carvão.

Eu casei c'um velho,  
Foi só para me rir;  
Fiz-lhe a cama alta,  
Não pôde assobir.

— Rapaz, tu és vario,  
Rapaz, és vareiro:  
Tu vendes sardinha,  
Tu és sardinheiro.

«Eu vendo sardinha,  
Ha dois ou três mezes;  
Ella é muito bôa,  
Deveis qu'rel-a, freguezes.

Falle-me de longe.  
Diga-me o que quer;  
Trago armas á cinta,  
Sou home' e não mulher.

Se fôres ao Porto,  
Eu tambem vou,  
Buscar uma rosa  
Que lá me ficou.

Ainda, não comprei  
Mas heide comprar,  
Um lencinho branco  
Para te acenar.

Ora brinca, brinca tu,  
Brinca tu e eu tambem;  
Beijinhos e abraços  
São só para o meu bem.

#### 4. Cantilenas e Chacoulas

##### (Extremadura e Alemtejo)

Dou soluços, dou suspiros,  
Eu dou ais a toda a hora ;  
Os beijos dá-os quem ama,  
Valha-me Nossa Senhora.

Valham-me os anjos do céu,  
Valha-me a Virgem Maria,  
Que perdi os meus amores,  
Com elles a luz do dia.

E' uma rosa encarnada  
Creadinha ao pé do tanque ;  
Dá-te o sol, dá-te a lua,  
Cada vez 'stás mais galante.

Não é o sol que vagueia,  
Nem os raios do luar,  
E' um coração perdido  
Que morre por te fallar.

E' de noite faz escuro,  
Rosas tenho de apanhar ;  
Se não fossem os espinhos  
Colhia-as pelo luar.

Oh estrella matutina,  
Quem olha para ti cega ;  
Quando estou ao pé de ti  
Nada do mundo me a lembra.

«Oh linda estrella do norte,  
Para onde caminhaes ?  
—Caminho para o nascente,  
Para onde vão as mais.

Oliveira, pende, pende,  
Bota para cá um ramo ;  
O meu amor é teimoso,  
Duram-lhe as teimas um anno.

Duram-lhe as teimas um anno,  
Duram-lhe as teimas um mez ;  
Quem namora sempre alcança  
Um beijinho, dois ou tres.

Oh minha rosa encarnada,  
Não me debotes a côr,  
Que foi a primeira prenda  
Que me deu o meu amor,

Oh triste da minha vida  
Oh triste da vida minha ;  
Quem me dera ir contigo  
Onde tu vaes, andorinha.

A minha pombinha branca  
Já não vae beber á valla ;  
Por causa de ti, pombinha,  
Já meu amor me não falla.

Os meus olhos estão prezos,  
Mas não choram na prizão ;  
Deixal-os andar, deixal-os,  
Prezos ao teu coração.

Se os meus olhos te encommodam,  
Quando estão na tua frente,  
Eu prometo de arrancar-os,  
Para te amar cégamente.

Altos muros tem teu peito,  
Lá não poderei entrar ;  
Quem mer'cimento não tem  
Glorias não pode alcançar.

Andas vestida de azul,  
Andas á honestidade;  
E' a côr que dá ao mundo  
O sinal da virgindade.

Ave-Maria são beijos,  
Padre-nossos são abraços;  
Rosarios são meus desejos,  
A cruz é abrir-te os braços.

Menina do lenço branco,  
E do encarnado no peito,  
Diga a seu pae que a case,  
Que eu p'ra genro tenho geito.

Vae, meu bem, por esse mundo,  
Não te importem os meus ais,  
Acharás melhor ventura,  
Mas não quem te queira mais.

Bem sei, ingrato, bem sei,  
Que queres que te não ame;  
Mas primeiro que isso seja,  
Antes mais sangue derrame.

Ingrato, paga a quem deves,  
Descarrega a consciencia;  
Para castigo já basta  
Amar-te sem ter esp'rança.

Olhos, fazei penitencia  
Lá n'essas covas mettidos;  
A vêr se tornaes á graça  
De quem já fostes queridos.

Inda que eu queira não posso  
Querer mal a quem quiz bem;  
Por que quem devéras ama,  
Algum amor sempre tem.

Não posso deixar de amar-te,  
Não ha caso mais tyranno;  
Conhecer o proprio erro  
E viver n'um puro engano!

Anda cá, meu bem prejuro,  
Pois que eu ainda te aceito;  
O que as outras não quizeram  
E' o que eu mais proveito.

Vae com Deus, já foste minha,  
Eu tambem com Deus me vou;  
Deus te pague, se me amaste,  
Pague Deus a quem te amou.

Lindo girasol da India,  
Que brilhaes ao meio-dia,  
Só Deus sabe o que me custa  
Deixar tua companhia.

Despedida, despedida,  
Como deu Christo em Belem;  
Com as lagrimas nos olhos  
Se despede quem quer bem.

De que me serve esta vida  
Estando de ti separado;  
Quem nasceu sem ter ventura  
Té á morte é desgraçado.

Se vires lá meus amores,  
Passarinhos que vôaes,  
Dizei-lhe, que cá me ficam  
Mais penas que as que levaeis.

Dei um ai tão dolorido,  
Chamei pela paciencia,  
Que me ajudasse a sentir,  
Meu amor, a tua ausencia.

A desgraça de não vêr-te,  
Não faz, meu amor, mudança;  
Quanto mais longe da vista,  
Mais me existes na lembrança.

Vae-te, carta venturosa,  
Por esse mundo de Christo,  
Faz, lembrar a meu amor  
Que eu ainda aqui existo.

Oh que saudades tamanhas,  
E tão mal correspondidas!  
Quem me dera sepultal-as  
Onde ellas fôram nascidas.

Embarquei com saudades,  
Naveguei com sentimentos,  
Dei á vela com suspiros,  
Vivo no mar dos tormentos.

Eu, saudades levo, levo,  
Não é de pae nem de mãe;  
E' de uma linda menina  
Que a nossa visinha tem.

Agua clara não se turva  
Sem haver quem a enlode;  
Amor firme não se muda,  
Antes que queira não pode.

Não sei se te diga adeus,  
Se te diga:—Vou-me embora;  
O amor é uma saudade,  
Quando abala sempre chora.

Eu sou como o verde tójo,  
Que me visto de amarello;  
Eu bem sei que te faz mal  
O muito bem que te quero.

As nuvens do céu se tingem  
N'um arco de sete côres;  
São sete as dôres da Virgem,  
São sententa as minhas dôres.

Mandaste-me 'sperar, 'sperei  
Ao pé de uma rosa aberta;  
Ingrato, que me enganaste,  
Que não tens palavra certa.

Parabens á tua vinda,  
Novas á tua chegada;  
Emquanto tu não vieste  
A funcção não valeu nada.

O áro do meu pandeiro  
Custou-me quatro vintens;  
Ainda não estou casada,  
Já me dão os parabens.

Se d'esta terra me fôr  
Heide levar meus amores;  
Não quero deixar raizes  
Para outrem colher flores.

Oh meu amor, meu amor,  
Escreve, que eu vou notando;  
Assenta que eu por ti morro,  
Sem saber hora, nem quando.

Não tenho por quem mandar  
Ao amor uma lembrança;  
Mandarei-lhe o meu sentido,  
Já que a vista o não alcança.

Quem me dera agora vêr  
O meu adorado bem,  
Ou alguém que me dissesse:  
Lá o vi, saude tem.



Toda esta noite sonhei,  
Cuidando que te beijava;  
Acordei, beijando o chão,  
Apalpei. não achei nada.

Olha para mim, amor,  
Não me deites ao desdem,  
Olha que não hasde achar  
Quem te queira tanto bem.

Põe-te sol, põe-te sol,  
Deixa vir a noite feia,  
Descanço p'ra quem trabalha,  
Regalo p'ra quem passeia.

Heide-te amar de noite,  
Já que de dia não posso;  
De dia sirvo a meu amo,  
A' noite um creado vosso.

Oh meu amor, vem-me vêr,  
Não tenhas medo á montanha;  
Tantas vezes virás só  
Até que leves companha.

Não ha flôr como o junquillo,  
Logo pela manhã abre;  
Nem amor como o primeiro,  
Que se ama de vontade.

Eu de amores tenho onze,  
Dez e nove, oito e sete,  
Seis e cinco, quatro e trez,  
De dois só um me compete.

Você era o que dizia  
Que era joia do meu peito;  
Você jura, você mente,  
Quem ama tem outro geito.

O meu amor está doente  
N'um leito de ouro deitado:  
Nossa Senhora o visite,  
Que a mim não está dado.

Não é fineza nenhuma  
A rosa em botão cheirar;  
Fineza é depois de aberta  
O mesmo cheiro deitar.

Se tu queres e eu quero,  
Lindo amor, que m'ó perguntas;  
Mete o pé no meio alqueire,  
Ficam duas almas juntas.

Que queres, amor, que queres,  
Que queres d'este meu peito?  
Se queres meu coração  
Mete a mão, tira-o com geito.

Não me desprezes, amor,  
Por teres mais cabedaes;  
No fundo da sepultura  
Todos nós sòmos eguaes.

Oliveira recortada  
Sempre parece oliveira;  
Mulher bonita casada  
Sempre parece solteira.

Pediste-me a minha mão,  
Dei-te a ponta dos meus dedos;  
Foi a minha perdição  
Contar-te eu os meus segredos.

Ausente de um bem que adoro,  
Não tenho gosto de nada;  
Na solidão em que vivo  
Sómente o chorar me agrada.

Toda a vez que vêjo vir  
A lavradora do monte.  
Cuido que são meus amores  
Que vêm beber agua á fonte.

Quero-te bem, tenho-te odio,  
Olha, amor, a minha graça :  
Quero-te bem por seres minha,  
Tenho-te odio por seres falsa.

Chamaste a meu pae teu sogro,  
E a meu irmão teu cunhado ;  
Mal sabes o que perdeste  
Em andares adiantado.

Quem diz que o preto é firme  
Bem pouco entendo de côres :  
Já amei uns olhos pretos,  
Logo me fôram traidores.

Minha sogra me tem odio,  
Minha cunhada tambem ;  
Que me importa a mim cá isso,  
Se elle o filho me quer bem.

Trigueirinha engraçada,  
Todo o mundo a cubiça ;  
No domingo, na egreja,  
Quem a vê não ouve missa.

Ai, Jesus, valha-me o céu,  
Não sei que céu hade ser ;  
Valha-me o céu de teus braços,  
Que n'elles heide morrer.

Casada que nunca o fôra,  
Solteira trinta mil annos ;  
Casada cheia de fézes,  
Solteira cheia de enganos.

A alegria de meus olhos  
Nem eu sei quem m'a levou ;  
Tão alegre que era d'antes,  
Tão triste que agora sou.

Mal o haja a tua rua  
Que tanta pedrinha tem :  
Se não fossem os teus olhos  
Não passava aqui ninguém.

Andas vestida de luto,  
Diz, amor, quem te morreu ;  
Se te morreu paç ou mãe  
Não chores, que aqui 'stou eu.

Dizem que o preto é luto,  
Eu acho que é gravidade ;  
Deixa-te andar, meu amor,  
Que andas á minha vontade.

Os teus braços são cadeias  
Mais fortes que o mesmo aço ;  
Já me tens prezo, cativo,  
Só te falta dar um laço.

Se o bem querer se pezasse  
Na balança da rasão,  
Do meu lado chegaria  
A balança até ao chão.

Quem me dera já lograr  
D'esses teus olhos as luzes ;  
Mais de quatro hãode ficar  
Na bocca fazendo cruces.

Eu já fui ao céo em vida,  
Amortalhado em ais ;  
Na torre dos meus sentidos  
Me fizeram os sinaes.

Eu me queixo, tu te queixas,  
Qual do nós terá razão?  
Tu te queixas dos meus zelos,  
Eu da tua ingratidão.

Não digas, amor, adeus,  
Com esse adeus me mataes;  
Parece-me que me dizeis  
Adeus para nunca mais.

Malmequer não é constante,  
Malmequer muito mais fia:  
Vinte folhas dizem morte,  
Treze dizem alegria.

Não ha jardim sem ter flôres,  
Nem quintas sem arvoredo,  
Nem casada sem desgosto,  
Nem solteira sem enrêdo.

Se eu te quizera dar penas,  
Dava ao mundo que fallar,  
Indo-te vêr a ribeira  
Onde estavas a lavar.

Menina, se fôres á fonte,  
Põe o pé na segurança;  
Pois a honra é como o brio,  
Quem a perde não a alcança.

Não me namora o teu fato,  
Nem o teu palavreado;  
Namoro um homem pacato,  
Que é o que á mulher 'stá dado.

Toda a vida chorarei,  
Toda a vida farei pranto,  
De uma sorte que deitei  
Logo me sahir em branco.

Devo a minha vida á morte,  
Alma a Deus, que me creou;  
O meu corpo á terra forte,  
Ai, Jesus, que nada sou!

—Tomára que me disseses,  
Onde a pena mais se augmenta,  
Se em coração de quem fica,  
Se n'alma de quem se ausenta?

«Onde a pena mais se augmenta  
E' no peito de quem fica;  
Quem se ausentà logo acha  
Amores com que se divirta.

Quando eu nasci chorava  
Com pena de ter nascido;  
Parece que adivinhava  
Que ia ser mal succedido.

Vae-te embora, dia de hoje,  
Bem enfadado me deixas;  
A'manhã a estas horas  
Eu farei as mesmas queixas.

Dizem que o amor é firme,  
Firme da sua innocencia;  
E' firme enquanto não acha  
Quem lhe faça a diligencia.

Atirei o lirio rôxo  
Ao ár, por divertimento  
E veiu-me a cahir no rosto,  
Não ha gosto sem tormento.

Quando eu estiver morrendo,  
Não tendo quem me soccorra,  
Fixa o teu olhar no meu,  
Que póde ser que não morra.

Se ouvires dizer que morri,  
Não chores por mim, meu bem;  
Que a morte de um desgraçado  
Não causa pena a ninguém.

Quem me dera que viesse  
A morte pelos solteiros,  
P'ra ficar a terra livre  
De marotos e brêjeiros.

A flôr da amendoeira  
E' a primeira do anno;  
Eu tambem fui a primeira  
Que te deu o desengano.

Tens no seio dois limões,  
Não foram inda espremidos:  
Quando olho para ti  
Varío dos meus sentidos.

Se te fôres, eu heide ir,  
Se ficares, ficarei;  
Quando não tira-me a vida,  
Que eu apartar-me não sei.

Todas as mulheres são loucas  
Pensando no casamento;  
Depois de estarem casadas  
Vem o arrependimento.

Oh meu amor, meu amor  
Oh meu amor, nada não,  
Nada tenho no meu peito  
Em que não tenhas quinhão.

Todas as aves em maio  
Buscam o seu aposento;  
Eu sem procurar achei  
Amores a meu contento.

Amores são alfinetes,  
Aglhas, variedades;  
Amores fóra da terra  
São dobradas saudades.

Olhos pretos são fidalgos,  
Os azues são cavalheiros;  
Os olhos acastanhados  
São falsos e lisongeiros.

As solteiras são de trigo,  
As casadas de cevada;  
As viúvas de centeio,  
As velhas não valem nada.

Eu quero bem a um nome  
Que tem um A no comêço;  
Quem souber lèr, que me leia,  
Sabe por quem eu padeço.

Quando tenho amores novos  
Toda me estou regalando;  
Quando passo pelos velhos  
Dou-lhe um riso e vou andando.

O meu lenço encarnado  
E' debruado de fita;  
Se é por mim que tu cá vens,  
Agradeço-te a visita.

Suspiros cáem no chão,  
Fazem grande batucada;  
Eu bem sei quem dá suspiros,  
Mas não lhe servem de nada.

Considera, amor, que eu durmo  
N'uma cama de martyrios;  
Amanheço dando ais,  
Acordo dando suspiros



E' de noite, é de noite,  
P'ra mim, quer seja, quer não,  
P'ra mim é sempre de noite  
Dentro do meu coração.

Tanto ai. tanto suspiro  
Que do fundo d'alma me vem ;  
Não são ais nem são suspiros,  
São saudades do meu bem.

Já não quero mais amar,  
Que o amar é um desdem ;  
Sempre andas com carranquinhas,  
Hoje mal, ámanhã bem.

Quem tem amores não dorme,  
Não socega, não descança ;  
Chega-se ao comer não come,  
Com o seu amor na lembrança.

De correr venho cansado,  
De cansado me assentei ;  
Já achei o que buscava,  
Agora descansarei.

A alegria se ausentou,  
Tristeza commigo móra ;  
Se eu gosara o que eu desejo  
Logo a tristeza ia fóra.

Senhora, que a todos daes  
Agua por púcaro novo ;  
Só a mim é que deixaes  
Desconsolado de todo.

O encarnado é fogo,  
Eu não me quero queimar ;  
O rôxo é paciencia,  
Deus m'a dê para te amar.

A minha rua é jardim,  
As visinhas são as rosas;  
Eu por ser o jardineiro  
Escolhi a mais formosa.

Menina, até o cabelo,  
Não o traga desatado;  
Dê o desengano ao môço,  
Não o traga enganado.

Teu peito são dois limões,  
O teu corpo um limoeiro;  
Os teus braços são prizões  
Onde eu estive prisioneiro.

Tu és clara como o leite,  
E o leite também se come;  
E tens dois olhos na cara  
Que enganam a qualquer home.

Não ha cousa que mais cheire,  
Que é a laranjeira em flôr;  
Não ha cousa que mais custe  
Que é a apartação do amor.

Quatro flôres em meu peito  
Fizeram sociedade:  
Cravo rôxo, amor perfeito,  
Perpetua, e uma saudade.

O cravo fechado cheira,  
A rosa aberta rescende;  
Todo o amor que é leal  
Logo p'lo fallar se entende.

Alegria, se eu a tenho,  
Deu-m'a Deus de natureza;  
Não é por que a mim me falte  
No meu coração tristeza.

Tristes ancias me acompanham,  
Nada me alegra o sentido;  
Ninguém sabe o bem que perde  
Se não depois de perdido.

Quero cantar, ser alegre,  
Que a tristeza nada tem;  
Inda não vi a tristeza  
Dar de comer a ninguém.

Toda agente se admira  
De eu cantar e ser casada;  
Eu canto p'ra me entreter  
Por me ver bem empregada.

Oh amor, emprega bem  
Essa tua formosura:  
Ao depois não vás dizendo:  
Pouca foi minha ventura.

Tenho uma pena em meu peito  
Que me aperta o coração,  
De não ser o meu amor  
Quem eu tinha na tenção.

Tenho penas, tenho penas  
Não são pennas de gallinha;  
Dá-lhes o vento não vôam,  
Que penas são estas minhas?

Oh meu amor, cala, cala,  
Que o calado vence tudo;  
Em certas ocasiões  
Mais me valera ser mudo.

Eu te vi, e tu me viste,  
Suspiraste, suspirei;  
Qual de nós amou primeiro,  
Tu o sabes, eu não sei.

O amor é paixão d'alma  
Que rouba a joia mais rica ;  
Emquanto pretende cala,  
Depois de lograr pública.

As solteiras são de ouro,  
As casadas são de prata,  
As viúvas são de bronze,  
E as velhinhas são de lata.

Solteirinha, côr de rosa,  
Casada côr de limão ;  
Que vão fazer as casadas  
Onde as solteirinhas vão ?

Oh meu amor, meu amor,  
Isto não é offender-te ;  
Casa com quem tu quizeres,  
Que o meu gosto é só vêr-te.

E' o coelho matreiro,  
Dorme c'os olhos abertos ;  
Eu durmo c'os meus fechados,  
Por que tenho amores certos.

Pediste-me uma laranja,  
Meu pae não tem laranjal ;  
Se queres um limão doce,  
Vem á porta do quintal.

Das aves que andam no campo  
O rouxinol é o rei ;  
Dá-me a tua liberdade,  
Que eu a minha já te dei.

Passarinho, bate, bate,  
Bate as azas, toma tento ;  
Vae-me levar esta carta  
Onde tenho o pensamento.

Oh meu amor, oh cuidado,  
Sem cuidados nasci eu ;  
Cuidados, cuidados tenha  
Quem cuidados a mim deu.

Não ha nada como a morte  
P'ra acabar a presumpção,  
Com quatro varas de chita,  
E sete palmos de chão.

O coração, alma e vida,  
Tudo, tudo eu já te dei ;  
Se tens tudo que me anima,  
Como sem ti viverei?

Não me namoram vestidos,  
Nem os brincos das orelhas ;  
Namoram-me esses teus olhos  
Por baixo das sobrancêlhas.

Nossa Senhora me faça  
O que eu lhe tenho pedido ;  
Se morrer levar-me ao céu.  
Se viver casar contigo.

Amor com amor se paga,  
Isto é lei, não é favor ;  
Não me faltes á justiça  
Paga-me amor com amor.

Oh agua, tem-te, não vás,  
Não sejas tão corredia ;  
Quem namora não se ausenta,  
Quem quer bem não se desvia.

Quem tiver amor aos homens  
Não o dê a conhecer,  
Que elles são como as crianças,  
O mimo os deita a perder.

O que o vento é para o fogo  
E' a ausencia para amor ;  
Se é pequeno o fogo apaga,  
Se é grande faze-o maior.

Tenho uma cousa a dizer-te,  
Se não t'a digo arrebento ;  
Se t'a começo a dizer,  
Morres de arrependimento.

Amar e não ter ciumes  
Isso não é querer bem ;  
Quem não zêla o que bem ama  
Muito pouco amor lhe tem.

Se tu me quizeras bem  
Da raiz do coração,  
Já me vieras fallar,  
Que as noites bem grandes são.

Os teus olhos das estrellas  
Nunca differença terão ;  
As estrellas são douradas,  
Os teus olhos de ouro são.

Eu amava uma casada,  
Ella amava o seu marido ;  
Ella ficou como estava,  
Eu fiquei como atrevido.

No tronco do triste cedro  
O meu nome escrito deixo ;  
Se eu morrer de uma paixão,  
De ti só é que me queixo.

Já lá vae Abril e Maio,  
Já lá vão estes dois mezes ;  
Já lá vae a liberdade  
Que eu tinha contigo ás vezes.

Passarinhos, que cantaes  
Nas manhãsinhas serenas,  
A todos alliviaes,  
Só a mim dobraes as penas.

Eu heide-te amar, amar,  
Hade ser um dia, dia,  
Quando houver vagar, vagar,  
Oh rosa da Alexandria.

Menina, aperte-se bem  
Como o junco na junqueira,  
Quanto mais apertadinha  
Mais encontra quem a queira,

Já os campos verdes choram,  
Que não teem que vestir;  
Pois já romperam as galas  
Que lhes deu o mez da Abril.

Trigo louro, trigo louro,  
Quem me déra a tua côr;  
A' sombra do trigo louro  
Agarrei o meu amor.

Milho alto, milho alto,  
Milho alto, folha estreita,  
A' sombra do milho alto  
Namorei uma sujeita.

Goivo rôxo é sentimento,  
Eu sinto de te não vêr;  
Sinto mais a tua ausencia,  
Que a hora em que heide morrer,

Passo a ribeira p'ra além,  
Sempre a passo a pé enxuto;  
Não posso comer pão sêcco  
Em tendo á vista o conducto.

Puz-me a chorar saudades  
Ao pé de uma fonte fria ;  
Mais choravam os meus olhos  
Que agua da fonte corria.

Cala-te tola, não chores  
Não dês suspiros de louca ;  
Bem sabes o que são homens,  
Pegam n'umas, deixam outras.

O amor e o respeito  
Não fazem boa união ;  
Quando o ciume diz que sim,  
Diz o respeito que não.

Tens o rosto côr de rosa,  
Os olhos da côr do céu ;  
Tens o cabelo tão lindo,  
Não precisas de chapéo.

Olhos pretos vão á fonte,  
Não sei que vão lá buscar ;  
Não sei se vão buscar agua,  
Se penas para me dar.

Triste estou de me vêr triste,  
Choro de te vêr chorar ;  
E a pena que me assiste  
E' não te poder fallar.

Atraz das tuas passadas  
Meus olhos cansados vão ;  
Como os soldados p'ra guerra  
Atraz do seu capitão.

Fui á serra armar um laço  
Para agarrar um coelho ;  
Agarrou-me um menina  
Co'as tranças do seu cabelo.



Oh meu amor, meu amor,  
Ausenta-te e vem-me vèr;  
Tuas cartas não me servem  
Para mim, que não sei lèr.

Deixa-me contar-te uma conto:  
Era uma vez um rei. . .  
Meu peito por ti suspira,  
E o teu por mim não sei.

Se queres saber se te amo  
Olha p'r'os meus olhos bem,  
Elles mesmo estão dizendo  
A paixão que por ti têm.

Ai que rua tão comprida,  
Para mim que sou rapaz;  
Os olhos vão adiante,  
O sentido fica atraz.

As meninas dos meus olhos  
Dormem á porta fechada,  
Acordam como sentidas,  
Dormem como apaixonadas.

Puz-me a contar as estrellas,  
Contei-as de quatro em cinco;  
De muitas parecem poucas  
As penas que por ti sinto.

Cada vez que canta a poupa,  
Digo mal á minha vida;  
Tenho cama, tenho sôpa,  
Só me falta a rapariga.

Dei um ai, com tanta dôr,  
Que no ár se suspendeu;  
Remettido ao meu amor,  
No caminho se perdeu.

A noite que faz escuro  
E' para mim um regalo;  
Sabe Deus o que eu padeço  
Nas noites de luar claro.

Estou prêza e bem prêza,  
Meu amor é o malsim;  
Se as prizões do amor são doces,  
Ninguem tenha dó de mim.

Eu pedi uma pinga d'agua  
A' ingrata de uma prima;  
Vinha com ella da fonte  
E disse-me que a não tinha.

Semear e não colher  
E' que atraza o lavrador;  
Tambem eu ando atrazado  
Em não fallar ao amor.

Amor, não andes de noite,  
As noites não dão bom pago;  
Quando não venhas ferido,  
Podes vir 'scandalizado.

O meu amor me pediu  
Firmeza e mais firmeza;  
Eu não sou silva que prende  
Com essa delicadeza.

Oh coração de uma pomba,  
Oh áres da primavera;  
Quem me dera adivinhar  
O teu sentido qual era.

Nasce o cizirão na terra,  
Cresce, enleia-se no trigo;  
Oh quem fôra o cizirão,  
Que me enleiará contigo.

Este anno ha muito trigo,  
Deus o abaratará ;  
Tambem meu amor commigo  
Depressa se ajuntará.

O meu amor é o que pega,  
Em pegando já não larga ;  
E' muito doce ao principio,  
E de resto sempre amarga.

Bebem agua nascedia  
As môças que vão á fonte :  
Não ha melhor regalia  
Que ter o amor defronte.

Não ha cousa que mais custe  
Que é padecer e calar ;  
A quem adora em segredo  
Melhor fôra não amar.

As saudades são lembranças  
Comparadas ao morrer ;  
O morrer é não ter vida,  
Não ter vida é não te vêr.

Eu para ti sempre a olhar,  
E tu sem nunca me vêres ;  
Olha, amôr, a differença  
Que ha entre os nossos querereres.

O coração de Maria  
Dizem que o tenho, que é meu ;  
O coração sem o corpo  
Para que o quero eu ?

Se me virem ser ingrato,  
Que não se admire ninguem ;  
Uma ingrata me ensinou  
A ser ingrato tambem.

Meu amor, se estás reprezo  
Da palavra que me deste,  
Dá-me o beijo que eu te dei,  
Toma dois que tu me deste.

Todas as flôres do anno  
Cativa o mez de Janeiro;  
Em chegando Abril e Maio,  
São de seu cativoiro.

Jura pelo junco verde,  
Que é a jura dos pastores;  
Não ha fonte sem ter limos  
Nem donzella sem amores.

Quatro cousas é preciso  
Para saber namorar:  
Olho vivo e pé leve,  
Paciencia, saber fallar.

Assoma-te a essa janella  
Inda que te venhas vestindo;  
As maçans d'esse teu rosto  
São rosas que vêm abrindo.

Menina, por ser bonita,  
Não cuide que mais merece;  
Quanto mais linda é a rosa  
Mais depressa desvanece.

O amor é de tal fórma  
Que não larga adonde pega;  
Quem d'amores 'stá combatido  
Não descança nem socega.

Oh que olhos tão bonitos,  
Tanto com elles engraço;  
São luzes que me alumeiam  
Quando pela rua passo.

Tendes um cravo na bocca  
Com a raiz na garganta;  
Quem vol-o tirara a beijos  
A' hora que o gallo canta.

O pepino quer-se verde,  
E o tomate encarnado;  
A uva quer-se madura,  
O amor firme calado.

Tenho fome, tenho sêde,  
Não é de pão nem de vinho,  
Tenho fome de um abraço,  
Tenho sêde de um beijinho.

Tenho feito juramento  
Não amar quem me amofina;  
Mas não posso, que é mais forte  
A paixão que me domina.

A' entrada d'esta rua  
Me prometteram facadas;  
Não duvido que m'as dessem,  
Se eu tivesse as mãos atadas.

Eu amei uma casada,  
Mais valera não amar;  
Se foi falsa ao seu marido,  
Como me hade ser leal!

Toda a vida meu pae disse:  
Filho, não sejas maroto;  
Foge sempre das mulheres  
Como a camisa do corpo.

O meu regalo é lavar  
• Em terra de areia fina;  
Quem me dera já lograr  
Esses teus olhos, menina.

Da bocca fiz o tinteiro,  
Da lingua penna aparada,  
Dos dentes letra miuda,  
Dos beiços carta fechada.

O meu coração palpita,  
Quando palpita me diz:  
Comtigo ou tarde ou cedo  
Heide vir a ser feliz.

O ciume é linda flôr,  
Anda bem mal estimada;  
Onde o ciume não entra  
O amor não vale nada.

Tendes os cabellos louros,  
A' roda com os seus aneis,  
Tendes uns olhos marotos,  
Não sei se me enganereis.

Quem canta seu mal espanta,  
Quem chora é que tem motivo:  
Eu canto por me esquecer  
Do mal que sinto commigo.

Olhos pretos ramalhudos  
Que sombra que não farão!  
Quem me dera a sombra d'elles  
Para o principio de v'rao

Va-se embora, não a quero,  
Venha cá, que estou zombando;  
Isto de quem tem amores  
Sempre está galanteando.

A rosa para ser rosa  
Deve ser de Jericó;  
O homem para ser homem  
Deve amar a uma só.

Não quero molher bonita,  
Que é cspêlho de maganos;  
Quero uma molher bem velha,  
De quatorze ou quinze annos.

A mulher do meu visinho  
E' uma santa mulher.  
Dá os ossos ao marido,  
A carne a quem ella quer.

Uma estrella se perdeu,  
Que no céo não aparece;  
Em tua casa se escondeu,  
Em tua cara resplandece.

Amor perfeito não ha  
N'esta epoca presente;  
Quando dizem: Eu te amo,  
Raro é o que não mente.

Oh estrellinha da noite,  
Tenhas de mim piedade,  
Que já me falta a ventura  
Na flor da minha edade.

O meu amor foi-se, foi-se,  
Foi-se; pois deixal-o ir;  
Se elle me tiver amor,  
Elle tornará a vir,

Antes eu quero morrer,  
Dar meu corpo á sepultura,  
Do que vér a meu amor  
Com corrêas á cintura.

Meu grãosinho de pimenta  
Tão pequenino, mas queima;  
Deixa lá fallar quem falla,  
Seguimos a nossa teima.

O encarnado se queixa  
Que não tem bonita còr;  
Vira o rôxo, còr do lírio,  
Na ausencia de meu amor.

Já me pedem que te deixe,  
Já me pedem com empêno:  
Cada vez te quero mais,  
Olha a emenda que tenho.

Se eu soubisse de orações  
Conforme sei de cantigas,  
Andava sempre cantando  
Por alma das raparigas.

Trazer chapéo desabado  
E' signal de seres ladrão;  
Eu já te encontrei n'um furto  
Roubando o meu coração.

Solterinha, còr de rosa,  
Repara para a casada,  
Que inda não está recebida,  
Já tem a còr demudada.

Chamaste-te triste, triste,  
Triste são as sextas feiras,  
Alegres são os domingos  
Para as mocinhas solteiras.

Meu amor, na tua rua  
Não se póde namorar;  
De dia as velhas á porta,  
De noite os cães a ladrar.

Eu tenho um vestido preto  
Que visto na tua ausencia,  
Com colchêtes de ciumes,  
Com botões de paciencia.



A' entrada d'esta rua,  
A' sahida d'esta terra,  
Está uma roseira branca,  
Não me vou sem rosas d'ella.

Cada vez que vou á missa,  
Ao tomar a agua benta,  
Logo olho, e se te vêjo  
Algum peccado me tenta.

Antes que me espetem setas  
Como a San Sebastião,  
Não heide deixar de amar  
A quem tenho na tenção.

Oh meu amor, meu amor,  
Nada me alegra o sentido;  
Ninguem sabe o bem que perde  
Senão depois de perdido.

Esta noite sonhei eu  
Que te estava dando beijos.  
Acordei, achei-me só,  
Tive dobrados desejos.

O amor como o dinheiro  
Não pode andar encoberto:  
O dinheiro é chocalheiro,  
O amor desinquieta.

Que já me não adorava  
Foi o que meu bem me disse;  
Respondí que era assim mesmo,  
Apertou me a mão e riu-se.

Foste dizer mal de mim  
Ao meu amor, por desprêso;  
Deitaste agua no lume,  
Ainda ficou mais acceso,

Se eu brigar c'os meus amores  
Não se entremeta ninguém;  
Que acabados os arrufos  
Ou eu vou ou elle vem.

Quem é pobre não tem vícios,  
Quem é surdo está calado,  
Quem é velho não namora,  
Pois fica sempre logrado.

Tudo o que é verde se seca,  
Até o limo do rio;  
Quem namora sempre tem  
N'algum tempo o seu desvio.

Cada vez que considero  
Que tenho um amor ingrato,  
Não sei como não me viro  
Contra um punhal e me mato.

Anda cá, se queres vêr  
O que vae n'este meu peito:  
Um labyrintho de penas  
Causadas por teu respeito.

Quando na rua te encontro,  
Ao rosto me sobe a côr;  
Inda que eu queira não posso  
Negar que te tenho amor.

Bôa erva é o poêjo  
Que se deita nas açôrdas,  
Racha-me a cara com beijos,  
Tem cautella, não me mordas.

Os amores da azeitona  
São amores de cotovia;  
Em se acabando o trabalho,  
Vae-te com Deus, Maria.

Oh amor, tudo te anoja,  
De tudo, oh amor, te offendes;  
Ou eu não te sei amar  
Ou tu. amor, não me entendes.

Amar e saber amar,  
Amar e saber a quem  
Amar os teus olhos lindos,  
Não amar mais a ninguem.

Dinheiro e mais dinheiro  
Faz a paz e mais a guerra;  
Bellos condes e marquezes,  
Em morrendo, tudo á terra.

O capitão do navio  
Jura que me ha de levar;  
Eu tambem jurei aos céos  
Não passar aguas do mar.

Oh agua, que estás lá longe,  
Oh agua, quem te bebera,  
Oh rosa, quem te cheirara,  
Oh cravo, quem te colhera!

Tens os olhos marotinhos,  
Cara toda abrejeirada;  
Os pés acatitadinhos,  
A cintura delicada.

O amor é como o rato.  
Não lhe escapa buraquinho,  
Entra por aqui. sáe por 'lì,  
Vae seguindo o seu caminho.

Oh meu cofre encantado,  
Onde encontro o que procuro,  
Allivio para o passado,  
Esperanças para o futuro.

Vae-te deitar, passarinho,  
Ao arvoredado, que é noite;  
Tu dormes com tuas pennas,  
Eu durmo com penas d'outrem.

Puz-me a chorar saudades  
Ao pé das praias do mar;  
Veiu uma onda e me disse:  
E' bem feito! torna a amar.

Triste cousa é ser mulher,  
Triste cousa é ter amores,  
Passa o tempo, acaba a vida  
Em sustos, prantos e dôres.

Raminho de murta verde,  
Inda te heide convencer,  
A murta dá-se a quem morre,  
Eu por ti heide morrer.

Penas que tenho no peito  
Não as dou a conhecer,  
Eu as fiz, eu as causei,  
Eu as quero padecer.

O meu bem diz que me ama,  
Elle affirma, elle jura;  
Não é p'ra mim tanto bem,  
Não tenho tanta ventura.

Oh coração, coração,  
Não arrebentarás tu!  
Coração com tanta pena,  
Sem ter allivio nenhũ.

Nossos corações nasceram  
Um para do outro ser;  
Quem intentar separal-os  
Perde o seu tempo por q'rer.

Tu te quixas, eu me queixo,  
Qual de nós terá rasão?  
Tu te queixas de eu ser firme,  
Eu, da tua ingratidão.

Estou a vista de quem quero,  
Vêjo quem estou querendo,  
Amo quem tenho á vista,  
E venero a quem estou vendo.

Se queres que eu seja tua  
Mandarás parar o sol;  
E depois do sol parado  
Cae-te o peixe no anzol.

Heide te amar por arte,  
Ninguem o hade saber,  
Senão o padre prior  
Quando nos arreceber.

Primeiros amores que tive  
Mandei-os ao mato á carqueja,  
E estes que agora tenho  
Hão de ir commigo á egreja.

Tenho um lenço de beijinhos,  
Meu amor, para te dar;  
Com quatro nós de ciumes  
Não os posso desatar.

Quanto mais estou comtigo,  
Menos posso estar sem ti;  
Que a paixão que nasce d'alma  
Tem principio e não tem fim.

Quando eu era pequenino,  
Acabado de nascer,  
Inda mal abria os olhos  
Já gostava de te vêr.

Oh olhos, contra quem vindes  
Tão irados, d'essa sorte?  
Se vindes para me matares,  
Eu mesmo me entrego á morte.

Não ha gosto sem desgosto,  
Nem firmeza sem mudança;  
Nem amor que dure tempos  
Sem haver desconfiança.

Os olhos ao céu levanto,  
Lagrimas deixo correr;  
Clamando contra o ciume,  
Ai, meu bem, isto é morrer.

Não quero que me dês nada,  
Que eu tambem nada te dou;  
Quero que vivas lembrada  
Do tempo que já passou.

E's clara como a neve,  
Córada como o madronho;  
Tu é que és a feiticeira  
Com quem eu de noite sonho.

Amor, falla de vagar,  
Que as paredes tem ouvidos;  
Os amores encobertos  
Esses são os mais sabidos.

Quem me déra ser pintor,  
Que pintava a primavera;  
E pintava a meu amor  
Dentro d'alma, se pudera.

E' tal a minha desgraça,  
Que nem a esperança me resta  
De vêr um dia acabar  
A minha sorte funesta.

Tua bocca me parece  
Um botãosinho de rosa;  
Tenho visto boccas lindas,  
Mas nenhuma tão airosa.

Meu amor está mal commigo,  
Quem hade fazer as pazes?  
Heide-as eu fazer mais elle  
A poder de saudades.

As estrellas do céu correm,  
Correm que desapparecem;  
Tambem os meus olhos correm  
Atraz de quem o merece.

A parreira só dá uvas  
Quando tem bom tratamento;  
O amor só dá esperanças  
Quando chega o casamento.

Ausente de um bem que adoro,  
Não posso viver com gosto;  
Nasce o sol e põe-se o sol,  
Para mim sempre é sol posto.

Queira Deus que chova, chova,  
Queira Deus que chova trigo  
Na seara de meu sogro,  
Para repartir commigo.

Os pombos que são pequenos  
Sustentam-se com beijinhos,  
Façamos nós do amor  
Como fazem os pombinhos.

Meu coração, não te mates,  
Excusas de te matar:  
Amores não faltarão,  
A questão é procurar.

Tenho feito juramento,  
Protesto de o não quebrar,  
De enquanto houver solteiras  
Com viúvas não casar.

O meu amor é mais lindo  
Do que a rosa quando abre:  
Todo o mundo m'o cobiça,  
Nossa Senhora m'o guarde.

Tenho um amor, tenho dois,  
Tenho trez, não é defeito;  
Tenho um a cadeado  
Fechado n'este meu peito.

Aqui tens a minha mão,  
Ajunta-a palma com palma;  
Domina o meu coração,  
Toma posse da minh'alma.

Raparigas de hoje em dia  
Enganam a toda a gente;  
A que em solteira é bonita,  
Em casada é uma serpente.

Eu não sei como pagar-te  
O ter amor e saudade;  
Como não sei escolher  
Fica isso á tua vontade.

Quem ás mulheres dá ouvidos  
Está em pouco desgraçado;  
O menos que lhe acontece  
E' em breve estar casado.

Passastes á minha porta  
Co' capote do avêssô;  
Se não me quizeres fallar,  
Escarra, que eu bem conheço.



Esta noite sonhei eu,  
A outra sonhado tinha,  
Que estavas em os meus braços  
Muito bem apertadinha.

Toda a môça que não traz  
Cinco, seis môços á trela,  
Não é môça não é nada,  
Não demos nada por ella.

Oh meu amor, pede a Deus,  
Pois eu peço ás almas santas.  
Que nos ajuntemos ambos,  
Já que as invejas são tantas.

O meu coração ao teu  
Pouca differença terá;  
Eu ao teu quero-lhe bem,  
Tu ao meu, quem sabe lá.

Os meus olhos e os teus  
São quatro a quererem bem;  
Estes meus querem os teus,  
E os teus não sei a quem.

Oh meu amor. nunca digas  
O que entre nós foi passado;  
Deita-lhe terra por cima,  
Deixa ficar sepultado.

Não fujas, amor, não fujas,  
Que eu não como gente viva;  
Se não queres casar commigo,  
Valha-te Deus! quem te obriga?

Quem tem amores não dorme,  
Eu por mim o considero;  
Longe de mim vae o somno  
Quando por meu amor espero,

Dizeis que tenho amores  
No caminho da cidade;  
Até'góra foi mentira,  
Agora será verdade.

Oh José da crueldade,  
Lembra-te d'esta cativa,  
Lembra-te que me deixaste  
Em laços de amor metida.

De dentro da sepultura  
Heide clamar contra ti,  
De me trazeres enganada,  
Lindo amor, até ao fim.

Eu fui aquella que disse:  
Ou contigo ou com a terra;  
Se não casasse contigo  
Queria morrer donzella.

Do meu peito fiz tribuna,  
Do teu coração altar,  
Da minha alma fiz egreja,  
Meu amor, p'ra te adorar.

Oh que calma está cahindo  
Por cima dos ceifadores;  
Quem fôra ramo de palma  
Que cobrira os meus amores.

Jura, amor, que eu tambem juro,  
Faz uma jura bem feita;  
Jura, amor, que me hasde dar  
Na egreja a mão direita.

Saudades de oito dias  
Passo eu alegremente;  
Indo dos oito p'ra os nove  
Já minha alma vae doente.

Esses dias que eu passo  
Sem vêr a minha querida,  
Esses são os que não meto  
Na conta da minha vida.

Despedida, despedida,  
Eu inda me não despeço;  
Quem se despede acaba.  
Eu inda agora começo.

Assim que á função cheguei.  
O teu modo me agradou;  
E disse ao meu camarada:  
Sem amor já eu não vou

Inda canto, ainda bailo,  
Inda cá não ha tristeza,  
Inda cá não ha quem tenha  
Minha liberdade preza.

Já te pudera ter dado  
Um anel para o teu dedo:  
Mas tenho considerado,  
Para prendas inda cedo.

Fui ao campo colher flores  
C'uma cestinha no braço;  
Encontrei os meus amores,  
Ai, Jesus! d'aqui não passo.

Antonio, mólho de cravos,  
Que á luz está rescendendo,  
Da palavra que te dei  
Estou firme e não me arrependo.

Oh que bello vento norte,  
Que vem lá da minha terra;  
Quando o vento é tão bom,  
Que fará a gente d'ella.

Uma carta bem fechada  
Ninguem sabe o que vae dentro;  
A môça bem conservada  
Nunca perde casamento.

Aqui n'esta rua, rua,  
Aqui n'este canto, canto,  
Mora a mãe do meu amor,  
A quem eu lhe quero tanto.

Eu quero bem, e não quero  
Dizer a quem quero bem;  
Quero bem seja a quem fôr,  
Dizel-o não me convem.

Os raios do sol queimam,  
Fazem feridas mortaes;  
Heide amar-te só por teima.  
Querer-te cada vez mais.

Amores do pé da porta  
Não se podem aturar;  
São como os pintalinhos,  
Não fazem se não piar.

'Stás doente, frol das flores,  
Chamar médico é loucura;  
Doença de mal de amores  
Quem a causa é quem a cura.

Descobrir achaques d'alma  
Ao surgião é loucura;  
O remedio de uma ausencia  
Só com a vista tem cura.

As estrellas são signaes  
Que Deus ao mundo deitou;  
Meu amor, quero-te mais  
Que uma mãe que te criou.

Os amores hoje em dia,  
São falsos como o melão,  
Tem-se de partir um cento  
Para se encontrar um são.

Eu sei lèr, sei escrever,  
Faço letra deíretida:  
Se tu me não cativares,  
Outro amor me não cativa.

Eu se te não amo morro,  
Se te adoro ha quem me mate;  
Se de toda a sorte morro;  
Quero morrer a adorar-te.

Entre a branca e a trigueira  
Não sei qual heide escolher;  
Antes bem quizera ambas,  
Mas isso não póde ser.

Quem me dera dar um ai  
Que chegasse aonde eu quero:  
Eu dissera ao meu amor  
E' éste o que eu venero.

Tu é que és aquella, aquella,  
Aquella a quem eu venero;  
Tu é que és aquella ainda  
A quem eu queria e quero.

O que é feito de vontade  
Inda não cansou ninguem;  
Por isso não estou cansado  
De fallar com o meu bem.

Eu quero bem a um nome,  
Mas a letra não o digo;  
Não quero que ninguem saiba  
Por quem morro ou por quem vivo.

Meu nome será amar-te,  
O sobre-nome querer-te,  
A alcunha é lograr-te,  
O apellido merecer-te.

Eu não pensei, não pensei,  
Nem por sombras eu cuidava,  
Que o craveiro do meu sôgro  
Tão lindos cravos deitava.

Aqui n'esta rua mora,  
Aqui n'esta rua está  
Quem me a mim tira o descanso,  
Co'as palavras que me dá.

As letrinhas do meu lenço  
São feitas do teu cabello;  
Por mais que o vêja e reveja  
Nunca me farto de vê-lo.

O lenço que tu me deste  
Trago-o eu dentro do seio,  
Com medo que me perguntem  
D'onde este lenço me veio.

Aperta-me, amor, aperta-me  
Aperta-me a minha mão:  
Que estes apertos me dizem  
Quero-t' bem do coração.

Se tu suspiras, suspira  
Cá dentro o meu coração;  
Se tu choras tambem choro,  
Vê lá se te amo ou não.

O meu amor me pediu  
Meu coração emprestado;  
Se estivessemos sósinhos  
Até lh'o teria dado.

Não se me dava morrer  
Tendo a salvação segura,  
Sabendo que havia ter  
Em teu peito a sepultura.

Quem me dera, dera, dera  
Estar sempre a dar, a dar  
Beijinhos a trez e trez  
Abraços a par e par.

Tens os olhos mais escuros  
Do que a noite mais fechada ;  
Apesar de tanto escuro  
Sem elles não vêjo nada.

Trago dentro do meu peito  
Um botão de rosa a abrir ;  
São os olhos do meu bem  
Que p'ra mim se estão a rir.

Atirei um lirio ao céu,  
E caiu-me um cravo aberto ;  
Cada qual é p'r'o que nasce,  
Não ha ditado mais certo.

Tenho cinco réis de amor,  
Dez réis de saber amar,  
Quinze réis de bem querer,  
Um vintem de não faltar.

Se os meus olhos fossem balas,  
Já tu não estavas de pé ;  
Meu amor, tu não me fallas,  
Por algum motivo é.

Os olhos do meu amor  
São cadeados de ferro,  
De tal sorte me prenderam  
Que outro amor já não quero.

Bate o malho na bigorna  
Quando o ferro está em braza;  
Leva a vida a dar suspiros  
Todo o mção que casa.

Oh relógio, estás parado;  
Mas que maluqueira é essa?  
Quando aqui está meu amor  
Trabalhas com tanta pressa.

Encostei-me á pedra d'ara,  
No lugar do sacerdote;  
Quem tem o amor á vista  
Não pode ter melhor sorte.

As pedras da tua rua  
De mim teem piedade,  
Do meu amor me deixar  
Ao rigor da saudade.

O meu amor é criança,  
Assim que o chamam lá vae;  
E o meu é como á pedra  
Que aonde a põem não sáe.

Lá cima, n'aquella serra  
Ouvi dar ais e escutei;  
Era a minha mocidade  
Que eu tão mal a empreguei.

Altos montes, duras brenhas,  
Olivaes com suas ramas;  
Não attendas ás intrigas,  
Não deixes de amar quem amas.

O meu coração é terra,  
Heide-o mandar lavar,  
Para dispôr os desejos  
Que eu tenho de te lograr



O primeiro amor é ouro,  
Segundo prata lavrada:  
O terceiro, quarto e quinto  
São pó, terra, einza e nada.

Se o meu amor me morria  
Depois da palavra dada,  
Nem a terra me comia,  
Nem minha alma se salvava.

O mar pediu a Deus peixes,  
O campo pediu-lhe flôres,  
O céu pediu-lhe as estrellas,  
A mulher pediu amores.

As ondas do meu cabelo  
Foram feitas ao desdem.  
São o mar onde navegam  
Os carinhos do meu bem.

Té o mar veste de luto,  
Os campos de limos verdes,  
Meu coração de tristeza  
De te ver tão poucas vezes.

Todas as aguas que correm,  
Todas ao mar vão parar;  
Todas as minhas cantigas  
Ao meu amor vão a dar.

Debaixo das frias ondas  
Cansa o peixe de nadar;  
Tudo cansa n'este mundo,  
Só eu não canso em te amar.

Abaixa te, outeiro alto,  
Quero avistar o Guadiana;  
Val'mais uma hora de amores  
Que a jorna de uma semana.

Oh rio, que foste rio.  
Agora nem és regato ;  
Quem namora ás escondidas  
Nunca de amores é farto.

Ao passar o ribeirinho  
Puz o pé, molhei a meia ;  
Não casei na minha terra,  
Vim casar na terra alheia.

Meu raminho de perpétua,  
Ao pé do lago nascida,  
Sabes o bem que te quero,  
Fazes-te desentendida.

Deitei o cravo no pôço  
Fechado e saiu aberto ;  
Os braços do meu amor  
São fitas com que me aperto.

D'aqui d'onde estou bem vêjo  
Correr as bicas da fonte ;  
Ai de mim, que morro á sêde  
Tendo o remedio defronte.

Agua da fonte vae turva,  
Quem tem sêde sempre bebe ;  
Quem tem vontade de amar  
Cousa nenhuma o impede.

Tu foste á fonte descalsa  
Para te vèrem os pés,  
Em manguinhas de camisa,  
Co'os dedos cheios de anneis.

Fui á fonte beber agua,  
Bebi, tornei a beber,  
Estava o meu amor defronte,  
Regalei-me de o vèr.

Adeus, oh largo da fonte,  
Adeus oh fonte das bicas:  
Muitas voltas dão os homens  
P'ra vêrem môças bonitas.

Anda cá, meu bem, que foste,  
Que ainda o podes vir a ser;  
Tanto bate a agua na pedra  
Té que a faz abrandecer.

Chove, chove miudinho,  
Proveito p'r'a terra é;  
Deixa a rica, váe p'r'a pobre,  
Que é a fórmula do teu pé.

Está a noite enevoadá,  
É signal que quer chover;  
Vêjo o meu bem mudado,  
Não sei que isto quer dizer.

O meu amor me deixou  
N'uma manhã de neblina;  
Deixou-me por eu ser pobre,  
Que outra falta não n'a tinha.

Vê lá, meu bem, se te lembras  
D'aquella noite de vento,  
Que te tive desmaiada  
Nos meus braços tanto tempo.

Tu escreveste na areia,  
Sobrescriptaste no mar,  
O vento foi o correio,  
Muito segura heide estar.

Eu sou vento, tu és vento,  
Tu do norte, eu do suão,  
Commigo passas o tempo,  
Com outra formas tenção.

A candêa por 'star alta  
Não deixa de alumiar ;  
Ai, amor, quando estás longe, .  
Não deixas de me lembrar.

Trocaste-me a mim por outra,  
Não estranho é o costume,  
Que sempre se hade queimar  
Quem assim brinca com lume.

Moram no céu as estrellas,  
Moram os peixes no mar,  
Vem tu, oh minha menina,  
No meu coração morar.

As estrellas do céu dizem,  
Que eu mesmo é que tive a culpa  
De amar a quem me não ama,  
Buscar a quem me não busca.

Lindo môço, linda flôr,  
Estrella da madrugada,  
Quem por ti arrisca a vida  
Não pode arriscar mais nada.

Eu sou filha das estrellas,  
Ao pé da lua criada,  
Perdidinha em noite escura,  
N'esse teu peito encontrada.

Vi o sol e vi a lua,  
Não differencei qual era,  
Se era o sol, se era a lua,  
Se eras tu, em logar d'ella.

Vae-se o sol e vem a lua,  
Vae-se a lua, vem o vento,  
Vae-se um amor e vem outro,  
E assim vae correndo o tempo.

Teu coração é de gelo,  
Que nem o sol o derrete;  
Como hãde elle ter firmeza  
De cumprir o que promette.

Ha quem diga que eu não amo,  
Que eu dexei o meu amor;  
Eu só o heide deixar  
Quando o sol perder a còr.

Já não ha nem pode haver  
Debaixo do sol nascido,  
Um coração mais leal  
Do que o meu p'ra ti tem sido.

Despediu-se o Sol da Aurora,  
A Aurora ficou chorando,  
Cala-te, Aurora, no chores,  
Que eu te direi até quando.

Já la vem o Sol nascendo,  
Que é o rei das alegrias;  
Quem se pode esquecer d'elle.  
Se nasce todos os dias.

Fui ao livro do destino  
Minha sorte procurar;  
Em todas as folhas li,  
Que nasci para te amar.

Dá-me a tua mão direita,  
Que te quero lèr a sina,  
Para vèr se a tua sorte  
Eguala com esta minha.

Pelo cantar da sereia  
Se perdem os navegantes;  
Não ha viuvas sem saudades,  
Nem donzellas sem amantes.

Minha sogra, minha sogra,  
 Minha sogra é o diabo;  
 Porque me dá o seu filho  
 Em mim por mal empregado.

A esperança é dom do céu,  
 A desgraça é o perdel-a;  
 Com ella se vae a vida,  
 Quem pode viver sem ella?

Dou soluços, dou suspiros  
 E dou ais a toda a hora;  
 Os beijos dá-os quem ama,  
 Valha-me Nossa Senhora.

O meu amor é mais lindo  
 Do que a rosa quando abre;  
 Todo o mundo m'o cobiça,  
 Nossa Senhora m'o guarde.

Nossa Senhora me faça  
 O que lhe tenho pedido;  
 Se morrer, levar-me ao céu,  
 Se viver, casar comtigo.

- Abram-se as portas do céu,  
 Que quer entrar o Senhor,  
 Atraz do Senhor vou eu,  
 Atraz de mim meu amor.

Quem me dera estar na fonte  
 Quando Jesus pediu agua;  
 Dera lhe o meu coração,  
 Juntamente a minha alma.

Por te amar perdi a Deus,  
 Não pensei no que fazia;  
 Agora perdi-te a ti,  
 E já não tenho alegria.

Se eu te não amo devéras,  
Deus do céu me não escute;  
Estrellas não me alumiem,  
A terra me não sepulte.

As nuvens do céu se tingem  
N'um arco de sete côres;  
São sete as dôres de Maria  
São setenta as minhas dôres.

—Oh meu amor, meu amor,  
Quando me has tu esquecer?  
«Quando Deus me não der vida.  
Nem olhos para te vêr.»

Amor com amor se paga;  
Porque não pagas, amor?  
Olha que Deus não perdôa  
A quem é máo pagador.

Quem tem alhos, quem tem olhos,  
Quem tem olhos que me venda?  
Quem quer contratar em olhos,  
Que olhos é boa fazenda,

Minha mãe não quer que eu falle  
Comtigo á porta da rua;  
Eu, porém, sempre que posso,  
Vou contra a vontade sua.

Era de uma vez um homem,  
Que morava n'uma aldeia...  
Nunca tive medo á fome  
Depois da barriga cheia.

Já não quero mais amar,  
Que tenho medo aos enganos;  
Mas inda gosto de olhar  
P'r' ás velhas de quinze annos.

Encontrei o dar e toma  
Na rua de toma lá;  
Inda não vi dar sem toma,  
Nem toma sem deita cá.

Aqui n'esta rua havia  
Uma pombinha bem bôa;  
Não fizeram caso d'ella,  
Veiu o gavião. levou-a.

Oh meu amor, meu amor,  
Aos homens tudo lhe é dado,  
Fallarem com bôas môças,  
Terem bom palavreado.

Rapazes e raparigas  
E' máo gado de apartar;  
Ajuntam-se uns com os outros,  
Não querem se não brincar.

Os meninos quando nascem  
Todos vêm co'a mão no peito;  
Confessa, meu bem, confessa,  
Que o amar não é defeito.

Heide amar-te, que é meu gosto,  
Ninguem n'isso tem que vêr;  
Amar-te e casar com outro,  
Mais me valera morrer.

Adeus, meu amor primeiro,  
Que me ensinaste a amar;  
Eu contigo principiei,  
Contigo quero acabar.

Tenho dentro de meu peito  
Sangue coalhado ás póstas;  
Do que tu não pretendias  
Muito bem agora gostas !



Deitada na minha cama  
Ouvi as tuas passadas;  
As tuas fallas p'ra outra  
Cá para mim são facadas.

Vou-te a dar os parabens  
Lá de teu novo namoro;  
Deus queira que a tua *risa*  
Não te venha a dar em chôro.

Mais me valia morrer,  
Ser enterrado na rua,  
Do que vir a conhecer  
Uma falsidade tua.

Que é do lenço que te eu dei?  
Quero-o fazer ás tirinhas;  
Já lá tens outros amores,  
Não precisas cousas minhas.

Tristes ancias me acompanham,  
Nada me alegra o sentido;  
Ninguem sabe o bem que perde  
Senão depois de perdido.

Eu chôro ás escondidas  
Onde me não vê ninguem;  
Até chorar me prohibem,  
Mas não procuram por quem,

Quem quizer vêr olhos tristes  
Olhe p'o' os meus desgraçados;  
Que já são aborrecidos  
De quem foram desejados.

Algum dia ria eu  
Das paixões e dos amores;  
Agora, por meus peccados,  
Estou soffrendo as mesmas dôres.

Quando eu digo que sou tua,  
Dizes, amor, que te minto;  
As magoas que eu por ti soffro,  
Deus as sabe e eu as sinto.

Vae-te embora, dia de hoje,  
Que estou farta de chorar;  
Se ainda vir meu amor,  
A'manhã heide cantar.

Vae-te embora, dia de hoje,  
Bem enfadada me deixas;  
A'manhã a estas horas  
Eu farei as mesmas queixas.

As meninas dos meus olhos  
Dormem ás portas fechadas,  
Acordam de magoa chêas,  
Choram como desgraçadas.

Já não tenho o meu amor,  
Já não tenho o bemquerer;  
Já não tenho quem me diga:  
Domingo venho te vêr.

Da vida dos namorados  
Me ria eu algum dia;  
Agora por meus peccados,  
Cahi na mesma mania.

Eu vêjo-te andar tão triste,  
Com a mão chegada ao rosto;  
Queira Deus, não seja eu  
A causa do teu desgosto.

Oh meu amor, meu amor,  
Qual de nós a culpa tem?  
Ou eu te não sei amar,  
Ou tu não me queres bem.

Eu não quero ter contigo  
Nem brincadeiras nem graças,  
Porque eu tudo dissimulo.  
E tu nada me disfarças.

Estou mal com o meu amor  
Desde a semana passada,  
Por querer fallar commigo  
Depois de eu estar deitada.

Repara, meu bem, repara,  
Repara como te eu amo;  
Não tens vergonha em pagares  
Tanto amor com tanto engano!

Não jures, amor, não jures,  
Fidelidade em me amares;  
Não queiras perder a alma  
Se ao juramento faltares.

Se pensas que por ti morro,  
Engana-te o teu pensár;  
Eu só amo a quem me ama,  
E não a quem quer mangar.

Tantos ais. tantos suspiros  
Que se dão pela calada!  
Meu coração sabe tudo,  
Minha bocca não diz nada.

Eu amei a um ingrato  
Que fez juramentos falsos;  
Deixou-me, depois de ter-me  
Apertada nos seus braços.

Quando eu entrei a amar-te  
Só tinha dezeseis annos;  
Bem menina conheci  
Esses teus falsos enganos.

Algum dia era eu  
Das amantes mais queridas;  
Agora, por meus peccados  
Estou no rol das esquecidas.

Até onde as nuvens giram  
Meus suspiros vão parar;  
Só tu, tão perto de mim,  
Não me ouves a suspirar!

Já não vens á minha rua,  
Já não te ouço as passadinhas;  
Já não espero que se encontrem  
As tuas fallas co'as minhas.

Mandaste-me perguntar  
Se ainda te tenho amor:  
Mandei-te dizer que sim,  
Pelo mesmo portador.

Eu perdido e tu perdida,  
Dois perdidos que farão?  
Ajuntem-se os dois perdidos,  
Acabe-se a perdição.

Vou-me embora, vou-me embora,  
Vou-me embora; não vou, não.  
Inda que me vá embora  
Cá fica o meu coração.

Mete a mão n'este meu peito,  
Verás meu coração morto;  
Verás as tuas saudades  
O estado em que o tem posto.

A sciencia do amor,  
Está no amar e não par'cer;  
Viver enganando o mundo  
Sem elle nos perceber.

O amor nasce dos olhos  
E da mão, quando se aperta ;  
Das palavras entre dentes,  
Piscando o olho. . *et cetera.*

Se tu me queres amar  
Não quebres este preceito :  
Do que commigo passares  
Fecha-o á chave em teu peito.

Senhor pae, senhora mãe,  
Tenham santa paciencia,  
Primeiro está o meu gosto  
Do que a sua conveniencia.

Toda a môça que namora  
Pelos olhos se conhece :  
São tristes pela manhã,  
Alegres quando anoitece.

Nunca o amor se conhece  
Senão depois da tormenta ;  
Quanto mais se contraria,  
Mais elle o amor se augmenta.

Fui á tua sepultura,  
Sobre ella soltei um ai ;  
Uma voz me respondeu :  
Esse tempo já lá vae.

Teus olhos de amora preta,  
Teu rosto de amendoa branca !  
Como te heide eu deixar-te,  
Se esse teu rosto me encanta.

Tão longe meu bem tão longe,  
Tão longe que de mim estaes !  
Nem eu ouço os teus suspiros  
Nem tu ouves os meus ais.

Tenho uma pena... Ai, que pena?  
Tenho uma dôr... Ai, que dôr!  
Tenho o coração partido  
De não vêr o meu amor.

Agua da ladeira acima,  
Se a não levam não anda;  
Se queres que eu seja tua,  
Faze, amor, da tua banda.

Lindas fontes, claras aguas,  
Lindos jardins, lindas flôres,  
A mim nada me diverte  
Na ausencia dos meus amores.

Meu coração anda em lanço,  
Lance quem quizer lançar;  
Meu coração não se vende,  
Só por amor se hade dar.

Moram no céo as estrellas,  
Os peixes no frio mar;  
Só tu, ingrata, não queres  
No meu peito vir morar.

Quando te eu não conhecia,  
Nem ao sentido me vinhas,  
Não tinha lembranças tuas.  
Nem tu saudades minhas.

Graças a Deus, já chegou,  
E' chegada não sei quem,  
Chegaram dois olhos pretos  
A quem os meus querem bem.

Meu amor, p'ra te deixar  
Era preciso que houvesse  
Outro sol e outra lua,  
E outro céo, se Deus quizesse.

Os teus olhos me prenderam  
Um dia, ao sahir da missa;  
Que prizão tão rigorosa,  
Sem cadeia, nem justiça!

Olhos pretos vão á fonte,  
Que irão elles lá fazer?  
Vão gosar um bem que adoram  
E agua fresca vão beber.

Puz-me a contar as estrellas,  
Contei duzentas e doze;  
Com mais duas em teu rosto  
São duzentas e quatorze.

Puz-me a contar as estrellas  
Contei gradas e miudas;  
A amizade que te teuhõ  
Inda é mais do que tu cuidas.

Que queres. amor, que queres  
Do jardim d'este meu peito?  
Se queres meu coração,  
Mette a mão, tira-o com geito.

Se me vires, não te admires  
Meu olhar continuado;  
Não crimines os meus olhos,  
Culpa teu rosto engraçado.

Se eu soubesse que cantando  
Que te havia convencer.  
Cantava uma noite inteira  
Até ao amanhecer.

Se no mundo não houvesse  
Paixão de amor por alguém,  
Não teria o mesmo mundo  
Tanto infeliz como tem.

São tantas as saudades  
Que eu tenho de ti ás vezes,  
Dias me parecem annos,  
Horas me parecem mezes.

Se fôres ao cemiterio,  
Entra não peças licença,  
Verás juntos rico e o pobre,  
Sem fazerem differença.

Teus olhos a amar me ensinam,  
Os meus bem depressa aprendem ;  
Se os teus olhos são expertos,  
Mais são os meus, que os entendem.

Meu amor, se te deixei  
Não foi por minha cabeça ;  
Quem toma conselhos d'outrem  
E' bem que assim lhe aconteça.

Olhos que não vêem olhos  
Se não de mezes a mezes,  
Como estarão desejados,  
Vendo-se tão poucas vezes !

O amor não é p'ra tolos,  
Dêixem amar os expertos,  
Que sabem render finezas,  
Corresponder aos affectos.

O amor não precisa lingua  
Quando se quer declarar :  
Basta o terno mover de olhos,  
N'um momento respirar.

Os teus olhos são dois cravos,  
As pestanas são as folhas ;  
E as sobrancêlhas são laços  
Quando tu para mim olhas.



Olhos, testa, nariz, bocca  
Tudo lindo meu bem tem;  
Quatro feições mais galantes  
Juro que as não tem ninguém.

Oh morte, tyranna morte,  
Eu de ti tenho mil queixas;  
Quem hasde levar não levas,  
Quem hasde deixar não deixas.

—O tempo da mocidade  
A que o comparas, amor?  
«Ao tempo da primavera,  
Quando tudo está em flôr.

O tempo da mocidade  
E' um tempo bem bonito;  
Assim elle não houvesse  
Tanto enredo, tanto dito.

A estrella do norte é guia  
Dos marinheiros no mar;  
Comparo-te a ti com ella,  
Que me fazes variar.

A minha vida contada  
Faz, amor, chorar as pedras;  
O que eu passo a teu respeito!...  
E inda em cima te arrenegas.

Cantem môças, balhem môças,  
Divirtam os seus amôres;  
'Stamos agora no tempo  
Da primavera das flôres.

Diz'-me, ladrão, p'ra que queres  
Cousinhas tão pequeninas?  
Tu, ladrão, que n.e roubaste  
Dos meus olhos as meninas?

Eu fui, tu foste, nós fômos,  
 Fallei, fallaste, fallámos ;  
 Eu vi, tu viste, nós vimos,  
 Amei, amaste... e amámos.

Eu senti ranger meu peito,  
 Metti a mão de vagar ;  
 Achei meu coração morto,  
 Sem o sentir acabar.

Jurei não amar e amo,  
 Já foi grande sympathia ;  
 Os teus olhos me fizeram  
 Quebrar juras que eu fazia.

Cantar depois do sol posto  
 Dizem ter condemnação ;  
 Quero cantar. que é meu gosto,  
 Quer me condemnem quer não.

Já os tristes campos choram,  
 Que não teem que vestir ;  
 Já se romperam as galas  
 Que lhes deu o mez de Abril.

### Repiques

—Com licença entra o pinto,  
 Seu papitô quer encher.  
 «Entre gallos e gallinhas  
 Não tem pintos que fazer.

--Tu chamas-me pintaíinho,  
 Pintaíinho de vintem ;  
 Deixa-me ir ao teu poleiro.  
 Saberás se canto bem.

- Passei pela tua porta,  
Ergui os olhos e vi,  
Um letreiro que dizia:  
Que eu não era para ti.
- «Eu como sabia lèr,  
Tirei aquelle, puz outro:  
Se eu não era para ti,  
Nem tu para mim tampouco.
- Menina, hoje é preciso  
Ter cautella no amar;  
Que estes meninos de agora  
De pouco se vão gabar.
- «De pouco se vão gabar,  
Toda a cautella é pouca;  
Não diffames a donzella,  
Oh maroto. cala a bocca.
- Vamos todos. vamos todos,  
Viva a bella sociedade!  
Vae-me levar á egreja,  
Se fôr da tua vontade.
- «Se for da tua vontade,  
Tambem hade ser da minha;  
Vae-me levar á egreja,  
Vae-me buscar casadinha.
- Bemmequeres, malmequeres  
Aos campos se vão colher;  
Tira-me do teu sentido,  
Se me queres vèr morrer.
- «Fui colher um malmequer,  
Na mão se me desfolhou;  
Bem me quer, mal me quer,  
Bem me quiz, mal me pagou.

—O sol posto vae doente,  
 Se o sangram logo morre;  
 Que o sangue é como o amor,  
 Que por todo o corpo corre.

«A lua vae marcolina  
 Leva um circulo no meio;  
 E' o estylo de quem ama  
 Dar á noite o seu passeio.

—O meu amor diz que tem  
 Duas, para quem elle olha;  
 Fazes bem, oh meu amor,  
 Emquanto ha duas ha escôlha.

«O meu amor ama duas,  
 Alguma traz enganada;  
 Sou p'ra palito grosseira,  
 Procure outra mais delgada.

Estou rouca, enrouquecida,  
 Não é de beber vinagre;  
 E' de uma paixão que tive,  
 O meu amor é que sabe.

Estou rouca, enrouquecida,  
 Não é catharro nem tosse,  
 E' o ladrão do amor  
 Que de mim quer tomar posse.

—Tanto chapéo de borlinha,  
 Tanta agulheta de prata;  
 Tanta menina bonita,  
 Nenhuma por mim se mata.

«Tanto chapéo, tanta fita,  
 Tanta agulheta de prata;  
 Tanto tolo que ha no mundo  
 E a palha sem estar barata.

—Pedra que muito rebola  
Não pode servir de assento;  
Môça que muito namora,  
**Cabeça de cata-vento.**

«Não sou pedra que rebola,  
Nem ladrilho mal assente:  
Onde ponho o meu sentido  
Fica firme para sempre.

—Quem me dera que viesse  
A morte pelos solteiros,  
P'ra ficar a terra livre  
De marotos e brejeiros.

«Quem me dera que viesse  
A morte pelos casados,  
P'ra ficar a terra livre  
De homens desavergonhados.

—Eu aposto seis vintens  
Contra um cruzado novo,  
Se fôres capaz de dizer  
Quantas pennas tem um côrvo,

• «Toma lá os seis vintens  
Que o cruzado novo é meu;  
O côrvo não tem mais pennas  
Que aquellas que Deus lhe deu.

—Meu coração é de prata,  
Minha alma de ouro massiço;  
Minha palavra está dada,  
A tua, verêmos isso.

«Oh meu amor, meu amor.  
Vende o ouro e guarda a prata;  
Vem um amor e vem outro,  
Não ha cousa mais barata.

—Esta noite choveu neve  
 No gargalinho do pôço;  
 Todas os cravos abriram  
 Só tu não, meu cravo rôxo.

«Esta noite choveu neve,  
 Caiu a folha ao jasmim;  
 Quem mais faz menos merece,  
 Que assim me succede a mim.

### Remates

Se os beijos fizessem  
 Nódoas ou signaes,  
 Já n'esse teu rosto  
 Não cabiam mais.

Deste-me um beijo,  
 Dar-te-hei dois,  
 Para que não digas  
 Que é carro sem bois.

Aquella menina  
 Do lencinho branco,  
 Já me perguntou  
 Se eu era do campo.

Aquella menina  
 Do lenço encarnado,  
 Já me perguntou  
 Se eu era casado.

Amor, não te assustes  
 Passadas não são;  
 Foi o meu chapéo  
 Que caiu no chão.

Meu bem, meu bem,  
Inda agora o soube.  
Que estavas doente;  
Deus te dê saude.

Amores ao longe  
Não se podem ter,  
Dão muito trabalho  
A quem os vae vêr.

Eu mais o meu bem  
Fizemos contrato  
D'elle amar a vinte,  
Eu a vinte e quatro.

Ora aqui me tens  
A' porta assentada,  
Todos a dormir,  
Só eu acordada.

Oh coração triste,  
Alegra-te agora,  
Meu pae não está cá,  
Minha mãe foi fóra.

Isto são amores  
De môça solteira;  
Quem os tem não dorme  
Uma noite inteira.

Se o meu bem tivera  
Para mim firmeza,  
Toda a sua vida  
Me teria preza.

Morrer ou deixar-te  
A escolher me dão;  
Morrer, isso sim.  
Deixar-te, isso não.

Dizem que o meu bem  
Tem outra adorada;  
Eu, conio sou firme,  
Não me importa nada.

Vinha-te vêr,  
Não 'stavas em casa,  
Estava tua mana,  
Faz a mesma vasa.

Quando eu não tinha,  
Desejava ter  
Amorsinhos novos  
Para me entertêr.

Oh rapaz, não ames  
Duas n'uma rua;  
Se com uma fallas  
A outra se amúa.

O meu amorsinho  
Já por cá não vem;  
Isto são preceitos  
Que lhe poz alguem.

Já não ha homens  
Que sejam leaes;  
Falsos como Judas,  
Cada vez mais.

O meu coração  
Chora, que não tem  
Ninguem n'este mundo  
A quem queira bem.

O meu coração  
Anda adivinhando,  
Que hade morrer cedo,  
Mas não sabe quando.



Já não tenho amores,  
Já não tenho nada.  
Tudo se acabou  
P'ra mim de pancada.

O meu lindo amor  
Anda carrancudo,  
Porque lhe não fallo  
Vezes a miudo;

Vezes a miudo  
Não lhe heide fallar;  
Se anda consumido  
Deixal-o andar.

Amor, não maltrates  
Meu corpo innocente;  
Se o maltratares,  
Morre de repente.

Muito chorei eu  
No domingo á tarde;  
Aqui está meu lenço  
Que atesta a verdade.

O coração meu,  
O meu coração,  
E' leal ao teu,  
O teu ao meu não.

Eu fui o que disse,  
Pelo meu pensar :  
Quem me a mim faz uma,  
Hade-m'a pagar.

Anda lá, padece,  
Triste coração ;  
Arrecebe a paga  
Que os amores dão.

O meu amorsinho  
Já por cá não vem;  
Anda procurando  
A quem queira bem;

Heide castigal-o.  
Hade-lhe doer;  
P'ra não ser teimoso  
Elle hade apprender.

Coração ingrato,  
Mal agradecido;  
Não me queres bem,  
Tenho-o entendido.

Oh amor, amor,  
Tenho-o entendido,  
Toda a tua vida  
Falso me tens sido,

A paixão do amor  
Mata muita gente;  
Não me mata a mim,  
Que não estou doente.

Meu amor se foi,  
Nem adeus me disse;  
Nunca tive pena  
Que menos sentisse.

Meu amor está triste  
Por que lhe não fallo  
Fazer-lhe desfeitas  
E' o meu regalo.

Oh meu amor.  
Façâmos as pazes,  
Isto não são brincos  
De nenhuns rapazes.

Oh amor, unâmos  
Nossos coraçõs,  
Deixemos de parte  
As ingratidões.

Não peço nada  
Que não possa ser ;  
Em tu vindo, á volta,  
Que me venhas vêr.

Quem me dera vêr  
Quem me está lembrando,  
Se estará dormindo,  
Commigo sonhando.

Quando vou á missa  
Olho para os bancos ;  
Se vêjo o meu bem  
Não venero os santos.

Este meu cantar  
Não é de alegria.  
E' p'ra me parecer  
Mais pequeno o dia.

Isto são amores  
De mulher casada ;  
Quem os tem não dorme  
Toda a madrugada.

Estes cantadores,  
Estes cantoristas,  
Inda não são galos  
Já querem ter crista.

Môças, não se casem,  
Que o casar as mata ;  
Olhem que é um nó  
Que se não desata.

Dizem as casadas  
Com muita rasão :  
Estas solteirinhas  
Para cá virão.

Oh meu lindo amor,  
O que hade ser seja,  
Casamento justo,  
Papeis na egreja.

Morreu o meu bem,  
Foi p'ra sepultura ;  
Que o diga o meu lenço  
Mais a cercadura.

Meu amor é rico.  
Eu é que sou pobre ;  
Co'a sua riqueza  
Talvez me não logre.

Se meu bem soubera  
Que eu aqui cantava,  
Estava tres dias  
Que me não fallava.

Meu bem, meu bem,  
Oh amor immenso,  
Para te limpares  
Aqui tens meu lenço.

Quando os olhos choram  
Vareia o sentido ;  
Não chores, meu bem,  
Que é tempo perdido.

Oh meu amor,  
A palavra deste,  
Que havias de vir  
E nunca vieste.

Se eu soubera, amor,  
Que me eras leal,  
O sangue do braço  
Te havia de dar.

—Aonde vás, tão tarde?  
Aonde vás, tão cedo?  
Vou passar a calma  
Ao teu arvored.

A paixão de amor  
Não mata ninguém;  
Quem se entrega a ella  
Juizo não tem.

Amores, ciumes,  
Ambos são parentes;  
Quem não tem amores  
Ciumes não sente.

Dizem que o amor  
Perfeito não dura;  
Eu não digo isso,  
Que o meu inda atura.

Não tenho, meu bem,  
Mais que te offereça,  
Se não uma rosa  
Da minha cabeça.

O meu lindo amor  
Tem olhos maròtos;  
Que lhe heide eu fazer,  
Se elle não tem outros?

O amor perfeito  
Cinco folhas tem;  
Já váe em cinco annos  
Que eu amo o meu bem.

Pela minha rua  
Passeia quem quer;  
Tanto faz ser homem  
Como ser mulher

Passa meu amor  
De noite cantando;  
Eu ouço-lhe as vozes,  
Fico-me enlevando.

Pede-me a meu pae,  
Ao sahir da missa;  
Se elle não quizer,  
Requere á justiça.

Se eu tivesse pena  
Em meu coração,  
Ia á tua casa  
Pedir-te perdão.

Tanto coração  
Sem nenhum ser meu!  
Amor da minha alma,  
Dá-me cá o teu.

Triste coração,  
Alegra-te agora,  
Que aqui tens á vista  
Um bem que te adora.

### Requebros

—Oh meu bem, meu bem,  
La váe o *remate*,  
Os môços de agora  
Todos têm achaque.

Oh meu bem, meu bem,  
Lá vae o *requebro*:  
Os dias alegres  
E' que eu celebro.

—O meu bem me disse  
Com toda a gracinha:  
Qual será a hora  
Que tu sejas minha?

Com toda a gracinha,  
Lhe respondi eu:  
Qual será a hora  
Que tu sejas meu?

—Não me aperte a mão,  
Que eu não sou quem cuida,  
Sou manjaricão  
Da fôlha miuda.

Não me aperte a mão,  
Que eu já sou casada;  
Se fôra solteira  
Não dizia nada.

—Os meus olhos choram  
De noite e de dia;  
Deixal-os. coitados,  
Não têm alegria.

Os meus olhos choram  
A' noite na cama;  
Já foram amados,  
Já ninguem os ama.

—Oh amor, passeia,  
Que eu não sou ciosa;  
Que eu bem sei que tens  
Outra melhor rosa.

Passeia, meu bem,  
Torna a passeiar;  
Pôde ser que aches  
Outro em teu logar.

—Se eu soubera, amor,  
Que te não lograva,  
Nem uma passadinha  
Para aqui já dava.

Se eu soubera, amor,  
O que agora sei,  
Nunca te eu amara  
Como eu te amei,

—Anda cá, meu bem,  
Falto de palavra;  
Já la váe o tempo  
Que por ti chorava.

Anda cá, amor,  
Para mim agora,  
Vem dar um alivio  
A quem por ti chora.

—O meu coração  
Chora que arrebenta,  
Só em considerar  
Que do teu se ausenta.

O meu coração  
Chora que se mata  
Só em considerar  
Que do teu se aparta.

—O meu bem está longe,  
De longe me escreve;  
Tenho a carta feita,  
Não ha quem m'a leve.



Não me escrevas cartas,  
Cartas são papeis;  
Não quero que gastes  
Esses tantos reis.

— Cartas são papeis,  
Letras são signaes;  
Amor, não me escrevas,  
Que inda choro mais.

Amor: não me escrevas  
Cartas encarnadas.  
Que eu não as sei lèr,  
São paixões dobradas.

— O amor dos homens  
E' como o fermento,  
Findos oito dias  
Está bolorento.

O amor dos homens  
E' de pouca 'dura;  
E' como a laranja  
Quando está madura.

— Deixa-te estar, rosa,  
Em botão fechada,  
Que hasde ser colhida  
Pela madrugada.

Deixa-te estar, rosa,  
Fechada em botão,  
Que hasde ser colhida  
Pela minha mão.

— Se eu te dei palavra  
A ti de casamento,  
Fui dada na rua...  
Levou-a o vento.

Se algum dia quiz  
Já agora não quero ;  
Palavras não são  
Correntes de ferro.

## 5. Coplas e Letrilhas

(Algarve)

Quem me dera vêr agora  
Quem a minha alma deseja,  
Quem os meus braços apertam,  
Quem a minha bôcca beija.

Do céo caíu um suspiro,  
No ár se desfarinhou ;  
Quem n'este mundo não ama,  
No outro não se salvou.

Tu dizes que me não queres,  
Atira-me áquella rua ;  
Virá outro que me queira,  
E dirá que não sou tua.

Se tu soubesses, amor,  
Quanto eu te quero bem,  
De certo não amarias  
N'este mundo mais ningnem.

Dos meus braços para dentro  
Quem me déra o amor já vêr,  
Para dizer que já tive  
Glorias antes de morrer.

Oh minha bella menina,  
De noite sonho contigo ;  
Sem me vêr n'esses teus braços  
Não sei se morro, se vivo.

Tu conselhos não os queres,  
Vaes á lei da natureza;  
Quando remedio não tenhas,  
Então dirás:—Bem me pésa.

Puz-me a chorar saudades  
Ao pé de uma rosa aberta:  
Meu amor para commigo  
Já não tem palavra certa.

Se pensas, por me deixares,  
Que heideme vestir de luto...  
O que tu -fizeste agora  
Devêras ter feito ha muito.

Dizes, que não pode haver  
Um coração repartido;  
Muitos namorei eu.  
Só em ti tenho o sentido.

Abre-te, meu peito, e falla,  
Coração! salta cá fóra,  
Anda vêr o meu amor  
Que chegou aqui agora.

O aneio do meu sentido  
Traz novas do meu ausente;  
Não me tragas novas tristes,  
Novas tristes tenho eu sempre.

Inda sou quem d'antes era,  
Inda sigo os mesmos passos;  
Quando chego á tua rua  
As pedras p'ra mim são laços.

Quem disser que o verde é feio,  
É de certo porque mente;  
Nunca vi jardim com flôres  
Onde a côr verde não entre.

O cravo tem sete folhas,  
A açucena uma só;  
O amar-te ás escondidas,  
Só paciencia de Job.

Choras porque me ausento,  
Eu vou ali. logo venho;  
Quanto mais longe de ti  
Mais amisade te tenho.

Ai, meu coração afflicto,  
Não ha outro igual ao meu!  
Para penas ainda vive,  
Para allivios já morreu.

Meu coração veste luto,  
Mas não o sabe ninguem;  
Passa penas encobertas  
Por amor de ti, meu bem.

Fui á fonte beber agua,  
Achei um ramo de flôres;  
Quem o perdeu tinha sêde,  
Quem o achou tinha amores.

Andae cá, meu bem perdido,  
Tão perdido vós andaes:  
Andae para o meu peito,  
Que podeis perder-vos mais.

O amor quer-se rogado,  
Eu não o rogo a ninguem;  
Arrenego do amor  
Que a poder de rogos vem.

O cypreste não se rega,  
Da mesma secura nasce;  
Quem é firme não se muda,  
Por mais martyrios que passe.

Cada vez que vêjo vir  
Gaivotas á beira mar,  
Creio que são meus amores  
Que me desejam fallar.

Já não sei o que é ventura,  
Já não sei o que é prazer ;  
A tristeza me acompanha  
Com desejo de te vêr.

Menina, tu és a tumba,  
Eu serei o corpo morto ;  
Não se me dava morrer  
Sendo a tumba o vosso corpo.

Aperta-me esses meus dedos,  
Té que diga : — Deixa, amor !  
Quem mais aperta mais quer,  
Quem mais quer, mais sente dôr.

Toda a vida fui pastor,  
O meu gado eram ovelhas,  
D'aquellas que vestem saias,  
Põem brincos nas orelhas.

Oliveira traduz paz,  
Que se dá aos bem casados ;  
Palma benta aos sacerdotes,  
Alecrim aos namorados.

Não vi ribeira sem agua,  
Nem praça sem pelourinho ;  
Nem donzella sem amores  
Nem padre sem beber vinho.

Toda esta noite andei  
À busca da madrugada ;  
Fui achal-a á tua porta.  
Raios do sol, manhã clara.

A côr azul é ciume,  
Eu por ti sou ciumenta;  
Em te vendo ao pé de alguém,  
Meu coração arrebenta.

Quero morrer, que é meu gosto,  
Acabar é meu regalo;  
Quero ser como a pombinha  
Que morreu ao desamparo.

Oh, meu amor, jura, jura,  
Faze uma jura bem feita;  
Jura aqui que me darás  
Na igreja a mão direita.

D'aqui d'onde estou bem vêjo  
Dois botões de rosa abrindo;  
São os olhos do meu bem  
Que p'ra mim se estão sorrindo.

Que me serve a mim dar ais,  
Romper o céu com gemidos;  
A distancia é muito grande,  
Os ais não são lá ouvidos.

As ondas do mar são brancas,  
Tudo no mar é alvura;  
Entre todas as mulheres,  
Sô a Virgem ficou pura.

Quatro flôres em meu peito  
Fizeram sociedade:  
Lirio roxo, amor perfeito,  
Perpetua e saudade

Coitadinho de quem ama  
Seu lindo amor em segredo;  
Passa-lhe ao pé, não lhe falla,  
Não lhe olha, por ter medo.

Cuidas que por me deixares  
Me causas algum desgosto?  
São pratos da prateleira,  
Tirados uns, outros postos.

Peguei em um malmequer  
Para me enganar:  
Bom me quer mal me quer...  
Sempre me quizeste mal.

Não digas:— Não hei, não hei  
D'aquella fonte beber;  
Que pode a sede obrigar  
Outro remedio não ter.

Se me vires a chorar  
Não te rias, sente dó,  
Que os trabalhos d'este mundo  
Não vieram p'ra mim só.

A amora nasce das silvas,  
As silvas nascem do chão,  
A vista nasce dos olhos,  
O amor do coração.

Nem contigo, nem sem ti  
Tem remedio o pesar meu;  
Contigo, porque me matas,  
Sem ti, porque morro eu.

Na cova da minha amada  
Nascem as rosas aos centos:  
As roxas são os meus beijos,  
As brancas os pensamentos.

Á sombra dos teus cabellos  
Vão-se embora as amarguras;  
Bemdito seja o milagre  
Das tuas tranças escuras.

Dizem que o amor que mata,  
Quem me déra assim morrer;  
Vale mais morrer de amor,  
Do que sem elle viver.

Se eu fôra assim tão ditoso  
Como a linha que fiaes,  
Dar-vos-ia tantos beijos  
Como vós na linha daes.

Delicada da cintura,  
Não sei como não quebraes;  
Sois a rainha das flôres,  
Não desfazendo nas mais.

— Dize aqui, que tão bem cantas,  
Quem te ensinou a cantar?  
«Foi o rouxinol da balsa,  
Dentro do canavial.

Vestida de azul celeste,  
Que linda sois, minha loira!  
De azul e branco vestda,  
Pareceis Nossa Senhora.

Se fôres á minha rua,  
Dá um signal que eu entenda;  
Dá um tope na calçada,  
Como quem parte uma amendoa.

Desejava, desejava,  
Ninguem sabe o que eu desejo:  
Desejava, linda rosa,  
Em tua bocca dar-te um beijo.

Se passares junto a mim,  
Põe os teus olhos no ár;  
São disfarces de quem ama  
Para o mundo não fallar.



Nas azas da viração  
Váe de minha alma um suspiro,  
Que envia o meu pensamento  
A'quella por quem deliro.

Emquanto canto não penso  
N'esta negra escuridão;  
Só canto para dar cura  
A uma negra paixão.

Quando ouvires tocar sinos  
Reunirem-se as irmandades,  
Não perguntes quem morreu.  
Que fui eu de saudades.

Antes da noite ser noite,  
Antes do dia ser dia,  
Já meu coração te amava,  
Minha alma por ti morria.

Oh meu amor, dá-me um sim,  
Se não, dá-me o desengano;  
Que eu sou passarinho novo,  
E ando de ramo em ramo.

Minha mãe me deu pancadas,  
Puchou-me pelas orêlhas,  
Por que eu fugia das môças  
Como o lobo das ovelhas.

Já não sou quem d'antes era,  
Já se acabaram meus brios;  
Eu estou como aquelles pannos  
Que estão nos ultimos fios.

Todas as hervas do campo  
Heide mandar convidar,  
Para assistirem ao pranto  
Quando de ti me apartar.

Oh ingrato, quem pudéra  
Viver sem ter coração!  
Eu arrancaria o meu  
Para não sentir paixão.

Inda agora eu reparo  
Quem anda aqui no terreiro;  
Anda o cravo, anda a rosa,  
Anda um ramalhete inteiro.

Amorsinho, vae-te embora,  
Que a minha mãe acordou;  
Põe-te alli áquell' cantinho,  
Que em dormindo já lá vou.

Casaste-te, andaste bem.  
Foi favor que me fizeste;  
Quebraste-me as correntes  
Com que preza me tiveste.

Innocentes passarinhos,  
Tendes já novo cantar;  
Aprendestes só de ouvir  
Dois amantes suspirar.

Em cima da campa fria  
Heide mandar assentar:  
Morreram os meus amcres,  
Já não ha quem saiba amar.

Janella, que te fechaste.  
Só para mim não te abriste;  
Torna-te a fechar, janella;  
Jurarei que me não viste.

Se os homens morressem todos  
A bocca de uma espingarda,  
Não haveria no mundo  
Tanta mulher desgraçada.

Nas pontinhas do meu lenço  
Tocaram mãos do meu bem;  
Gosa, feliz, essa dita,  
Já que o meu peito a não tem.

Das janellas de meu pae  
Vêjo a casa de meu sôgro ;  
Quem bem me ouvir bem me entende,  
Não é pelo pae que eu morro.

Se o bem querer se pezasse  
Na balança da rasão,  
Pezava para o meu lado  
Correnteza até ao chão.

Vae-te, vae-te embora, ingrato,  
Vae-te, e não me persigas ;  
Para meu castigo basta  
O amar-te ás escondidas.

Namorei-me das bonitas,  
Não me importou a fazenda ;  
Agora, que tenho fome,  
Nem das bonitas me lembra.

Meu sonoro passarinho,  
Se sabes o meu tormento,  
Dá-me, cantando, cantando  
Um doce contentamento.

## 6. Trovas de galanteio e çacota

### (Archipelago da Madeira)

Vós mandastes-me cantar  
Las trovasinhas que sei;  
Cantae vós, que estaes na fonte,  
Eu ainda agora chegei.

Quem me ouvir o meu cantar,  
Dirá com muita rasão:  
— Olha a alegria d'aquelle! —  
Deus sabe o meu coração.

Oh minha pombinha branca,  
Empresta-me o teu vestido;  
Se teu vestido são pennas,  
Penas trago eu commigo.

Os meus olhos vão á fonte,  
Não sei que lá vão buscar:  
Não sei se vão buscar agua,  
Se penas para me dar.

Tendes olhos de matar,  
Pestadinhas de ferir;  
Os dias são p'ra vos ver,  
Para sonhar meu dormir.

Rapariga, não te cases,  
Logra a tua bôa vida;  
Que depois de ser casada  
E's como preta cativa.

O bode váe pela vinha  
Desperdiça, depois come;  
Grande castigo merece  
Mulher que se fia em home'.

Eu perguntei á fortuna  
De que sorte viveria ;  
A fortuna respondeu,  
Que o tempo me ensinaria.

Passarrinho. que cantaes  
Nos ramos dependurados ;  
Cantae vós, chorarei eu,  
Assim faz quem tem cuidados.

Sumo de amora põe nódoa,  
Embebeda o das uvas ;  
Não ha que fiar em homens,  
Que são falsos como Judas.

A salsa fez-se p'r'o peixe,  
A ortelã p'r'o carneiro ;  
Tambem quer môça donzella  
O rapasinho solteiro.

Eu nasci. você nasceu,  
Ambos nascemos n'uma hora ;  
Eu nasci para você,  
E você para mim, senhora.

Não sabes quanto me alegro  
Quando te vejo defronte ;  
E' como quem morre á sêde  
E põe a bocca na fonte.

Quando meus olhos te viram,  
Meu coração adejou ;  
Minha alma ficou rendida,  
Meu pensamento peccou.

Mandaste-me esperar  
Lá na fonte ao pé da hera ;  
Faltaste, foi um peccado,  
Quem espera desespera

Cuidados me dão (lão cuidados,  
Eu que sem elles nasci ;  
Eu que não tive cuidados  
Se não depois que te vi .

Bem quizera me ir embora,  
Mas uma cousa me pára .  
Prendem-me esses teus olhos  
Essa tua linda cára

Sou mulher feita de barro,  
Não me corram á pedrada ;  
O pote de barro quebra ;  
Geito, tudo ; força, nada.

Vae-te. maldito ciume,  
Que tanto me mortificas :  
O que não sabes suspeitas,  
O que não vês, certificas,

Eu defronte, vós defronte,  
Não digo nem vos dizeis ;  
Eu de cá, bem vos entendo,  
Vós de lá, bem me entendeis .

O anel que tu me deste  
No domingo do Senhor,  
Está-me larguinho no dedo,  
Apertado no amor.

Tenho penas, passo penas,  
Que meu bem me fez passar ;  
Penas, quando não o vêjo,  
Penas, por não lhe fallar.

Todas as vezes que cáem  
Folhas que o vento roça,  
Já a mim me está parecendo  
Será passadinha vossa.

Eu abro a porta ao vento,  
Cuidando quem eu esperava ;  
Graças a Deus para sempre,  
Té o vento me enganava.

Quando vae chegando a noite,  
Chega-me a minha alegria,  
Na esperança de te vêr  
Já que não posso de dia.

De noite tudo são sombras,  
Por ellas me heide guiar,  
Já que de dia não posso  
Tuas fallas alcançar.

Deito palavras ao vento,  
No ár perdem o valor ;  
Se me perderes de vista,  
Não me percas o amor.

Quem tem o amor ausente  
Anda por disfarce rindo ;  
Deus sabe o meu coração  
As penas que está curtindo.

Eu achei triste retiro  
Muito longe d'onde moro ;  
Quando me alembro de ti,  
Venho aqui. e livre choro.

Esta noite que passou  
Fiz um peccado mortal ;  
Furtei a filha a meu sôgro  
Pela porta do quintal.

A palma é para os santos,  
Alecrim para os namorados ;  
O raminho de perpetuas  
Esse é para os bem casados.

Eu julgava que o casar  
Seria só dar a mão;  
E' agora que me vejo  
Carregado de pensão.

Tudo quer ser apprendido,  
Ninguem me diga que não;  
Só amor e vida airada  
Não ha mister de lição.

Quem diz lá, que não ha lume?  
Qualquer pedra dá faisca;  
Namorei-me d'esses olhos  
Logo á primeira vista.

O coração da menina  
Fecha com dois cadeados,  
De uma banda fecha amor,  
Da outra fecha cuidados.

Os meus olhos mais os teus  
De longe estavam piscando;  
Os teus a dizer que sim,  
Os meus a perguntar — quando?

Já não tenho pae nem mãe  
Nem quem se dôa de mim;  
Sou filha das hervas verdes,  
As pedras são contra mim.

Se me acharem no chão morta,  
Um cravo posto no peito,  
Saiba Deus e todo o mundo  
Que eu morro por teu respeito.

Eu sou gallinha de campo,  
Não me dou na capoeira;  
Aproveito a quem acho,  
Não quero ficar solteira.



Para bem puchar da canga  
Devem ser novos os bois;  
Elle e ella solteirinhos,  
Casarem ambos los dois,

Oh mar de Christo sagrado,  
Oh cova dos navegantes,  
Aqui morrem os maridos,  
Os filhos-e os amantes.

A todo o homem do mar  
Se lhe pode dar a filha;  
Faz a cama nas amarras  
Para se arranjar a vida.

Maré vasa, maré enche,  
A praia nunca é deserta:  
Vão-se uns amores, vem outros,  
Nunca vi cousa mais certa.

O trigo é o pae da gente,  
O milho é seu irmão;  
O centeio é seu primo,  
Oh que bella geração.

Minha mãe mandou me á lenha,  
Mandou-me á lenha p'r'a serra;  
Onde heide eu ir buscar lenha,  
Sem ter um palmo de terra?

Duas festas ha no anno  
De grande contentamento,  
Uma é de Sam João,  
E' outra do Nascimento.

Namorar não é peccado,  
Nem o confessor o quita;  
Põe-me só por condição  
Namore cousa bonita.

Bem justadinhas as contas,  
Quem não terá namorado?  
Ou todos vão p'ro inferno,  
Ou isso não é peccado.

Silva verde, silva verde,  
Que nasceste no valado,  
Prendeste-me nos teus picos,  
Oh que forte cadeado!

Tenho fome, não de pão,  
Tenho sede, não de vinho;  
Tenho fome de um abraço,  
Tenho sede de um beijinho.

Sapato, tu não me serves.  
Fôra do pé te deitei;  
Não se me dá que outrem logre  
Amores que eu engeitei.

Perguntaes-me: Como estou?  
Ora, como heide eu estar?  
De dia, sem alegria,  
De noite, posto a chorar.

Os orvalhos da manhã  
Não são do sol, é mentira;  
São lagriminhas da noite,  
O sol queima não suspira,

O vosso amor ingrato  
E' lenhá do mar furada;  
Arde muito, dura pouco,  
Fica logo apagada.

Coração amargurado,  
Amargurado e doente,  
Não contasses tuas maguas  
A quem tua dor não sente.

Quatro cousas ha no mundo  
Que põem os homens a assar:  
Tabaco, vinho e mulheres  
E cartinhas de jogar.

Foi minha vida cantar,  
Mas o cantar esqueci;  
Cantigas de amor, adeus,  
Amor e tudo perdi.

Fui á missa não rezei,  
Fiz um peccado mortal;  
C'o sentido no meu bem  
Não vi mudar o missal.

Olhos pretos matadores,  
Por que vos não confessaes  
Do peccado que fazeis...  
O coração que mataes?

O meu coração ás vezes  
Dá seu saltinho p'r'o ár;  
Tambem elle é feiticeiro,  
Tambem sabe adivinhar.

Contra o sol as nuvens negras  
Disparam os seus trovões;  
Já se não pagam amores  
Se não com ingratições.

Quem me dera dar um ai,  
Que se ouvisse na levada;  
Para que meu bem dissesse  
E' um ai da minha amada.

Suspiros e ais são dôres  
Suspiros e ais darei;  
Dando suspiros eu morro,  
Dando ais acabarei.

Se elle me quizesse muito,  
 Como eu lhe quero demais,  
 Depressa o encontrariam  
 O meus suspiros e ais.

Vem-te cá, amor, que és meu,  
 Bem caro me tens custado;  
 Passadas, que por ti dei!  
 Lagrimas, que eu hei chorado!

Não ha cousa que mais cheire  
 Que o alecrim no seio d'ella;  
 E' como flores quando juntas  
 No altar de uma capella.

A bonina atraz do cardo  
 Tanta vergonha que tem!  
 De dia está fechadinha,  
 Só de noite a vê alguem

### Repiques

—O amor de uma viuva  
 E' um caldo refervido;  
 Nunca nenhum é tão bom  
 Como lo outro marido.

«O amor de homem viuvo  
 E' caldo a referver;  
 Nunca nenhuma tão boa  
 Como la outra mulher.

—Oh que pinheiro tão alto,  
 Lindo páo para colhéres;  
 Quem quizer gente fingida  
 Chegue-se ao pé das mulheres.

«Oh que pinheiro tão alto,  
Lindo páo para colhêres;  
Quem desdenha quer comprar.  
Deixar fallar das mulheres.

—O peixe requer a salsa,  
A ortelã o carneiro;  
Tambem a môça donzella  
Requer o rapaz solteiro.

«Zabelinha tecedeira,  
Tece n'um tear quebrado:  
Vem o vento da ribeira.  
Embaraça-lhe o fiado.

—Zabelinha tecedeira,  
Tece, tece no tear;  
Olha, que não leve o vento  
A têa por acabar.

«Assim como Deus criou  
Os peixinhos e lagostas,  
Tambem me anda criando  
P'ra ser pescado das môças.

—Assim como Deus criou  
Peixinhos que vêm á cana,  
Tambem me anda criando  
P'ra servir a quem me engana.

### Remates

Ainda não tenho,  
Mas eu heide ter  
Um lencinho branco  
Para te offerecer.

Inda não comprei,  
Tenho de encommenda  
Um lencinho branco,  
Na borda com renda.

Amora da silva  
Não é da amoreira ;  
A vida casada  
Não é a solteira.

Vareia, juiso,  
Juiso vareia ;  
Que querem que eu faça  
N'uma terra alheia ?

José vae chorando  
Pela rua abaixo ;  
O seu casamento  
Tem máo despacho.

Oh José, não chores,  
Oh José, não grites ;  
Por uma mulher  
Não te mortifiques.

D'além me fallaram,  
Chamou-me um rapaz . . .  
Ai, Deus, tenho medo,  
Que escuro que faz !

Acaba, meada,  
Apronta, novello ;  
O amor que eu tive  
Já deu ao canello.

## 7. Rosal de Enamorados (Archipelago dos Açores)

O cantar da meia noite  
E' em cantar excellente,  
Acorda quem está dormindo.  
Alegra quem está doente.

A viola sem a prima  
E' como uma filha sem pae;  
Cada corda seu suspiro,  
Cada suspiro sem ai.

Senhor mestre da viola,  
Dizei se quereis ou não,  
Que eu cante uma comtiga  
Ao toque da vossa mão.

Sei um sacco de cantigas  
E mais uma taleigada;  
Se as hoje canto todas,  
Amanhã não canto nada.

Quero cantar, que é de noite,  
A noite a tudo encobre;  
Abre-me a porta. meu bem,  
Que a vizinha já dorme.

O cantar por divertir  
Não é nenhuma clausura;  
Cantando peço a Deus.  
Que me dê melhor ventura.

Dizei-me uma cantiguinha,  
Antes que seja resada;  
Vossa bocca não é de ouro,  
De prata, que se não abra.

Sabia tanta cantiga,  
Todas o vento levou,  
Só a do meu amoresinho  
No coração me ficou.

Já me quitam que não cante,  
Haja quem compre alegria,  
Pois ella na minha mão  
Teve tão pouca valia.

Já fui alegre, cantei,  
Agora sou d'esta sorte;  
Já fui retrato da vida,  
Agora o serei da morte.

Quem me dera ser a franja  
Que tu tens no teu vental;  
Quem me dera ser a rosa.  
Que tu colhes no quintal.

Quem me dera ser as contas  
D'esse teu lindo collar,  
Para dormir no teu seio  
E nunca mais acordar.

A pombinha vae voando,  
Nas azas leva o descanso;  
Assim são estes meus olhos,  
Em olhar p'ra os teus não causam.

Inda não tomei amores,  
Nem tenção de os tomar;  
Se um dia me resolver,  
Estás em primeiro logar.

Fui á fonte dos amores,  
Tornei pela dos cuidados;  
Enchi o cantaro de rosas,  
Fiz a rodilha de cravos.



Heide atar o meu cabelo  
E viral-o para traz,  
Com uma fitinha vermelha  
Que me deu o meu rapaz.

Rua abaixo, rua acima,  
Mariquinhas á janella,  
Enfiando contas de ouro  
Em retroz de primavera.

Quem vem aqui, vem de tão longe,  
Por tal noite de chover,  
Ou cá tem os seus amores.  
Ou espera de os cá vèr.

Quem me dera a liberdade  
Que a réstea do luar tem ;  
Entrava pela janella,  
Ia fallar ao meu bem.

Sobre mim chovam mil raios,  
A meus pés se abra o chão,  
Se eu nunca deixar de dar-te  
Alma, vida, e coração.

Alma, vida, coração,  
Já tudo te entreguei;  
Tens tudo quanto me anima,  
Como eu sem ti viverei ?

Quando o somno me acomete,  
Entro contigo a sonhar ;  
Ou acordado ou dormindo  
Vivo só para te amar.

A mais segura montanha  
Bem pode o tempo volver ;  
Mas eu deixar de te amar,  
Menina, não pode ser.

Nasce um rei n'este mundo  
Para um reino governar ;  
Minha sorte é mais ditosa,  
Se nasci para te amar.

Toda esta noite sonhei  
Que te tinha nos meus braços ;  
Oh que bello bocadinho,  
Se os sonhos não fossem falsos.

Comtigo, em pobre choupana,  
Mais contente viveria,  
Do que em soberbos palacios,  
Sem a tua companhia.

Amor, se queres, façamos  
Uma troca sem lesão :  
E' trocar alma por alma,  
Coração por coração.

Quem quizer tomar amores  
Sem ninguem o suspeitar,  
Se passar, não se hade rir,  
Se se rir não hade olhar.

Vós chamaes-me trêvo, trêvo,  
Trêvo rasteiro do chão ;  
Eu, com ser trêvo, me atrevo  
Lograr a vossa afeição.

Toda a môça que é bonita,  
Que se presa de seu brio,  
Não acceita cravo ou rosa  
Da mão de nenhum vadio.

Eu não sei que sympathia  
Minha alma comtigo tem ;  
Não me pede o coração  
Senão que te queira bem.

Chega-te cá para mim,  
Cheiro da roupa lavada ;  
Chega-te bem chegadinha,  
Que uma noite não é nada.

Toda esta noite eu andei  
Volta ao mar e volta á terra,  
Para vêr se dava fundo  
Ao pé da tua janella.

Depois que os meus olhos viram  
A graça que os teus têm,  
Nunca mais fôram senhores  
De olhar para mais ninguem.

O mar é vivo e não falla,  
O rio corre e não cansa ;  
Desejava de saber  
Se me tinhas na lembrança.

O meu amor é um cravo,  
Deus m'ó deu. não lh'ó mereço ;  
Já m'ó queizeram comprar,  
Um cravo só não têm preço.

Se me quizeres vir vêr,  
As noites bem bellas são ;  
Foge de casa a teu pae,  
Vém p'r' aqui fazer serão.

Os amores encobertos  
Esses são os mais queridos ;  
Vão de dia por acênos,  
De noite por assobios.

Fui á missa. não reseí,  
Meu pae pelejou commigo :  
—Rapariga tola, louca,  
Onde trazes o sentido?

«Eu não o trago na róca.  
Nem tampouco no sarilho ;  
Trago-o n'aquelle mancebo  
Que anda de amores commigo.

Triste vida tem quem ama,  
Se o amor é lisonjeiro ;  
Tanto mais bonita dama,  
Tanto peor cativoiro.

Rapariga, dá-me um beijo,  
Um beijo pela tua alma ;  
Tu não sabes quanto gosto  
Da sombra, quando faz calma.

Noite escura, noite escura,  
Quem ama não arreceia ;  
Quem quer bem ao seu amor  
Pela porta lhe passeia.

Eu dei-te o meu coração,  
Eu não t'ó dei por libello ;  
Eu dei-te amor por amor,  
Amor te dei, amor quero.

O dia tem duas horas,  
Duas horas. não tem mais ;  
Uma, é quando te vêjo,  
Outra, quando me lembraes,

Deus me dera ser uma ave,  
Ou pombo ou codorniz,  
Que eu fôra dar um vôo  
A cama onde dormis.

Eu vergonha. vós vergonha,  
Vergonha me hade matar ;  
Eu vergonha de o pedir.  
Vós vergonha de m'ó dar.

Toda a môça que é solteira  
Pelo andar se conhece ;  
Bota o pé á miudinha,  
Todo o corpo lhe estremece.

O preto é das viúvas,  
O azul é das casadas ;  
O vermelho é das solteiras,  
Rosado das namoradas.

Se eu fôra rico, tu pobre,  
Eu morgado, tu ninguem,  
Não me importara riqueza  
Se tu me quizeras bem.

Manoel é nome doce,  
Nome que Deus escolheu ;  
Quando Deus te não deixou,  
Como te deixarei eu ?

Viva o cravo, viva a rosa,  
Viva a flor que nasceu honte' ;  
Viva quem tem seus amores  
Porta com porta defronte.

A rosa muito aberta  
Qualquer vento a desfolha ;  
A môça muito garrida  
Qualquer rapaz a namora.

Aqui d'onde estou bem vêjo  
Uma rosa por abrir ;  
Deus me dera ser serêno.  
Que n'ella fôra cahir.

Se quereis. rosa, ser rosa,  
Fugi do cravo. fugi!  
No tempo que eu era rosa,  
Por cravo me perdi.

Tendes o cravo ao peito.  
E' sinal de casamento;  
Tirae o cravo de peito,  
Que o casar inda tem tempo,

Eu fui ao jardim dos cravos,  
Todas as flores vi lá;  
Só não vi o amor perfeito,  
E' certo que o não ha.

A rosa para ser rosa  
Hade ser alexandrada ;  
A môça para ser formosa  
Hade ser alva e rosada.

Trigo louro, trigo louro.  
Quem me dera a tua côr;  
Que entrara no calix bento  
Onde entra nosso Senhor.

Vem cá tu, meu cravo goivo,  
Criado á goivaria ;  
Quem quer bem trata por tu,  
Amor não tem senhoria.

A flôr do manjaricão  
Não abre se não de noite,  
Por não dar a conhecer  
Os seus amores a outrem.

Os olhos que d'aqui vêjo,  
Não me armem falsidade ;  
Ainda hoje não dei olhos  
Tanto de minha vontade.

Esse teu peito, menina,  
E' um pombal de pombinhas ;  
Deixae-me lá ir com a mão  
Apalpar se tem azinhas.

Vossos cabellos são laços,  
São laços, que eu bem os vi;  
Todos passam e não cáem,  
Só eu fui passar, cahi.

Os teus cabellos são mares,  
São mares que deitam ondas,  
Aonde navega um triste,  
Um triste, de quem tu zombas.

Não me atires com pedrinhas,  
Que pedrinhas são desgostos;  
Atira-me com beijinhos  
Aqui á maçã do cesto.

O meu amor me pediu  
O que lhe eu não posso dar,  
As meninas dos meus olhos;  
Quem não vê não pode amar.

Olhos azues, lindos olhos,  
Olhos da minha paixão;  
Quem os tem. elles são seus,  
Cativa o meu coração.

Ai Jesus! valha-me o céu!  
Não sei que céu hade ser;  
Valha-me o céu dos teus braços,  
Que eu n'elles quero morrer.

Dae-me uma gotinha de agua,  
Da lingua fazei a bica;  
Quanto mais agua me daes  
Tanta mais sêde me fica;

Olhos, que sonhando vêdes  
Olhos, para que acordaes?  
Se vós sonhando estaes vendo  
Tudo quanto desejaes.

Se queres saber se eu amo,  
Repara em meus olhos bem,  
Que elles encobrir não podem  
O amor que esta alma tem.

Oh cara de branca neve,  
Não te ponhas mal commigo,  
Que o rigor das saudades  
Basta para meu castigo.

Vem-te, amor, aos meus braços,  
Pelo que tens de menino ;  
Amores em braços se cria  
Emquanto é pequenino.

Fui-me botar a nadar  
No leito dos teus peitinhos ;  
Se me vires ir ao fundo,  
Atira-me com beijinhos.

O cabello foge ao laço,  
O ladrão foge aos abrolhos ;  
Só eu não pud fugir  
Aos ladrões d'esses teus olhos.

Vós chamaes-me trigueirinha,  
Eu do sangue não o sou ;  
Isto foi do pó da eira.  
Da calma que me queimou.

Não vos encosteis á cal,  
Que ella é branca, larga pó ;  
Encostae-vos aos meus braços,  
Que esta noite durmo só.

Já vi olhos, que por olhos  
Se botaram a perder ;  
Estes meus por esses vossos  
Assim podem a vir a ser.



Os teus olhos me prenderam  
Domingo, estando á missa;  
Arrengo de teus olhos,  
Que prendem mais que a justiça.

Oh anel de sete pedras,  
Põe-te fóra de meu dedo;  
Tu é que foste a causa  
De me eu cativar tão cêdo.

Eu vesti-me, eu aceiei-me,  
Não sei se aceiada venho;  
Venho-me vêr aos teus olhos,  
Já que espelho não tenho.

O meu amor é tão lindo!  
Com quem o compararei?  
Com as estrellas não posso,  
Com Jesus do céo, não sei.

Bem sei que me andaes mirando  
Por debaixo do chapéo;  
Se eu não sou do vosso gosto,  
Quem quer anjos, vae ao céo.

Oh olhos azues, queridos,  
Côr do mar quando está manso;  
O dia em que te não vejo,  
Meu coração dá balanço,

Tendes os olhos azues,  
Quem me dera assim os meus;  
Paciencia que remedio,  
Não mereci mais a Deus.

Aqui-d'-el-rei! vou gritando  
Sobre dois salteadores;  
Que os ladrões d'esses teus olhos  
Dos meus querem ser senhores.

Todos atiram ao alvo.  
Só eu não tenho pelouro;  
No peito da minha dama  
Tenho duas bolas de ouro.

Espero pelo domingo  
Como pela salvação;  
Para tomar agua benta  
Onde o amor mete a mão.

Teus olhos, teus lindos olhos,  
Não guardam silencio mudo;  
Quanto a tua alma sente  
Os teus olhos dizem tudo.

Deixa-me ir com as mãos ambas  
Ao talho do teu collete.,  
Ao logar mais delicado,  
Onde pões o ramallete.

Tendes o pé pequenino,  
Daes a passadinha curta;  
Mal haja o pae que te tem,  
O ladrão que te não furta.

Se eu algum dia não desse  
Aos meus olhos larga vista,  
Não os via agora prezos  
Sem ser na mão da justiça.

Os meus olhos são dois mouros  
Que vieram da Mourâma;  
Mas sejam mouros embora,  
São leaes a quem os ama.

Quem me dera ser o cinto  
Que afivellas na cintura;  
Quem me dera ser espelho  
P'ra vêres tua formosura.

Eu quizera ser a relva  
Que verdeja ahi no prado,  
Quando tu lhe pões em cima  
Teu pêsinho delicado.

Tenho ciumes da agua  
Quando tu bebes na fonte;  
Ciumes tenho do céu,  
Se fitas o horizonte.

Do vento tenho ciumes  
Quando beija o teu cabelo;  
E do sol tenho ciumes.  
Como tu quasi tão bello,

A sombra d'esse teu corpo,  
Quando eu a vejo no chão...  
Aperto, p'ra não fugir-me,  
O meu pobre coração.

As rosas não é preciso  
Ir colhê-las na roseira...  
As rosas são os sorrisos  
D'essa bocca feiticeira.

Os meus olhos estão cegos,  
Mas eu não sei confessar  
Se foi o sol que deu n'elles,  
Se será de te fitar.

Olhos, que vindes a vêr,  
Vinde bem acautelados;  
Que eu sempre ouvi dizer  
Que de vêr nascem cuidados.

Esses olhos que vós tendes  
Enterrados n'essa alvura,  
Cativaram meus affectos  
Com um olhar de doçura.

Estrella do céo brilhante,  
Raio do sol, prenda rica,  
Corpo de cirio lavrado,  
Quem te vê pensando fica.

Cabeça, toma juizo,  
Oh juizo, assocega!  
Não sejas barco latino  
Com todo o vento navega,

Não quero que á minha porta  
Ponhaes o pé da aguilhada:  
Eu sou mulher, perco muito,  
Vós, homens, não perdeis nada.

Rapariga, não te fies  
Em palavra de rapaz;  
São como o çalháo miudo  
Que a maré leva e traz.

Já me não quero casar,  
Já tomei meu parecer;  
Fallo e rio com todos.  
Casada não pode ser.

Estou mal com o meu bem,  
Mal com o meu bem a morrer;  
Debaixo d'este odiosinho  
Desejando de o vêr.

Espelho que não tem aço  
Vira-se para a parede;  
O homem que não tem barbas  
Poucas fallinhas com elle.

Eu já vi o sol de noite,  
Estrellas ao meio dia;  
Quem anda cego de amores  
Veria mais que veria.

Madre silva cheirosa  
Que no campo enflorece ;  
Quem eu quero não me quer,  
Quem me quer não me merece.

Ao deserto fui chamada,  
Sem ter culpa cometida ;  
Sem ter pé deixei pégada,  
Sem dar fallas fui ouvida.

Hade ter muito que vêr  
Dois amantes a brincar ;  
Um diz : Eu quero-te bem.  
O outro : Vaes-me enganar.

O meu amor me deixou,  
Não foi por mais boniteza ;  
Disse-me que eu era pobre,  
Foi em cata de riqueza.

O azul é côr do céu,  
O amarello da lua ;  
O branco é lealdade,  
Meu bem não me tem nenhuma.

Alma branca buleçosa,  
Delicado no bolir ;  
Tiveste o amor nos braços.  
P'ra que o deixaste fugir ?

Oh menina, você cuida  
Que não ha outra no mundo ;  
Não é o caldo tão gôrdo,  
Que se lhe não veja o fundo.

Quando eu te queria bem,  
Quando eu bem te queria,  
Não via palmo de terra  
Na cegueira em que vivia.

Quem se cala tudo vence,  
Cal'-te, amor, que assim serás ;  
O que Deus talhou no céu  
Ninguem no mundo o desfaz.

Mezes para mim são annos,  
Dias p'ra mim são semanas ;  
Oh que tempo tão comprido,  
Ha tanto que tu me enganas.

Meu amor, não desconfies,  
Quem desconfia perdeu ;,  
Fallo e rio com todos ;  
Meu coração sempre é teu.

O sol é fogo divino  
Que a todos nós nos aqueenta :  
O amor não é tão firme  
Consoante se representa.

Suspiraes quando me vêdes  
Suspiros de piedade ;  
Oxalá que me não sejam  
Suspiros de falsidade.

Coração, não goutes d'ella,  
Que ella não gosta de ti ;  
Não estejas, coração,  
Tépe, tépe tépe-ti,

Nem todas as madrugadas  
Cáe o sereno nas flôres ;  
Nem todos os corações  
São leaes aos seus amores.

Por te amar perdi a Deus,  
E Deus me deixou a mim ;  
Não quero ficar em Deus,  
Fica tu, amor, sem mim.

No principio do meu mundo  
Fui lavrador varios annos;  
Semeei bellas finezas,  
Recebi falsos enganos.

Todos os rios correntes  
Corre-lhe a areia no fundo;  
Quem tem amores tem enrêdos,  
Em toda a parte do mundo.

Ai de mim, morro de certo,  
Morro no mesmo instante  
Em que souber que nós sômos  
Tu mudavel, eu constante.

Os nossos dois corações  
Unidos podiam ser;  
Mas havia de ser já,  
Que tarde, eu posso morrer.

Oh cruel, deixa-me entrar  
No teu delicado peito;  
Que eu quero vêr o destrôço  
Que o meu amor-te tem feito.

Coração de pedra dura  
Que nem pedra de afiar,  
Abranda o fogo no ferro,  
Só tu não queres abrandar.

Toda esta noite sonhei  
Que o meu rosto ao teu se unia;  
Acordei, achei-ma só  
Sem a tua companhia.

Aqui me tendes matae-me,  
Se eu a morte vos mereço;  
Se não matas, allivia-me  
D'estas penas que padeço.

O sol é caixa de ouro,  
A lua é a fechadura.  
As estrellas são as chaves  
Com que se fecha a ventura.

De que me serve o ter sido  
Da ventura tão mimosa,  
Se me faz mais desgraçada  
O ter sido venturosa

O meu coração me diz,  
Quando palpita em segredo,  
Que hade ser feliz contigo  
Ou mais tarde ou mais cedo.

Eu heide ser como o cysne,  
Todo o seu canto é chôro;  
O cysne morre cantando,  
Eu a chorar por ti morro.

Eu n'algum tempo me ria  
De quem chorava de amores;  
Agora estou condemnado,  
Curtindo as mesmas dôres.

Já os atalhos têm erva  
Depois que cá não vieste;  
Dize-me, amor da minha alma,  
Que agravo de mim tiveste?

Quem me dera um caminho  
Por debaixo d'este chão;  
Fôra vêr o meu amôr  
Sem haver murmuração.

O sol não nega seus raios  
A quem d'elles necessita;  
Por que me negas, ingrata,  
Os raios da tua vista?



Minha alma adora constante  
Só a ti, a ninguém mais;  
Só tu roubaste a meu peito  
A ternura dos meus ais.

Borboleta, que sempre andas,  
Nem de noite tens socego;  
Tu chegas á luz e morres,  
Eu morro porque não chego.

Sou feita de ais e suspiros,  
Assim me mandei fazer;  
Dou ais por te não fallar,  
Suspiros por te não vér.

Quem não ama e não adora  
Vivo está na sepultura;  
Só amando é que se vive,  
Sem amôr não ha ventura.

Lança para mim teus olhos,  
Meu amor, de quando em quando;  
De noite, que ninguém veja  
Que nós 'stamos namorando.

Suspirei um dia inteiro,  
Suspirando adormeci.  
Acordei antes da aurora  
Dando suspiros por ti.

Se os meus suspiros pudessem  
Aos teus ouvidos chegar,  
Verias que uma saudade  
Tem poder de assassinar.

Vae, ditoso passarinho,  
Gosar tua liberdade;  
Que eu dei a minha a quem quiz,  
Por minha livre vontade.

Tenho o meu coração triste,  
Que não pode suspirar,  
Por não ter occasião,  
Meu amor, de te fallar.

Ter fineza e ter amor,  
Não pode haver maior lida;  
Se eu no mundo te não logro  
Mais vale a morte que a vida.

Com pennas escrevo penas,  
Com a tinta me declaro;  
Com as lagrimas dos olhos  
Quanto escrevo quanto apago.

Fui ao tronco de uma planta  
Para o teu nome gravar,  
A mesma planta chorou  
Só por me vêr suspirar.

No retiro aonde estou  
Nada me faz alegrar;  
Até as aves do campo  
Lamentam o meu pesar.

Até as aves do campo  
Suspiram, de mim têm dor,  
Por verem a crueldade  
Com que me trata, amor.

Não se me dá de ter cruz,  
Tendo o Calvario ao pé;  
Não se me dá de morrer  
Sabendo que por ti é.

Suspiros ao céo darei,  
Até lá chegar meu chôro;  
Para vêr se alcançar posso  
Um bem d'alma por que morro.

Trez vezes a maré vasa  
Lá n'esses mares salgados;  
Só para mim não se acabam  
Os meus dias desgraçados.

Contae aquellas pedrinhas  
Que aquella maré revolve,  
Que eu vos contarei as magoas  
Que o meu coração envolve.

Coitado de quem espera  
Pelo que está na mão d'outrem;  
Cedo lhe parece tarde,  
Tarde lhe parece noute.

Chorae, olhos, chorae olhos,  
Chorae, que bem tendes rido;  
E' bem que agora pagueis  
Regalos que tendes tido.

Eu heide ir para o deserto,  
Para onde foi o meu Deus;  
Elle não tinha peccados,  
Foi padecer pelos meus.

Quando eu nasci no mundo,  
Estavam á repartição;  
Todos tiveram ventura,  
Só eu fiquei sem quinhão.

Meu coração já não bate,  
Não sei isto o que quer ser;  
Devem ser sinaes de morte,  
Amor. vem-me vêr morrer.

Cravo roxo, ama, ama,  
Oh jasmim, adora, adora;  
Branca rosa da roseira,  
Se tens penas, chora. chora.

Tu aonde estás me esqueces,  
Eu aonde estou te adoro :  
Tu andas lá entre as flores,  
Eu cá entre penas choro.

Até onde as nuvens giram  
Vão meus suspiros parar ;  
E tu tão perto de mim,  
Sem me ouvires suspirar.

De noite tudo são sombras,  
Por ellas te heide ir buscar,  
Já que eu de dia não posso  
Fallas tuas alcançar.

Mil vezes peço a morte  
E me torno a arrepender,  
Pois considero, se morro,  
Que te não torno a vêr.

Oh coração, coração,  
Coração sempre doente,  
A quem contas tuas magoas ?  
A quem tua dôr não sente.

Tenho uma pena em meu peito,  
Contal-a não me convem ;  
Penas que não tem alivio  
Não se contam a ninguem.

Alecrim verde, viçoso,  
Alegria dos mortaes ;  
Foi sina com que nasci,  
Querer-te cada vez mais.

Ninguem se pode chamar  
Nem feliz nem desgraçado,  
Se os males de que se queixa  
Podia ter evitado.

Tenho penas sobre penas  
Todas da banda direita ;  
Como pode adormecer  
Quem sobre penas se deita ?

Os meus olhos mais os vossos  
De longe se estão mirando ;  
Os vossos dizem que — sim  
Os meus perguntam-lhes — quando ?

Não sei se te diga adeus,  
Se diga — fica-te embora ;  
Um adeus é saudoso,  
Quem diz adeus sempre chora.

A laranja tem dez gômos  
Debaixo da sua capa ;  
Não é nada o ter amores,  
O apartar é que mata.

Saudades de outo dias  
Ainda se podem soffrer ;  
Chegando aos quinze dias  
Não ha se não padecer.

É certo que o tempo gasta  
O ferro e bronze também ;  
Só eu desgastar não posso  
Saudades do meu bem.

Quem me dera agora vêr  
Quem me alembrou de repente,  
Que eu vira se tem saude.  
Se está na cama doente.

Tenho tantas saudades  
Como folhas tem o trigo ;  
Não as conto a ninguem.  
Todas consumo commigo.

Trago-te na mão fechada,  
Meu diamante escolhido ;  
Na memoria retratado,  
No coração escondido.

Meu amor, se tu te vires  
No deserto sem ninguem.  
Dá um ai com sentimento,  
Que eu sou contigo, meu bem.

Querem-me casar por cartas,  
Oh minha mãe, que farei ?  
Um homem que nunca vi,  
Que respeito lhe terei ?

Coitado quem tem amores  
Pela freguezia alheia ;  
Quantas vezes acontece  
O jantar servir de ceia.

Puz-me a escrever na areia  
Ao som do mar que corria ;  
Veiu o mar, levou-me a penna,  
Apagou-me o que fazia.

Vou-me embora vou-me embora,  
Vou fazer vontade á sorte,  
Vou-me rolar com a vida,  
Até encontrar a morte.

Quem me dera caminhar  
Caminhos longes contigo ;  
Que eu te fôra perguntando  
Que determinas commigo.

Quando lanço os tristes olhos  
Para a tua habitação,  
Sinto voar para ti  
Meu afflicto coração.

Ausente da tua vista  
Nada me faz alegrar ;  
Eu não vivo para o mundo,  
Vivo só para te amar.

Tanto ai, tanto suspiro  
Que do fundo d'alma vem ;  
Não são ais, não são suspiros,  
São ausencias do meu bem.

Que importa mudar de terra  
Sem o amor abrandar ?  
Por toda a parte que vou  
Vae commigo o meu pesar.

Saudades te persigam,  
Que te não possas valer ;  
Para que saibas. amor,  
Quanto custa o bem querer.

Saudades são recusas,  
Ausencias são tyrannias ;  
Se eu não lograr os teus olhos  
Acabados 'stão meus dias.

Tristes ais, correi depressa,  
Ide dizer ao meu bem,  
Que morro de saudades  
Se elle acudir-me não vem.

Vem, amor, para os meus braços,  
Que não vens a padecer ;  
Os meus braços dão a vida  
A quem está para morrer.

Já viestes, já chegastes,  
Já está a casa cheia ;  
Esta cidade sem vós  
Para mim é uma aldeia.

Amores de ao pé da porta  
Só servem para tormento ;  
Amores querem-se ao longe,  
Mas perto no pensamento.

Ninguem descubra seu peito  
Para aliviar sua pena ;  
Quem o seu peito descobre  
A si mesmo se condemna.

A maçã na macieira  
É como a mãe com a filha,  
Que não é senhora d'ella  
Se não emquanto a cria.

Os homens entre as mulheres  
É um caso belicoso ;  
É como a pêra madura  
Na bocca de algum guloso.

Rapariga, se casares,  
Toma conselho primeiro ;  
Mais vale um rapaz sem nada, •  
Do que um velho com dinheiro.

Amor fere, quando fere,  
Sem distinguir qualidade ;  
Fere o pobre, fere o rico,  
O vassallo e a magestade.

Eu devia de nascer  
Na maré do caranguejo ;  
Quanto mais vou para diante,  
Quanto mais atraz me vêjo.

Dei alta para soldado,  
Já estou arrependido ;  
O dinheiro já está gasto,  
O meu corpo está vendido.



Manoel engana o páe  
Com uma flauta de cana;  
Diz que vae vigiar gado,  
Vae para casa da dama.

Dei um nó, que nunca dera,  
Nunca o eu chegasse a dar;  
Dei-o com a mão direita,  
Não o posso desatar.

Minha mãe é minha amiga.  
Quando cose dá-me um bólo;  
Quando se enraiva comigo,  
Dá-me com a pá do forno.

Ninguem se fie nos homens,  
No tempo das favas verdes;  
Umás baixas, outras altas,  
Assim são as fallas d'elles.

Quando eu vou para casa,  
É a mulher não tem ceia,  
Pego na minha viola  
Já a minha casa está cheia.

Oh que vida regalada,  
Heide eu levar este verão,  
Pelos atalhos das vinhas  
Co' meu amor pela mão.

Eu devia de estar tola  
Quando para ti olhei:  
Arvore de tão pouca rama,  
O amor que lhe tomei.

Já não quero mais amar  
Nem a ti, nem a ninguem;  
Já lhe botei minhas contas,  
O amar nunca deu ganho.

E' de noite faz escuro,  
Rosa, chegae á janella :  
E' estylo de quem ama,  
Amar, fazer sentinella.

A viola quer que eu cante,  
As cordas que eu padeça,  
O mancebo que a toca  
Quer que por elle endoudeça.

Quero morrer, que é meu gosto,  
Acabar, que é meu regalo:  
Quero ser como a pombinha  
Que morre ao desamparo.

Defronte de mim estão olhos,  
Olhos que me maltratam;  
'Stão-me atirando com setas  
Que por Deus qu'rer me não matam.

Quem tem janellas de vidro  
Não pode atirar pedradas;  
Eu fui atirar ás vossas,  
Achei as minhas quebradas.

Saudades te persigam.  
Que venhas por 'hi além.  
Que venhas dar um alivio  
A quem tantas penas tem.

O amor do estudante.  
E' como a pomba ferida;  
Pelo ár derrama o sangue,  
Chega á terra acaba a vida.

No tempo das favas verdes,  
Todos têm umas favinhas;  
Todos têm os seus amores,  
Só eu 'stou torcendo linhas.

Zombando tomei amores,  
Sem saber o que fazia;  
Zombando fiquei sem elles,  
Stá galante a zombaria!

Eu hei-te amar até á morte,  
Até depois de morrer;  
Até lá, na outra vida  
Te heide amar, podendo ser.

Não te faças mais do que eu,  
Que não és menos nem mais;  
Debaixo da terra fria,  
Todos nós sômos eguaes

Heide fugir a meu pae,  
Por aquella serra além;  
Heide ir casar a meu gosto,  
Nanja ao gosto de ninguem.

Se fôres domingo á missa,  
Espera por mim no adro;  
Quero deitar agua benta  
N'esse corpo delicado.

Olha bem se te alembra  
D'aquella noite na eira;  
A lua por testemunha  
Mais a estrella boeira.

Atirei e não matei,  
Oh mal empregado tiro!  
Em tu teres outros amores  
Eu d'isso não me admirô.

Quem casa na terra alheia,  
Na sua tendo com quem,  
Ou vae ser enganado,  
Ou vae enganar alguem.

Os meus olhos com chorar  
Trazem a vista perdida;  
Elles cuidam que em chorar  
Que arremedeiam a vida.

O meu amor é João,  
Que uma 'çucena m'ò disse;  
Passou pela minha porta  
Olhou para mim e riu-se.

Vem, amor, para o meu peito,  
Cáe aqui n'estes meus braços;  
O amor, para ser firme,  
Ao coração deita laços.

Quem perdeu o que eu perdi  
Já não tem mais que perder;  
Foi a vista dos meus olhos,  
Nunca mais tornei a vêr.

Dois amantes que se amam,  
Quando chegam a unir seu rosto,  
Morrem de consolação,  
Não póde haver melhor gosto.

Adeus, adeus, vou-me embora,  
Já perco de vista a terra;  
Já não vêjo senão mar,  
Mais este páo que me leva.

O meu bem ficou de vir  
Ou mandar o seu retrato;  
Não veiu nem o mandou,  
Foi-me falso ao contracto.

Viva quem toca viola,  
Viva quem a traz ao peito;  
Viva quem póde lograr-te,  
Linda cara, amor perfeito.

Como juntos e unidos  
Os teus cabellos estão,  
Permitta o céo que se una  
O meu ao teu coração.

José, vosso pae não quer  
Que vós meu amor sejaes;  
Fazei-lhe as vontades todas,  
Só essa não lh'a façaes.

Tenho fome, não de pão,  
Tenho sêde, não de vinho;  
Tenho fome de um abraço,  
Tenho sêde de um beijinho,

O sol é o rei dos astros,  
Principio do bem-querer;  
Se t'eu não quisera bem,  
Não gostava de te vêr.

O sol anda e desanda,  
Dá voltas para se pôr;  
Eu não ando nem desando,  
Estou firme c'ó meu amor.

Pediste-me a mão direita...  
Nem a esquerda te dou;  
A direita já está dada  
A quem primeiro fallou.

Minha mãe não quer que eu use  
Esta moda que anda agora,  
Um lencinho na algibeira  
Com a pontinha de fôra.

Eu fui ao jardim dos cravos,  
No primeiro dei um golpe;  
Mais me custa a tua ausencia  
Do que a minha propria morte.

Os cravos de meu craveiro  
De bastos não engrandecem;  
Não os dou a quem m'os pede,  
Dou-os a que os merece

Desentola o teu cabelo,  
Não o tragas enrolado;  
Desengana o teu amor,  
Não o tragas enganado,

Olhae para o céo, vereis  
A lua com seus signaes;  
Palavras que daes a outro  
São facadas que me daes.

Diga-me quem sabe amar  
Qual custa mais a sentir:  
Se é penar, viver ausente,  
Se á vista, não possuir?

Se me quizeres amar,  
Hasde-me dar segurança,  
Que não estou para estar no ár,  
Como o ouro na balança.

Não posso deixar de amar-te,  
Não ha fado mais tyranno,  
Conhecer o proprio erro,  
Viver no maior engano.

Tu dizes que não, que não,  
Que não, que não pode ser,  
A tua bocca ser fonte  
Onde a minha vá beber.

A morte não é desgraça,  
Que elle apenas allivia;  
A desgraça é viver  
Sem a tua companhia.

Tendes o peixe na linha,  
Que fazeis, que não alais?  
Tendes o amor á porta,  
Que fazeis, que não amais?

Cantiguinhas são chacotas  
Cantadas ao som do vento;  
Quem por ellas se despica  
Tem fraco entendimento.

A pena do meu martyrio  
Mais cruel não pode ser;  
Ter bocca, não te fallar,  
Ter olhos e não te vêr.

Se eu chegar a San João,  
Bem sei o que heide fazer;  
Heide tomar amôres novos,  
Os velhos me hão de esquecer.

Não penses por me deixares  
Que me heide vestir de dó;  
Os navios n'esses mares  
Não têm uma amarra só.

Quem tem amôres não dorme  
Senão com os olhos abertos;  
Eu durmo com os meus fechados,  
Que os meus amôres são certos.

Não choro por que te dei  
Toda a minha liberdade,  
Choro só porque achei  
No teu peito falsidade.

Cantando choro o meu mal,  
Como quem não tem ventura;  
Saudades encobertas  
São um calix de amargura.

Deixa estar, minha menina,  
Tua mãe hade saber-o,  
Quem te deu essa fitinha  
Que trazes no teu cabello.

A fita do meu cabello  
Quem m'a deu foi minha mãe ;  
Que eu ainda não sou pessôa  
Que accete prenda a ninguem.

Oh meu bem, tu não me prendas  
Com cadêas apertadas,  
Basta para meu castigo  
Ausencias tão dilatadas

Quem tiver um coração  
E d'elle queira fazer dois,  
Vêja bem como o reparte,  
Não se arrependa ao depois.

Dá cá, querido amor,  
Essa tua mão direita,  
Para que façâmos ambos  
Uma cadêa bemfeita.

Minha prima não me falla,  
Eu não lhe fiz mal algum ;  
Fallae-me, prima, fallae-me,  
Que o sangue todo é um.

Cuida que vae para o céo  
Quem se vae arreceber ;  
Vae buscar dois mil trabalhos  
Para emquanto viver.

Quero-te muito, oh rosa,  
És a imagem do meu bem,  
Tens espinhos, tens meiguices,  
Tens tudo quanto ella tem.



Oh sol, oh lua, oh estrellas,  
Dae-me do céo claridade,  
Dae-me luz com que me logre  
D'esta minha mocidade.

Oh minha bella menina,  
Pelo sol já é meio dia,  
Já me vae querendo bem  
Quem tanto mal me queria.

Se eu fôra rapaz solteiro  
Nunca me havia casar,  
P'ra mulher me não pedir  
Certã, panella, alguidar.

Quem sc casa criancinha  
Tem os trabalhos acs mólhos ;  
Desde a hora em que se casa  
Nunca mais enxuga olhos.

Quando eu tomar amôres  
Ha de ser c'um rapaz da moda,  
Que não tenha pae nem mãe,  
Não quero sôgro nem sogra.

Para que quero eu olhos,  
Senhora Santa Luzia,  
Se eu não vêjo o meu amor  
Todas as horas do dia.

Para que quero cabellos  
Creados á revelia,  
Se me não servem de laços  
P'ra prender quem eu queria.

Tua bocca cheira a beijos,  
Tu hoje beijaste alguém ?  
Eu beijei o meu amor,  
Beijei-o, fiz muito bem.

Eu hei-de ir p'ra um deserto  
Amor procurar nas feras,  
Já que para amar não servem  
As meninas d'estas éras.

Oh meu amor, vae-te embora,  
Vae-te c'os teus camaradas,  
Que as meninas dos meus olhos  
Para ti ficam guardadas.

A folha do álamo branco  
De noute luz que nem prata;  
O tomar amôres não custa,  
Apartação é que mata.

Eu já te tive na mão  
Pelo pé como a perdiz;  
Não digas que me não queres,  
Que eu fui a que te não quiz.

Os meus olhos choram agua,  
Que os passarinhos a bebem,  
Clara como a da fonte.  
Fria que nem a propria neve.

Pedra de diamante,  
Deita cá uma faisca;  
Os teus olhos me prenderam  
Desde a primeira vista.

Se ouvires dizer que eu morro  
Ou que vou a enterrar,  
Deita galas de suspiros,  
Que morro por te fallar.

Meu galho de alecrim verde,  
D'elle te pedi um ramo;  
'Té aqui estive á espera,  
Dá-me agora o desengano,

Quando ólho para o mar,  
Peço a Deus paciencia,  
Que me dê agua nos olhos  
P'ra chorar a tua ausencia.

Olhos pretos. côr de amora  
N'essa cara de alegria,  
Bocca pequena, bem feita,  
Amôr por quem eu morria.

Mangerona co'os seus galhos,  
Alecrim co'os seus enleios,  
Quando em ti puz o sentido  
Logo foi com meus receios.

Já que me ensinaste a amar.  
Ensina-me agora a lèr,  
Pois quero vêr no papel  
Quanto custa um ãemquerer.

A sepultura se abra,  
A vida me caia dentro,  
Se eu tenho outros amores  
Senão tu no pensamento.

Andaes vestida de branco  
A' moda de gente rica,  
Diz'-me onde o branco se vende,  
Que o branco tão bem te fica.

Oh lua, que vaes tão clara,  
Não venhas cá ao serão,  
Que isto de quem tem amôres  
Quer escuro, luar não.

Oh meu mangericão verde,  
Já meu peito foi teu vaso;  
Já lá tens outros amores,  
Já de mim não fazes caso.

Meu amor, na tua ausência  
Com ninguém heide fallar;  
A má nova corre ao longe,  
E passa além do mar.

Se queres ser o meu amor,  
Dá me á cabeça, que sim,  
Porque ou não posso morrer  
Por quem não morre por mim.

Ouço o raio, ouço o trovão,  
Nunca tanto me assustei;  
Mais me assusta a lembrança  
Que nunca mais te verei.

Dos teus braços para dentro  
E' que eu me queria vêr!  
Então é que eu teria  
Glorjas até morrer.

Eu não amo como os mais,  
Que eu no amar sou diferente,  
Todos amam por emquanto,  
Eu amo eternamente.

Quando eu aqui chéguci  
Meu coração deu um pulo;  
Meus olhos feriram lume,  
— Aqui está quem eu procuro!

O meu amor já não tem  
Nem alma nem consciencia;  
Mostra carinhos a todos,  
Quer que eu tenha paciencia.

Não tenho dó de quem pede,  
Nem do pobre que não tem;  
Tenho dó de quem começa  
No mundo a querer bem.

Minha mãe é uma tola,  
Cuida que o vento me leva .  
Amarrou-me a uma fita  
A' pedrinha da janella.

Oh conchinha do mar largo,  
Aljôfres que dão na pedra ;  
E's o mar do meu sentido,  
Onde o meu amor navega.

Quero agora cantar,  
Que agora é que é o meu tempo ;  
Quem me não quizer ouvir  
Ponha os ouvidos ao vento.

Quem morre e acaba a vida,  
Seu corpo fica defunto ;  
Amar, morrer, padecer . . .  
Não póde ser tudo junto.

Oh minha mãe, quem me dera  
Oh meu pae, quem me daria,  
Um logarsinho no céo  
Ao pé da Virgem Maria !

De que te servem conselhos  
Depois de estares perdida ?  
Na cegueira de amar  
Se perde a mais entendida !

Oh áres, que trazeis áres,  
Oh áres, que áres trazeis.  
Oh áres, trazei-me novas  
De um amor que bem sabeis.

Por aquelle mar abaixo  
Vae um atalho seguido,  
Adiante vão meus olhos,  
Atrás fica o meu sentido.

O picão nasce da silva,  
A silva nasce do chão,  
O amor nasce dos olhos,  
A pena do coração.

Oh meu pensamento vário,  
Oh meu vário pensamento,  
E's como a folha do álamo  
Que boia se lhe der vento.

A minha mãe mais a vossa  
Vão ambas lavar ao rio:  
Uma lava, outra torce,  
Ambas 'stão ao desafio.

Eu jurei e tu juraste,  
Eu jurei na boa lei,  
Eu jurei de te ser firme,  
Se juraste assim não sei.

Dentro do meu coração  
Tenho feridas mortaes ;  
Não ha cirurgião a ellas,  
Senão vós, quando chegaes.

As ondas do mar lá fóra  
São pretas cõr de lemiste :  
Dize-me como passaste  
O tempo que me não viste.

Quem se váe, deixa um golpe  
No peito de quem cá fica ;  
Quem se váe, por lá procura  
Amor com que se divirta.

Não quero, não é meu gôsto,  
Uma dama que outro ama :  
Quem da arvore apanha o fructo  
Torne atrás, leve-lhe a rama.

Quando eu fôr d'esta terra,  
Das pedras me despedirei ;  
Tanta passada mal dada,  
Que por cima d'ellas dei !

Estou mal co'o meu amor,  
Não o saiba mais ninguem ;  
Quando o arrufo passar,  
Ou eu vou, ou elle vem.

Canarinho prezo canta,  
Prezo deve de cantar ;  
E' como o prezo sem culpa,  
Canta para alliviar.

Coração, alma e vida,  
Tudo está na tua mão ;  
Nunca vi alma sem vida,  
Nem vida sem coração.

De qualquer sorte que existas  
És a mesma divindade :  
Ventura, quando te vejo,  
Se te não vejo, saudade.

Coitadinho do meu bem,  
Que anda por terras alheias ;  
O amor é como o sangue  
Corre por todas as veias.

A pomba fez juramento  
De não beber agua clara ;  
Está com o bico a bebel-a,  
Co' as azas a toldá-la.

Quem era como eu era,  
E se vê como eu me vejo !  
Da vida não faço caso,  
A morte já a desejo.

Encontrei-me c'um suspiro,  
Logo disse que era vosso;  
Recolhi-o no meu peito,  
Guardal-o melhor não posso.

Meu botãosinho de rosa,  
Mimoso no abrir;  
Os olhos que tens no rosto  
Quem m'os dera possuir.

Eu hei-te amar, meu amor,  
Corra a fama que correr,  
Que eu tenho só uma vida,  
Por ti a quero perder.

Dei um ai, tu não ouviste,  
Dei outro, caiu-te ao pé;  
O meu coração é teu,  
O teu não sei de quem é.

Dae-me novas, dae-me novas  
Do meu bem, se é que o vistes;  
Dae-me novas mais alegres,  
Que as que tenho são tristes.

Nem tudo que luz é ouro,  
Nem prata o que o parece;  
As fallas de um lisonjeiro  
Cativam a quem não conhece.

Trabalhae, dobrae o corpo,  
Se quereis ter algum bem;  
Olhae que nas éras d'hoje  
Quem não trabalha, não tem.

Quando eu nasci, chorei,  
Que d'isso estou bem lembrado;  
Logo minha mãe me disse.  
Cal'-te, filho desgraçado.



Penteei o meu cabelo  
De diante para traz :  
Amarrei-o com uma fita  
Para vêr o meu rapaz.

### Requebros

— Oh sol, oh lua, oh estrellas,  
Oh anjos, descei cá abaixo,  
Vinde vêr a sepultura,  
O lugar onde eu me acho.

«Oh sol, oh lua, oh estrellas,  
Andae. dae luz em meu peito,  
Vinde achar morada firme  
Em palacio tão estreito.

— Embarque, senhor, embarque,  
Bote o pé, não molhe a meia ;  
Vá casar á sua terra,  
Não case na terra alheia.

«Quem vae para a terra alheia  
Perde o brio, perde a graça ;  
Eu fui o que perdi tudo,  
Que queres, amor, que te faça ?

— Não corteis o trigo verde,  
Não façaes eira no campo ;  
Vêjo-te tão pequenina,  
Não posso esperar tanto.

«Vós chamaes-me pequenina,  
Faço roda de mulher ;  
Ou pequenina ou grande,  
O amor assim me quer.

«Os homens têm duas caras,  
Mesmo assim lhes convem;  
Affectam de amar a todas,  
Não querem bem a ninguém.

— O amor é uma albarda  
Que se pranta em quem quer bem;  
Eu p'ra não ser albardado  
Não quero bem a ninguém.

Não quero bem a ninguém,  
Nem ninguém o quer a mim;  
Quero andar entre as rosas,  
À sombra do alecrim.

«Fui ao céu por uma ameixa,  
Tornei por um cacho de uvas;  
Ninguém se fie nos homens,  
Que são falsos como Judas.

— Não ha machado que corte  
A raiz á verde cana;  
Da fama ninguém se livra,  
Bem tolo é quem não ama.

— Meu coração é leal  
Para toda a criatura;  
Se elle fôra refalsado  
Tivera maior ventura.

«O limão maduro cheira,  
Você verde o apanhou;  
Eu sempre lhe fui leal,  
Você me refalseou.

— Já vos disse, lorangeira,  
Que não desseis flores brancas;  
Já vos disse, meu amor,  
Que não desseis fallas tantas.

«Oh amor, applaca o lume,  
Antes que se accenda a chamma ;  
Onde ha amores ha ciumes,  
Onde ha ciumes ha fama.

### Remates

Se fôres ao mato,  
Se ao mato fôres,  
Trazei-me um ramo  
De todas as côres.

Despresa-me, amor,  
Faze o que quizeres ;  
Offensas de mim  
Nunca tu esperes.

Despresa-me amor,  
Faze o que costumás ;  
Offensas de mim  
Não terás nenhuma.

Coração, arriba,  
Não rebentes tu  
Tão cheio de penas,  
Sem allivio algum.

O loureiro verde  
Cresce nos quintaes ;  
Tu és, lindo amor,  
Allivio a meus ais.

O meu amor lindo  
E' rosa quando abre ;  
Todos m'o namoram,  
Noss' Senhor m'o guarde.

**8. Versos geraes****(Brasil)**

O campo verde se alegra  
Quando vê o sol nascer;  
Tambem se alegram meus olhos  
Quando te chegam a vêr,

Até nas flôres se encontra  
A differença da sorte,  
Umás enfeitam a vida,  
Outras enfeitam a morte.

Quando eu era gallo novo  
Comia o milho na mão;  
Hoje, que sou gallo velho,  
Bato co' bico no chão.

Moça bonita é veneno  
Que mata a todo o vivente,  
Embebeda as criaturas,  
Tira a vergonha da gente,

Quem quizer escolher môça  
Escolha por seu andar,  
Por que a môça que é velhaca  
Pisa no chão de vagar.

Dos passarinhos que cantam  
De madrugada com frio,  
Uns cantam de papo cheio,  
Outros de papo vasio.

A sorte, nós bem sabemos,  
E' tal qual como a mulher,  
Que quer quando não queremos,  
Quando queremos não quer.

Eu não quero mais amar,  
Nem achando quem me queira;  
O primeiro amor que tive  
Botou-me o sal na moleira.

O amor é um menino  
Com coração de serpente;  
Quando é pequenino chóra,  
Quando cresce mata a gente.

Primeiro fez Deus o homem  
E a mulher em seguimento:  
Primeiro se faz a torre  
E depois o catavento.

Minha jangada de vela,  
Que vento queres levar?  
De dia, vento da terra,  
De noite, vento do mar.

A paixão da mulatinha  
E' como a pomba ferida,  
Nos áres perdendo o sangue,  
Na terra acabando a vida.

Quando o mundo se *acabá*,  
Que não *tivé* mais ninguem,  
Vae na minha sepultura,  
Que ainda te quero bem.

Cravo branco quando abre  
Parece a c'roa de um rei;  
Eu comparo o cravo branco  
C'uma pessoa que eu sei.

Fui soldado, sentei praça  
No regimento do amor;  
Como sentei por meu gosto,  
Não quero ser desertor.

Lá váè a garça voando  
Co'as peunas que Deus lhe deu;  
Contando penna por penna,  
Mais penas padeço eu.

Quem inventou a partida  
Não sabia o que era amor;  
Quem parte, parte sem vida.  
Quem fica, morre de dor.

Eu para vêr se morria  
Bebi veneno em porção;  
Veneno a mim não me mata,  
Quem me mata é a ingratidão.

Triste vive, triste anda  
Quem triste me faz andar;  
Que tenha tanto socego  
Como as ondas têm no mar.

Se vires a tarde triste  
E o ár a querer chover,  
Dize, que são os meus olhos  
Que choram por te não vêr.

Você diz que amar não dóe;  
Dóe dentro do coração;  
Queira bem e viva ausente,  
Vêja lá se dóe ou não.

Dizem que a mulher é falsa,  
Que é falsa como papel;  
Mas quem vendeu Jesus Christo  
Foi homem não foi mulher.

Quando o rato engeita o côco  
E a menina o casamento,  
Ou o côco tem pimenta  
Ou a môça impedimento.

Todo o homem quando embarca  
Deve rezar uma vez :  
Quando váe á guerra duas,  
E quando se casa trez.

Eu sou como a flor da murta,  
D'aquella que cae no chão :  
Quanto mais carinhos faço  
Mais desenganos me dão.

A mulher quando se mete  
A fallar na vida alheia,  
Começa na lua nova,  
Acaba na lua cheia.

A branquinha é prata fina,  
A mulata, cordão de ouro ;  
Cabouca, cêsto de flôres,  
A negra, surrão de couro.

Mulatinha. doce de ovos,  
Doce de ovos com canella ;  
Não ha rapaz de bom gosto  
Que possa passar sem ella.

Para ser bonita e bella  
Não preciso andar amuada :  
Basta-me a côr da canella,  
Não tenho inveja de nada.

Um laço de fita verde  
Com trez dedos de largura,  
No peito de uma mulata  
Mata qualquer criatura.

Os meus olhos mais os vossos,  
Todos têm um parecer ;  
Mas, os vossos um geitinho  
Que os meus botam a perder.

Os laços com que me ataste  
Todos quebrei, fiz em pó;  
Que no mundo ha muita gente,  
Você não é gente só.

Meu coração, batei caixa,  
Meus sentidos, manobrae;  
Meus olhos, deitae bandeira,  
Vinde, lagrimas, marchae.

Rua abaixo, rua acima,  
Sempre co' chapéo na mão.  
Não achei quem me dissesse:  
Cobre-te! meu coração.

Todo o cativo procura  
Ter a sua liberdade;  
Eu procurei cativo  
Por minha propria vontade.

Quem dá o seu coração  
A'quelle que não conhece,  
Por muitas penas que passe,  
Dobradas penas merece.

Na galera dos amores  
Todos se embarcam cantando;  
Porém, no fim da viagem  
Todos se apartam chorando;

Não tenhas, meu bem, receio  
Que qualquer outrem possua  
Um coração que te dei,  
Uma alma, que é só tua.

Bemsinho, quando te fôres,  
Vem cá me dizer ádeus;  
Quero mandar os meus olhos  
Em companhia dos teus.



As ondas de amores correm  
E vem a terra beijar ;  
Sê tu a terra querida  
E deixa que eu seja o mar.

O cravo tambem se muda  
Do jardim para o deserto ;  
De longe tambem se ama,  
Como se ama de perto

Quando a bocca diz que sim,  
A cabeça diz que não ;  
Ora, quem me diz a mim  
O que sente o coração.

Vocè me chingou de feia,  
Me chingou de cousa má ,  
Agora quer agradinhos ?  
Acabou-se... já não ha.

Meu amor está mal commigo,  
Pelo beijo que lhe dei ;  
Se eu pedisse não m'o dava,  
Por isso eu o furtei

Eu fui lá não sei aonde,  
Visitar não sei a quem,  
Sahi assim não sei como,  
Morrendo não sei por quem.

Coração, vae visitar  
O mimo da formosura ;  
Pergunta, quero saber  
Se nosso amor inda dura.

Quem foi ferido de amor  
A mim se deve queixar,  
Que eu tambem como ferido  
Algum remedio heide dar,

Se com lagrimas pudera  
Tua ausencia impedir,  
Estaria sempre a chorar  
Para não te vêr partir.

Quando vires mulher magra,  
Não tens mais que perguntar;  
Se é casada é ciumenta,  
Se é solteira quer casar.

O inferno não me aterra,  
Nem a morte me apavora;  
Meu coração só se rende  
Aos pés d'aquella que adora.

Se eu pudesse abrir, mostrar-te  
Os segredos do meu peito,  
Tu verias quanto soffro,  
Meu amor, por teu respeito.

Se o amor não fosse cego,  
Eu seria bem feliz.  
Porque tu, lendo em meu peito  
Verias tudo o que ell' diz.

Eu bem conheço o alecrim  
Pelo cheirinho que tem;  
Se de ti tenho ciumes  
E' porque te quero bem.

Vou-me embora, vou-me embora,  
Que me dão para levar?  
Levo penas e saudades  
E lagrimas para chorar.

Um suspiro de repente,  
Um certo mudar de côr,  
São infalveis signaes  
De quem soffre mal de amor.

Uma esperança algum dia,  
Consoladora, nos diz,  
Que entre os dias desgraçados  
Lá vem um dia feliz.

Você diz que me quer bem,  
Eu também quero a você ;  
Onde ha fumo ha fumaça,  
Quem quer bem logo se vê.

Quem me ouvir estar chorando  
Não se ria, tenha dó,  
Que o trabalho d'este mundo  
Não se fez para mim só.

Nem tudo quanto se vê  
Nem tudo quanto se sente,  
Nem tudo quanto se usa  
Se deve fazer patente.

Para te amar não preciso  
Vêr todo o dia o teu rosto ;  
Basta que tenha na ideia  
Lembranças que me dão gosto.

Não tenho medo do homem  
Nem do ronco que elle tem ;  
O bezoiro também ronca,  
Vae-se a vêr, não é ninguém.

Quem não bota agua no cravo  
Como quer que o cravo pegue ?  
Não me dando as esperanças,  
Como quer que eu viva alegre ?

Eu conheço uma menina,  
Que é morena requebrada,  
Que quando revira os olhos  
Põe minha alma espedaçada.

O verde diz que é esperança,  
Esperança tenho em Deus,  
Inda primeiro passar  
Meus braços por entre os teus.

O branco diz que é paz,  
E a paz é cousa bôa;  
Peço a Deus que me não mate  
Sem lograr tua pessoa.

Menina da saia branca,  
Da janellinha do meio,  
Dáe-me uma gota de agua  
Das borrachinhas do seio.

Meu amor quando te fôres,  
Antes de ir tira-me a vida,  
Que eu não tenho coração  
De vêr a tua partida.

Nada tenho que te dar  
Do jardim d'este meu peito:  
Se queres meu coração,  
Mette a mão, tira-o com geito.

Sabiá canta na matta,  
Descança no páo agreste;  
Um amor longe do outro  
Não dorme somno que preste.

As folhas da bananeira  
Bolem com o ár e o vento;  
Menina, esses teus olhos  
Bolem com o meu pensamento.

Amores de uma creoula  
Não duram senão um anno;  
Nunca vi pelas amsótras  
Chita preta de bom pano.

Quando vês a garça branca  
Pelo ár ir avoando,  
Isto são saudades minhas  
Que te vão acompanhando.

Adeus, querida das flôres,  
De todas as flôres querida ;  
Não quero dizer teu nome  
Para não seres conhecida.

Saudades que eu de ti tenho  
Não posso mandar dizer ;  
Algum dia contarei-te,  
Quando juntinhos viver.

Eu era quem te dizia,  
Tu eras quem duidavas.  
Que no fim do nosso amor  
Tu eras quem me deixavas.

Se o amarello desbota,  
O azul perde a côr ;  
Sem me perderes de vista  
Não me percas do amor.

Não sei se ria ou se chore,  
Não sei que faça de mim ;  
Eu cantando dobro penas,  
Chorando, penas sem fim.

Cabello preto e crêspo  
Faz um lindo parecer :  
Todos querem o cabello crêspo,  
Mulata ninguem quer ser.

Quem me dera ser a sêda,  
Depois de sêda o setim,  
Para andar de mão em mão,  
As môças pegando em mim.

Esta noite não fui fóra,  
Não fui a parte nenhuma;  
Até as 'strellas do céu  
Servem-me de testemunha.

Menina, que estaes tão triste  
Com a mão chegada ao rosto,  
Diga-me quem foi a causa  
D'esse tão grande desgosto?

Alecrim verde, cheiroso,  
Mangerona d'outra banda,  
Eu heide amar-te, menina,  
Nem que eu corra demanda.

A firmeza do meu peito  
Só a ti heide eu contar;  
Heide amar-te toda a vida,  
Até depois de faltar.

Meu amor, meu amorsinho,  
Nunca te esqueças de mim;  
Que também te guardarei  
Uma firmeza sem fim.

Embora se passe o tempo,  
Embora se passe um anno,  
Seja teu coração firme,  
Que no meu não ha engano,

Muita perna tenho eu visto,  
Perna fina, perna grossa;  
Mas a perna mais bonita  
E' da menina da róça.

As penas do meu martyrio  
Mais crueis não podem ser,  
Ter olhos para chorar,  
Não ter olhos p'ra te vêr!

Se as estrelinhas brilhassem  
Todas juntas uma vez,  
Não dariam uma ideia  
D'esses teus olhos crueis.

Menina, dos pés pequenos.  
Deixe-os estar; porque os tira?  
Quanto mais o pé se esconde,  
Mais a viola suspira.

Menina, dos olhos grandes,  
Olhos grandes como o mar,  
Não me olhes com teus olhos,  
Para eu não me afogar.

A açucena quando nasce  
Vem abrindo, vem fechando;  
Meu amor, quando me enxerga,  
Vem todo se requebrando.

Marilia, se me não amas,  
Não me digas a verdade;  
Finge amar tem compaixão,  
Mente, ingrata, por piedade.

No cantinho de teu peito  
Eu desejava morar;  
Não estorvando a quem móra,  
Dize-me se tem logar?

Manjaricão, tal se chama  
Uma esperança perdida:  
Quem não gosa o que deseja,  
Mais vale perder a vida.

Não tenho medo de ti  
Nem da faca mais pontuda;  
Tenho medo quando vejo  
Perna fina cabelluda.

Rio abaixo, rio acima,  
Perdi o meu anel de ouro ;  
Quem o achar que m'o dê,  
Que é prenda de uma creoula,

Se eu soubesse com certeza  
Que tu me tinhas amor,  
Cahiria nos teus braços  
Como sereno na flor.

Coração entristecido,  
Chega ao pé d'aquella flôr,  
Pergunta-lhe, assim brincando,  
Se ella quer ser teu amor ?

Lá se vae meu coração  
Como servindo de prenda ;  
Maltrata-o como quizeres,  
Que não tem quem o defenda.

Bemsinho, tu não despreses  
O teu amor nem uma hora ;  
Que o amor despresado  
Bate a aza e vae-se embora.

A estrella que no céu gira  
Não tem brilho não tem luz,  
Como esses olhos menina,  
Meu martyrio, minha cruz.

Principiei a amar de pé,  
Ao depois fui agachado :  
Fui ao depois de gatinhas,  
A final fui apanhado.

Cupido subiu ao throno  
Descalço, pisando flôres ;  
Dizendo : — Viva. quem ama,  
Morra, quem não tem amôres!



Coração, arriba, arriba,  
Onde não podes, descansa ;  
Que não ha maior allivio  
Que seja o de uma esperança.

Eu fui aquelle que esteve  
Detraz do lirio assentado,  
Chorando lagrimas tristes,  
Como quem se vê deixado.

Adeus, delicia dos olhos,  
Infinito coração ;  
Encosta-te no meu peito,  
Vê se sou leal ou não,

Laranjeira ao pé da porta  
Na cama me vae o cheiro ;  
Tanta mocinha bonita  
Para mim, que sou solteiro.

Noite escura, tenebrosa,  
Não temas de me fallar ;  
Quem ama não teme a morte,  
Quem teme não sabe amar.

Quem me dera estar agora  
Onde está meu coração.  
Lá no campo da saudade,  
Onde os meus suspiros vão.

Não sei se vá ou se fique,  
Não sei se fique ou se vá ;  
Indo lá, não fico aqui,  
Ficando aqui, não vou lá.

Andorinha do coqueiro,  
Dá-me novas do meu bem ;  
Dize-me se elle é morto  
Ou vive em braços de alguém.

Ainda que teu pae não queira,  
Tua mãe diga que não,  
Tu querendo e eu querendo,  
Isto está em nossa mão.

Sereno da madrugada  
Caiu no talo da couve :  
Quem me dera que eu cahisse  
Nos braços de quem me ouve.

Tristes ais, negras saudades,  
Não me mateis de repente :-  
Que para matar só basta  
Querer bem, viver ausente.

A maré enche e vasa,  
Deixa a praia descoberta ;  
Vão-se uns amores e vêm outros,  
Não se dá cousa mais certa.

Menina, dos olhos grandes,  
Não olhes p'ra mim chorando ;  
Tu pensas que eu não te quero,  
Quando eu namorado ando.

Menina, minha menina,  
Gósto muito do teu sério ;  
Parece que recebeste  
A corôa do Imperio.

A lua saiu bem clara,  
Entre nuvens se escondeu ;  
Não póde encontrar ventura  
Quem sem ventura nasceu.

Está chovendo, quer chover,  
Onde nos abrigaremos ?  
Na sombra d'esses teus olhos  
Que rico abrigo teremos.

Com o prado, com as flôres  
Comparo minha ventura ;  
O prado, porque floresce,  
A flôr, porque pouco dura.

Não sei que têm os meus olhos  
Quando olham para ti ;  
Acham nos teus um geitinho  
Que nos outros nunca vi,

Eu quero dar um conselho  
A quem o quizer tomar :  
Quem quizer viver no mundo  
Hade ouvir, vêr e calar.

Quer o rico, quer o pobre  
Todos têm seu amorzinho ;  
O rico com seu dinheiro,  
O pobre com seu carinho.

Eu como cravo me abro,  
Tu como rosa te fechas ;  
Eu como amante te busco,  
Tu como ingrata me deixas.

Botei o preto por gala,  
O branco por bizzarria,  
O verde por esperança,  
De ainda te vêr algum dia.

Adeus, fontes, adeus, rios,  
Adeus, pedras de lavar ;  
Olhos que me viram ir,  
Quando me verão voltar !

D'aquellas tardes alegres,  
D'aquellas noites serenas  
Que eu te tive nos meus braços,  
Hoje me servem de penas.

Amor de perto, querido,  
De longe. mais estimado ;  
De perto me causa pena,  
De longe pena e cuidado.

Heide-me pôr a cantar,  
Já que chorando nasci,  
Para vêr se recupero  
O que chorando perdi.

As estrellas todas correm,  
Correm do sul para o norte ;  
Só eu não posso correr  
De minha tyranna sorte.

Eu vi teu rastro na areia,  
Puz-me a considerar :  
Que mimo terá teu corpo,  
Quando o rastro faz chorar ?

Aguas claras correntias  
Correm por baixo do chão ;  
Por ditoso me daria  
Beber agua de tua mão.

Depois de um peito querer,  
De um coração agradar,  
Não ha poder n'este mundo  
Que faça um bem se apartar,

Meu modo de andar alegre  
Deus me deu por natureza,  
Não é porque eu não sinta  
No meu coração tristeza.

Tirar-me da tua vista,  
Isso sim, podem fazer .  
Mas privar-me que eu te queira,  
Sem ser Deus, eu quero vêr.

Meu bemsinho, se pudesse  
Fazia o dia maior :  
Dava um nó na fita verde,  
Outro no raio do sol.

Você diz que me quer bem,  
Que me traz dentro do peito ;  
Isso sim ! Não acredito,  
Quem quer bem tem outro geito.

Eu andei do mar á roda,  
Todo o mar arrodiei :  
Nunca conheci trabalho-  
Senão depois que te amei.

Dentro de meu peito tenho  
Uma dôr que me consome ;  
Quando eu vou suspirar  
Da bocca me sáe teu nome.

Eu heide-te amar por arte,  
Que ninguem hade saber ;  
Eu heide brincar com todas,  
Só a ti heide querer.

Já vi o sol á meia noite,  
Estrellas ao meio dia ;  
Quem anda cego de amores  
Veria mais, que veria...

Lgrimas são que eu almóço,  
Janto suspiros e dôr ;  
A' tarde, merendo ais.  
A' noite ausencias de amôr.

Oh, morte ! porque não vens  
Findar meus dias fataes ?  
Vivendo, eu ando penando,  
Morrendo, não peno mais.

— Sobrancêlhas arqueadas,  
Olhos de sol quando nasce,  
Bocca pequena e bem feita  
Foi com que tu me mataste.

«Sobrancêlhas arqueadas,  
Olhos que roubam a vida,  
Esta feição de meu rôsto  
Faz a minha alma perdida.

Olhos pretos matadores,  
Cara cheia de alegria ;  
Um beijo da tua bocca  
Me sustenta todo o dia.

A garça poz o pé n'agua,  
O bico para beber ;  
Não quero que ninguem saiba  
Que o meu amor é você.

Eu vos mando um coração  
Partido em quatro pedaços,  
Meio vivo, meio morto,  
Para acabar nos teus braços.

Váe-se a tarde. vem o dia,  
Eu só de ti me lembrando...  
Faço a cama de suspiros,  
Quando me deito é chorando.

Quem tem amor escondido.  
Tem ânimo, tem coração :  
Está vendo o instante que digam :  
Prenda e mate este ladrão.

Quem quer bem rompe parêdes,  
Salta muros ladrilhados,  
Quebra janellas de vidro,  
E trancas de cadeados.

Despresos. ingratições,  
São mimos que eu tenho tido ;  
Por ter um bom coração  
Soffre o que tenho soffrido.

O amor da mulher solteira  
E' como o vento da tarde ;  
Deu o vento na roseira,  
Acabou-se a lealdade.

O amor de dois solteiros  
E' como a flôr do feijão ;  
Quando olham um para o outro  
Logo mudam de feição.

Oh minha palhinha de alho,  
Sentemo-nos conversemos ;  
Se o mundo fallar de nós,  
Sômos solteiros, casêmos.

Cravo branco é procurado  
Pelo cheiro que elle tem ;  
Quem tem amor tem ciumes,  
Quem tem ciumes quer bem.

Tenho um amor que me ama,  
Outro que me dá dinheiro ;  
Tomára achar quem me diga  
Qual é o amor verdadeiro ?

A lagôa já seccou  
Onde os pombos vão beber ;  
Triste cousa é querer bem  
A quem não sabe agradecer.

Passeia, meu bem, passeia  
Por paragens que eu te vêja ;  
Inda que a bocca não falle  
Meu coração te festeja.

Eu nasci sem coração.  
Não sei como heide viver;  
Menina, me dae o vosso,  
Para em meu peito trazer.

Abaixae-vos, serras altas,  
Quero vêr toda a cidade;  
Quero vêr os meus amores,  
Que estou morto de saudade.

Suspiros, tomae mais tento,  
Não me acabeis de matar;  
Para meu castigo basta  
Querer bem e não lograr.

Se eu correndo não te apanho,  
Devagar te apanharei;  
Se eu te apanho nos meus braços,  
Em que estado te porei?

Noite escura me conhece,  
Deve de me conhecer;  
A noite escura bem sabe  
Do meu triste padecer.

Este mundo é todo enganos,  
N'elles vamos engolfados;  
Rompem-se sêdas e pannos  
Ficam ossos esbrugados.

### Repiques

— Menina, minha menina,  
Quando me vês, p'ra que corres?  
Se és bonita, apparece,  
Se és feia porque não morres?



- «Sou bonita, sou formosa,  
Isto é de geração,  
Das mulher's correr dos homens,  
Que são de má condição.
- Vinde cá, meu cravo de ouro,  
Minha semente de prata;  
A tua vista me alegre,  
O teu retiro me mata.
- «Vinde cá, meu cravo de ouro,  
Minha papoila da India;  
Eu queria perguntar  
Se me queres bem ainda.
- Dentro do meu peito tem  
Dois engenhos de marfim;  
Quando um anda, outro desanda,  
Quem quer bem não faz assim.
- «Dentro do meu peito tem  
Duas tezouras sem eixo;  
Inda me vendo em desprezo,  
Meu amor, eu não te deixo.
- Um suspiro e dois abraços,  
Pois quem lh'os manda sou eu:  
Tambem mando perguntar  
Se de mim já se esqueceu?
- «Se de mim já se esqueceu,  
Pena tenho de sentir;  
Porque por lá deve achar  
Amor com que divertir.
- Quando de ti me apartei,  
Disfarsei o que podia,  
Por não dar a conhecer  
As penas que padecia.

- «Quando de mim te apartaste,  
Logo no primeiro dia  
Meu peito cobri de luto,  
Não tive mais alegria.
- Quem de meu peito sahiu,  
Sahiu para divertir;  
Como não foi aggravado,  
Quando quizer torna a vir.
- «Quem de meu peito sahiu,  
Meu coração se fechou;  
Não venha com piedade,  
Que quem sahiu não entrou.
- Quem se foi para tão longe  
E deixou seu passarinho,  
Quando vier não se anoje  
Se achas outro no seu ninho.
- «Se eu achar outro no ninho,  
Heide fazel-o voar;  
Que eu não fui fazer meu ninho  
Para outro se deitar.
- Quem quer bem não tem socego,  
Vae ao quintal, vae á rua;  
Quer bem ás noites escuras,  
Grandes queixas tem da lua.
- «Quem quer bem não tem vergonha,  
Não se lho dá da má fama;  
Quem tem juizo bem póde  
Dispensar a que bem ama.
- O cravo caiu da torre,  
Nos áres se desfolhou;  
Tenha santa paciencia  
Quem de mim se não logrou.

«Quem de mim se não logrou,  
De si se deve queixar ;  
Que já estive em seus braços,  
Não me soube aproveitar.

### Remates

San João, você diga  
Por que rasão,  
Brinca com todas,  
Commigo não.

Eu tenho um desejo  
Que vou-te dizer :  
Se um beijo mata,  
Eu quero morrer.

Quem da fortuna  
Gosa os favores,  
Não se accomoda  
Com os seus rigores.

O tempo mostra  
Tudo tim-tim ;  
Tu o verás  
Se não é assim.

Doce mentira  
Sabe agradar ;  
Um desengano  
Pode matar.

São agulhas ciumes,  
Alfinetes vaidades :  
Arrenego do amor  
Sob falsidades.

Mocinhas de hoje  
Querem casar;  
Panela no fogo  
Não sabem temp'rar.

Se eu fôra peixinho,  
Soubesse nadar,  
Salvava meu anjo  
Das ondas do mar.

No voar da pomba  
Por cima da rama,  
Voando ella disse:  
Padece quem ama.

Iaiá, dá-me um doce.  
Quem pede sou eu;  
Iaiá, não me dá,  
Não quer bem a eu.

Valentim, tim-tim,  
Valentim. meu bem;  
Quem tiver inveja  
Faça assim tambem.

Ora que gestos  
Vocè me dá;  
Gósto de ti,  
Ladrão, vem cá.

**9. Motes velhos**  
**(seculos XVI a XVIII)**

Ferro, fogo, frio e calma  
Todo o mundo acabarão,  
Mas nunca vos tirarão,  
Alma minha, da minha alma.

Esperai, já não espero  
De mais vos servir, senhora;  
Pois me fazeis cada hora  
Tanto mal, que desespero.

Triste vida se me ordena,  
Pois quer vossa condição,  
Que os males que daes por pena  
Me fiquem por galardão.

Em tudo vêjo mudanças  
Senão onde as vêr quizera;  
Passa a vida em esperanças,  
Nunca chega a que se espera.

Os vossos olhos, menina,  
Andam a vender na praça:  
Não ha dinheiro que merque  
Olhos de tão linda graça.

A quem morre só de ouvir  
Quanto em vós ha para vêr,  
Dae-lhe vida quando vir  
Que é pouco por vós morrer.

A vida tão trabalhosa  
Me trouxe minha ventura,  
Que a tenho por mais segura  
Quando está mais perigosa.

Nunca cheguei a temer  
Quanto agora estou sentindo,  
Vae-se-me o tempo fugindo  
Em que vos pudera vêr.

E' minha ventura tal,  
Que no mór contentamento,  
Me vem sempre ó pensamento  
Não ter remedio meu mal.

Se quereis achar-vos bem  
D'esse mal que amor ordena,  
Curae-o com terdes pena  
Do mal que de vós me vem.

Que heide esperar, pois vos quero?  
Que heide já vêr, pois vos vi?  
Pois por vós só me perdi,  
Que mais ganhado me espero?

Senhora, se vós folgaes  
De me vêrdes n'esta pena,  
Dae-m'a um pouco mais pequena,  
Porque possa durar mais.

Para vossa dôr me doer,  
Não me falta sentimento;  
Mas falta-me soffrimento  
Que tanta possa soffrer.

Quam longo é o tempo de dôr  
E quam breve o do prazer!  
Assi ha commigo o Amor,  
Em vos não vêr e em vos vêr.

Para ser mais triste o estado  
De minha desventura,  
Julgam meu alto cuidado  
Por minha baixa ventura.

Esta que chamam ventura,  
Esperal-a é gram baixeza;  
Pois se não vem, dá tristeza.  
Se vem, pouco tempo dura.

Perca-se a vida, pois vêjo  
Perdida já a confiança  
De me mostrar a esperança  
O que me mostra o desejo.

Os olhos que vêr desejo,  
De que tenho a alma vencida.  
Matam-me, quando os não vêjo,  
Se os vêjo não me dão vida.

Por se honrar, a natureza  
Vos quiz dar tal parecer,  
Que vos não podessem vêr  
Sem espanto e sem tristeza.

Se meu peito é duro e forte,  
Tem n'isto o vosso mais sêr;  
O meu soffrerá a morte,  
O vosso, vêl-o morrer.

Olhos, não vos mereci,  
Que tenhaes tal condição,  
Tão liberaes para o chão,  
Tão iroses para mi.

Abre meu peito constante,  
Verás n'elle o teu retrato,  
Que é todo meu por amante,  
E todo teu por ingrato.

Vossos olhos marotinhos  
Os meus metem tanto á bulha;  
Andando sempre a matar-me,  
Peço que ninguem me acuda.

Venha cá; para que fez  
Tanta fineza fingida?  
Para agora me deixar,  
Depois de me vêr rendida.

Se este amor em que me inflammo  
Podesse ter mais augmento,  
Apesar do meu tormento,  
Mais te amara do que te amo.

Quem quizer ser bem querido  
Não se mostre affeiçoado;  
Que o affecto conhecido  
Esse é o mais despresado.

Justos céos vós bem podeis  
Unir nossos corações;  
Eu com gosto arrastaria  
Feros. algemas, grilhões.

Infeliz me considero  
Em todos os meus intentos;  
Se fortuna penso achar,  
Não acho se não tormentos.

Tomara achar quem me diga  
Qual merece mais agrado,  
Se antes do gosto a esperança,  
Se o bem, depois de logrado.

Já tenho feito no rôsto  
Sinaes de tanto chorar;  
E' signal do meu destino,  
Eu sem ti não posso estar.

Por destino do meu fado  
Adoro o teu desfavor;  
Ou será força de estrella,  
Ou são castigos de amor.



Desejo saber, menina,  
A causa dos teus rigores;  
Se amas ainda meu peito  
Ou tomaste outros amores.

Se meu peito te fôr falso,  
Nunca bom fim venha a ter;  
Todos os quatro elementos  
Me façam por fim gemer.

Sentir, gemer e chorar  
São pensões do bemquerer;  
Quem se dispuzer a amar  
Disponha se a padecer.

O meu amor ausentou-se  
Cá fiquei, mas sempre triste;  
E não sei se no seu peito  
Lembrança de mim persiste.

Eu bem quiz áquelle ingrato,  
Muito máo pago me deu;  
Ninguem me falle mais n'elle,  
Digam-me que já morreu.

Não posso dizer meus males  
Nem a mim mesmo em segredo;  
E' tão perverso o meu fado,  
Que até de mim tenho medo.

Muita gente anda fallando,  
Menina, por te adorar;  
Não faças caso, menina,  
E' mundo, deixa fallar.

Acypreste verde, triste,  
Copia da minha, figura,  
Verde, qual minha esperança,  
Triste, qual minha ventura.

Maria, se perguntarem  
Se nós nos queremos bem.  
Nega-o, amor de minha alma,  
Nega, que eu nego também.

Armava Cupido um laço  
Para prender não sei quem ;  
Eu disfarcei, fui andando,  
Desarmeí-o ; não fiz bem ?

Quem quer bem a nada attende,  
Amor tudo facilita ;  
Quem tem amor não repara,  
Quem o não tem não se arrisca.

Olha, amor, o que me debes  
N'este empenho de querer-te ;  
Que perdendo-me eu a mim  
Só a ti não sei perder-te.

Desejo viver contigo,  
Sem ti não posso viver ;  
Vida sem ti não é vida,  
Vida sem ti é morrer.

Meu mantimento são penas,  
Eu com suspiros converso ;  
Em mim presistem tristezas,  
Já de alegrias me esqueço.

Emquanto vida tiver,  
De ti me heide alestrar ;  
Ao menos no pensamento.  
Eu sem ti não posso estar.

Que fará meu bem agora,  
Com quem estará brincando ?  
Se se alestrará de mim  
Como eu me estou lembrando.

Tão-triste, triste me vejo  
Sem a vossa companhia ;  
Tão triste. que já não sei  
Se fui alegre algum dia.

Meu peito tenho ferido  
Com setas de amor passado :  
Morra, pois fui atrevido  
Em amar demasiado.

Se dizer meu mal pudesse  
Quanto sente o coração,  
Talvez chegasses a ter  
De mim bem mais compaixão.

Oh, meu amor, quem pudera !  
Sabe Deus minha vontade ;  
Não pode render finezas  
Quem tem preza a liberdade.

Nada de ti se me dava  
Quando te não conhecia ;  
Sem pensamento dormia,  
Sem cuidados acordava.

Amor, busca tua vida,  
Amar-te não me convém :  
Quem d'esta sorte te avisa  
É' leal a toda a lei.

De dois corações unidos  
De que Amor tem feito um só,  
Se ambos estão feridos,  
De qual se terá mais dó ?

De que me servem conselhos  
Depois de me ver perdido ?  
Na maior paixão do amor  
Se perde o mais entendido.

Namorei-me assim zombando,  
Sem saber o que fazia ;  
Agora, por meus peccados.  
Pagarei a zombaria.

Coração que ama a dois,  
Não tenho com elle fé ;  
Não gosto do amor partido  
Quando o meu inteiro é.

O lirio rôxo são ais  
Que eu dou por ti, oh meu bem ;  
Cuido que o vento te leva,  
Não me falles a ninguém.

Não sei qual é maior pena  
Das que pondera o sentido,  
Se a lembrança do passado,  
Se a lembrança do perdido.

Já dei enterro aos meus gostos,  
Sepultura ás minhas glórias ;  
Ficou-me para tormento  
Umhas antigas memorias.

Tomara quem me dissera  
Com toda a sinceridade,  
Se prevalece a mentira  
Contra a força da verdade.

Da escravidão do Deus cego  
Já livre os grilhões penduro ;  
Oh, quem mais cedo pudera  
Desatar o laço duro !

Basta, pensamento, basta  
Tanto cuidar no passado ;  
Que quem contemplar delicias  
Vive sempre atormentado.

Que mal te fiz, oh ingrata,  
Para ser de ti deixado?  
Se o bem querer é delicto,  
So n'isto serei culpado.

Confesso que nunca tive  
Um amor firme a ninguém:  
Só para ti se abriram  
As portas do querer bem.

Bem pode o tempo mudar-se,  
A fortuna perseguir-me,  
Teu amor desamparar-me;  
Mas eu sempre heide ser firme.

Coração que amor enlaça  
Nenhuma fôrça o desvia;  
Contra impulsos de amor  
Não pode haver valentia.

Ingrato, permitta o céo,  
Já que me pagas tão mal,  
Que o que fôr mais de teu gosto  
Te seja menos leal

Quem ama e não sente zelos  
Não tem amor, é zombar;  
Mas só quem zelos padece  
E' que sabe bem amar.

Heide-te amar constante  
Até vir morrer por ti;  
Mas, que se saiba não quero  
Que por amores morri.

Não posso viver seguro  
Da tua gentil belleza;  
Se dizes me tens amor,  
Dá mostras de ter firmeza.

Vae, afflicto coração,  
Conta bem o que padeces;  
Para vêr se assim mereces  
Tenham de ti compaixão.

Quem tem o seu bem ausente,  
Por disfarce se anda rindo;  
Sabe Deus seu coração  
As penas que está sentindo.

Não ha coração no mundo  
Mais desgraçado que o meu;  
Para penas ainda vive,  
Para glorias já morreu.

Eu dei-te o meu coração,  
Para lhe vêr este fim!  
Um coração tão amante,  
Cruel, não se trata assim.

Dormindo, estava sonhando  
Que me morria o meu bem;  
Acordei pedindo ao amor  
Que me matasse tambem.

De meus males o remedio  
Ninguem sabe, só eu sei:  
Os meus males são saudades,  
De saudades morrerei.

Se me virem ser ingrata,  
Não me crimine ninguem;  
Um ingrato me ensinou  
A ser ingrata tambem.

Eu com você, nunca mais  
Amores ter nem zombando;  
Vel-o só mui poucas vezes,  
Fallar lhe, sabe Deus quando.

Lgrimas que eu por ti choro,  
São de ti pouco sentidas;  
Finezas a um peito ingrato  
São diligencias perdidas.

Esses olhos marotinhos  
São bem lindos, benza-os Deus!  
Não te quero dar quebrantos,  
Que podem vir a ser meus.

Busco por valles e montes  
Os meus perdidos amores;  
E se por alli passaram  
Pergunto ás penhas e ás flores.

Não sei como tenho vida.  
N'esta rigorosa ausencia;  
Prasa ao céo que acabe a vida,  
Pois me falta a paciencia.

Se te não amo devéras,  
Deus do céo me não escute,  
O sol me não alumie.  
A terra me não sepulte.

Das paixões que amor ordena  
Ninguem se pode isentar;  
Se os Deuses tambem amaram,  
Queres tu ser exemplar?

Vou-me á noite offerecer  
E ao seu poder iracundo,  
Já que viver n'este mundo  
Comtigo não pode ser.

Eu sou como a borboleta  
Que á luz não tem socêgo;  
Ella se chega á luz morre,  
E eu morro porque não chego.

Não ha quem se compadeça  
Do meu triste coração ;  
Uma ingrata sem ter dó  
O traz de rastos p'lo chão.

Não te ponhas em retiro,  
Compadece-te de mim;  
Dois amantes separados  
E' um tormento sem fim.

Os meus olhos n'esses teus  
Acharam doce prizão ;  
Não tente amor, não forceje,  
Que não quebra este grillão.

Se uma estrella cahira,  
Todo o mundo se abrazara ;  
Se teu amor me fugira  
Por minhas mãos me matara.

Tu. porque tens liberdade,  
Tudo trataes com rigor ;  
Oh, quem me dera obrigar-te  
Ao cativo do amor.

Oh sombra da noite escura,  
Escutae de amor o effeito ;  
Ouvireis tristes suspiros  
Arrancados do meu peito.

No tribunal de Cupido,  
Eu puz-me a considerar  
O pouco que vale um homem,  
Quando não tem que gastar.

Ardo em chammas amorosas.  
Sacrificios tão mal pagos !  
Quem me causou o incendio  
Não remedeia os estragos.



Vivo sómente de vêr-te,  
Sem ti não posso viver,  
Vida sem ti não é vida,  
Viver sem ti é morrer.

Sem saber que era veneno  
Eu bebi do amor na taça;  
Agora vêjo que mata,  
Rematei minha desgraça!

A saudade consente  
Que disfructe algum prazer;  
Mas eu sei viver contente  
Com meu proprio padecer.

Quem se ausenta do seu bêm  
Em nada pode ter gloria,  
Pois de verdugo lhe serve  
A sua mesma memoria.

Não me culpem de adorar  
A quem meritos não tem;  
Que o amor quando se emprega  
Nunca faz reparo em quem.

Bem pode vencer-se amor  
No principio da paixão;  
Depois que n'alma se entranha  
Já não tem remedio, não.

Os duros grilhões de amor  
Arrasto com tal vaidade  
Que aborreço aquelle tempo  
Em que tive liberdade.

Meu amor será eterno,  
Minha fé não terá fim;  
Se é preciso juramento,  
Desde já juro que sim,

Eu heide morrer de firme,  
E viver de uma esperança;  
Ser leal a quem adoro,  
Sem ter nenhuma mudança.

Zellos, esperanças, amor,  
Fazem guerra no meu peito;  
Algum dia pagarão  
A guerra que me têm feito.

Campos bem aventurados,  
Tornae-vos agora tristes.  
Que os dias em que me vistes  
Alegre, já são passados.

Quem poderá separar  
Este nosso amor tão forte?  
Cá n'este mundo só Deus,  
Depois de Deus só a morte.

Despresar do mundo a gloria,  
Sem fazer caso da fama.  
'Té de si mesmo esquecer-se,  
São effeitos de quem ama.

Amor anda pelo tino,  
Que é cego. não traz bordão;  
Quem tiver bom coração  
Acommode este menino

Já sei, ingrato já sei  
Que essas lagrimas fingidas  
Eram de appetite cheias;  
Porém não de amor nascidas,

Passarinho. que cantaes  
No dezerto mais constante;  
Tu cantas por seres vario,  
Eu choro por firme amante.

Os meus olhos têm a culpa,  
Meus olhos m'ò pagarão ;  
Pois foram tomar amores  
Onde mais penas lle dão.

Deixa-me, triste lembrança,  
Vae-te, triste saudade ;  
Bem basta viver um triste  
Na mais triste soledade.

Já se quebraram os laços  
Com que preza me tiveste ;  
Tomaste outros amôres,  
Foi favor que me fizeste.

Dizem que Amor se perdera,  
Parece que foi castigo  
De muitos, que por amores  
No mundo se têm perdido.

Que importa dizer que não,  
Se a vontade está querendo ;  
Inda que eu diga não gôsto,  
E' mentira, estou morrendo.

O cruel mal da saudade  
E' um mal que não tem cura ;  
O amor que é verdadeiro  
Nunca acaba, sempre dura.

Ando de mim dividido,  
Não vivo mais que metade,  
Tem-me o coração partido  
A cruel dor da saudade.

Alma, vida e coração,  
Fé, firmeza e lealdade,  
Gosto, desejo e vontade  
Tudo está na vossa mão.

B) *Despiques de Conversados — Colloquios — A B C de Amores — Retratos — Canções — Orações parodiadas — Fados.*

**A Joaquininha**

(Versão de Airão — MINHO)

- Como está a Joaquininha,  
Encostadinha á sacada?  
Andava ha bastante tempo  
Para vêr se te encontrava;  
Estás cada vez mais linda,  
Muito bonita e còrada.
- « Como me hade você vêr,  
Se estou sempre arrecolhida?  
Tenho uma mãe rabugenta,  
Vivo muito opprimida.  
E o senhor Felismino  
Que se importa a minha vida?
- Eu se ando por aqui  
E' por amor de te vêr;  
O dia em que te não vêjo  
Nem sequer posso comer;  
Deito-me na minha cama  
E nem posso adormecer.
- « Inté é de admirar  
Dar-lhe eu tanta canseira;  
Apesar que tambem gósto  
De o vêr á minha beira;  
A minha mãe se me péscas  
Faz-me andar n'uma poeira.

- Não sei como tu aturas  
Uma mãe tão impertinente!  
Se minha mãe assim era,  
Fugia-lhe de repente;  
Vem p'ra minha companhia  
Se queres viver mais contente.
- « Eu na tua companhia  
Em estado de rapariga,  
Que diria esse povo?  
Que andava na má vida;  
Isso é que não pode ser  
Sem que esteja arrecebida.
- Cuidavas, Joaquininha,  
Que eu era p'ra te enganar?  
Era para te arreceber,  
Para contigo casar;  
Que enquanto á má vida  
Nunca tive tal pensar.
- « Se é com esse sentido  
Tudo se pode fazer:  
Vá fallar com minha mãe  
E dar-lhe isso a entender;  
Ou ella queira ou não queira,  
Isso está no meu poder.
- Eu a tua mãe não fallo,  
Que me pode descompôr;  
Mas mando lá um amigo,  
Que é o nosso reitor;  
Que ella hade obedecer,  
Que é um home de valôr.  
Vou-lhe mandar fallar  
A' manhã pela minhão;  
A vér se arranjam os  
Em dia de San João;  
E' um dia muito alegre,  
Dia de grande função.

- «Dia de San João,  
 Isso é que está a calhar;  
 Ainda temos muito tempo,  
 Temos muito que esperar.
- Nós 'stemos a dezanove,  
 San João a vinte e quatro.  
 «O que eu quero é, Felismino,  
 Que não faltes ao contracto.
- Para teres a certeza,  
 Vou-te dar o meu retrato.
- «Se me deres o teu retrato  
 Isso é o que eu queria;  
 Cada vez que olhe para elle  
 Já tenho mais alegria,  
 Faço de conta que estou  
 Já na tua companhia.  
 Anda por aquella porta,  
 As escadas vem subir;  
 Não faças muito barulho.  
 Minha mãe está a dormir.
- Se m'ella aqui vem ralhar  
 Trato já de lhe fugir.
- «Acceito o teu retrato  
 Com toda a satisfação.
- Agora que estemos sòsinhos,  
 Dá-me um apêto de mão.
- «Eu não estou acôstumada  
 A dar apêtos de mão;  
 Assim que estivermos casados  
 Dou-te inté o coração.

**Xacaras de Conversados***(Versão de Coimbra)*

Fui indo áquella casa  
 Com pequena confiança,  
 Com o sentido apurado,  
 Já com a minha lembrança.  
 Fui indo alli aos domingos  
 E dias santos do anno;  
 Procurando a certeza  
 Ou então o desengano.  
 Já n'isso lhe ia tocando  
 Com boa sinceridade.  
 Para vêr se ella me tinha  
 Parte de alguma amisade:  
 —Oh que estado tão bonito  
 De solteira bem logrado;  
 Mas pretendo a menina,  
 Se quizer mudar de estado.  
 «A resposta ao seu recado  
 Eu lh'a darei quando fôr,  
 Eu não lhe dou a certeza  
 Sem saber seu interior.  
 —P'ra saber meu interior  
 Quinze dias lhe heide dar;  
 Bem pode tirar inculcas  
 Para se certificar.  
 •Vá indo e vá voltando,  
 A resposta eu lh'a darei;  
 Se você me fôr leal,  
 Eu sempre firme serei.  
 —Que palavrinhas tão dôces,  
 Com ellas me consolou;  
 Se você jura ser firme,  
 Eu tamhem leal lhe sou

- «Sou a mesma que aqui estou,  
E lhe torno a afirmar.  
Se você de mim pretende  
Trate de a meu pae fallar.
- Se essa é a sua duvida  
Eu já d'ella a vou tirar,  
Fallando eu a seu pae  
Quero com você casar.
- «Commigo pode contar,  
A certeza eu lh'a darei;  
Se meu pae lhe der o sim,  
Eu sempre firme serei.
- Eu já com seu pae fallei,  
Elle me disse prudente:  
Se você quizer ser minha,  
Da sua parte é contente.
- «Não o diga a muita gente  
Por murmuração não dar;  
Que isto ande em segredo,  
Em quanto se não fallar.
- Quero recommendar  
Algumas recommendações,  
Temos tratado de tudo,  
Faltam agora os pregões.
- «São boas recommendações  
Com que se deve importar,  
Tratemos de os fazer  
E na egreja os ir prantar.
- Já os banhos são corridos,  
Estamos apregoados;  
Vamos agora tratar  
Do dia d'este noivado.
- «E' bem dado esse recado,  
Commigo pode contar,  
Espere mais algum tempo  
P'ra me poder arranjar.



- Ora vamos lá com isso,  
 Deus lhe a saude conserve,  
 Eu tenho casa e vida,  
 Não tenho quem m'a governe.  
 «Se não tem quem lh'a governe  
 Já não é por muito tempo;  
 É emquanto não arranjo  
 O fato do casamento.»  
 Eu com isso fui contando,  
 Ella ficou descansada;  
 Estando na fonte um dia  
 Pedi-lhe um púcaro de agua:  
 -- Que púcaro tão formoso,  
 Que agua tão saborosa!  
 Tomára ser seu esposo  
 P'ra você ser minha rosa.  
 «Se essa agua é gostosa  
 E' gosto que Deus lhe deu;  
 Sendo você meu esposo  
 Já sua rosa sou eu.

—●—

### A Conversada da fonte

( Versão de Penafiel e Coimbra )

- Entre canas e canaes  
 Agua deve de nascer;  
 Menina, que estaes na fonte,  
 Dè-me agua, quero beber.  
 «Por um pucarinho novo  
 E rodeado de flôres,  
 Quem me fôra tão ditosa  
 Que dèsse agua aos meus amores!  
 Que dèsse agua aos meus amores,  
 Mais á Senhora da Guia;

- Diga-me, senhor manata,  
 Se vem por alguma via ?
- A via por que aqui venho  
 Eu lhe digo na verdade,  
 Venho por passar o tempo  
 Que é cousa da mocidade.
- «Essa sua mocidade,  
 Já me vieram dizer,  
 Que a sua sabedoria  
 Se occupava em saber lèr.
- Não sei lèr nem escrever  
 Nem tambem tocar viola,  
 Eu desejava aprender  
 Na sua real eschola.
- «Na minha real eschola  
 Você não hade aprender ;  
 Andam mestres mais bonitos  
 Desejosos de saber.
- Oh minha gaia menina,  
 Que tão forte me fallaes,  
 Se até aqui mui vos queria,  
 Agora vos quero mais.
- «Ainda mais vos quero eu  
 Da raiz do coração ;
- Mas tambem comtudo isso  
 Não haveis de pôr a mão.
- Oh que lindas, oh que lindas,  
 Pois ellas assim serão ?  
 Dá-me licença, menina,  
 Para vêr como ellas são ?
- «A licença vós a tendes,  
 Mas por ora ainda não ;  
 Não haveis de ser o gabo  
 Que lhe haveis de pôr a mão.
- Eu a mão não vol-a ponho,  
 Nem menos bulo comvosco ;

- Só de estar ao pé de ti  
 D'isso faço muito gosto.
- «Tendes gosto, desgostae,  
 Que não é por via vossa ;  
 Esta rosa que aqui vèdes  
 Já é de outro, não é vossa.
- Se ella é de outro e não é **minha**,  
 Inda c póde vir a ser ;  
 Menina, diga a seu pae  
 Que nos mande arreceber.
- « Isso não lhe digo eu,  
 São palavras escusadas,  
 Que eu sou rapariga nova  
 Para ir governar casas.
- Outras de menor edade  
 São casadas, tem marido,  
 Assim serás tu, oh Rosa,  
 Quando casares commigo.
- « Casarei, não casarei  
 Quando vier outra vez.
- Diga, menina, a seu pae  
 Que elle tambem assim fez.
- « O recado está dado,  
 Vós, magano, vós o déstes .  
 Se já sabeis o caminho,  
 Tornae por onde viestes.
- O caminho bem o sei,  
 Por elle heide de tornar.  
 Se vós me deres a prenda  
 Que eu aqui venho buscar.
- « Eu a prenda não a dou,  
 Que a tenho na janella,  
 Para dar ao meu amor,  
 Que faz grande gosto d'ella.

## Os estudos de Coimbra

(Versão de Penafiel)

- Os estudos de Coimbra  
 Para te amar aprendi;  
 Com penas e saudades  
 Uma carta te escrevi.  
 «Com penas e saudades  
 O meu coração chorou;  
 • A carta que me escreveste  
 Ainda cá não chegou.
- Antoninha, cara linda,  
 Eu queria-te fallar;  
 A vergonha me retira,  
 O amor me faz chegar.  
 «Eu fallar-te, fallaria  
 De todo o meu coração;  
 Quem me dera adivinhar  
 Qual era a tua tenção.
- A minha tenção é boa,  
 Mas é só para contigo:  
 Se eu saír d'esta terra  
 Heide-te levar commigo.  
 «Eu contigo não iria,  
 Que diria a minha gente?  
 Que ficava d'esta terra  
 Desterrada para sempre.
- Oh, menina, não se assuste,  
 Não é caso de assustar;  
 Se eu em fama te meter,  
 Da fama te heide livrar.  
 «Eu a fama não a tenho,  
 Mas ella me póde vir;  
 Falle baixo, não acorde  
 Meu pae, que está a dormir.

- Teu pae, que está a dormir,  
Está em somno socegado;  
Dize-me, oh minha menina,  
Se eu serei do teu agrado?  
«Oh, do meu agrado é,  
Que mais o não pode ser;  
Ausente da tua vista,  
Melhor me fôra morrer.



### Rosa da beira do Rio

*(Villarinho de Gaya)*

- Rosa da beira do rio,  
Tão arisca me fallaes;  
Eu cuidava, linda rosa,  
Que vós me querieis mais.  
«Quero-vos tanto, magano,  
Da raiz do coração;  
Mas, nem rindo nem brincando,  
Me haveis de pôr a mão.
- Eu a mão não vol-a ponho  
Nem tambem bulir comvosco;  
Só de estar ao pé de vós,  
Rosa, faço muito gosto.  
«Se vós fazeis grande gosto,  
Desgostae, por vida vossa,  
Que esta rosa que aqui vêdes,  
Ella é d'outro, não é vossa.
- Se ella é minha ou não é,  
Inda o pode vir a ser;  
Mande chamar o seu pae,  
Que nos venha arreceber.  
«Não mando chamar meu pae  
Para fallas escusadas;

- Que eu ainda sou muito nova  
 E não sei governar casas.  
 — Outras mais novas que si  
 Governam casas, têm marido;  
 Assim sereis vós, rosa,  
 Se acaso casares commigo.  
 « A resposta está bem dada,  
 Magano, pois vós a destes;  
 Se não sabeis o caminho,  
 Tornae por onde viestes.  
 — O caminho bem eu sei,  
 Bem o vêjo eu d'aqui;  
 Mas espero de levar  
 Rosa adiante de mim.  
 « Levareis, não levareis,  
 Que eu não sei se quererei;  
 Tornae por aqui á noite,  
 Talvez resposta darei.  
 — Tornar por aqui á noite,  
 Romper solas de ba.de!  
 Não quero nada á lôrça  
 Senão por livre vontade.

— ● —

### Despiques

*(Versão de Abrantes)*

- Fui ao estudo de Cupido,  
 Para amar é que aprendi;  
 Com pena de te não vèr  
 Uma carta te escrevi.  
 « Essa carta não a vi  
 Nem me ella cá chegou;  
 Se me queres algum cousa  
 Diz-m'o, que ainda aqui estou.

- Eu bem sei que ainda ahí estás,  
Oh bem linda, oh bem perfeita ;  
Diga-me oh minha menina,  
Se quer ser minha sujeita.
- « Sua sujeita não sou,  
Que não é meu pae contente;  
Não 'stou p'ra ficar no mundo  
Desgraçada para sempre.
- Desgraçada para sempre,  
Menina, não pode ficar ;  
Se lhe prantarem má fama  
Eu d'ella a heide tirar.
- « Eu má fama não a tenho,  
Mas ella me póde vir ;  
Falle manso, não acorde  
Meu pae, que está a dormir.
- Se elle vier e acordar,  
Meu sôgro lhe heide chamar,  
Com testemunhas e tudo  
Para aqui o vir jurar.
- « Com testemunhas não,  
Nem agora é occasião ;  
Ainda lhe não procurei  
Pela sua geração.
- A minha geração é boa,  
Rainha de Portugal,  
A Virgem nossa senhora  
Ella nos queira ajudar.
- O vestido já está fe to,  
Falta só abotoado ;  
Aqui tem. minha menina,  
Sirva-se d'este creado.

### A despedida

(*Cabeça das Mós — Sardoal. Abrantes*)

«Tem feito juramento  
 Na casca da nós que é forte,  
 De não deixar os teus olhos  
 Senão á hora da morte.  
 Se eu não digo isto devéras,  
 Eu não pise a propria terra.  
 Se morresse n'esta hora,  
 Ia de palmito e capella.  
 De palmito e capella,  
 Vestidinha á conceição,  
 Meu amor, quando eu morrer  
 Vae-me pegar ao caixão,  
 Vae-me pegar ao caixão,  
 Leva-me á eternidade,  
 Só então se acabará  
 A nossa antiga amisade.  
 —A nossa antiga amisade,  
 A nossa feliz união :  
 Faz chorar sem ter vontade  
 O mais rude coração.  
 «Eu vou p'ra debaixo do chão,  
 Tu já de mim te não lembras ;  
 Procuras novos amores,  
 Allivio das tuas penas.  
 —Novos amores não procuro  
 Nem trato de ir procurar ;  
 Amor leal como a ti  
 Já não torno a encontrar.  
 «Isso é mais uma pena  
 Que eu cá levo no sentido ;  
 O meu bem não se acredita  
 Nas palavras que l'eu digo.



- Eu em tudo me acredito,  
 Menos n'isso, não, meu bem;  
 Ninguém entra em meu peito,  
 Depois de ti mais ninguém.  
 «Pede á terra que não coma  
 O meu triste coração,  
 Inda havemos ser amantes  
 Debaixo do frio chão;  
 Toma lá o meu cabelo,  
 Elle a mim não m'é preciso,  
 Adeus, meu caro amante,  
 Até Dia de Juizo,
- Já morreu a minha amada,  
 Eu bem a vi acabar;  
 Oh morte cruel, ingrata,  
 Vem-me acabar de matar,  
 Vem-me acabar de matar  
 Mesmo aqui n'este instante,  
 Quero ter a sepultura  
 Lá ao pé da minha amante,  
 Abre-te, oh terra dura,  
 Fecha-te, oh frio chão!  
 Quero enterrar uma saudade,  
 Juntamente uma paixão  
 Oh agua, que vás correndo  
 Lá por traz da sacristia,  
 Oh terra, que estás comendo  
 A quem eu tanto bem queria.



### Despique

*(Versão de Alqueidão das Olalhas)*

- Bem te vèjo estar còrada,  
 Isso é do teu colete,

Cabellino penteado,  
À flôr do ramallete.  
Bem te vêjo estar còrada,  
Isso é do teu colete,  
Do hombro esquerdo ao direito  
Argolinhas nas orelhas.  
Tambem dizem que as abelhas  
Fazem mel p'ra se provar;  
Esse teu corpo, menina,  
Que eu houvera de lograr.  
Faço gosto e lealdade,  
Menina, do seu amor;  
Não a tiro d'esta terra  
Sem dar parte ao regedor.  
Grande foi o favor  
Que Deus ao mundo deitou,  
Nascestes para ser minha,  
Só Deus do céo te creou.  
Teu juizo me enganou  
Quando eu era innocente.  
Por amor de vós, menina,  
Andei dois mezes doente.  
Não te fies n'esta gente,  
N'esta còrja de rebeis,  
Se tu casares commigo  
Me havias lavar os pés.  
Diz'-me, oh môça, de quem és,  
Se és de bôa geração;  
Se tu casaras commigo  
Tinham as almas sermão.  
Heide-te comprar um cordão  
P'r'o peito co' meu dinheiro;  
Para que saibas amar  
O meu genio verdadeiro.  
Lá para o mez de Janeiro  
É que te heide dar as provas,

Se não casares este anno  
 Não chegas ás favas novas.  
 Arreda-te lá, que me estorvas,  
 Que não digo isto de graça ;  
 Pensas que caso contigo,  
 Não esperes que eu tal faça.  
 O uso foi a traça  
 Que se deu ao teu vestido ;  
 Deu-me um tal accidente,  
 Cahi no chão esmorecido.  
 Já deitei o meu sentido  
 Por esse teu corpo todo ;  
 Não é alto nem é baixo,  
 Não é aleijado nem torto.  
 Já mandei para o Porto  
 Navios por minha conta,  
 P'ra te comprar um vestido  
 Que te vista de ponta a ponta.  
 Se tu viras as vergontas  
 E os cajados que eu lá tenho,  
 Para dar n'estes bréjeiros  
 Que andam metidos de empenho.  
 Quando nós fôrmos casados  
 Teremos casa e vidas,  
 E então se ajuntarão  
 Guardanapos com rodilhas.  
 Aqui tens a minha mão,  
 Junta palmito com palma :  
 Entra dentro do meu peito,  
 Toma posse da minha alma.

—●—

### Os Conversados

( *Versão de Elvas* — ALEMTEJO )

— Entre lírios, canas verdes,  
 Aguas claras pode haver ;

- Menina, que estaes na fonte,  
Queiraes-me dar de beber?
- «A agua aqui a tendes  
Por um jarro de marfim;  
Eu te peço, oh lindo cravo,  
Que não chegues ao pé de mim.
- Dá-me licença, menina,  
Dá-me uma licença inteira,  
Quero dispôr um jardim  
N'essa tão fresca ribeira.
- «Licença vos dou, mancebo,  
Mais á Senhora da Guia,  
Dizei-me vós, oh mancebo,  
Se vindes cá n'essa via.
- A via em que eu venho  
A menina bem a sabe,  
Venho por passar tempo,  
São vicios da mocidade.
- «Cá me vieram contar,  
Eu me folguei de saber,  
Toda a sua sab'doria  
Se encerrava em saber lèr.
- Não sei lèr, nem escrever,  
Nem tampouco tocar viola;  
Inda espero de aprender,  
Menina, na vossa escola.
- «Escola tenho eu de meu,  
Não é p'ra vós aprenderes,  
Pedi entendimento a Deus.  
Memoria p'ra mais saberes.
- Não sei o que tendes, menina,  
Tão esquiva me fallaes;  
Inda cuidava menina,  
Que vós me querieis mais.
- «Pois muito vos eu quero,  
De alma, vida e coração,

- Mas inda comtudo isso  
Não ha de cá pôr a mão.  
— Inda que eu não ponha a mão,  
Menina, no vosso rosto,  
Só em estar á vossa vista,  
Linda rosa, faço gosto.  
«Pois se d'isto fazeis gosto,  
Desgostae, por vida vossa,  
Que esta rosa que aqui está  
Ella é de outro, não é vossa.  
— Se ella é de outro e não é minha,  
Ainda espero de o ser;  
Menina, diga a seu pae  
Que nos mande arreceber.  
«Isso não lhe direi eu.  
São palavras escusadas,  
Meninas de quinze annos  
Não sabem governar casas.  
— Governam casa e marido  
Outras com menos idade,  
Assim serás, vós menina.  
Quando commigo casares.  
«Óh que razão tão bem dita,  
Vós, mancebo, me dissestes,  
Além vão tres caminhos,  
Levae vós o que trouxestes.  
— O caminho que eu *truxe*  
Bem o estou vendo d'aqui,  
Mas eu não heide ir por elle  
Sem a rosa a par de mim.  
«A rosa não levarás,  
Porque ella não quererá;  
Mas vinde cá outro dia  
Que a resposta se dará.  
— Não venho cá outro dia  
Estragar solas debalde,

A fallar com a menina,  
*Escontra* sua vontade.  
 « Volta cá, meu mancebo,  
 Para tudo ha dinheiro:  
 Podes te gabar, mancebo,  
 Que tu fô:tes o primeiro.  
 — Pois se eu fui o primeiro,  
 Meu amor foi atrevido;  
 Perdoae-me, vós menina,  
 Se eu n'isto a tenho offendido.  
 « Vós não me tens offendido,  
 E nem tampouco aggravado;  
 Vossa mãe é minha sogra,  
 Vosso irmão meu cunhado.

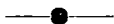
— ● —

### Os namorados .

(*Versão de Loulé — ALGARVE*)

— No tribunal de Cupido .  
 Para te amar apprendi;  
 Com pena de te não vêr  
 Uma carta te escrevi.  
 « Essa carta, oh mancebo,  
 Ainda cá não chegou;  
 Se me queres já fallar,  
 Falla agora, eu aqui estou.  
 — Oh Rosinha, cara linda,  
 E's meu amor verdadeiro;  
 A vergonha me retira,  
 Por isso falla primeiro.  
 « Eu fallar-te, fallaria  
 De todo o meu coração;  
 Eu quero saber, mancebo,  
 Qual seja a tua tenção.

- A minha tenção é boa,  
E' mui boa p'ra contigo,  
Quando sahir d'esta terra  
Heide levar-te commigo.  
« Eu contigo não irei,  
Que meu pae não é contente;  
Seria amaldiçoada,  
Despresada para sempre.
- Se despresada fôres,  
Não é caso de assustar;  
Eu se em fama te meter,  
Da fama te heide livrar.  
« Eu a fama não a tenho,  
Mas ella me pode vir;  
Falla baixo, não acordes  
Meu pae, que está a dormir.
- Teu pae, que está a dormir  
Um somno bem socegado;  
Dize-me, oh minha menina,  
Se serei do teu agrado?  
« E' muito do meu agrado,  
Que mais o não poder ser;  
Ausente da tua vista,  
Melhor me fôra morrer.



### Os Conversados da fonte

(Loulé — ALGARVE)

- Entre silvas e canaes  
Agua deve de nascer;  
Menina, que estaes na fonte,  
Dê-me agua, quero beber.  
Por um lindo pucarinho.  
Esta agua é deliciosa;

- Quem na bebe é já um cravo,  
 Quem lh'a dá é uma Rosa.  
 Com licença dos senhores,  
 Eu peço licença inteira;  
 Vou fallar a esta Rosa,  
 Junto da fresca ribeira.
- «Licença vos dou, mancebo,  
 Mais a Senhora da Guia:  
 Dizei-me oh meu manata,  
 Se vem por alguma via?  
 — A via por que aqui venho,  
 Eu vos digo na verdade;  
 Venho por passar o tempo;  
 São cousas da mocidade.
- «Essas cousas da mocidade  
 Eu as espero saber;  
 Dizei lá, oh meu manata,  
 Se é certo que sabeis lèr?  
 — Não sei lèr nem escrever,  
 Nem tão pouco tocar viola;  
 Inda espero aprender  
 Menina, na vossa eschola.
- «Eschola tenho de mim,  
 Você não hade apprender;  
 Andam mestres mais bonitos  
 Desejos de saber.
- Oh minha guapa menina,  
 Que tão esquivá me fallaes;  
 Se até aqui muito vos qu'ria,  
 Agora vos quero mais
- «Quero-vos muito, mancebo,  
 De alma vida e coração;  
 Mas ainda, comtudo isso,  
 Não me haveis de pôr a mão.  
 — A mão não vos porei eu,  
 Nem mesmo brincar comvosco;



- Só em estar á vossa vista  
 Levarei muito em gosto  
 «Se levaeis muito em gosto,  
 Desgostae, por vida vossa ;  
 Esta Rosa que aqui vêdes,  
 Ella é d'outro, não é vossa.  
 — Se ella é de outro, não é **minha**,  
 Inda espero d'ella o ser ;  
 Menina, diga a seu pae,  
 Que nos mande arreceber.  
 «Não digo isso a meu pae,  
 São palavras escusadas ;  
 A menina de quinze annos  
 Não sabe governar casas.  
 — Outras de menor idade  
 São casadas, tem marido,  
 Assim sereis vós oh Rosa  
 Quando casares commigo.  
 «As palavras são bonitas.  
 Mancebo, vós as dissestes ;  
 Se não sabeis o caminho,  
 Voltae por onde viestes.  
 — O caminho, bem eu vêjo,  
 Bem no vêjo eu d'aqui ;  
 Jesus ! quem hade afastar  
 D'esta Rosa, ao pé de mim ?  
 «A Rosa não vae d'aqui,  
 Licença não na terá ;  
 Vinde cá, para outra vez  
 A resposta levará.  
 — Não venho cá outra vez  
 A romper solas embalde ;  
 Diga, se casa commigo,  
 Ou não é da sua vontade.  
 «Dizeis bem, oh meu mancebo,  
 As solas custam dinheiro :

- Já vos podeis ir gabando,  
Do que sois vós o primeiro.  
— Se pois sou o primeiro,  
Não foi por ignorante;  
Ao vosso pae vou fallar  
Minha flor, meu diamante.  
«Oh meu lindo limoeiro,  
Carregado de limões;  
Mancebo. pois me quereis,  
Mandae fazer os pregões.
- «Lá vem o sol nascendo,  
Com fios de ouro na ponta;  
Aqui tens a minha filha,  
Leva-a já por tua conta.  
— Eu fui por San Berthol'meu,  
Voltei por Santa Catherina;  
Digam lá. meus senhores.  
Se esta Rosa é já minha.  
«Fui por Santa Catherina,  
Voltei por San Berthol'meu;  
Digam lá, meus senhores,  
Se este rapaz já é meu.

— ● —

### Os dois amantes

(Silves — ALGARVE)

- Ausente de vós estava  
Sem vos poder encontrar;  
N'uma carta vos dizia,  
Que já me sentia airar.  
«A vossa carta. mancebo,  
Cá não pôde inda chegar;  
O que querieis dizer-me,  
Eis-me aqui, podeis fallar.

- As fallas que vos eu devo  
Já não as posso occultar;  
Quero pois saber, senhora,  
Se me quereis albergar.  
«Eu por mim não digo nada,  
Não tenho rasão que dar;  
Dizei-me a tenção que tendes  
Para vos bem contentar.
- A minha tenção é bôa,  
Não tendes que duvidar;  
Já d'esta casa não parto  
Se commigo vos levar.  
«Eu convosco não irei.  
Não vos devo acompanhar.  
Que se meu pae tal souber,  
Nunca mais me hade abençoar.
- Vosso pae não dirá nada,  
Não tendes que arreceiar;  
A má fama que vos derem,  
Eu vòl-a heide quitar.  
«Eu má fama não n'a tenho  
Nem a quero procurar;  
Quem uma vez perde a fama,  
Não mais a póde ganhar,
- Ninguém trate de honrarias  
Quando amor só quer folgar...  
«Ai, fallae, fallae baixinho,  
Póde meu pae acordar.
- Não se me dá que desperte,  
Nem que me venha encontrar;  
Mesmo que elle aqui viesse,  
Sôgro lhe havia de chamar.  
«Se isso assim é, mancebo,  
Eu o vou a despertar;  
Que venham já testemunhas  
Para o poderem jurar.

- Para jurar ha bom tempo,  
 Mais tarde mais devagar,  
 Que eu a vossa geração  
 Inda não fui indagar.  
 «Minha geração é boa,  
 A melhor de Portugal,  
 Minha mãe, nobre senhora,  
 Ella nos hade ajudar.
- Não vos agasteis, donzella,  
 Que eu não vos quero aggravar ;  
 Se castigo vos mereço,  
 Vinde-me já castigar.
- «Aggravos vossos não tenho,  
 Não tenho que me agastar ;  
 Se outro escrito me mandardes,  
 Ainda o heide aceitar.
- Outro não vos mandarei,  
 Que bem mais vale o fallar ;  
 O primeiro... em vós o tendes ;  
 Deixae, deixae m'ó buscar....
- «Dou-vos licença, buscae-me,  
 Que o não haveis de encontrar.
- Bem vêjo que estaes buscada ;  
 Como podêl-o eu achar!...  
 Pelo aivado da colméa  
 Logo eu quiz desconfiar...  
 Pensei que crestava os favos,  
 Nenhum era por crestar !  
 O cortiço já não tinha  
 Do mel que eu ia provar!...
- «Mal hajam vossas palavras,  
 Mal haja tanto enganar ;  
 Se bôa tenção não tinheis.  
 Porque vir-me procurar?  
 Ái, pobre de mim, coitada,  
 Mais não vêjo que esperar ;

No bom pano cáe a nódoa,  
 E ninguem lh'a quer tirar!...  
 A cadeia te persiga,  
 Não te deixe respirar;  
 Tua espada se te quebre,  
 Quando fôres batalhar;  
 A sepultura te falte  
 Quando vás a enterrar;  
 Quando perdão me não peças,  
 Não possas no céo entrar!



### O Cabreirinho

(Versão de Lagos — ALGARVE)

- «Já lá vem o cabreirinho,  
 Com seu cajado na mão;  
 Ainda hontem guardou gado,  
 Já hoje vem com presumpção.  
 — Ainda hontem guardei gaço  
 E inda tenho o meu rebanho;  
 Tambem te trazia a ti  
 À sombra do meu castanho.
- «Já lá vem o piolhoso  
 Todo cheio de gafeira;  
 Heide te comprar este anno  
 Para te vender na feira.  
 — Chamaste-me piolhoso,  
 É certo que algum me viste;  
 Só se tu m'o apegaste  
 Quando commigo dormiste.
- «Chapéo de meia moeda  
 Ninguem o tem se não eu;  
 Heide amar a quem me ama,  
 Dar figas a quem m'o deu.

- Chapéo de meia moeda,  
Aqui está quem o comprou;  
Beijinhos e mais abraços,  
Teu corpo é que o pagou.
- «Semei no meu quintal  
Sementinhas do landum;  
Não me criou minha mãe  
P'ra quem cheira a chibarrum.
- Semei no meu quintal  
As sementinhas da giesta;  
Não me criou minha mãe  
Para uma pata como esta.
- «Menino, não me arremate,  
Que meu pae bem nos ouviu;  
Pois vá chamar esses nomes  
À gram pata que o pariu.
- Não arremate, menina.  
Quem está debaixo da terra;  
Que eu tambem já fiz em ti  
O que meu pae fazia n'ella.
- «O que dirão entre nós  
Do que entre nós foi passado?
- Sebastião cuida ter mel,  
O enxame vae crestado.
- «Volta atraz que vae errado,  
Este papel não é o meu;  
Quem te principiou a crestar  
Diga que o mel que já é seu.



### Menina Rosa

(Versão de San Martinho — MADEIRA)

- Entre cravos e junquilhaes,  
Vim outra flôr aqui vêr.

- Rosa do fresco ribeiro,  
 Daes-me vós onde beber?  
 «Tenho pucarinho novo,  
 Vermelhinho, de Estremor;  
 Não vol-o posso prestar,  
 Bebei seja como fôr.  
 — Vão las aguas corredias  
 Fugindo rente do chão;  
 Por feliz me dera eu,  
 Bebel-as da vossa mão.  
 E, se me fazeis favor,  
 Seja um favor inteiro;  
 Dae-me vós no pucarinho  
 Agua do fresco ribeiro.  
 «Pois se vós isso pedís,  
 Esse favor vos faria;  
 Agua do fresco ribeiro  
 No pucarinho daria;  
 Mas o caminho p'ra lá  
 Um só caminho seria:  
 Ninguem se póde perder,  
 Vem da Senhora da Guia.  
 — Eu com tanta sêde venho,  
 Que não vêjo por onde ia,  
 Costumado na cidade.  
 Do caminho não sabia.  
 «Bem dito foi esse dito,  
 Ninguem melhor lo diria;  
 Mas quem não sabe caminho,  
 Volte por onde seguia.  
 — Sei de cór e salteado  
 A que vim e por que via;  
 Não é caminho p'ra mim  
 O da Senhora da Guia.  
 «Cada qual tem sua v'réda  
 D'onde se não quer volver.

- Dae as voltas que quizerdes :  
 Que eu não 'stou p'ra me perder.  
 — Rosinha, que estaes tão mestra,  
 Muito deveis de saber ;  
 Mettei-me lá na eschola,  
 P'ra vossa cartilha lèr  
 «Mestra, eu, senhor, não sou :  
 Com ninguem fui aprender ;  
 Mas, ou ser mulher casada  
 Ou. como sou quero ser.  
 — Rosinha, dos meus amores,  
 Dae-me agua p'ra não morrer .  
 Vou depois com vosso pae  
 P'ra nos irmos receber.  
 «Nem agora nem depois,  
 Nem agua, nem pucarinho;  
 Por via do que viestes,  
 Ide a outro ribeirinho.

— ● —

### A Conversada da fonte

(S. Jorge — Açôres)

- Entre canas nascem silvas,  
 Tambem rosas hão de haver ;  
 Menina, que `estaes na fonte,  
 Dae-me agua, quero beber.  
 «Pucarinho é vidrado,  
 Tocadinho do amor ;  
 Por ditosa me eu achára  
 De dar agua a tal senhor.  
 — Aguas claras corredias  
 Correm debaixo do chão ;  
 Por ditoso me eu achára  
 Bebel-a por vossa mão.



- «Com licença dos senhores,  
 Nossa Senhora da Guia!  
 Perguntarei ao mancebo  
 Se vem por alguma guia.
- A guia por onde eu cá venho.  
 Eu a digo na verdade:  
 Venho por passar meu tempo,  
 Que é cousa da mocidade.
- «A rasão está bem dita,  
 Pois vós, senhor, a dissestes;  
 O caminho está seguido,  
 Torna'e por onde viestes.
- O caminho está seguido,  
 Eu bem o vêjo d'aqui;  
 Mas esperava de levar  
 Essa rosa apoz de mim.
- «A rosa não levareis,  
 Que seu pae não quererá:  
 Tornareis cá outro dia,  
 Resposta se vos dará.
- Não torno cá outro dia,  
 Não gasto solas debalde;  
 Não quero cousas á fôrça  
 Ou contra sua vontade.
- «O claro sol já vae baixo,  
 Vae baixo, já Deus o manda;  
 Vamos tirar os papeis,  
 Correrei uma demanda.
- Antes queria eu ser cravo,  
 Enxertado na raiz,  
 Do que na mão de uma nescia,  
 De uma sécia, que tal diz.
- «Antes eu queria ser rosa,  
 Fechadinha no botão,  
 Do que na mão de um vadio,  
 Desfolhada pelo chão.

- Antes queria ser porca  
 E andar apastorada,  
 Do que dama tão galante  
 De tão parvo namorada.
- Antes queria ser cravo  
 Enxertado na raiz,  
 Do que da dama galante  
 Dama porca, que tal diz.  
 Cobra que vae pela serra.  
 Corre que desaparece;  
 Quem de mulheres se fia  
 Grande castigo merece.
- «A folha da ortelã  
 E' cumprida mas estreita;  
 Dize que amas a outra,  
 Tira-me d'esta suspeita,

### A Eschola de Cupido

(Ilha de S. Jorge — AÇORES)

- Na eschola de Cupido  
 Para te amar aprendi;  
 Para bem de te fallar  
 Uma carta te escrevi.
- «A carta que me escreveste  
 Ainda cá me não chegou;  
 Se me queres alguma cousa,  
 Falla-me, que eu aqui estou.
- Eu bem te vejo estar  
 Bonita e bem perfeita;  
 Desejava de saber  
 Se me queres ser sujeita?
- «Para ahí não digo nada,  
 Mas vou dar minha rasão;

- Desejava de saber  
Qual era a vossa tenção?  
— A minha tenção, menina,  
É esta, já vol-a digo;  
Desejava de saber  
Se vós quereis ir commigo?  
«Eu comvosco não irei,  
Meu pae não será contente;  
Deitaria-me na rua  
Despresada para sempre.  
— Senhora, não arreceie  
Nem tem de que arrecear;  
Que as famas que lhe eu puzer  
Essas lhe as heide tirar.  
«Para famas. não as tenho,  
Mas d'ahi me podem vir;  
Falle baixo, de vagar,  
Que meu pae 'stá a dormir.  
— Tanto se me dá que durma,  
Como fazel-o acordar;  
Se elle agora aqui viesse  
Sôgro lhe *havera* chamar.  
«Se n'isso fôra seu gosto  
Eu mesma o vou acordar;  
Escritinhos na egreja,  
Para nos irmos casar.  
— Escritos, minha menina,  
Mais de mil vos eu farei;  
Se me deixares amar  
De uma moda que eu cá sei.  
«Oh meu bem, de laranjeira  
O meu bem, oh páo de cana:  
Quem da arvor' tira o fructo,  
Torne a traz, leve-lhe a rama.  
Pelo amor de Deus, te peço,  
Pelo leite que mamaste,

Que não digas a ninguém  
 O que commigo passaste.  
 No beber te falte a agua,  
 No comer te falte o pão,  
 Nunca tu entres no céu  
 Sem me pedires perdão.  
 — O perdão minha menina,  
 É cousa que pode ser.  
 Guar'-te de diante de mim,  
 Que já te não posso vêr.  
 «Pelo amor de Deus te peço.  
 Pela alma do teu amor,  
 Que não descubras teu peito  
 Se não ao teu confessor.  
 Eu fui a mais infeliz  
 Que no mundo pode haver!  
 — No melhor pano cae nódoa,  
 Amor, que te hei de fazer?  
 Nunca vi o mar sem agua,  
 Nem jardim sem arvoredo,  
 Nem formosa sem senão,  
 Nem letrado sem seu erro.

●

### Florioso

*(Versão de Sergipe—BRASIL)*

— Entre pedras e penedos,  
 Senhora, vamos a vêr;  
 Menina, que estaes na fonte  
 Dae-me agua para beber.  
 «Com licença do senhor,  
 E da Senhora da Guia;  
 Dizei-me, senhor mancebo,  
 Se vindes de companhia?

\*

- A companhia que trago,  
 Já vos digo a verdade :  
 Venho divertir o tempo,  
 Que é cousa da mocidade.
- «E' cousa da mocidade  
 Bem já me parece ser :  
 Dizei me, senhor mancebo,  
 Si sabeis lèr e escrever?
- Eu não sei lèr nem escrever,  
 Nem mesmo tocar viola ;  
 Agora quero aprender  
 Na vossa real eschola.
- «Eschola tenho eu de minha,  
 Nange p'ra negro aprender ;  
 Juizo te dêe Deus,  
 Memoria para aprender.
- N'estas mimosas esquinas  
 Faz-se ausencia muito mal ;  
 Eu sempre pensei, senhora,  
 Que vós me querieis mal.
- «Quanto a mim eu não te quero,  
 Até só te peço, negro,  
 Que me não toques com a mão :  
 Nas mãos eu não vos toco  
 Nem mesmo bulo comvosco ;  
 Quero estar a par de vós,  
 Pois eu n'i-to levo gosto.
- «Se tu n'isto levas gosto  
 Desgosta, por vida tua,  
 Que esta casa que aqui está  
 E' de outro e não é tua.
- Si é de outro e não é minha,  
 Inda espero que hade ser ;  
 Menina. diga a seu pae  
 Que me mande receber,  
 «Taes palavras eu não digo,

- Que inda sou muito escusada .  
 Pois eu sou menina e môça.  
 Não sou para ser casada.  
 —Inda mais môças que vós  
 Regem casa e tem marido ;  
 Assim hade ser, menina.  
 Quando casardes commigo.  
 «Mas eu não heide casar  
 Porque não heide querer ;  
 Eu não me meto a perigos  
 Quando vejo anoitecer.  
 —Nem eu quero cousa á força,  
 Se não por muita vontade ;  
 Eu quero gosar a vida,  
 Que é cousa da mocidade.  
 .....  
 «Já fui contar as estrellas  
 —Eu já sei que estou no caso.  
 «Eu sei agora. mancebo,  
 Que tu só és o diabo.  
 —O diabo eu não sou,  
 Ai Jesus! que feio nome!  
 Só peço ao Senhor da Cruz  
 Que este diabo vos tome.  
 —«D'onde vem o Florioso  
 De melendias penteadas?  
 —Venho de ser o vaqueiro  
 Das ovelhas mais das cabras.  
 D'este mesmo gado eu cuido,  
 Da mais fina geração,  
 D'aquelle que veste luvas  
 De cinco dedos na mão.

## Enchoyadas

(Versão de Lugo e Betanzos—GALLIZA)

- «Con licenzia de tus padres  
e mais d'a xente de ben,  
estimaba de saber  
este galan d'onde ven.  
—Este galan d'onde ven?  
el ch'o dirá,  
ven de vel-a romaria,  
divertir a mocidá.  
«A' romaria xa a viches  
a foliada xa a ficheche;  
se non sabes o camiño.  
volve per onde viñesche.  
—O camiño ben o sei  
e mais ben ch'o aprendin;  
estimaba de levar  
Marica de par de min  
A' Mariquiña levar  
parcerá pouco xusto;  
dormir contigo na cama  
fazi-o de mellor gusto.  
«Eu amar, heite amar  
e terte no coraçón;  
pero o que ch'heide encargar  
poñern' a man eso non.  
—Eu a man non ch'a porei  
por causa dú ruin uso,  
nin no leito che verei  
rosiñas de lindo gusto.  
«Rosiñas de los rosales!  
non son tuas, que son miñas.  
—Se non son, poderán ser,  
mándalle carta á tu padre  
que nos venga á receber.

- «Memórias son ch'escusadas;  
Unha nena de quince años  
non póde resistir cargas.
- Outras mais novas que ti  
Teñen cargas e marido;  
tamén as ti risistiras  
se te casaras conmigo
- «Eu contigo non me caso,  
e porque non quererei;  
volve por aquí mañan,  
que resposta che darei.
- Por aquí mañan non volven  
Zapatos meus en debalde;  
non quero casar sin gusto  
non sendo de vontade.
- «Guapo, que tanto soubeches,  
si non sabes o camiño,  
volve por donde vineches,
- «Queridiño, queridiño,  
queridiño, ben fixeche!  
si no sabes o camiño  
volve por donde vineche.
- O camiño ben-o sei,  
que o vexo desd' aquí;  
quen che me dera levar  
unha rosa qu'hai aquí!
- «Unha rosa qu'hai aquí  
se fora e poidera ser;  
o galan que tanto sabe  
tamén pode saber ler.
- Nin sei lèr nen escribir  
nin poñer o pé de roda;  
o día que ti te cases  
poñerei monteira nova.
- «Aunque a poñas, queridiño,  
non faz moita maravilla;



e logo que lle fixeches  
o diñero de Castilla?

( Variante )

- .....
- Eu quéroche de mancebo  
cabo de meu corazón;  
ahora poñerín' a man  
eso digoche que non,  
—A man non ch'a poñerei  
pol-o-'mor d'o ruin uso;  
pero, o dormir contigo  
fari'-o de lindo gusto,  
«Pois que tès tamaño gusto  
respondo por vida tua;  
qu'essa rosa d'a roseira  
tal-a vè que non é tua.  
—Si esta rosa non é miña,  
inda chegará a ser;  
manda recado á teus padres  
que nos veñan recoller.  
«Recado non lle no mando  
que son cousas excusadas;  
sou nena de quince años  
e non podo rexir cargas.  
—Outras mais novas que ti  
rixen cargas d'o marido;  
ti tamén as rexirás  
cando casares connigo.  
«Volverás acá mañana  
que resposta che darei.  
—Eu acá mañan non volvo  
romper sapatos de balde;  
non quero cousa sin gusto  
nin gusto sin vontade.

- O camiño ben o sei  
 que o vexo desd'aqui;  
 o que sinto, non levar  
 unha rosa qu'hai aqui.  
 «Guapo, váite n'oramala;  
 moito non che m'agradou  
 vaille dar moi noramala  
 ó curral que te criou.
- O curral que me criou  
 a ti non che deve nada;  
 que si algo che debera  
 que muy pranto cho pagara.  
 Aunque cartos no nos téno  
 e diñeiro non me sobra,  
 para che pagar a ti  
 non ha faltar quen me socorra.



### Dialogos (Desgarradas)

(*Versão da ilha de S. Jorge — Açôres*)

#### I

- Nasce a aurora em mar de zimbro,  
 No mundo deita seus raios;  
 Só tu nasceste, menina,  
 Para eu sentir desmaios.
- «Se por mim sentes desmaios,  
 Não corre da minha conta;  
 Se o amor é de vontade,  
 N'isso não me faz affronta.
- Se a ti te não faz affronta  
 Estas penas em que vivo,  
 P'ra que me matas. tyranna,  
 A mim, que sou teu cativo?

- «Por cativo te eu não tenho,  
Por criado muito menos;  
Se elle é o que você cuida,  
Nós nada d'isso fazemos.
- Nós nada d'isso fazemos  
Sem tua livre vontade;  
De quem te devéras ama  
Deves de haver piedade.
- «Que piedade heide eu ter  
De quem me procura a morte?  
Siga o senhor seu caminho,  
Que eu vou seguindo o meu norte.
- Outro norte não sigaes,  
Tamanha ingratidão!  
Pois eu vos trago, menina,  
Dentro do meu coração.
- «Este meu coraçãozinho  
Pelo teu anda penoso;  
Este meu, quando te avista,  
Já váe ficando raivoso.
- Mais raivoso fica o meu  
Em te vér tal desconfiança;  
Dou-vos desculpa, menina,  
Por seres muito criança.
- «Não me chameis criançinha,  
Muito que o sou na idade;  
Que eu sou menina e môça  
De toda a capacidade,
- Não tendes capacidade,  
Guardae-a até ao fim;  
Que haveis fazer vós, menina,  
Se nascestes para mim
- «Se nasci para você,  
Aqui me tem meu querido;  
Se me tratar por mulher,  
Tratal-o-hei por marido.

—Plantei cravos e goivos  
 Dentro de um côpo de vidro ;  
 Não quero que o mundo saiba  
 Que ando de amôres contigo.  
 «Tenho rosas semeadas,  
 Nascerão. se Deus quizer ;  
 Hasde ser o meu marido.  
 Que eu serei tua mulher.

## II

—Eu vivendo por vós morro,  
 Vós por mim viveis morrendo ;  
 Quizera acabar a vida  
 Para ficares vivendo.  
 «Para eu ficar vivendo ?  
 Vós a mim me daes tormento ;  
 Estou vendo que desejaes  
 Que eu morra antes de tempo.  
 —Não morres antes de tempo.  
 Minha prenda tão querida ;  
 Se eu te conhecêra a morte  
 Eu te compraria a vida.  
 «Eu te compraria a vida  
 Depois n'uma primavera ;  
 No alicerce do amor  
 Vós sois a primeira pedra.  
 —Vós sois a primeira pedra  
 No alicerce do amor ;  
 Por amor de vós, menina,  
 Tenho soffrido rigor.  
 Tenho soffrido rigor  
 Por amor de vós menina,  
 Na onda do amor dispuz  
 Corpo, alma, vida minha.  
 «Corpo, alma, vida minha.  
 Eu de nada sou ciosa ;

- Entendo que procuraes  
A outra mais caprichosa.  
Caprichosa achareis.  
Mas não que vos queira muito;  
Que o pomar tem muitas arvores,  
Cada uma dá seu fructo.
- Cada uma dá seu fructo  
A quem trazeis na vontade;  
Bem sabeis que cativei  
Por vós minha liberdade.  
Por vós minha liberdade,  
Ramo de manjaricão;  
Eu não vivo descansado  
Sem te acolher á mão.
- «Se me acolher á mão,  
Dizei-me aonde moraes;  
Entendo para commigo  
Fallares-me abi por demais.
- Não te fallo por demais,  
Oh minha angelica flor;  
Dormindo, sonho contigo,  
Hasde ser o meu amor.
- «Se hasde ser o meu amor,  
Minha vida. oxalá!  
Dormindo, sonho contigo,  
Tomára que fosse já.
- Tomara que fôra já,  
Fallo-te de esta maneira;  
Vae-o dizer a teu pae;  
Fal-o-hemos á carreira.
- «Oh meu cravo serenado,  
Meu refinado feitiço.  
Mais me valera morrer  
Que a meu pae eu fallar n'isso.
- O que vosso pae diser  
Vós o haveis de escutar:

Que antes que elle peleje,  
 Não vos hade molestar.  
 «Não me hade molestar,  
 Valha-me santa Beatriz;  
 Que temores que eu terei!  
 Verei o que elle diz.

## III

- Menina dos olhos verdes,  
 Chegue-se cá para mim,  
 Que lhe quero dar um cravo,  
 Uma rosa e um jasmim.  
 «O cravo que me offerece  
 Já o tenho em meu peito:  
 O jasmim e mais a rosa  
 São favores que não acceito.
- Sou feliz. estou contente  
 Com a sua acceitação.  
 Quem tem o cravo no peito,  
 Tem amor no coração.  
 «Um suspiro lhe vou dar  
 Por não ter mimosa flôr;  
 E' uma planta que existe,  
 Resumida com amor.
- Todo o logar é jardim  
 Onde suspiros se dão;  
 Quer seja no povoado,  
 Quer mesmo na solidão.  
 «Queria que me disesse  
 O nome que você tem?  
 Pretendia eu saber  
 Como se chama o meu bem.
- O meu nome é Jacintho,  
 Que, em breve, quer dizer:  
 Dôr, pesar e sentimento  
 Que eu tenho em te não vêr.

- «Pois o amor tem seus espinhos,  
 Que defendem meu amor;  
 Rosa seu gostos da vida,  
 Sou tratada com primor.
- Por certo deves de ter  
 Espinhos bem penetrantes,  
 Que ferem sem compaixão  
 Os compassivos amantes.
- «Porem junto co' Jacintho  
 Modifico minha aspereza;  
 Sei amar e bem conheço  
 A ordem da natureza.
- Tambem eu junto á Rosa  
 Fico como um cordeirinho;  
 Mas sempre com o receio  
 Não me pique algum espinho.
- «Vossas graças me namoram,  
 Voso genio me agrada;  
 Possui meu coração,  
 Por vós quero ser amada.
- Venturoso seja o dia  
 Da nossa doce união;  
 Já eu sinto no meu peito  
 Abrasar-se o coração
- «O tempo já se apressa  
 Em dar luz a outra gente;  
 Vamos vêr o nosso gado,  
 Que de nós ficou ausenté.
- Adeus, amor da minha alma,  
 Adeus, pastora querida;  
 Sinto mais do que a morte  
 Esta cruel despedida.
- «Não chores, pastor querido,  
 A nossa separação;  
 Cedo me verás comigo  
 E terás satisfação.

## IV

- Tenho um papel de cantigas  
Para cantar aos namorados ;  
Servem-lhe de esparecimento,  
Se se vêem enfadados.
- Primeiro, fostes meu bem,  
Fallar com quem eu não queria;  
Ensinaste-me a mentir,  
Cousa que eu não sabia.
- «Nunca te menti, meu bem,  
Sempre te fallei verdade ;  
Que eu espero de gosar  
Essa tua mocidade
- Esta minha mocidade  
Já para ti se acabou ;  
Quando eu de lá sahi,  
Outro sujeito entrou.
- «Se outro sujeito entrou  
Foi a fallar com meu pae :  
Se elle é o que você pensa,  
Esse tempo já lá vae.
- Se esse tempo já lá vae,  
Pois te hasde arrepender ;  
Que eu não quero os teus amôres,  
Outro amor heide ter.
- «Se tens outra rapariga  
Eu disfarço a chorar ;  
Que essa não foi a palavra  
Com que me quizeste apanhar.
- Se te apanhei, menina,  
Não foi muito a correr ;  
Foi muito de meu vagar,  
E muito do meu querêr.
- «Se era o que tinha de ser,  
Anda mais para *diente* ;



- Heide romper meus joelhos  
Em te rogar pragas sempre,  
—Meu bem, não me rogaes pragas,  
Que eu nunca te heide deixar;  
Tu hasde ser minha amiga,  
E com outra heide casar.  
«Eu heide ser tua amiga,  
E' cousa que pode ser;  
Dando-me tu o vestir  
E mais tambem o comer.  
—Para te dar de comer,  
Meu bem hade guerrear;  
Para te dar de vestir,  
Meu bem hade pelejar.  
Mas anda d'ahi commigo,  
Que tudo se hade arranjar,  
«Dize-me agora, meu bem,  
Quando te vás a casar?  
Que eu quero procurar trigo,  
Meu bem, para te botar.  
O dia de dar a mão  
E' um dia de chorar.  
—O dia de dar a mão  
Não é dia de chorar;  
Hade ser logo, á noite,  
Se eu te não fôr fallar.  
Se eu te não fôr fallar,  
A' noite, depois da ceia;  
De vagar se vae ao longe,  
Olha, amor, minha cegueira.  
«Se eu soubera de tu vires  
Alliviar minhas penas.  
Tinha-te a casa varrida,  
Enramada de açucenas.

## V

- D'onde vindes, bella dama,  
Com vosso lenço lavado?  
«Corre a agua dos meus olhos,  
Lembra-me o tempo passado.  
Lembra-me o tempo passado  
E o passatempo tambem;  
Chóro pelo meu amor,  
Não sei que remedio tem.
- Não sabe que remedio tem,  
Que remedio lhe faltou;  
Acabe-se o teu amor,  
Que este meu já se acabou.
- «Qual será esse teu amor,  
Qual era a tua affeição;  
Em mim empregaste os olhos,  
Já em outra o coração.
- O meu coração é mudo,  
Por isso se não declara;  
Se os meus ouvidos ouvissem,  
A minha bocca fallara,
- «Todos os males tem cura,  
Os que vão ao hospital;  
Eu como louca por vós,  
Vos quero contar meu mal.  
Vos quero contar meu mal,  
Senhor, que me succedeu;  
Que eu perdi um lenço branco  
Que vossa mercè me deu.  
Não se me dá do lenço,  
Dá-se-me do que dirão;  
Que eu sou uma desgraçada,  
Que perco quanto me dão. (1)

(1) *Versão do Porto:*  
Na noite de San João

—Confessa-te, bella dama,  
 Ao teu amor outra vez;  
 Quem é bom sempre perdôa,  
 Uma, duas, até trez.

## VI

—Rosa branca encarnada,  
 Delicada no saber,  
 Vaes dormir além do mar,  
 Só por me não poder vêr,  
 «Eu bem julgo de te vêr,  
 Meus olhinhos de azeviche;  
 Mas todo o mundo está cheio  
 De que tu não me eras fixe.

—Se eu te não era fixe,  
 Não te andava adorando;  
 Pela graça de teus olhos  
 Minha alma se anda matando,  
 Oh rosa, tomae alento  
 D'essa morte que trazeis;  
 Bem sei que me chamaes cravo,  
 Rosa, enquanto quereis.  
 «Aperta-me estes meus braços,  
 Prenda minha mais querida;  
 Ajuda-me a dar um ai  
 N'esta nossa despedida.

—N'esta 'espedida de amor  
 Só uma cousa te peço,  
 Que te alembres de mim,  
 Que de ti me não esqueço.

Foi a minha perdição;  
 Eu perdi um anel de ouro  
 Entre as folhas do serpão.  
 Não se me dá do anel,  
 Dá se-me do que dirão:  
 Que eu sou uma perdida,  
 Perco tudo o que me dão.

Esquecer-me não costume,  
 Oh rosa de Alexandria;  
 Mas por não dizer comvosco  
 Vosso pae me não queria,  
 Vosso pae me não queria  
 Eu botei-me ao mar de *adano*; (a nado)  
 Olha o que foste fazer,  
 Oh, que corpo tão tyranno.  
 Lancei-me entre flores.  
 Em craveiros serenados;  
 Logo vi que eram amores  
 Para nos estavam guardados.  
 Que nos estavam guardados,  
 Para teres o teu quinhão;  
 Só pela vossa brancura  
 Vos iria ganhar pão,  
 Vos iria ganhar pão,  
 Antes que fosse a Lisboa;  
 P'ra gosar a presumpção  
 Que existe em vossa pessoa.

## VII

**Meu bemsinho**

(Versão de Sergipe — BRASIL)

«Meu bemsinho, diga, diga,  
 Por sua bocca confesse,  
 Si você nunca já teve  
 Quem tanto bem lhe quizesse.  
 — Si eu nunca já tive  
 Quem tanto bem me quizesse?  
 Também eu não tive nunca  
 Quem taes trabalhos me desse.  
 «Os trabalhos que eu te dei  
 Você mesmo os procurou;

- Que de casa de meu pae  
De lá você me tirou.  
-- Si de lá eu te tirei  
Foi por me vêr perseguido;  
Quantas e quantas vezes  
Não me tenho arrependido!  
«De que te arrependes, amor,  
D'este teu genio tão forte?  
Não prometteste ser firme  
Até na hora da morte?  
Até na hora da morte  
Sentirí a ingravidão,  
Sendo eu a dona fraca  
Roubada d'este ladrão.  
Nunca comi de ladrão,  
Nem pertendo comer;  
Poderei comer agora  
Debaixo do seu poder.  
— Debaixo do meu poder  
Tu terás grande valia;  
Saindo d'elle p'ra fóra  
Não terás mais fidalguia.  
«Essa fidalguia minha  
Nunca hade-se acabar;  
Que eu com gente sômenos  
Nunca heide-me pegar.  
— Pega então, meu amor,  
Procurando opinião;  
Que estas meninas de agora  
Não procuram estimação.  
«Não procura estimação  
Só aquella que é pobre;  
Uma dona como eu  
Só procura gente nobre.  
— Gosa, meu bem, da vida,  
Que eu á noite vou-te vêr;

Dando suspiros e ais  
P'ra não te ver padecer.

●

### A B C de Amor

(Versão de ilha de S. Jorge — Açôres)

- Menina, que passeaes  
Em campo verde de flores,  
Dizei-me lá por cantigas  
O A B C dos amores.  
«O A B C dos Amores,  
Vós cuidaes que eu não sei?  
Dize-me a primeira letra,  
Que então vos responderei.
- O A é a primeira letra  
Que se põe no A B C;  
Diga-me, oh minha menina,  
Quantos morrem por você?
- «O A é a primeira letra  
Que se escreve no papel;  
Escrevi-te no sentido,  
Minha pedrinha de annel.
- O B é pelos beijinhos,  
Mais também pela doçura;  
Na face d'esse teu rosto  
Creou Deus a formosura.
- «O B é pelo bemquerer,  
Ninguém te quer mais do que eu;  
Por que não me correspondeste,  
Mui adorado bem meu?
- O C significa o cravo,  
Esse cravo bem disposto;  
Corre a fama que sou teu,  
N'isso faço muito gosto.

- «O C é pela sciencia,  
Meu amor, com que te amei;  
Ingrato, porque não pôes  
Em mim essa tua lei?
- D; defronse do teu peito  
Uma flor eu vi nascer;  
Se não souberes amar,  
Faze como vires fazer.
- «D, digo eu, que só quero  
Vêr-te firme até á morte;  
Se me não corresponderes,  
Será em mim pouca sorte.
- O E é pelos enrêdos,  
Enrêdos te eu heide amar;  
Menina, se fôres minha,  
Por meias te heide ir buscar.
- «O E significa á era  
Que te comecei a amar.  
Quem por ti não enloquece  
Vive em peccado mortal.
- «O F é pela firmeza,  
Vós bem firme podeis estar;  
Que á palavra que vos dei  
Nunca vos heide faltar.
- «O F é pela fé  
Que tenho em te gosar:  
Ou heide vir a ser tua,  
Ou eu heide-me matar.
- O G é um generoso,  
Heide sel-o até ao fim;  
Dei-te o coração por prenda,  
Que mais quêres tu de mim?
- «O G é a gentileza,  
Não vi coisa mais formosa;  
Pelo branco da açucena,  
Pelo encarnado da rosa.

- O H é humildade  
 Por sentido te conheço;  
 Não te façás tão altiva,  
 Julgas que eu te não mereço?  
 «O H é pela hora  
 Que eu te comecei a amar;  
 Ainda espero em Deus,  
 Meu amor, de te lograr.
- O I. quer dizer irei  
 Para onde ninguém sabe;  
 Dize-me se n'esse teu peito  
 Este meu coração cabe?

.....

- O J, é um jardim  
 Onde se apanham flôres;  
 Ainda heide ser jardineiro,  
 Menina, dos teus amores.  
 «O J quer dizer já estou,  
 Meu amor n'esse teu peito;  
 Estou preza de tua mão  
 Em laços do amor perfeito.
- O K quer dizer cadeia  
 Em que te tenho prendido;  
 E's a flôr do meu empenho,  
 Que trago no meu sentido.
- «O L é pela lei  
 Que o meu coração te tem;  
 Desde que eu logo te vi,  
 Não quíz bem a mais ninguém.
- O M é pelas mãos,  
 Que as tendes delicadas:  
 Menina, se fôres minha,  
 As trareis mais estimadas.  
 «M, significa a morte,  
 Amor, que me has de causar;



- As tuas ingratidões  
É que me hão de matar.
- O N é uma náó  
Que navega com bom vento ;  
Diga me, minha menina,  
Quanto traz no pensamento.
- « O N é pela nobreza,  
Vós a toda excedeis ;  
Já confesso que sou vossa,  
De todo me não mateis.
- O O quer dizer os olhos,  
Tambem quer dizer ouvir ;  
Anda, amor, para os meus braços,  
Que ninguem te hade impedir.
- « P é porque rasão  
• Despresas o meu amor ?  
Só de mim tem compaixão,  
Se o não fazes com dôr.
- O P é pelo poder  
Que tendes nas vossas mãos ;  
Tirae-me d'estas cadeias,  
Tirae-me d'esta prisão.
- Q é que sempre te quiz ;  
Em verdade te adoro :  
Por ti ando suspirando  
Por ti dou ais por ti chóro.
- O Q é quando ides,  
Menina, para o jardim ;  
Que na entrada choraes,  
É com lembrança de mim.
- « O R é pelo rir,  
Que o tendes engraçado ;  
Com gaitadinhas que daes  
Me tendes enfeitado.
- O R é pela relação  
Da reverencia do peito ;

- Ainda espero de gosar  
Esse teu corpo bemfeito.
- «O S é a suspêita,  
Nã sendo bem soletrado;  
Bem sabes, meu amorsinho,  
Que no meu peito tens estado.
- O S é pelo sêres,  
Memina, bem delicada:  
Eu vos trago na lembrança,  
Nos braços bem reclinada.
- «O T quer dizer que tenho  
Amor a quem me não tem;  
Mereces nome de ingrato,  
- Mas tudô te fica bem.
- O T é pelas tezouras,  
Menina, com que talhaes;  
De ouro sã as agulhas,  
De prata sã os dedaes.  
O V é quando vós ides,  
Menina, pelo caminho;  
Ainda espero em Deus  
De andares ao meu dominio.
- «O X diz que achei principio  
Primeiro, mas não o fim;  
Estou metida entre flôres,  
Ninguem tenha dó de mim.
- O X anda pelo chão,  
Menina, por onde andaes;  
Apressae os vossos passos,  
Dae accios aos meus ais.  
O Z é pelo zello,  
Menina, que eu vos tenho;  
Se vós em mim formaes gosto,  
Eu em vós maior empenho.
- «O Z é pela zombaria  
D'este ga'ante A B C;

Fico pedindo a Deus  
Saude e vida nos dê.  
A's lettras de A B C  
Ainda aqui faltam quatro;  
Mas aqui fica o logar  
Para pôres o teu retrato.



### A B C de Amores

(Versão da Ilha de S. Jorge—AÇÔRES)

Adorada prenda minha,  
Sol e lua a quem venero;  
N'este A B C dos Amores  
Te digo quanto te quero.  
O A é pela ausencia  
Que tenho do meu amor;  
Eu passo crueis tormentos,  
Eu sinto uma grande dôr.  
O B é pelo brincar  
Eu contigo n'algum tempo;  
Muito me hade custar  
O nos o apartamento.  
O C é ser constante,  
Bem constante tenho sido;  
Adorada prenda minha,  
Disvello do meu sentido.  
O D é para dizer  
A quem tenho na affeição;  
Só a ti, caro amor,  
Darei alma e afflicção.  
O E pelo estar  
Vivendo de ti ausente;  
Oh que grande penitencia  
Para um terno vivente.

O F é ser fiel,  
 Bem fiel te tenho sido ;  
 Se me fôras outro tanto,  
 Unida serás commigo.  
 O G são muitas glorias  
 Que eu por ti tenho passado ;  
 Mais me consólo da esperança  
 Que ainda verei amado.  
 O H é pela hora  
 Que te eu não posso vêr ;  
 Cercado de saudades,  
 Arriscado a morrer.  
 O J quer dizer joia,  
 Joia do meu coração ;  
 Quero-te mais do que a vida,  
 Tenho-te grande afleição.  
 O L é pela lembrança,  
 Vós sempre me alembraes .  
 O dia que vos não vêjo  
 Não faço se não dar ais.  
 O M é pelo amor  
 Que sempre te tive e tenho ;  
 És a prenda que eu adoro,  
 Por quem faço mais empenho.  
 O N quer dizer nada  
 Desfalece no amante ;  
 O direito do amor  
 É ser firme e ser constante.  
 O O é pelos teus olhos  
 Que são dois finos ladrões,  
 Dispostos no auditorio  
 Para render corações.  
 O P são as minhas penas  
 Que eu por ti tenho passado ;  
 Mas eu achando-as certas,  
 Vivo sempre magoado.

O Q é pelo querer  
Que eu sempre te quiz e quero ;  
Que eu por isso te querendo,  
De seres minha espero.  
O R é a reverencia,  
Reverencia quero ter :  
Heide amar-te até á morte,  
Heide amar-te até morrer.  
O S são as saudades  
Que eu tenho por ti, meu bem ;  
Eu passo crueis tormentos,  
Vivo só, sem mais ninguem.  
O T é a tyrannia.  
Que tyrannia te fiz ?  
O meu gosto é amar-te,  
Viver contigo feliz.  
O V é por vos vêr  
E por vos ter affeição ;  
O dia que vos não veja  
Me entristece o coração.  
O X e pelas chaves  
Com que abristes o meu peito ;  
Feristes meu coração  
Com raios de amor perfeito.  
O Z é pela zombaria  
Que vós commigo usaes ;  
Eu como firme amante  
Cada vez vos quero mais.  
Às regras do A B C  
Ainda aqui faltam quatro ;  
Traz a tinta e o papel,  
Assenta ali teu retrato.

**Outro A B C***(Versão do Rio Grande do Sul—BRASIL)*

Aqui te mando, bemsinho,  
Um **A B C** de Amores ;  
Para que n'elle tu vêjas  
Os meus suspiros e dôres.  
**A**nda cá, meu doce bem,  
**A**nda vêr, prenda querida,  
As queixas que tu me fórmas  
Nos passos da minha vida.  
**B**em conheço, prenda minha,  
Que a vida que me deixaste,  
Por sentires grande falta  
De um coração que me roubaste.  
Cadeias foram teus olhos,  
Grilhões os teus carinhos,  
Que prenderam meus affectos  
Entre os mais duros espinhos.  
**D**e cada vez que te vêjo  
Se me dobram as prisões ;  
Eu juro me teres roubado  
Duzentos mil corações.  
**E**mpenhei-me a experimentar  
A dureza do teu peito ;  
Nasci firme, sem cativo,  
Sou leal e até sujeito.  
**F**eriste meu coração  
Para n'elle seres ouvido ;  
Ficaste sendo senhora,  
Eu fiquei sendo cativo.  
**G**loria dos tempos passados,  
Que tão depressa fugistes !  
Que te faziam meus olhos,  
Que vos fazem andar tristes ?

He bem que chorem meus olhos  
De uma dôr que os atormenta;  
Um sensivel coração  
Pelos olhos arrebenta.  
Ide, meus olhos, nadando  
N'estas aguas que choraes ;  
Amor do meu coração,  
Quando nos verêmos mais ?  
Lagrimas, cahi, cahi,  
Relatae a minha dôr ;  
Pois um triste coração  
Não tem outro portador.  
Mais me valia morrer  
Quando em ti puz o sentido ;  
Não pensei que tantas magoas  
Me tivessem combatido  
Não abatas tanto, ingrata,  
Um triste afflicto, queixoso ;  
Pois seja da minha vida  
Fim tormento rigoroso.  
O rouxinol quando canta  
Forma queixas de sentido ;  
Eu tambem me queixarei  
Por ser mal correspondido.  
Peço-te, bemsinho amado,  
Que me faças um carinho ;  
Que vivas na esperança  
Que inda heide ser teu bemsinho.  
Quem vir a enchente do mar  
Não lhe cause confusão,  
Que são aguas dos meus olhos,  
Fontes do meu coração.  
Rebenta, minha alma afflicta,  
Que está ferido o meu peito ;  
Pelo muito que eu padeço,  
Menina, por teu respeito.

Suspenderei os meus prantos,  
 Cessarei já de chorar ;  
 Já que me ccube por sorte  
 Querer bem e não lucrar.  
 Tenho tão pouca ventura,  
 Na sorte de te querer,  
 Que te peço por esmola,  
 Sim, me deixes padecer.  
 Vivo tão penalizado,  
 Que não sei de meus cuidados,  
 Se padeço ou se suspiro,  
 Se choro de magoado.  
 Xorando só de continuo  
 Por viver tão retirado.  
 Na tua ausencia, visinha,  
 N'este triste. afflicto fado.  
 Zombem embora de meu pranto,  
 Pois a mim fizeste guerra ;  
 Outro tu não acharás  
 Em todos os bens da terra.  
 O til, por ser pequenino  
 Tambem gosa estimação ;  
 Estou esperando a resposta  
 Que venha da tua mão.



### Perfil de uma rapariga

(Versão de Loulé — ALGARVE)

Sois como a cobra viveira  
 De mil circumvoluções ;  
 Dae-me licença, menina,  
 Que bem lhe note as feições.



Comço pela cabeça,  
Aos pés irei acabar;  
Com licença da menina,  
Já principio a notar.

Esse seu lindo cabello  
Penteado de continuo,  
D'aqui me está parecendo  
Meadinhas de ouro fino.

A fita com que o ataes  
Lantejoulada de flores,  
Revela a quem a mostraes  
A fineza nos amores.

Vossa testa é um espelho  
Aonde o sol se vae mirar,  
Ahi vae pedir licença  
Dos raios que hade deitar.

Sobrancelhas como as vossas  
Impossivel é havel-as;  
Parecem laços de fitas  
Que encobrem vossas orêlhas.

Vossas orêlhas, menina,  
São tão lindas, engraçadas,  
Que dão graça á vossa cara  
Andando bem asseidadas.

Vossos olhos são dois raios  
D'aquelles mais penetrantes;  
Com elles vós sujeitaeas,  
Os mais rebeldes amantes.

Vosso nariz é um cravo  
Recolhido do craveiro,  
Com elle significaes  
Um amor bem verdadeiro.

Vosso rosto é uma pêra,  
Uma pêra bem madura ;  
Collida no mez de agosto,  
E' a propria doçura.

A vossa bocca, menina,  
Tem uma grande virtude,  
Pois os vossos proprios beijos  
De noite me dão saude.

Ao que vêjo em vossos labios,  
São dois bagos de roman ;  
Ai, quem me dera beijal-os  
Em jejum, pela manhã.

Tendes os dentes ralos,  
Metei cravinhos no meio,  
P'ra que todos possam vêr  
Da vossa bocca o asseio.

A vossa bocca, menina,  
E' de prata bem batida ;  
Eu heide casar comvôsko,  
Ainda que perca a vida.

Vossa barba é como a lua  
Lá no céu bem embutida ;  
Quem me dera a mim vêr  
Minha sorte definida.

Vossos hombros engraçados,  
Engraçados, que elles são !  
São apoio d'esses braços,  
Firmeza da vossa mão.

Essas mãos de fino ouro,  
Os dedos de bella prata,  
As unhitas de marfim,  
E' isso que mais me mata.

Vosso pescôço. menina,  
E' ornado de um cordão;  
Já que prendestes minha alma,  
Soltae-me meu coração.

A forma d'esse collete  
E' o que mais me namora:  
Revela coisas bonitas  
Lá por dentro e cá por fóra.

Delicada de cintura,  
Fostes feita a meu prazer:  
Rosa que tanto se apura  
Faz transtôrno ao meu saber.

Da cintura para baixo  
'Té á roda do joelho.  
*Et etcetera...* ponto em bocca,  
Isto vale um bom conselho.

De joelho para baixo  
Só governa a bella meia;  
Dizei baixinho, meu anjo,  
Se lá vou depois da ceia.

Se vossas pernas são claras,  
São claras e bem alvinhas,  
Isso não sei eu dizer,  
Nunca as vi ao pé das minhas.

Vossos pés são de ouro fino,  
São de ouro puro e mais não;  
De ouro toda sois formada,  
Prenda do meu coração.

Com fios de ouro comecei  
A notar vossos signaes;  
Pois que, mênina, sois de ouro,  
Ouro sois e assim ficaes.

### Retrato de uma belleza

(Versão da Ilha de S. Jorge—AÇÔRES)

Eu sou réo e vós autora  
Em certas occasiões;  
Menina, dae-me licença  
Que eu note vossas feições.

Quer m'a deis, quer m'a não deis,  
Sempre vól-as vou notar;  
Começarei da cabeça,  
Aos pés irei acabar.

Vossos cabellos dourados,  
Compostos da vossa mão,  
Todo o mundo se admira  
De tão linda perfeição.

A vossa testa é espelho  
Onde o sol se vae mirar,  
Onde vae tomar altura  
Dos raios que hade botar.

Os vossos olhos, menina,  
São pharóes de mar e guerra,  
Quando vão para o mar largo  
Deitam faiscas em terra.

Vosso nariz é um cravo  
Reduzido do craveiro,  
Onde n'elle *impenetraes*  
Amor firme verdadeiro.

Vossas maçãs do rosto,  
Como a rosa alexandria,  
Dão tanta luz de noite,  
Como o proprio claro dia.

Tendes os brços vermelhos  
Como o sangue do nariz ;  
Estaes corrente no amor  
Que nem agua em chafariz.

Tendes os dentinhos ralos,  
Metei-lhe cravos no meio ;  
Sondes a mais linda dama  
N'esta terra em passeio.

Essas vossas orelhinhas,  
Vermelhas assignaladas,  
Têm differença das minhas  
Só por terem arrecadas,

Tendes o pescôço alto  
Para o amor abraçar ;  
Se até aqui muito gostei,  
Muito mais heide gostar.

Os vossos hombros, menina,  
Ambos de dois são eguaes ;  
Não sois bonita nem feia,  
Sois o quanto precisaes.

Vossas mãos de clara neve,  
Fio de ouro rebatido,  
Bem podia vir um sonho.  
Tirar-te do meu sentido.

Vós, menina, de cintura  
Sondes a mais delicada ;  
Tem differença da minha  
Só por andar apertada.

Tendes o pé pequenino  
Do tamanho de um vintem ;  
Bem podia calçar de oiro  
Quem tão pequeno pé tem.

Comecei em fios de ouro  
 A notar vossos signaes;  
 Menina, vós sondes de ouro,  
 Do ouro sois, de ouro ficaes.

*Outro*

Eu plantei no meu quintal  
 O brio da minha dama,  
 Nasceram perolas finas,  
 Angelicas côr de cana.

Os vossos cabellos, sécia.  
 E' que vos dão toda a graça;  
 Parecem meadas de ouro  
 Aonde o sol se embaraça.

Os vosso cabellos, sécia  
 Largos, virados ao vento,  
 Vós a todos daes a graça,  
 Só a mim causaes tormento.

Oh arco da sobrancêlha,  
 Onde meu intento tenho,  
 Não te empenhes por amores,  
 Que eu por ti meu bem, me empenho.

Os lindos olhos que tendes  
 Abaixo d'essas pestanas,  
 Rico esparecimento  
 Tem creaturas humanas.

A vossa face encarnada  
 Se póde mirar por gosto;  
 Não ha joia mais subida  
 Que o vosso tão lindo rosto.

Vossaõs orelhas de neve,  
 Viradinhas para traz,  
 Sobre ellas vae cahindo  
 Raminho de ouro que traz.

Tendes os dentes meúdos  
Que nem pedrinhas de sal;  
Tendes a falla ciosa  
Para mais graça lhe dar.

A garganta tira a vida,  
A vida por ella déra;  
Dera por tua garganta  
Mil vidas se eu as tivera.

Abaixo d'essa garganta  
Duas jeias de cristaes;  
Quando para ellas olho  
Logo se internam meus ais,

Tendes os beiços compridos,  
As mãos alvas e mimosas.  
Os dedos cheios de anneis  
De pedrinhas preciosas.

Tendes cintura delgada,  
Mais delgada que uma cana;  
Qual será o venturoso  
Que logre tão linda dama?

Tendes o pé pequenino,  
Mais pequeno que um vintem;  
Bem pode calçar velludo  
Quem tão pequeno pé tem.

Que lindas mãos para luvas,  
Lindos pés para sapatos,  
Linda cara para beijos,  
Lindo corpo para abraços.

«Eu não sou pérola fina.  
Nem bonina côr do mar;  
Sou flor de nunca me deixes,  
Que eu nunca te heide deixar.

*Outro:*

E's a flor das bellas flores,  
E's o mimo da lindeza ;  
Para te tirar feições,  
Começo-te na cabeça.

Vossos cabellos humanos  
Penteae-os de cantino ;  
Mandae-os engrandecer,  
São madeixas de ouro fino.

Vós trazei-os amarrados  
Com fitas de varias côres ;  
Os meus sãc vossos escravos,  
Os vossos são meus senhores.

Vossa testa, branco leite,  
Luz que nem um cristal ;  
Mandae-lhe deitar um véo  
P'r'a calma vos não queimar.

Os arcos das sobrancêllhas  
São pontos em que me tenho ;  
Se elles por vida dão vida,  
Tambem por vida me empenho.

Os lindos olhos que tendes  
Debaixo d'essas pestanas,  
Com elles fazeis perder  
As creaturas humanas.

As maçãsinhas do rosto  
Mandae-as sobredourar ;  
Que ellas são mui galantinhas,  
Com beijos se hão de gastar.

A vossa bocca é de prata,  
Os dentinhos de marfim,  
A lingua penna aparada,  
Os beicinhos de *arrubim*.



Se ha divindade no mundo,  
Divino é o meu bem ;  
Divinos são os seus olhos  
Mais o seu rosto tambem.

As rosas, não é preciso  
Ir colhel as na roseira,  
As rosas são os sorrisos  
D'essa bocca feiticeira

Vossas garganta de neve  
Merece perolas de ouro ;  
Essa garganta me mata,  
As penas me trazem doudo.

Vossos braços são correntes,  
Meu Deus, quem fôra culpado,  
Que estivera dez mil annos  
N'essas correntes atado.

Ao pé da vossa garganta  
Dois montinhos de cristaes,  
Onde emprego os meus sentidos.  
Dou alivio aos meus ais.

Deixa-me ir com as mãos ambas  
Ao fólho do teu collete  
Ao logar mais delicado  
Onde pões o ramalhete.

Vossos pés de branca neve  
Em que terra passeaes ?  
Passeae mais a meudo,  
Dae allivio aos meus ais.

A raiz da faia forte  
A terra vae alluindo ;  
Vosso corpo vae crescendo  
Vossas feições vão abrindo.

**Descante aos noivos***(Versão da BEIRA-BAIXA)*

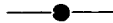
Fostes hoje á egreja,  
 Minha salvinha de prata,  
 Fostes dar um nó cego,  
 Que só a morte o desata.

Não quizeste por mais tempo  
 Ficar onde estavas bem,  
 Regalada e mimosa  
 A' sombra de tua mãe.

Oh que lindo casamento  
 Fizeram estes senhores!  
 Deus do céu lhes bote a benção  
 E nós na terra as flores.

Dá-me cá esse adufe,  
 Eu o farei retenir;  
 As meninas do meu tempo  
 Eu as fazia aqui vir.

Essa rosa, senhor noivo,  
 Inda hontem era botão;  
 Trate d'ella como sua,  
 Metta-a no seu coração.

**A Engeitada***(Versão do ALGARVE)*

Não conheço pae nem mãe  
 Nem n'esta terra parentes;  
 Sou filha das pobres hervas,  
 Neta das aguas correntes.

Os meus paes me abandonaram,  
Foram-se todos os meus;  
Entre os filhos da desgraça  
Só tenho a graça de Deus.

Caridade abriu-me os braços,  
N'elles meus olhos abri,  
Nem tem o mundo outro amparo  
Para me amparar a mim.

Vivo como em terra extranha.  
Não conhecendo ninguém;  
Vivo como o peregrino  
Que vê tudo e nada tem.

Em toda a terra não acho  
Quem por mim conceba dó,  
A não ser a Caridade,  
Com quem vivo triste e só.

Caridade, ai, caridade,  
Alivio da minha dor,  
Para pagar teus affectos  
Só tenho prantos e dor.

---

### Canção do Lavrador

(Versão da BEIRA-ALTA)

Na aldeia de cem vizinhos,  
Na pobre chóça senhor,  
Vive alegre e satisfeito  
O cansado lavrador.

Em paz se ergue, em paz se deita;  
Não teme o mundo revolto;  
Lavra seus campos de dia,  
Dorme a noite a somno solto.

Tem mel das suas abêlhas.  
 Tem o pão do seu cerrado,  
 Leite das suas ovelhas,  
 Veste a lan que dá seu gado.

Seu comer sempre é gostoso,  
 Pois o ganha a sua agencia,  
 E não leva misturado  
 Amargos da dependencia.

— ● —

### A Tricana

*(Versão da ilha de S. Miguel — Açôres)*

Tricana da aldeia,  
 Que fazes aqui?  
 E's meiga, és sincera,  
 Eu gosto de ti.

Nos montes, nas serras,  
 Meu peito sentia  
 Saudades por ella,  
 Mas ella fugia.

Ingrata, fugiste,  
 Deixaste-me só,  
 Sósinho nos montes,  
 Sem pena nem dó.

Não penses que eu trago  
 Punhal de assassino;  
 Sou homem, respeito  
 Do fado o destino.

Ora, olha, escuta  
 No meu coração;  
 Não fujas, não fujas,  
 Não me fujas, não...

Tricana, tricana,  
Minha tricaninha,  
Minha rosa branca,  
Oh mansa pombinha.



### Alvorada

(*Versão das Flores e Corvo—AÇÔRES*)

Fui lavar ao rio verde  
N'uma pedra cristallina;  
Rio verde, não me leves,  
Que sou fidalga e menina.

Fui lavar ao rio verde.  
N'uma pedra esmaltada;  
Rio verde, não me leves,  
Que sou menina recatada.

Fui lavar ao rio verde  
N'uma pedra preciosa;  
Rio verde não me leves.  
Que sou menina e formosa.

Fui lavar ao rio verde,  
Lá me furtaram meu pano;  
Quasi não vim para casa  
Com temor do meu mano.



### Linguagem das flores

(*Versão da BEIRA-BAIXA*)

Toma lá este raminho  
Que no mato apanhei;  
Vem ainda orvalhado  
Das lagrimas que eu chorei.

Toma lá este raminho  
 Com quatro castas de flores;  
 Todas quatro significam  
 Parte dos nossos amores.

Toma lá este raminho  
 Com ponta de silva dentro,  
 Tambem leva lirio *rôxo*,  
 Significa *apartamento*.

O *branco* que elle levava  
 Significa *virgindade*;  
 Quando me fallam no ramo  
 Meu coração se me abre.

O *azul* que elle levava  
 Significa os *ciúmes*;  
 Se tu de mim queixas levas,  
 Eu de ti levo queixumes.

O *rôxo* que elle levava  
 Significa *sentimento*;  
 Eu já trago no meu peito  
 Teu amor ha muito tempo.

Não cuidei que o lirio *rôxo*  
 A' beira de agua secasse;  
 Não cuidei que o meu amor  
 Tão depressa me deixasse.

O *verde* que elle levava  
 Quer dizer firme *esperança*;  
 Já tenho ouvido afirmar  
 Quem espera sempre alcança.

Toma lá este raminho,  
 Leva *amóras*, que é *luto*;  
 Quem tem seu amor ao longe  
 Por certo que soffre muito

De *encarnado* veste a rosa,  
De *verde* o manjeriço ;  
De *branco* veste a açucena,  
De *luto* o meu coração.

(*Versão de Coimbra*)

Eu te mandei um raminho  
Com quatro castas de flores;  
Todas quatro vem lembrar  
Nossos primeiros amores.

A primeira é a *silva*,  
Que significa prisão ;  
Juro que foste o primeiro  
Que entraste em meu coração.

A segunda é de côr *verde*,  
Que significa esperança ;  
Toda a vida ouvi dizer  
Quem espera sempre alcança.

A terceira é *azul*,  
Que significa ciúme ;  
Tu p'ra mim sempre agastado,  
Eu p'ra ti nenhum queixume.

A quarta é *saudade*  
Do tempo que já passou ;  
Regada pelos meus olhos  
No meu peito se creou.

—●—  
**Ramalhete**

(*Versão da ilha da MADEIRA*)

—Deixa amor, levar a mão  
Ao arco do teu collete ;  
Da minha mão quero pôr-te  
Este lindo ramalhete.

«Dá-m'o tu de mão a mão,  
Que se não quebrem as flôres ;  
Eu quero tel-as viçosas.  
Como prendinha de amores.

—Oh que ramalhete grande,  
Onde nasceu tanta flor!  
Cada qual tem seu feitio.  
Tem cada qual sua côr:

A primeira flor é *branca*,  
Diz vida de paz e calma ;  
Eu pazes quero contigo,  
Delicias da minha alma.

A segunda flor é *azul*.  
Quer dizer cego *ciúme* ;  
Se de mim não tens aggravo,  
De ti não tenho queixume.

A terceira é *amarella*,  
E' perpetua, diz *firmeza* ;  
Eu firme te serei sempre,  
Não tenhas p'ra mim crueza,

A quarta flor é *vermelha*,  
Vermelhinha e cheirosa ;  
Na côrte não falta o rei,  
Nem no ramalhete a rosa.

A quinta é *encarnada*,  
De pésinho pernalteiro ;  
Anda sempre atraz da rosa  
O seu cravinho de cheiro.

A sexta veste do *rôxo*  
Com seus verde de mistura ;  
E' *saudade* com *esperança* ;  
Esperança que sempre dura.



Por derradeiro, lá vem  
 Manjerona, perfeição ;  
 Quem mais do que tu perfeita,  
 Amor do meu coração !

Deixei p'ra mim a ortiga,  
 Que diz amor assanhado ;  
 Está-me ella sempre a picar,  
 Nunca vivo descansado.

A serralha chocalheira  
 Eu não a quiz ajuntar,  
 Por que tudo que tu fazes  
 Ella a mim m'ó vem contar.

Não tenho mais que dizer,  
 Oh linda bonina em flor !  
 Cá te fica o ramallete,  
 Prendinha do meu amor.

— «Os amantes se apartaram  
 Ambos dois n'um bem querer ;  
 As flores hão de murchar,  
 O amor, hemos de vêr.

—●—

### Os cinco sentidos

(Versão de TRAZ-OS-MONTES)

Eu subi á oliveira,  
 Cinco folhas lhe colhi;  
 Eram os cinco sentidos  
 Que eu tinha posto em ti.

O primeiro, que é *vêr*  
 A cousa que eu mais desejo :  
 Quando chego á janella  
 Sempre cuido que te vêjo.

O segundo que é *ouvir*,  
 Eu de ti não ouço nada,  
 Nem eu mesmo consentia  
 Ouvir mal da minha amada!

O terceiro, que é *cheirar*  
 Um raminho de alecrim;  
 Só te peço, meu amor.  
 Que não te esqueças de mim.

O quarto, esse... é *gostar*,  
 Mas que gosto posso ter?  
 Estar ausente de ti...  
 Mais me valia morrer!

O quinto, que é *apalpar*  
 O teu corpo delicado;  
 Já o cá tenho na mão,  
 Bem caro me tem custado!

—●—

### Cinco sentidos

(*Versão de Elvas — ALEMTEJO*)

Passei pela oliveira,  
 Cinco folhas lhe apanhei;  
 Foram os cinco sentidos  
 Que eu no jardim empreguei.

O primeiro é de *vêr*,  
 Se a sentinella dá licença,  
 Em passeiar o jardim  
 Em passo de continencia.

O segundo é *ouvir*,  
 Lindas musicas tocar,  
 Oh que bellos camapés,  
 Para as meninas se sentar.

O terceiro é *cheirar*  
 O cheiro da linda flor;  
 Sentinella, brada ás armas,  
 Que lá vem o governador.

O quarto é *gostar*  
 Bellas fontes de repucho,  
 Todas de quadro em quadro,  
 Cercadas de pés de buxo.

O quinto é *palpitar*  
 Palpita o meu coração;  
 O cheiro da linda flor  
 E o de manjeriçào.

Estes cinco sentidos  
 Quem m'os havia augmentar?  
 Foi uma bella menina  
 Que ao jardim foi passeiar.



### Os sentidos do amor

(Versão de Loulé — ALGARVE)

Primeiro, de certo é *ver*.  
 Sempre é esse o meu desejo;  
 Olho por um e outro lado,  
 Cá por mim nunca te vejo.

Já o segundo é *ouvir*,  
 Eu por mim não ouço nada,  
 Se não suspiros e ais  
 Que se me apartam d'esta alma.

O terceiro é bem *cheirar*  
 Um raminho de alecrim:  
 Todas as paixões se acabam,  
 Só a minha não tem fim.

Quanto ao quarto é *gostar* ;  
 Mas que gosto posso ter?  
 Ausente de um bem que adoro,  
 Mais me vale já morrer.

O quinto é *apalpar*,  
 Só em ti apalparei ;  
 Se fôres firme e constante,  
 Só morto te deixarei.

—●—

### Os cinco sentidos

(Versão da ilha de S. Jorge — Açôres)

Passei pela mangerona,  
 Cinco ramos lhe apanhei ;  
 Cinco sentidos que eu tinha  
 Todos em ti empreguei.

O primeiro é *ver*,  
 Quem não vê não sabe amar ;  
 Sempre o primeiro amor  
 No coração tem lugar.

O segundo é *ouvir*  
 Ais do coração sentido ;  
 Não tem graça no mundo  
 Quem não chega a ser querido.

O terceiro é *cheirar*  
 Flôres que em ti *remonecem* ;  
 Quem não tem amores certos  
 Grandes trabalhos padece.

O quarto é *gostar*,  
 Em tudo és de meu gosto ;  
 Adeus, tyranna, ingrata,  
 Em ti trago o amor posto.

O quinto é *apalpar*  
 Tudo o que o amor pertende;  
 Adeus, tyranna ingrata,  
 Já os meus ais te não rendem.

●

### Os dias da semana

(Versão de Tolosa — ALEMTEJO)

Os dias d'esta semana  
 Eu t'os vou a distinguir.  
 Com palavras excellentes  
 Escuta, amor, se qués ouvir.

*Segunda-feira*, aguas claras  
 Regam a toda a verdura,  
 A regar esses teus olhos,  
 Amor de pouca ventura.

*Terça-feira*, alecrim verde,  
 Bem poderas tu, menina,  
 Ser agora o meu amor,  
 Já que amar-te é minha sina.

*Quarta-feira* é a rosa  
 Por ser a flor desmaiada;  
 Nossa amisade, menina,  
 E' feliz, nunca se acaba.

*Quinta-feira* a acuçena  
 Por ser a flor excellente;  
 Não sei se me falla verdade,  
 Nem se a menina me mente.

*Sexta-feira*, alecrim verde  
 Anda rentinho do chão;  
 Bem poderas tu, menina,  
 Andar em meu coração.

*Sabbado* é um trevo  
 Por se a flor mais alegre;  
 Nossa amizade menina,  
 E' firme, nunca se perde.

Quem me dera cá *Domingo*,  
 Dia de tanta alegria;  
 Meu gosto é ir buscar-te  
 Para minha companhia.

— ● —  
**A semana do namorado**

(*Versão do Rio Grande Sul — BRASIL*)

Bemzinho, vou-te contar :  
 No *Domingo* em que te vi,  
 Fiquei todo embellezado  
 Das prendas que vi em ti.

Na *Segunda* apromptei-me  
 Para te ir visitar ;  
 Logo que vi o teu rosto  
 Fiquei louco por te amar.

Na *Terça*, por todo o dia  
 Para mim tudo era flor ;  
 Só pensando em gosar  
 Delicias do teu amor.

*Quarta-feira* destinei  
 Continuar uma amizade ;  
 Se assim fosse do teu gosto  
 Como é minha vontade.

Na *Quinta* fallei a teu pae,  
 Disse-me elle que cedia ;  
 Só me restava saber  
 Se o meu amor me queria,

Mandei fallar a sua mãe  
 No dia de *Sexta-feira*;  
 Ella me disse, que sim,  
 Que não te tinha p'ra freira.

*Sabbado*, não te arrependas  
 Dos filhos que havemos de ter:  
 Ou com elles ou sem elles  
 Junto temos de viver.

No *Domingo* veja a moça;  
 Olhae bem para a feição,  
 E depois não te arrependas.  
 Vidinha do coração.

---

### Os namorados na missa

(*Versão de Ponta Delgada* — MADEIRA)

Os teus olhos me citaram  
 No adro, ao ir á missa:  
 A' saída me prenderam,  
 São meirinhos da Justiça.

Fui á missa, não a ouvi,  
 Levantou Deus, não orei;  
 Eu só via os teus olhos...  
 Ai, minha alma, que pequei!

Fui á missa p'ra resar,  
 Vim em peccado mortal:  
 De sentido só em ti  
 Não vi padre nem missal,

Fui á missa, nem bemzer-me!  
 Minha mãe me resingou;  
 Rapariga, o juízo  
 Aonde é que te ficou?

Eu não no deixei na missa,  
 Nem tampouco no caminho;  
 Em todo o trago posto  
 Nos olhos do meu bemsinho.

Tanta gente, na igreja,  
 Oh meu amor, te cubiça!  
 Mas tu não vês quem te vê,  
 Nem quem te vê ouve missa.



### O Vira

*(Versão da Figueira — BEIRA-ALTA)*

Menina vamos ao vira,  
 Que lá vem a viração;  
 Lá vem o comboio novo  
 A chegar á estação.

Ora vira! vira!  
 Vira ao norte. a sul;  
 Quando vira o vento  
 Fica o céu azul.

Meninas, vamos ao vira,  
 Vira, torna-te a virar;  
 Vem tu cá para os meus braços,  
 Mil beijinhos te heide dar.

Ora vira! vira,  
 Torna-te a virar!  
 São beijos e abraços  
 Que me estão a dar.

Meninas, vamos ao vira,  
 Que lá vem a viração;  
 Que lá vem os marujinhos  
 A cheirar a alcatrão.



Meninas, vamos ao vira,  
Vira, torna-te a virar;  
O vira tem sete voltas,  
Outras sete lhe heide dar.

O sapateiro é pobre,  
Ajuda-o a viver;  
Meninas, dançae o vira  
Té os sapatos romper.

Meninas, vamos ao vira,  
Que lá vem a viração:  
Minha mãe é mãe do vira,  
E o vira é meu irmão.

Meninas, vamos ao vira,  
Que o vira é cousa bôa;  
Eu já vi dansar o vira  
Aos faias lá de Lisboa.

Meninas, vamos ao vira,  
Que o vira é uma rosa;  
Eu já vi dansar o vira  
A's môças da Pampilhosa

Vira oh lindo vira,  
Vira do Vimieiro,  
Viras tu, mais eu,  
Qual se vira primeiro?



### Manoel

*(Versão de Coimbra e Figueira)*

Manoel. por vêr as môças,  
Fez uma fonte de prata;  
As moças não vão á fonte,  
Manoel todo se mata.

Manuel, tão lindas môças,  
 Manuel, que lindas são!  
 Manuel, quero-te muito,  
 Manuel, do coração.

Manoel é um perdido  
 Que deixou perder a dama;  
 Olha, Manuel, não percas  
 O traveseiro da cama.

Manuel, vamos dansar,  
 Que nos importam fadigas!  
 Parece que estás brincando  
 Commigo ás escondidas,

Inda agora aqui chegou  
 O filho da minha mãe,  
 Para usar la cortezia  
 Com quem na usa tambem.

Manuel, olhos azues,  
 Dentes de perolas finas,  
 Não sei o que tu fizeste,  
 Que tanto me desatinas.

—●—

### Oh senhor ladrão

*(Versão de Coimbra)*

—Oh senhor ladrão,  
 Ande ligeirinho,  
 Se não quer ficar  
 No meio sósinho.

«No meio sósinho  
 Não heide ficar;  
 Que a esta menina  
 Me vou abraçar.

Esta menina  
Que agora entrou,  
Deixem a dormir,  
Que inda não dansou.

Aqui mais abaixo,  
Aqui mais além,  
Fugiu-me o meu par,  
Vou vêr se elle vem.

Ai lari-ló-lé,  
Oh piupão da rua,  
Entre cá p'ra dentro,  
Que esta casa é sua.

Ai lari-ló-lé,  
Eu não sou pimpão,  
Sou um cordeirinho  
Criado á mão.

Oh ladrão, ladrão,  
Que vida é a tua?  
Comer e beber,  
Passeiar na rua.

---

### A Farrapeira

*(Versão da Figueira)*

A moda da farrapeira  
E' uma moda bem bonita:  
Todas as modas acabam,  
Só a farrapeira fica.

Oh minha farrapeirinha,  
Oh minha farrapeirella,  
A moda da farrapeira  
E' bonita gosto d'ella.

A farrapeira dansada,  
E cantada como ella é.  
Faz saltar as velhas todas  
Para ao pé da chaminé.

A farrapeira dansada  
E cantada é bem bonita ;  
P'ra dansar a farrapeira  
Quer-se uma saia de chita.

Oh minha farrapeirinha,  
Oh minha farrapeirona,  
Trazes uma saia rôta  
Quando apanhas azeitona.

Oh minha farrapeirinha.  
Oh minha farrapeirona,  
Aperta-te apertadinha,  
Não andes á bambalhona.

Oh minha farrapeirinha  
Vira ao norte, vira ao sul  
Anda agora muito em moda  
Saia verde, fita azul.



### Laranja da China

*(Versão da Figueira)*

Eu e o meu amor  
Fizemos contrato.  
D'ella amar a vinte  
E eu a vinte e quatro.

Laranja da China,  
O sabor que tem!  
Gosto de dansar  
Com quem dança bem.

Ora. adeus, adeus,  
Adeus, regalar ;  
Tenho muita pena  
De aqui te deixar.

Meu amor é rico,  
Eu é que sou pobre ;  
Co'a sua riqueza  
Talvez me não logre.

Amores bonitos  
P'ra que os quero eu ?  
Já tive um tão lindo,  
Depressa morreu.

Toma lá pinhões  
Do meu pinheiral ;  
Come poucachinhos,  
Que te fazem mal.

O amor dos homens  
E' de pouca dura ;  
E' como a laranja  
Quando está madura.

Tua mãe, amor,  
Ninguem na entende ;  
Tão de pressa quer,  
Como não pretende.

Eu já estou rouca,  
Não é catharreira ;  
Foi de beber agua  
N'aquella ribeira.



## A dhalia

*(Versão da Figueira)*

Eu vi a dhalia  
No seu jardim ;  
Tão pequenina.  
Dizia assim :

— Sim, sim, querida.  
Que mal te fiz ?  
Tu já não amas  
Uma infeliz.

Eu vi a dhalia  
No campo só ;  
Tão pequenina,  
Metia dó.

Tocam as caixas,  
Sôa o clarim ;  
Sim, sim, senhores,  
Dizia assim :

— Sim, sim, querida.  
Que mal te fiz ?  
Tu já não amas  
Um infeliz.

Eu vi a dhalia  
No arvoredado ;  
Tão pequenina.  
Não tinha medo.

Eu vi a dhalia  
Lá em Cintra ;  
Tão pequenina,  
Era tão linda.

Eu vi a dhalia  
Lá em Cascaes ;  
Tão pequenina,  
Já dava ais

—●—  
**Amelia**

*(Versão da Figueira)*

Eu vi Amelia,  
Eu bem a vi,  
Assentadinha  
Ao pé de ti.

Oh, vem conmigo,  
Amelia, vem :  
Se tu não amas  
A mais ninguém.

Eu vi Amelia  
No campo só ;  
Tão pequenina,  
Metia dó

Eu vi Amelia  
No arvoredo ;  
Tão pequenina  
Não tinha medo.

—●—  
**A Padeirinha**

*(Versão da Figueira)*

Se eu soubera, amor,  
O que agora sei.  
Nunca eu te amara  
Como eu te amei.

—Bate, padeirinha,  
Bate, prenda amada;  
Bate no meu peito,  
Acerta a pancada.

Acerta a pancada,  
Padeirinha, agora;  
Dá meia voltinha,  
Que te vás embora.

—Lari-li, lo-lála,  
Quem bateu, bateu;  
Não chores, amor,  
Que aqui estou eu.

Andam as mulheres  
Enganando o mundo  
Com aneis de prata,  
E elles são de chumbo.

Torno-te a dizer,  
Oh amor, amei-te;  
Foi enquanto pude,  
Não pude, deixei-te.

Minha rica prenda,  
Eu heide-te amar  
De dia ao sol,  
De noite ao luar.

Não fujas de mim,  
Não te vás ainda,  
Que eu não posso estar  
Sem ti, cara linda.

O meu coração  
Chora, que arrebenta,  
Só em considerar  
Que de ti se ausenta.



O meu bem se foi,  
Nem adeus me disse ;  
Nunca tive cousa  
Que menos sentisse.

Ai, que lindos olhos  
Tem a padeirinha !  
E' mal empregada  
Andar á farinha.

---

**Ora vá de roda**

*(Versão da Figueira)*

Não te vás embora,  
Minha linda rosa,  
Que essa tua ausencia  
E' muito custosa.

Ora, vá de roda,  
Vá devagarinho,  
Vá de braço dado  
Mais o seu bemsinho.

Só agora vi  
Que te não lograva ;  
Se o sei ha mais tempo  
Logo te deixava.

Ha já muito tempo  
Que ando por fóra ;  
Quem me dera ver  
O meu bem agora.

Já que o não fizeste  
Sou eu quem te escreve ;  
Tenho a carta feita,  
Não ha quem m'a leve.

Ninguém saberá  
Da minha paixão;  
Triste morrerei  
N'esta solidão.

Não te peço nada  
Que não possa ser;  
Quando aqui passares  
Que me venhas vêr.

Ai lari-lo-lála,  
Salsa verde aos mólhos;  
Quem me dera vêr  
Os teus lindos olhos.

O meu bem me disse:  
—Anda cá, amor,  
Só te quero a ti,  
Minha linda flôr.

O que eu n'este mundo  
Desejava ter,  
Era amores contigo  
Sem ninguém saber.

Só quero chorar  
De noite e de dia;  
Meu amor deixou-me,  
Fugiu-me a alegria.

Oh meu amorsinho,  
Fazemol-as pazes,  
Mas para outra vez  
Vê lá o que fazes.

**Ora adeus, adeus***(Versão da Figueira)*

O meu bem me disse,  
E achei-lhe gracinha :  
'Stá chegando o tempo  
De tu seres minha.

Ora, adeus adeus,  
Adeus, que eu me vou :  
Não chores amor,  
Que eu ind'aqui estou.

Oh, amor amor,  
Para que disseste  
Que havias de vir,  
Se nunca vieste?

Meu bem não tem nada,  
Eu sou pobresinha ;  
A sua riqueza  
E' igual á minha.

Se eu quizera amores  
Tinha mais de trinta,  
Eu tenho só um,  
'Stou na minha quinta.

Já tocam os sinos  
Lá na freguezia ;  
Vão os namorados  
A' missa do dia.

Toma lá, amor,  
Toma lá limão.  
Colhido de noite  
Pela fresquidão.

Sabe bem o vinho  
 Por cópo de prata;  
 Não posso querer bem  
 A quem me maltrata.

O meu coração  
 Ao vêr-te se abriu;  
 Tornou-se a fechar  
 Quando te não viu.

Por mais que tu queiras  
 Não foges de certo;  
 Entra no meu peito,  
 Que é um céu aberto.

Amoras maduras  
 Só ha na amoreira;  
 Só quero no mundo  
 O que o meu bem queira.

O meu bem me disse:  
 — Oh linda Maria,  
 Essa tua cara  
 E' a luz do dia.

●

### Toma lá, amor

*(Versão da Figueira)*

Muito chorei eu  
 Domingo á tarde,  
 Aqui está meu lenço.  
 Que diga a verdade.

Que diga a verdade,  
 Sim. mais nada não?  
 Toma lá, amor,  
 O meu coração.

O meu bem me disse  
Que lhe dê um beijo;  
Aqui tem meu rosto,  
Cumpra o seu desejo.

Se quizera amores,  
Mais de cem eu tinha;  
Fico assim melhor,  
Que estou solteirinha

Laranja da China,  
A' meza do rei,  
Vem cá p'ra meus braços,  
Que eu te abraçarei.

---

**O negro melro**

*(Versão de Lisboa e Madeira)*

O ladrão do negro melro  
Toda a noite assobiou;  
Pela fresca madrugada  
Deu ás azas e vôou

O ladrão do negro melro  
Toda a noite requiquiu;  
Ao chegar a madrugada  
Bateu as azas, fugiu.

O ladrão do negro melro  
Aonde elle vae cantar!  
Vae, que nem fosse solteiro,  
Sem mulher para aturar.

O ladrão do negro melro  
Foi-me á quinta ás ameixas;  
Torna cá, oh negro melro,  
Anda buscar as que deixas

O ladrão do negro melro  
 Onde foi fazer o ninho,  
 Lá p'ros lados de Leiria,  
 No mais alto pinheirinho.

Se eu fosse melro bem negro,  
 D'estes de bico amarello,  
 Iria fazer meu ninho  
 Nas tranças do teu cabello

—●—  
**Maria Cachucha**

*(Versão de Lisboa)*

—Maria Cachucha,  
 Quem te cachuchou?  
 «Foi um frade Loyo,  
 Que aqui passou.

—Maria Cachucha,  
 Não vás ao Rocio;  
 Toma lá dinheiro  
 Sustenta o teu brio.

Maria Cachucha,  
 Não vás ao quintal  
 Em saímba branca,  
 Que parece mal.

Maria Cachucha,  
 Que vida é a tua?  
 «Comer e beber,  
 Passear na rua.

—Maria Cachucha,  
 Se fôres passeiar,  
 Vae pelas beirinhas,  
 Podes-te molhar.

—Maria Cachucha  
Com quem dormes tu?  
«Eu durmo sósinha,  
Sem medo nenhum.

---

**A Chiquita**

*(Versão de Lisboa)*

Já não ha quem queira  
Ganhar um vintem,  
Levar a chiquita,  
A's bandas de além.

Ganhar um vintem  
Já não ha quem queira,  
Levar a chiquita  
Das Náos á Ribeira.

Já não ha quem queira  
Ganhar um vintem,  
Levar a Menina  
Da Ribeira a Belem.

---

**A Saloia**

*(Versão de Lisboa)*

Quero cantar a saloia,  
Já que outra moda não sei:  
Minha mãe era saloia,  
Eu com ella me criei,

Sou saloia, trago botas,  
Tambem trago o meu mantéo,  
Tambem tiro a carapuça .  
A quem me tira o chapéo.

Já fui amada de um grande,  
Lindos olhos ma piscou ;  
Tambem quiz dar-me um abraço,  
Estas fallas me soltou :

—O saloia dá-me um beijo,  
Que eu te darei um vintem ;  
Os beijos de uma saloia  
São caros, mas sabem bem.

### Os Mandamentos do Amor

(Versão da Ilha de S. Jorge—AÇÔRES)

O primeiro é *amar*,  
Não te amo como devo ;  
Ama-me com lealdadade,  
Que eu serei o teu emprêgo.

O segundo é não *jurar*  
O seu santo nome em vão ;  
Juro amar a uma Rosa,  
Nome do meu coração.

O terceiro é de *guardar*  
Os domingos e as festas ;  
Venho amar uma Rosa.  
Grandes cegueiras são estas.

O quarto é de *honra*,  
A honra é de quem a tem ;  
Heide-vos amar, menina,  
Haveis de ser o meu bem.

O quinto não *matarás*,  
Eu sou o que já estou morto ;  
O delirio de uma Rosa  
N'este estado me tem posto.



O sexto é *não furtar*,  
N'isso vivo descansado;  
Inda que te furte, menina,  
N'isso não faço peccado.

O septimo não te explico...  
Bem me podes entender;  
Antes de mui pouco tempo  
Nos teus braços me heide vêr.

O oitavo, *não levantar*  
Nenhum falso testemunho;  
Coitadinhas das meninas  
Que andam na bocca do mundo.

O nono é *não cubiçar*  
A mulher que é casada;  
Hade ser uma solteira,  
Que essa é mais desejada

O decimo é *não cubiçar*  
As cousas que são alheias;  
Venho amar uma Rosa  
Aqui por terras alheias.

Mas estes dez Mandamentos  
Em dois se vêm encerrar:  
Ou vós haveis de ser minha,  
Ou eu vos heide furtar.



### Os Mandamentos da Igreja

(Versão da Ilha de S. Jorge—AÇÔRES)

N'estes cinco Mandamentos,  
Meu amor, tende cautella:

O primeiro é *ouvir missa*,  
 Eu nunca fiquei ser ella;  
 Senão domingo passado  
 Com uma menina á janella.

O segundo é *confessar*,  
 Eu sempre me confessei;  
 Só não disse ao confessor  
 O que contigo passei.

O terceiro é *commungar*,  
 Quem se confessa communga;  
 Quem é rebelde á egreja  
 O vigario o excommunga.

O quarto é *jejuar*,  
 O jejum não é p'ra homens;  
 Eu sempre ouvi dizer  
 Bem jejuar quem mal come.

O quinto é *pagar dividas*;  
 Eu nunca fiquei devendo;  
 Se não o anno passado  
 E este que vae correndo.

—●—

### Os sete Sacramentos

(Versão de Elvas — ALEMTEJO)

Se me amas na verdade,  
 Segue, amor, os teus intentos,  
 E tem fé no que te digo  
 N'estes sete Sacramentos.

O primeiro é *baptismo*,  
 Eu tambem fui baptisado;  
 Tenho fé no que Deus disse,  
 N'i-so vivo descansado.

Segundo é *confirmação*,  
Confirmo amor na verdade;  
Se te quero bem ou não  
Só Deus do céu é que o sabe.

O terceiro é *communhão*,  
Tambem communga o christão;  
Adoro a Deus na minha alma,  
A ti no meu coração.

O quarto é *penitencia*,  
Penitente tenho eu sido  
Em te trazer a ti, rosa,  
Bem na flor do meu sentido.

O quinto é *extrema-uncção*,  
São palavras em latim;  
Eu adoro a Deus no céu,  
Na terra adoro-te a ti.

O sexto como é *ordem*,  
Eu trago-a de te prender  
Na cadeia dos meus braços,  
Lindo amor, até morrer.

O septimo é *matrimonio*,  
Significa o dar a mão;  
Já se não pode apartar  
Uma rosa de um botão.

Estes sete Sacramentos  
São de santa madre Igreja;  
Anda o mundo de tal sorte,  
Ninguem logra o que deseja.

## Os Sacramentos do Amor

(Versão de Loulé—ALGARVE)

O primeiro é *baptismo*,  
Eu tambem fui baptisado ;  
Foi palavra que Deus disse,  
Por isso estou descansado.

Segundo, *confirmação*,  
Confirmo amor na verdade ;  
Se eu te quero bem ou não  
Isso só Deus é que o sabe.

*Communhão* é o terceiro  
Quem communga é bom christão ;  
Eu trago a Deus na minha alma,  
Trago a ti no coração.

Quanto ao quarto, é *penitencia*,  
Penitente eu tenho sido ;  
Não é só amar-te muito,  
Mas trazer-te no sentido.

Lá o quinto é *extrema-uncção*,  
São palavras em latim ;  
Tu és a rosa mais bella  
Que criei no meu jardim.

Sabemos, que o sexto é *ordem*,  
Tenho ordem de te prender  
Na cadêa dos meus braços,  
Porque mais não pode ser.

*Matrimonio* é o septimo,  
Significa dar a mão ;  
Já se não pode apartar  
Uma rosa de um botão.

**Os sete Sacramentos**

(Versão da Ilha de S. Jorge — AÇÔRES)

Oh menina, eu te peço  
Que sigas os meus intentos;  
Olha que eu te proponho  
Estes sete Sacramentos:

O primeiro é *baptismo*,  
Bem sei que sou baptisado;  
Creio em tudo o que Deus disse,  
Não sei se sou confirmado.

Segundo é *confirmação*,  
Confirma amor na verdade;  
Se te quero bem ou não  
Deus do céu é quem o sabe.

O terceiro é *commungar*,  
Quem communga confessou;  
Para uns começa o mundo.  
Para outros se acabou.

O quarto é *penitencia*,  
Penitente tenho sido;  
Quando me ausento de ti  
Não sei se morro, se vivo.

O quinto é *extrema unção*,  
São palavras em latim;  
Fostes uma linda rosa  
Que criei no meu jardim.

O sexto é a *ordem*  
Que eu tenho de te prender;  
Na cadêa dos teus braços  
E' que eu me queria vêr.

O septimo é *matrimonio*,  
Quando é o dar a mão;  
Nunca se pode apartar  
Uma rosa de um botão.

Estes sete Sacramentos  
São da santa madre Igreja;  
Anda o mundo ás avéssas,  
Ninguem logra o que deseja.

— ● —

### Confissão de uma joven

(*Versão de Loulé* — ALGARVE)

Fui á minha freguezia,  
Fui-me lá a confessar;  
Ajoelhei-me aos pés do padre  
Respeitando o seu lugar.

«Ouvi, padre, as minhas culpas.  
— Oh filha, dil-as com dor.  
«Meu padre, não deixarei  
De adorar o meu amor.

O padre me perguntou:  
— Filha, tem algum amante?  
Eu logo lhe respondi:  
«Um mancebo mui galante.

— Oh filha! deixa-te d'isso,  
D'essa terrivel paixão;  
Ama sómente a um Deus,  
Com um terno coração.

«Não senhor, meu padresinho,  
Não senhor, não pode ser!  
Heide amar o meu bemsinho,  
Heide amal-o até morrer.

—Olha, filha, que ha um Deus  
Que castiga com rigor.

«Tudo isso creio, meu padre,  
Mas não deixo o meu amor.

—Olha, filha, que ha inferno,  
Com um fogo abrasador,  
P'ra queimar todos amantes  
Que não deixam o seu amor.

«N'esse inferno que eu estivesse,  
N'esse fogo abrasador,  
Até ali mesmo eu diria:  
Eu não deixo o meu amor.

—Se não deixas teu amor.  
Eu te dou por penitencia:  
De o vêres em braços do outro  
Com bastante paciencia.

«Olha o padre! em que elle deu!  
A tornar-se prégador!  
Vá pregar para os herejes,  
Que eu não deixo o meu amor.

### Confissão da namorada

(Versão de San Gonçalo — MADEIRA)

Fui-me á egreja do Carmo,  
Fui-me depois ao Collegio:  
«Senhor padre, confessae-me.  
—Menina, dáe cá um beijo

Fui-me então á freguezia  
Para me desobrigar;  
Penitente ajoelhei  
No respeitoso lugar.

Perguntou o padre cura:  
 —Se eu já tinha algum amante?  
 «E' verdade, senhor padre;  
 Tenho rapaz mui galante.

O padre que tal ouviu,  
 Ai que fino pregador!  
 Mas vá prègar aos herejes,  
 Que eu não deixo o meu amor.

—Oh filha esquecei já  
 Essa mundana paixão;  
 Não entregueis a esse homem  
 A posse do coração.

E senão, ireis cahir  
 No inferno abrazador,  
 Sem que vos possa valer  
 Esse homem tentador.

«Confessor, não profieis,  
 Que eu não deixo o meu bem terno;  
 Heide amal-o, inda que soffra  
 Negras penas do inferno.

—Oh filha. arrependei-vos  
 N'este sagrado logar;  
 Se quereis que eu vos absolva.  
 Esse amor heis de deixar.

«Absolvei-me vós, meu padre,  
 Não é peccar ter amor.  
 —Amar, só a Deus do céo,  
 No mundo o confessor.

«Absolvei-me vós, meu padre,  
 Se me quereis absolver;  
 Não useis palavras d'essas,  
 Que me vou arreceber.



Rogou-me então uma praga  
 Para minha penitencia :  
 —Tu verás teu bem com outra ;  
 Menina, é ter paciencia !

«Eu cá sei, oh senhor padre,  
 Eu cá sei o que heide vêr ;  
 Ficae vós com vossa praga,  
 Que eu me vou arreceber.



### A Confissão da Menina

(Versão da Ilha de S. Jorge — AÇÔRES)

«Oíça, padre, as minhas culpas.  
 —Diga-as, filha, com bem dôr.  
 «Eu, meu padre, algumas trago,  
 Mas não deixo o meu amor.

—Olha, filha que ha inferno,  
 E fogo abrasador !  
 «Tudo isso sei, meu padre,  
 Mas não deixo o meu amor.

—Diga, porém, seus peccados,  
 Sem receio, sem temor.  
 «Meus peccados vou dizer,  
 Mas não deixo o meu amor.

—Oh menina, tenha mêdo  
 De Christo, nosso senhor.  
 «Eu de Christo tenho mêdo,  
 Mas não deixo o meu amor.

Como pode ser peccado  
 Do mundo o maior sabor ?  
 Se a natureza o ensina,  
 Eu não deixo o meu amor.

- Não falle na natureza,  
Que me enche de calor.  
«Sinta pois o que sentir,  
Eu não deixo o meu amor.
- Para que é que me ensina  
A ter de Christo pavor?  
Se a natureza obriga,  
Eu não deixo o meu amor.
- Menina, lembre-se bem  
Do demonio tentador!  
«Eu de tudo bem me lembro,  
Mas não deixo o meu amor
- Esta tão justa menina  
Da alma é destemidora.  
«Embora perca a minha alma,  
Mas não deixo o meu amor.
- Já de teimar com você  
Estou cheio de suor!  
«Teime pois o que quizer,  
Que eu não deixo o meu amor.
- Então ouça um conselho  
Que lhe dá seu director...  
«Diga pois o seu conselho,  
Mas não deixo o meu amor.
- Lembra-me o meu bem,  
Siuto mêdo e temor;  
Ha mais tempo que eu sei,  
Mas não deixo o meu amor.
- Pois tome amores commigo,  
Que eu tambem sou peccador...  
«Padre, padre, não me inquiete,  
Que eu não deixo o meu amor.

Olha lá o tal padrinho  
 Como se faz prégador!  
 Prègue lá d'essas a outra,  
 Que eu não deixo o meu amor.

— Menina, eu lhe darei  
 Muitas joias de valor.  
 «Vá lá dal-as ao demonio,  
 Que eu não deixo o meu amor.

— Linda môça, em teu dèdo  
 Este annel eu quero pôr!  
 «Põnha-o em quem quizer,  
 Que eu não deixo o meu amor.

— D'aqui ávante, menina,  
 Serei seu conversador.  
 «Converse lá outra dama,  
 Que eu não deixo o meu amor.

Que este seu procedimento  
 De Judas é imitador;  
 Como revelação, digo  
 Que não deixo o meu amor.

— Tyranna, o teu teimar  
 Do meu mal é causador.  
 «Eu não tenho culpa d'isso,  
 Pois não deixo o meu amor.

Contra o padre eu já estou  
 Cheia de odio e furor;  
 E já lhe disse a respeito,  
 Que não deixo o meu amor.

— Menina, que heide fazer  
 Para abrandar seu rigor?  
 «Posso embora ser meiga,  
 Mas não deixo o meu amor.

- Já em confissão obtive  
De raparigas favôres...  
«Satisfaca-se com elles,  
Que eu não deixo os meus amores.
- Oh menina, falle baixo,  
Pode haver escutador...  
«Em voz mais alto lhe fallo,  
Que eu não deixo o meu amor.
- Dou minha alma e coração  
Ao meu bem psalmeador.  
«Jurei-lhe eterna amisade.  
Já não deixo o meu amor.
- Este punhal que aqui trago  
Será meu despicator!  
«Mostre, padre, um milhão d'elles,  
Que eu não deixo o meu amor.
- Se o padre com o punhal  
Quizer ser p'ra mim traidor,  
Soffrerei comtudo a morte:  
Mas não deixo o meu amor.
- Menina, heide benzel-a,  
Quando a sua casa fôr.  
«Nunca o padre lá hade ir,  
Que eu não deixo amor.
- Ou por fôrça ou por geito  
Eu serei seu roubador.  
«Não seja o padre marôto,  
Que eu não deixo, o meu amor.
- Ah, cruel, que assim me deixas  
Com magoa e dissabor.  
«E' verdade que assim fica,  
Mas não deixo o meu amor.

Padre tome o meu conselho,  
 Não se faça impostor:  
 Não aperte mais commigo,  
 Que eu não deixo o meu amor.

— Já que me não quer amar,  
 Coma-a um bicho roedor  
 «Que me coma um milhão d'elles,  
 Eu não deixo o meu amor.

— Na fraqueza em que estou,  
 Tem a cabeça vapor...  
 «Eu com isso não me importo,  
 E não deixo o meu amor.

— Menina, guarde segredo,  
 P'las chagas do Redemptor!  
 «Segredo posso guardar,  
 Mas não deixo o meu amor.

— Então pode-se ir embora,  
 Procure outro confessor,  
 «Isso sim meu padresinho,  
 Mas não deixo o meu amor.

—●—

### Fados

(Versão de Coimbra)

Tudo quanto o Fado inspira  
 E' o que só me entretêm;  
 Pois quem do Fado se tira  
 Não sabe o que é viver bem.

Eu heide morrer no Fado,  
 Seguir os destinos seus;  
 O chinfrim será meu brado,  
 A banza será meu Deus.

Se o Padre Santo soubesse  
O gosto que o Fado tem,  
Viera de Roma aqui  
Bater o Fado tambem.

Quando o Fado é rigoroso,  
Nada vale ao infeliz;  
Não sei quem possa alcançar  
O que a fortuna não quiz.

Quem anda no triste Fado  
Nunca pode ter bom fim;  
Quem mal anda, mal acaba.  
Pônham os olhos em mim.

Oh Fado, que foste Fado,  
Oh Fado, que já não és;  
Oh Fado, que estás virado  
Da cabeça para os pés!

Debaixo do frio chão,  
Onde o sol não tem entrada,  
Abra-se uma sepultura,  
Finde o Fado a desgraçada.

Rapazes, quando eu morrer,  
Gravem-me na sepultura:  
—Aqui jaz mimo do Fado,  
Que morreu sem ter ventura.

Serão tres os mandamentos  
Do fadista, disse a sorte:  
Navalha, banza e Fado,  
Seguil-o-hão 'té á morte.

A guitarra para o Fado.  
A viola para a canção.  
Para carinhos só tu.  
Amor do meu coração.

Guitarra, minha guitarra.  
Solta gemidos e ais,  
Que os dias passam voando,  
E os prazeres não voltam mais.

A guitarra pede, pede,  
Eu bem a ouço pedir,  
Um travesseiro de rosas  
Para o tocador dormir.

O meu peito solitario  
E' um ninho de cantigas,  
Alli dormem, alli vivem  
Esperando as raparigas,

Oh guitarra, oh guitarra,  
Quebrada te vira eu ;  
'Toda a semana na borgança,  
Levas melhor vida que eu.



### Triste Fado

(*Versão de Lisboa*)

Fui á sepultura vêr  
O corpo da minha amada ;  
Mas achei-o reduzido  
Em pó, terra, cinza e nada.

Duvidoso do que vi  
N'aquella horrenda morada,  
Apalpando só topei  
Em pó, terra, cinza e nada.

Com tal encontro ficou  
A minha alma consternada,  
Vendo o meu bem já desfeito  
Em pó, terra, cinza e nada.

Muitas lagrimas verti  
Sobre a minha adorada,  
Com paixão de vêr seu corpo  
Em pó, terra, cinza e nada.

Com saudade, não podia  
Arredar d'alli passada,  
Querendo tambem ficar  
Em pó, terra, cinza e nada.

Mas, por fim, mui consternado  
Lhe disse: na retirada:  
Adeus, meu bem, que ahí ficas  
Em pó, terra, cinza e nada.

Eu me parto, porém breve  
Hade ser minha tornada,  
A fazer-te companhia  
Em pó, terra, cinza e nada.

N'este campo a minha cinza  
Será co'a tua misturada;  
Ficaremos confundidos  
Em pó, terra, cinza e nada.

●

### Fado da Severa

(Versão de Coimbra)

Chorae, fadistas. chorae,  
Que uma fadista morreu:  
Hoje mesmo fez um anno  
Que a Severa faleceu.

O Conde de Vimioso  
Um duro golpe soffreu,  
Quando lhe foram dizer:  
Tua Severa morreu!



Corre á sua sepultura,  
 O seu corpo ainda vê :  
 — Adeus oh minha Severa,  
 Bôa sorte Deus te dê.

Lá n'esse reino celeste,  
 Com tua banza na mão,  
 Farás dos anjos fadistas,  
 Porás tudo em confusão.

Até o proprio San Pedro  
 A' porta do céu sentado,  
 Ao vér entrar a Severa,  
 Bateu e cantou o Fado.

Ponde no braço da banza  
 Um signal de negro fumo,  
 Que diga por toda a parte :  
 O Fado perdeu seu rumo.

Morreu, já faz hoje um anno,  
 Das fadistas a rainha ;  
 Com ella o Fado perdeu  
 O gosto que o Fado tinha.

Chorae, fadistas, chorae,  
 Que a Severa se finou ;  
 O gosto que tinha o Fado  
 Tudo com ella acabou.

VARIANTES (de Lisboa)

O Conde de Vimioso,  
 Ai, quasi que enlouqueceu,  
 Quando lhe foram dizer :  
 A Severa já morreu !

No braço da sua banza  
 Um laço de fumo armou,  
 Quando lhe vieram dizer :  
 A Severa já expirou.

—Assim como as flores vivem,  
Minha Severa viveu ;  
Assim como as flores morrem,  
Minha Severa morreu.

Levantou-lhe um monumento  
Com dois cyprestes ao lado,  
E um letreiro: — Aqui jaz  
Quem foi rainha do Fado.

Severa, linda Severa,  
Foste a princeza do Fado ;  
A rainda das fadistas,  
O sol do teu bem amado.

Chorae, fadistas, chorae,  
Que a Severa já morreu ;  
Uma fadista como ella  
Nunca o Fado conheceu.

*(Outra)*

Eu vou cantar a Severa,  
N'esta bella occasião ;  
O seu Fado é de encantar,  
Vae direito coração.

A Severa morreu joven,  
Triste foi o seu condão ;  
Morreu a Severa, a flor  
Da rua do Capellão.

A Severa sepultou-se  
Em um mausoleu doirado,  
Com o distico: — Aqui jaz  
A mais bella flor do Fado.

Chorae, fadistas, chorae,  
Que a Severa já morreu !  
Foi o que o Vimioso ouviu  
Uma manhã, quando se ergueu.

Chorae, fadistas, chorae  
Ai chorae a mais não ser,  
Que de outro tão fino amante  
Não torna o Fado a dizer.

---

**A vida do marinheiro**

*(Versão de Coimbra)*

A vida do marinheiro  
E' vida de mil diabos,  
Passa os dias, passa as noites  
Sempre metido entre cabos.

Para o almoço feijão.  
Ao jantar bolacha dura ;  
Nem uma só vez sequer  
Pode beber agua pura.

Se esta doente, p'r'a tolda  
Ao tempo se vae curar;  
Se morre, com mil diabos,  
Vae para o fundo do mar.

*(Versão de Elvas)*

Quando o contramestre manda  
Ferrar joanete á proa,  
Logo, logo me alembam  
As meninas de Lisboa.

---

**Cantilena do marinheiro**

*(Versão de Coimbra)*

Perdido lá no mar alto  
Um pobre navio andava ;  
Já sem bolacha e sem rumo,  
A fome a todos matava.

Deitaram as negras sortes  
 A vêr qual d'elles havia  
 Ser pelos outros matado  
 P'r'o jantar d'aquelle dia.

Caiu a sorte maldicta  
 No melhor môço que havia;  
 Ai como o triste chorava,  
 Resando á Virgem Maria!

Mas de repente o gageiro  
 Vendo terra pela prôa,  
 Grita alegre lá da gávea:  
 Terra! terra de Lisboa.

---

### O Marinheiro

(Versão de TRAS-OS-MONTES)

Gritos dava o marinheiro,  
 Gritos, que se afundava!  
 Respondeu-le um demonho!  
 D'altas torres onde estava:

- Quanto deras, marinheiro,  
 Eu da agua te tirara?  
 «Dera-te um pouco de oiro,  
 Outro de prata lavrada.
- Eu não quero o teu oiro  
 Nem tampouco a tua prata;  
 Só quero, em te enterrando,  
 Me deixes a tua alma.
- «Eu te arrenego, demonho,  
 Mail-a tua má palavra;  
 Minha alma deixo a Deus,  
 E mail-á Virgem sagrada.

Meu corpo deixo aos peixes  
 Que andam na agua salgada ;  
 Minha cabeça ás formigas,  
 Que n'ella façam morada.

Minhas pernas deixo aos mancos.  
 Que com elles dêem jornada ;  
 Minhas tripas deixo aos cegos  
 Para cordas de guitarra.



### Fado do marujo

(Versão de Coimbra e dos Açôres)

Triste vida a de um marujo,  
 De todas a mais cansada;  
 Por uma triste soldada  
     Passa tormentos.  
     Passa tormentos!

Andar ás chuvas e ventos  
 Quer de verão. quer de inverno,  
 Parecem o proprio inferno  
     As tempestades,  
     As tempestades!

As nossas necessidades  
 Obrigam a navegar,  
 A passar tempos no mar  
     E aguaceiros,  
     E aguaceiros!

Passam-se dias inteiros  
 Sem se poder cozinhar,  
 Nem tampouco mal assar  
     Nossa comida,  
     Nossa comida ?

Arrengo de tal vida,  
Que nos dá tanta canseira ;  
Sem a nossa bebedeira  
Nós não passamos,  
Nós não passamos.

Quando socegado estamos  
No rancho a descansar,  
Então é que oiço gritar :  
Oh, leva arriba !  
Oh, leva arriba.

O mestre logo se estriba,  
Dizendo d'esta maneira :  
— Mõço ! ferra a sevadeira,  
E o joanete,  
E o joanete !

Tambem ferra o traquète ! —  
Não podendo mais gritar :  
Cada qual ao seu logar,  
Até vêr isto,  
Até vêr isto.

Mais me valera ser visto  
A' porta de um botequim,  
Do que vêr agora o fim  
Da minha vida,  
Da minha vida.

Quando parece comprida  
A noite p'ra descansar,  
Então é que oiço tocar  
Certa matraca,  
Certa matraca.

Ahi chega e nos ataca  
Com furia a tempestade ;  
Sossobrar quer sem piedade  
O navio  
O navio.

# INDICE

---

	Pag.
<b>Cancioneiro de Amor</b> .....	<b>1</b>
<b>Despique</b> .....	<b>406</b>
<b>A B C d'Amor</b> .....	<b>456</b>
<b>Retratos</b> .....	<b>466</b>
<b>Canções</b> .....	<b>476</b>
<b>Orações parodiadas</b> .....	<b>506</b>
<b>Fados</b> .....	<b>519</b>

1000

... ..  
... ..  
... ..  
... ..  
... ..  
... ..  
... ..









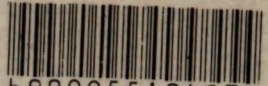
89005519467



b89005519467 a



89005519467



b89005519467a